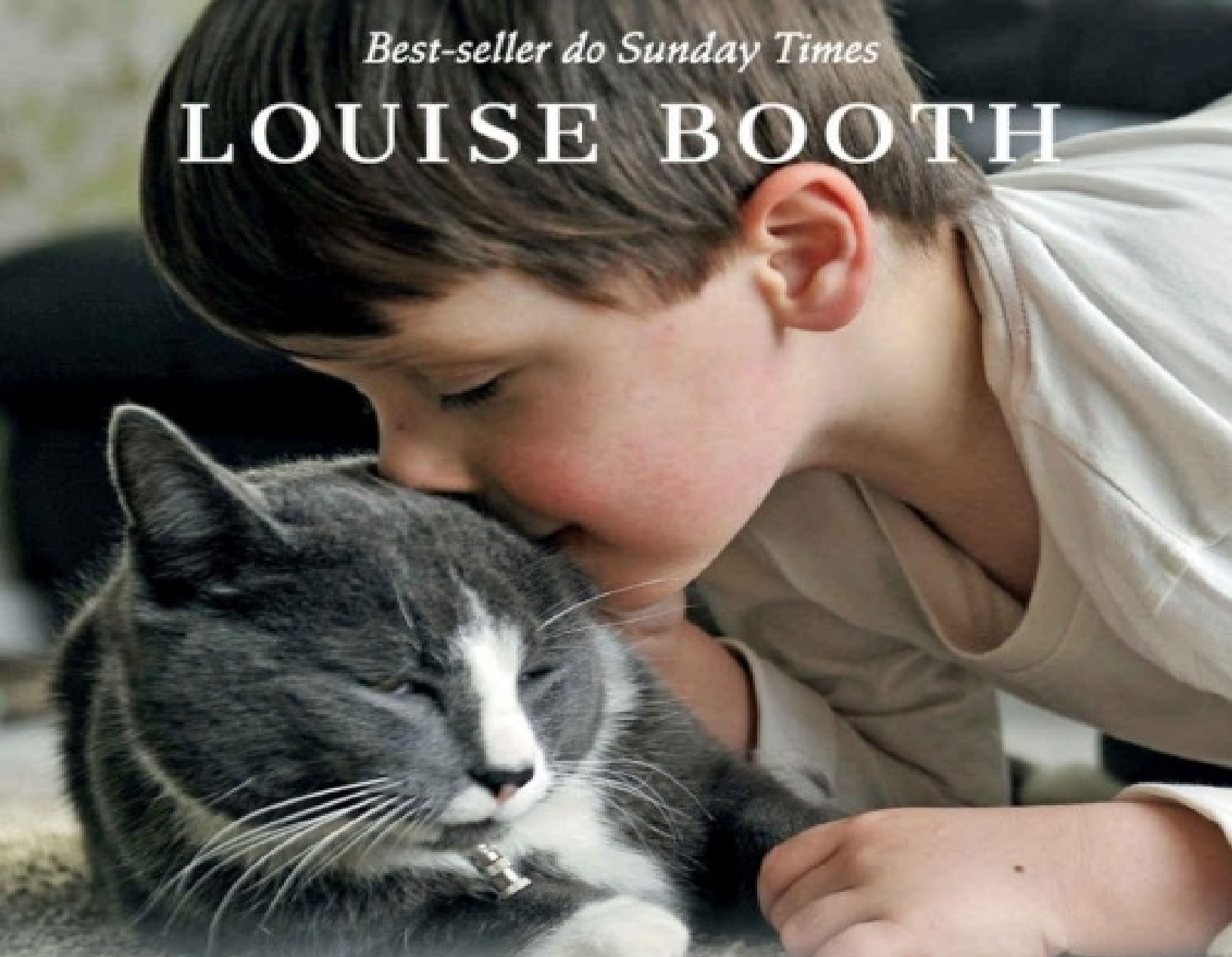


Best-seller do Sunday Times

LOUISE BOOTH



Fraser e Billy

Como o amor de um gato mudou para sempre
a vida do meu filho autista

Benvirá



Louise e seu marido Chris sonhavam em ter um filho. Mas, quando Fraser nasceu, Louise soube imediatamente que havia algo errado. Gritos e acessos de fúria incontrolláveis compunham o cenário do dia a dia familiar, e nem mesmo as inúmeras consultas médicas foram suficientes para detectar a origem das crises nervosas de Fraser. Nesse período, Louise enfrentou uma forte depressão, e até seu casamento ficou abalado.

Passados oito meses de seu nascimento, Fraser foi diagnosticado com autismo e hipotonia, uma condição do tônus muscular que afeta as habilidades motoras das mãos e dos pés. Segundo os médicos, Fraser nunca poderia frequentar uma escolar tradicional nem levar uma vida social ativa. Parecia não haver esperanças... até que Billy apareceu.

Notando o interesse de Fraser por Toby, o velho gato da família, Louise decidiu dar a Fraser seu próprio animalzinho, acreditando que um bichinho de estimação poderia afetar de alguma forma a vida de seu filho. Ao visitarem o abrigo de adoção, Fraser escolheu sem hesitar: Billy, um gato cinza, que, algum tempo antes, havia sido encontrado em uma casa abandonada. Nos anos que se passaram, Louise percebeu nitidamente como Fraser evoluiu de uma criança propensa a ter crises de ansiedade e colapsos emocionais a uma criança mais calma, flexível e aberta ao mundo.

O profundo laço de amor que nasceu entre Fraser e Billy mudou para sempre a vida de toda a família, renovando as esperanças e deixando incontáveis momentos comoventes pelo caminho.



© Bruce Adams / Daily Mail / Solo Syndication

Louise Booth é mãe de Fraser, o garotinho que a inspirou a escrever este livro. Ela vive na Escócia com o marido Chris, Pippa (sua filha de três anos), Fraser (atualmente com seis anos) e Billy, o gatinho cinza que mudou a vida de todos.

FRASER É UM GAROTO AUTISTA DE DOIS ANOS DE IDADE com inúmeros problemas de relacionamento. Billy é um gato resgatado de uma casa abandonada. Quando se viram pela primeira vez, Billy ronronou, pousou as patinhas sobre o colo de Fraser, e desde então eles nunca mais se separaram. Foi a partir desse dia que – de maneira lenta, mas genuína – Billy transformou a vida de Fraser com gestos puros de afeto e amizade, abrindo portas para que sua doença e sua relação com o mundo melhorassem significativamente.

Fraser e Billy é o poderoso relato de uma mãe que viu crescer o amor entre o seu filho e o gato que adotou. *Best-seller* no Reino Unido, este livro é um deleite para os amantes de animais e para quem deseja se encantar com uma história de amizade e superação.



“Um exemplo do poder das relações entre crianças e seus bichinhos de estimação.”

The Times

“A forma como Billy, o gato, encoraja seu amigo Fraser é simplesmente incrível.”

James Bowen, autor de Um gato de rua chamado Bob

“Uma história comovente.”

Library Journal

 benvira.com.br

 [/benvira](https://www.facebook.com/benvira)

 [@benvira](https://twitter.com/benvira)

Fraser_e Billy

LOUISE BOOTH

Fraser e Billy

Como o amor de um gato mudou para sempre
a vida do meu filho autista

Tradução: Alzira Allegro

Benvirá



Rua Henrique Schaumann, 270
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010
PABX (11) 3613-3000

SAC

0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Diretora editorial	Flávia Alves Bravin
Gerente editorial	Rogério Eduardo Alves
Planejamento editorial	Rita de Cássia S. Puogo
Editoras	Débora Guterman Ligia Maria Marques Paula Carvalho Tatiana Vieiro Allegro
Assistente editorial	Lara Moreira Félix
Produtores editoriais	Aline Garcia Bullara Amanda Maria da Silva Daniela Nogueira Secondo Deborah Mattos Rosana Peroni Fazolari William Rezende Paiva
Comunicação e produção digital	Mauricio Scervianinas de França Nathalia Setrini Luiz
Suporte editorial	Juliana Bojczuk
Produção gráfica	Liliane Cristina Gomes

Preparação	Diana de Hollanda
Revisão	Laila Guilherme/Elisa Prado
Diagramação	Johannes C Bergmann
Capa	William Rezende Paiva
Imagem de capa	Bruce Adams/Daily Mail/Solo Syndication
Adaptação para eBook	Hondana

ISBN 978-85-5717-003-2

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Booth, Louise

Fraser e Billy / Louise Booth ; tradução de Alzira Allegro. – São Paulo : Saraiva, 2016.

240 p.

ISBN 978-85-5717-003-2

Título original: When Fraser met Billy

1. Relação homem-animal 2. Crianças autistas 3. Gatos - Uso terapêutico 4. Animais de estimação I. Título II. Allegro, Alzira

15-1310

CDD-615.8515
CDU-615.85 : 636

Índices para catálogo sistemático:

1. Animais de estimação - Uso terapêutico

Traduzido de *When Fraser met Billy*, de Lousie Booth

Copyright © Louise Booth and Connected Content Ltd, 2014.

Todos os direitos reservados à Benvirá,

um selo da Saraiva Educação.

www.benvira.com.br

1ª edição, 2016

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a

prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

547.779.001.001

Para Chris. Meu primeiro, meu último, meu tudo.

Para Fraser e Pippa. Minhas duas estrelas.

*Sei que em algum lugar lá fora existe alguém como eu
cinco anos atrás; alguém que enfrenta os mesmos
absurdos, o mesmo desespero e isolamento que
enfrentei quando dei à luz Fraser, em março de 2008.
Este livro foi escrito para essa pessoa. Quero que ele
mostre que existe esperança na outra extremidade
daquilo que, algumas vezes, parece um túnel longo e
escuro. Você pode chegar lá, eu garanto.*

Sumário

- Capítulo 1 | Billy e Bear
- Capítulo 2 | Quem chegou
- Capítulo 3 | Fundo do poço
- Capítulo 4 | Tal e qual
- Capítulo 5 | O cordão perdido
- Capítulo 6 | Novas pastagens
- Capítulo 7 | Cortando caminho
- Capítulo 8 | Ausente sem permissão
- Capítulo 9 | Trampolim
- Capítulo 10 | Nova floração
- Capítulo 11 | Mudando as regras do jogo
- Capítulo 12 | Preto no branco
- Capítulo 13 | Som de campainha
- Capítulo 14 | Tom e Billy
- Capítulo 15 | “Monster Mash”
- Capítulo 16 | Alegria de Natal
- Capítulo 17 | O décimo sexto sentido

Capítulo 18 | Sai daqui!

Capítulo 19 | “Escola grande”

Agradecimentos

Capítulo 1

Billy e Bear

Era um anoitecer bem claro, no início do verão de 2011. À medida que passávamos de carro ao longo das margens do rio Dee, o cenário das montanhas das Highlands parecia um perfeito cartão-postal. Lá longe o pico mais alto da região, o Lochnagar, estava coberto por uma esplêndida luz dourada, e logo abaixo o pôr do sol dançava ao movimento das águas escuras do rio em um deslumbrante show de cores.

De vez em quando passávamos por um pescador, com água até os joelhos, lançando pacientemente seu anzol em busca de truta ou salmão, os peixes da temporada. Naquela época não me toquei, mas, olhando para trás, posso perceber agora que, de certa forma, eu mesma participava de uma expedição de pesca. Perde-se a isca para pegar o peixe – não é esse o ditado?

Chris, meu marido, estava ao volante, e nossos dois filhos no banco traseiro. Nossa bebê Pippa tinha pouco mais de seis meses e dormia profundamente em sua cadeirinha. Era Fraser, nosso menino de três anos, que, como sempre, nos preocupava. Ele estava sentado, quieto. Falava muito pouco, mas olhava absorto para duas pequenas fotografias que levava com ele. Não tínhamos muita certeza do que esperar de Fraser naquela tarde. Mas, quando se tratava dele, nunca tínhamos certeza de nada.

Menos de dois anos antes, em agosto de 2009, com apenas dezoito

meses, ele fora diagnosticado como autista. Como muitos garotos assim, lutava para se comunicar e apresentava certa tendência a se retirar para seu próprio mundo. Mostrava também predisposição para sérias crises nervosas, muitas vezes por causa das questões mais banais. Além disso, sofria de hipotonia, uma doença rara do tônus muscular que tornava suas articulações frouxas e fracas, o que significava que para ele era muito difícil fazer coisas simples como, por exemplo, segurar objetos com firmeza. Outro desafio que enfrentava era manter-se de pé, para não dizer caminhar. Na verdade, só no ano anterior, ou quase isso, ele tinha adquirido maior mobilidade, principalmente graças às talas de apoio que agora usava na parte inferior das pernas e nos tornozelos.

No último ano e meio, Fraser se submetera a um tratamento indicado por uma pequena equipe de profissionais especializados, incluindo uma fonoaudióloga e um terapeuta comportamental. Havíamos sido informados em termos bem claros que ele jamais poderia frequentar uma escola normal; apesar disso, conseguimos encontrar uma pequena escola infantil particular, que se prontificou a aceitá-lo duas vezes por semana – o que foi um enorme alívio para mim em especial. A notícia menos agradável, entretanto, foi que seu humor e seu comportamento ainda eram altamente imprevisíveis e inconstantes. Isso significa que nossa vida nunca foi muito fácil.

Fraser é um garotinho adorável e muito carinhoso, cuja personalidade parece derreter o coração de qualquer um que o conheça. Mas eu estaria mentindo se dissesse que nossa vida em família era um mar de rosas, porque não era. Havíamos passado por alguns momentos difíceis e de muitos desafios. Nunca sabíamos exatamente o que esperar nem o que fazer, sobretudo se mudássemos sua rotina – como fizemos hoje. Tudo o que nos restava era seguir nosso instinto. Por isso Chris e eu estávamos viajando ao longo do vale Dee, na direção da pequena

cidade de Aboyne, para encontrar a coordenadora local de uma instituição beneficente chamada Cats Protection.^[1]

Sou uma pessoa que sempre adorou animais, desde a infância. Quando garota, costumava brincar com coelhos, cães, gatos, cavalos – não fazia diferença. Naquela noite, eu tinha observado com inveja a área de uma das imponentes propriedades do Royal Deeside, onde sabia que era possível cavalgar – coisa que adorava fazer quando mais jovem e da qual sentia muita saudade, agora que era mãe em período integral.

O único animal de estimação que tínhamos em casa era Toby, um gato cinza, bastante gordo e já velho; estava conosco havia mais de uma década, bem antes de Fraser e Pippa nascerem. Foi o velho e querido Toby que me deu a ideia dessa viagem vespertina ao desconhecido.

Toby literalmente integrava nossa mobília. Estirava-se pela casa toda, inanimado a maior parte do dia, focado apenas em dois interesses: comer e dormir.

Durante o maior período de sua vida ainda curta, Fraser mostrara muito pouco interesse pelo ambiente ao redor ou mesmo por Toby. Era obcecado por qualquer coisa com rodas ou que girasse; conseguia passar horas observando as voltas da máquina de lavar, brincando com um velho DVD ou fazendo rodopiar seu carrinho de bebê ou qualquer carrinho de brinquedo; com exceção disso, pouquíssimas coisas pareciam prender sua atenção. Recentemente, no entanto, notei que ele andava fascinado por Toby. Quando nosso gato tirava uma soneca, Fraser deitava-se ao seu lado, repousando a cabeça no tapete para poder acariciá-lo e tentar se comunicar com ele.

O interesse de Toby não era recíproco. Durante algum tempo ele tolerou a invasão do seu espaço, mas aos poucos se tornou cada vez mais desconfiado de Fraser, principalmente quando este se mostrava aborrecido. Em várias ocasiões, Fraser começava a gritar por causa de

qualquer mudança mínima na rotina da casa, fazendo Toby disparar para o andar de cima em busca de proteção. Desde então, ele claramente demonstrava medo de Fraser e mantinha uma boa distância, a ponto de sair correndo quando via nosso menino se aproximar.

Na verdade isso não foi surpresa para mim, pois eu sabia que Toby não era um animal de estimação com o qual uma criancinha pudesse brincar. Por outro lado, o comportamento de Fraser me fez refletir.

Sendo mãe de uma criança autista, sabia que teria de agarrar qualquer oportunidade ou abertura que surgisse no caminho. Eram muito poucas, sobretudo considerando o local onde vivíamos – uma casa isolada pertencente à propriedade escocesa da rainha, a Propriedade Balmoral, onde Chris trabalhava. Não havia famílias vizinhas, e durante um longo tempo não conseguimos nos juntar a nenhum grupo com bebês ou crianças pequenas, porque Fraser não lidava muito bem com ambientes desse tipo. Sua falta de habilidade social sempre me incomodou; portanto, ao ver Fraser com Toby, comecei a me perguntar se um animalzinho de estimação não poderia ter uma influência positiva sobre ele. Interação era interação, fosse com um gato ou com um ser humano.

– Acho que ele poderia ter um amiguinho. Talvez isso possa tirá-lo de si mesmo um pouco mais – eu disse a Chris certa noite, durante o jantar.

– Por que não tentamos arranjar um gato para ele?

Já havíamos passado por tantas coisas com Fraser que Chris, uma pessoa muito lógica e sensata, percebeu imediatamente a falha em minha sugestão.

– Tem certeza? – perguntou ele. – Será que um gato não vai se assustar com Fraser, como acontece com Toby?

– O que temos a perder? – respondi. – Se eu conseguir um gato de uma instituição beneficente ou de algum centro de resgate de animais,

podemos explicar a situação a eles; se não funcionar, eles provavelmente o aceitarão de volta.

– Pode ser... – disse Chris, embora eu sentisse que ele não estava muito convencido.

No dia seguinte, enviei um e-mail à instituição Cats Protection, conhecida como Cats Protection League,^[2] através de seu site oficial. Expliquei que Fraser era autista, que tinha também um problema muscular que impedia sua mobilidade, e que estávamos procurando um animal “especial” para ser seu amigo; foi exatamente esta a palavra que usei: “especial”. Sem muitas esperanças de que essa criatura realmente existisse.

No começo, não recebi nenhuma resposta. Uma parte de mim se perguntava se eles me ignoraram por me acharem meio lunática, pedindo um “amigo especial” para meu garoto “especial”. Mas, no fim, descobri que a mensagem fora encaminhada para a filial errada. Certa manhã recebi uma ligação, sugerindo que entrasse em contato com a filial da Cats Protection em Deeside, que, por coincidência, começara a operar seis meses antes.

Então enviei a eles um e-mail, e logo a coordenadora, uma senhora chamada Liz, que morava a cerca de vinte minutos de nós, perto da cidade de Aboyne, entrou em contato comigo. Imediatamente senti que ela entendia o que eu estava procurando.

– Temos um par de gatos que seriam adequados. Mas tenho uma intuição de qual deles você vai escolher – disse ela. – Vou enviar a você uma foto e alguns detalhes.

Quase imediatamente, recebi um e-mail com uma foto de dois gatos idênticos. Eram ambos cinza, de aparência levemente oriental e marcas brancas na cara e na barriga. Pareciam bastante jovens e estavam muito magros, quase pele e osso, o que fez sentido quando li as anotações que

Liz anexara.

Ela explicou que eles tinham sido encontrados numa casa de um conjunto habitacional em um povoado próximo. Os moradores haviam saído de fininho durante a noite, para não pagar o que deviam. Os funcionários da prefeitura apareceram para bloquear a casa com tapumes, mas um dos vizinhos lhes disse que havia gatos dentro dela. Graças a Deus o vizinho avisou, porque, quando entraram, os homens acharam quatro gatos esqueléticos, sobrevivendo com restos do que havia lá dentro. Eles teriam morrido se a casa fosse fechada.

Então chamaram a Cats Protection, que levou os quatro. Um deles, um macho grande, preto, foi logo encaminhado a um novo lar, mas estava mais difícil encontrar quem pudesse receber o outro e esses dois irmãos idênticos, chamados Bear e Billy.

Não era tão visível por que Liz, apenas com base nas fotos, tinha tanta convicção de que um desses gatos seria o ideal para nós. Mas eu estava disposta a depositar minha fé nela e me arriscar. Perguntei se podíamos agendar uma visita para que Fraser conhecesse Billy e Bear; ela sugeriu uma data na semana seguinte, quando pudéssemos ir até Aboyne.

Depois de uma longa e dura experiência, eu aprendera que Fraser não gostava de mudanças bruscas e inesperadas em sua rotina; portanto, sabia que precisaria preparar o caminho para a visita e, principalmente, para a chegada de uma nova criatura em nossa casa.

Durante um café da manhã, comecei a tocar no assunto.

– Fraser, você gostaria de ter um gatinho só seu, para brincar com ele?

Ele olhou para mim com muita atenção por um momento e, em seguida, assentiu com a cabeça.

– Sim, mamãe, por favor! – ele respondeu.

Arrancar uma única palavra da boca de Fraser consistira em um enorme desafio em muitas situações, portanto sua resposta significava um avanço. Encorajada por isso, continuei.

Como ele não tinha as habilidades de compreensão de que precisava, havíamos adquirido o hábito de imprimir uma porção de fotos para ajudar Fraser a entender as coisas. Assim, imprimi imediatamente algumas fotos do tamanho de uma caixa de fósforos de Bear e Billy, para que ele pudesse ver seus potenciais novos amigos e começasse a escolher um deles.

Uma vez mais, sua reação fora realmente encorajadora. Toda noite ele levava as fotos para a cama, colocando-as ao lado de seu armário de cabeceira. Ficava horas examinando-as. Só Deus sabe que pensamentos passavam em sua mente enquanto permanecia lá, deitado, investigando atentamente as imagens desses gatos idênticos.

Digo idênticos, mas, na verdade, ele conseguia ver claramente a diferença entre os dois gatos, o que era muito interessante. Para mim, eles eram tão iguais que tive de escrever os nomes no verso do papel para diferenciá-los. Mas Fraser sabia qual era qual e explicava repetidas vezes que “este é o Billy e este é o Bear”. O autismo é um distúrbio com muitas peculiaridades e complicações inerentes – Fraser mal conseguia caminhar ou se comunicar adequadamente, mas era capaz de perceber a diferença entre os dois gatos sócios.

Com esse primeiro objetivo alcançado, comecei a prepará-lo para nossa viagem a Aboyne. Isso também foi algo muito significativo, porque nunca tínhamos ido com ele à casa de pessoas que não conhecíamos. Fraser ficava tão tenso em ambientes que não lhe eram familiares que muitas vezes tinha crises de pânico. E, mesmo quando se sentia feliz em um novo ambiente, sempre encontrava alguma coisa em que se prender e tornar as coisas difíceis. Por isso, desde que Fraser era bebê,

evitávamos sair com ele para visitar gente estranha. As únicas pessoas com as quais nos sentíamos seguros eram seus avós – a mãe de Chris e seu companheiro –, que viviam na costa nordeste da Escócia, e meus pais, que moravam em Essex.

Depois de uma semana preparando-o para a visita, eu me senti bastante confiante e achei que Fraser compreendera bem o que estava para acontecer. Conheceríamos os dois gatos, e, se gostássemos deles, um viria morar conosco. Como última medida de precaução para evitar qualquer desastre, dissemos a ele que iríamos numa sexta-feira, depois que Chris voltasse do trabalho, o que, muitas vezes, acontecia cedo, perto da hora do almoço. Queríamos que ele estivesse preparado para a mudança na sua rotina regular do final da tarde.

Acabamos partindo um pouco mais tarde do que planejáramos, e o sol estava começando a mergulhar atrás das montanhas à medida que atravessávamos o rio Dee na cidade vizinha de Ballater; seguimos para o leste, a caminho de Aboyne.

Sentada no carro, minha cabeça estava a mil. Não havia nada de incomum nisso. De vez em quando eu me perguntava se me tornara a mãe mais neurótica do mundo. Mas a verdade era que, sendo mãe de uma criança autista, eu tinha sempre algum motivo para me sentir ansiosa. Naquela noite, a lista de preocupações poderia ter sido tão longa quanto o rio Dee. E se ele não gostasse de Liz ou se sentisse amedrontado por ela? E se não gostasse da aparência da casa? E se ele se sentisse incomodado com algum ruído no lugar? E se não gostasse dos gatos? Eu não sabia se eles estavam dentro ou fora da casa. Como ele reagiria a um gato preso em um cercado? Para a mente autista de Fraser, os gatos, como acontecia com Toby, tinham a liberdade de vagar por onde quisessem, como quisessem e quando quisessem. Como ele se sentiria diante de um gato confinado? E se ele simplesmente não quisesse saber

de nada, nem mesmo de sair do carro, o que era muito provável? Em mais de uma ocasião tínhamos ido de carro a algum lugar, e tudo o que Fraser fazia era agitar as mãos no ar e gritar “não, não, não!”. Éramos forçados a simplesmente dar meia-volta e retornar para casa. Será que isso aconteceria de novo? Eram muitas as preocupações em minha cabeça, lutando umas com as outras para ganhar espaço. Graças a Deus, a deslumbrante paisagem das Highlands estava à minha frente para me distrair.

Ao chegarmos à casa de Liz, os últimos raios de sol já haviam se escondido atrás das montanhas. Quando Chris estacionou o carro, Fraser estava sentado com o corpo arqueado para a frente, esticando o pescoço para examinar o cenário.

– É aqui que moram os gatos, mamãe? – ele perguntou.

Olhei para Chris sem precisar dizer uma única palavra. A pergunta de Fraser era uma das frases mais longas e coerentes que ele dissera até então.

– É aqui mesmo, Fraser – respondi, tranquilizando-o.

Quando Chris estacionou, inclinei-me para ver como estava Pippa. Sob muitos aspectos, ela era o exato oposto de Fraser. Viajar com ele era sempre um desafio, ao passo que viajar com ela era a coisa mais fácil do mundo, como se confirmou mais uma vez naquela noite. Ela ainda estava tirando uma soneca feliz em sua cadeirinha; sendo assim, resolvemos deixá-la no carro para o que Chris e eu supúnhamos ser uma visita muito breve. Paramos bem perto da casa, portanto não nos distanciávamos muito.

Mal havíamos retirado Fraser do carro, Liz apareceu à porta acenando. Eu trocara vários e-mails com ela na semana anterior e não

tinha dúvidas de que ela estava bem preparada, porque, imediatamente, foi direto ao encontro de Fraser.

– Olá, você deve ser o Fraser. Quer vir comigo e ver os gatinhos? – perguntou.

Prendi a respiração por alguns segundos. Na maior parte das vezes, Fraser não costumava interagir com gente que não conhecia. Se ele se sentisse ansioso ou inquieto, se recusaria a fazer contato com os olhos e tentaria, de algum modo, fugir da intromissão indesejada em seu mundo. Mas não foi isso que aconteceu.

– Sim, por favor – disse, olhando diretamente nos olhos de Liz.

Era evidente que ele se sentia motivado. Não houve nenhum sinal de nervosismo ou desinteresse de sua parte. Ele ainda estava com a foto dos dois gatos nas mãos. Chris e eu nos entreolhamos em silêncio. Sabíamos que algo incomum estava acontecendo.

Liz nos explicou que os gatos estavam do lado de fora da casa em um gatil coberto, o que era, ao mesmo tempo, bom e ruim. Por um lado, consegui esquecer aquelas ansiedades em relação a Fraser, que, ao ver uma máquina de lavar ou uma tostadeira, poderia ficar tão obcecado que ignoraria completamente os gatos. Mas, por outro, agora estava preocupada com sua reação ao ver dois gatos dentro de um cercado. Era um pequeno detalhe que não incomodaria noventa e nove por cento das crianças, dos quais Fraser não fazia parte.

Minha ansiedade durou pouco. Liz nos levou na direção de dois grandes cercados, revestidos com tela metálica. Um deles estava vazio, mas no outro havia dois gatos que já eram familiares por causa das fotos: Bear e Billy. Eles pareciam ainda mais idênticos em carne e osso, ou seja, ao vivo. Não consegui diferenciar um do outro.

– Fraser, agora vou entrar lá dentro, tá? – Liz disse. Ele fez um aceno com a cabeça, paralisado ao ver os dois gatos.

Por alguns segundos, Chris e eu permanecemos ao lado de Fraser, olhando para dentro do cercado.

Os dois felinos estavam deitados sobre uma plataforma. Um deles semiadormecido com a cabeça voltada para o lado oposto, o outro sentado, ereto, olhando, intrigado, para as novas visitas.

– Este é o Bear – explicou Liz, apontando para o que tinha um ar indiferente. – E este aqui é o Billy.

Naquele exato instante, o segundo gato pulou no ombro de Liz. Em seguida, desceu e foi direto até onde Fraser estava, na tela metálica. Fraser não recuou; muito pelo contrário. Ficou lá, de pé, sorrindo, fascinado pelo que via.

– Você quer dizer “olá” para o Billy, Fraser? – Liz perguntou.

– Quero – ele disse. – Mamãe, você vem comigo?

Uma vez mais, Chris e eu trocamos um rápido olhar que falava muitíssimo. Para outros pais isso poderia parecer uma coisa insignificante, mas para nós, pais de um garoto que passara os últimos três anos amedrontado em relação a tudo, a atitude de Fraser era muito animadora. O que aconteceu em seguida, entretanto, foi muito além de animador. Para mim, foi absolutamente fantástico.

Já dentro do cercado, Fraser sentou-se imediatamente no chão. A mãe ansiosa que havia dentro de mim logo começou a pensar: *Tem pelo de gato por toda parte; e se ele tiver uma crise de asma?* Mas não havia tempo para eu exagerar analisando as coisas. Antes que eu percebesse, Billy já se aproximara de Fraser; pulou sobre ele e aterrisou em seu peito.

Liz fizera um belo trabalho, alimentando Billy desde sua chegada à casa dela, porque agora ele era um gato bastante forte. A atitude de Billy assustou Fraser um pouco, pois com o peso ele foi lançado para trás. Durante alguns instantes apenas permaneceu sentado lá, sem saber como

agir em relação ao que acabara de lhe acontecer. Em circunstâncias normais, eu esperaria um grande berreiro. Entretanto, já sabia que aquela não era uma situação qualquer. Não houve ruído, nenhuma reação negativa. Nada.

Instintivamente, Billy parecia pressentir que Fraser não estava muito à vontade; então deslizou um pouco, liberando o peito de Fraser e adotando uma posição tal que o peso de seu corpo não mais o pressionasse. Manteve sobre ele apenas suas patas dianteiras. Em seguida, estendeu o pescoço tanto quanto possível para que pudesse aconchegar sua cabeça bem próximo da de Fraser. Os dois sentaram-se lá, abraçando-se em silêncio, como se não houvesse mais ninguém no mundo a não ser eles.

Fiquei assombrada. Sob muitos aspectos, não conseguia acreditar no que estava vendo.

– Parece que Billy já escolheu você – disse Liz, quebrando o silêncio.
Liz, Chris e eu trocamos olhares.

Fraser e Billy sentaram-se lá por alguns minutos, conhecendo-se mutuamente antes que Liz quebrassem o gelo.

– Você quer levar Billy com você para casa, Fraser? – ela perguntou.

– Sim, por favor – ele respondeu.

– Tudo bem, então – confirmou ela. – Bem... vou falar com sua mãe e seu pai e vamos resolver isso – acrescentou.

Ela os deixou lá sentados durante um minuto ou dois antes que Chris dissesse que precisava ir até o carro para dar uma olhada em Pippa.

– Infelizmente, acho que precisamos voltar para casa logo – eu disse a Liz. – Então, como ficamos agora?

– Vou levá-lo ao veterinário para exames e ver se ele precisa de algum tratamento – ela disse. – Depois, ele estará pronto para morar com vocês.

– Logo estaremos mudando de casa, o que pode ter alguma relevância em relação a quando isso acontecer – eu disse a ela.

– Conversamos sobre isso na segunda, ok? – ela propôs.

– Combinado – respondi, esperando que tudo desse certo.

Estava preocupada diante da possibilidade de Fraser ficar contrariado por Billy não ir para casa conosco imediatamente, mas, quando lhe explicamos a situação, ele compreendeu tudo da mesma forma como compreendeu muitas coisas naquela noite.

– Chris, você acha que Liz acreditou em nós quando dissemos que Fraser era autista? – perguntei a ele quando começamos nossa viagem de volta.

Ele apenas riu.

– Bem... olhando para ele esta noite, ninguém diria que ele tem qualquer problema – eu disse. Era verdade.

Como sempre, já estávamos completamente preparados para dar meia-volta sem nem mesmo sair do carro. Mas Fraser não mostrara nenhum comportamento radical. Ele havia lidado muito bem com tudo, desde a visita à casa de uma pessoa estranha até o fato de um gato ter pulado sobre ele. Dentro do contexto de nossa vida com Fraser, isso parecia um pequeno milagre. Nosso palpite valera a pena. Muito provavelmente tínhamos conseguido “pescar o nosso peixe”.

* * *

Quando estávamos a caminho da casa de Liz, Fraser havia se sentado no banco de trás, calado como um ratinho, perdido nos próprios pensamentos. Agora, ao voltarmos para casa, ele era outra pessoa: conversou animadamente durante todo o trajeto.

– O Billy vai ser o amiguinho do Fraser – ele disse de repente,

segurando a foto.

– É isso mesmo, Fraser – respondi, olhando para ele pelo espelho retrovisor.

– O Billy vai ser o melhor amiguinho do Fraser – disse.

Direto da boca do nosso garotinho. Nenhum de nós poderia ter tido qualquer ideia de quão profundas essas palavras acabariam sendo.



Capítulo 2

Quem chegou

Fraser e Billy se reencontraram mais cedo do que esperávamos.

O plano original era esperar seis semanas, até o início de agosto, quando Liz o traria até nossa casa. Seria quando nos mudaríamos de onde vivemos por dois anos para uma casa muito mais adequada e moderna em East Balmoral, na periferia da Propriedade Balmoral – cerca de dez quilômetros distante da anterior, que era bastante isolada. Quando conversei com Liz na segunda-feira depois de nossa viagem a Aboyne, ela recomendara que esperássemos estar bem acomodados na nova casa antes de introduzirmos Billy na família. Liz achava que Billy poderia sentir-se desorientado por ter que se acostumar a duas novidades em um espaço de tempo tão curto.

Para nossa surpresa, Fraser lidou com isso muito bem. Nos dias que se seguiram à viagem para conhecer Billy e Bear, ele ficou muito entusiasmado com a chegada de seu novo amigo. No entanto, no que diz respeito a Fraser, entusiasmo poderia facilmente tornar-se ansiedade. Com a experiência, aprendêramos que a solução para esse tipo de situação era tranquilizá-lo com relação a tudo já no início de cada dia. Assim, toda manhã, antes que ele próprio levantasse o assunto, nós o lembrávamos do que havíamos dito.

– Billy vem para a casa nova – ele vivia repetindo, algumas vezes para si mesmo.

Ele também mantinha as fotos de Billy e Bear ao lado de sua cama e ficava lá, olhando para os dois gatos antes de dormir. Isso parecia suficiente para ele. A espera o deixava feliz.

Foi Liz quem não conseguiu esperar. Cerca de dez dias depois de nossa viagem até sua casa, ela nos telefonou inesperadamente. Minha primeira reação foi entrar em pânico e achar que havia algo de errado com Billy. Na verdade, ela apenas estava para receber uma grande quantidade de gatos nos próximos dias e queria saber se poderia trazer Billy mais cedo do que combináramos.

– Bem, ficaremos felizes com isso, desde que também seja bom para você – eu disse, consciente do que ela afirmara anteriormente.

– Acho que ele conseguirá lidar com isso. Como você pôde notar, ele tem uma grande personalidade – disse ela. – Vou precisar que você preencha alguns papéis. Posso levar Billy dentro de alguns dias?

– Claro! – assenti.

Então Liz e Billy chegaram na tarde de 27 de junho de 2011, dia que continua na minha memória pelas mais variadas razões.

Fraser tinha ido para o maternal naquela manhã; assim, Liz concordou em vir no período da tarde. Quando contamos a ele sobre a mudança de planos, ficou tão entusiasmado que não parava de falar a respeito.

– O Billy vai chegar! Billy vai chegar! – repetia sem parar.

Em geral, o ruído não familiar do motor de algum carro lá fora ou uma batida inesperada à porta da frente eram suficientes para Fraser ter uma crise nervosa. Houve situações em que se agachou na cozinha com as mãos nos ouvidos, esperando até que o carteiro deixasse as cartas e saísse. Mas no final daquela tarde, quando ele ouviu o ruído de um carro estacionando, correu para a janela.

– É o Billy!

Liz apareceu à porta carregando uma gaiola branca, de metal, forrada no fundo com um acolchoado macio e um bastão corrediço que permitia que a portinhola se levantasse. Lembrei-me de uma vizinha que criava gatos siameses e os levava para festivais de gatos por todo o país quando eu ainda era criança. Eu costumava passar horas na casa dela, brincando com suas ninhadas de gatinhos, e sempre via essas bonitas gaiolas de viagem.

Fraser ficou fascinado e tentava ansiosamente localizar Billy dentro da gaiola.

– O Billy está na gaiola! O Billy está na gaiola! – gritava, entusiasmado, quando Liz o trouxe para a sala de estar e começou a remover o bastão para levantar a aba.

– Pode ser que Billy queira sair correndo para conhecer a casa quando eu abrir a gaiola – avisei Fraser. Afinal de contas, tratava-se de um gato, e era mais provável que ele saísse investigando logo seu novo território.

Mas Fraser estava obcecado demais pela gaiola de onde seu novo amigo sairia para dar ouvidos a mim.

Ainda posso visualizar na minha mente o que aconteceu em seguida. Foi como se Billy tivesse vivido conosco durante toda a sua vida e nossa casa tivesse sempre sido a dele. Quando Liz levantou a aba, ele simplesmente pulou para fora da gaiola, deu uma rápida olhada ao redor da sala de estar e, em seguida, correu na direção de Fraser.

Liz e eu trocamos outro olhar significativo. Em poucos minutos, Fraser e Billy começaram a interagir.

Óbvio que ambos tinham aprendido com a experiência na casa de Liz, porque dessa vez Fraser deu o primeiro passo, curvando-se para dizer “olá” ao novo amigo. Em seguida, ele se inclinou até o chão para que Billy ficasse próximo dele o suficiente para começar a tocar seu rosto.

Em instantes, os dois estavam deitados no tapete, lado a lado, um fazendo carinho no rosto do outro, exatamente como ocorrera em Aboyne.

Era uma tarde muito ensolarada e a claridade jorrava através da janela, o que me deu uma boa oportunidade de examinar Billy melhor. Um gato incomum. Seu pelo abundante era de um cinza granuloso com uma marca em forma de V no centro da cara, entre os olhos, e descia até a boca. Ele tinha manchas brancas no peito e na base das patas, como se fossem botinhas. Tinha também uma marca estranha no nariz e nas patas. Era como se tivesse sido entalhado ou raspado, mas, observando melhor, pude perceber que era uma marca de nascença. Nesses locais, ele simplesmente não tinha pelo. Pela maneira como rolava no chão com Fraser, era óbvio que ainda era novinho, mas já muito agitado.

Liz e eu nos sentamos lá, arrebatadas, observando os dois por alguns minutos. Só observamos. Novamente, acho que nós duas sabíamos que algo muito especial estava acontecendo.

Depois de um tempo, convidei-a para uma xícara de chá na cozinha e para terminarmos de preencher os papéis que ela trouxera. Estávamos ainda resolvendo as questões dos formulários referentes à liberação de Billy quando o vislumbrei espreitando o corredor fora da cozinha.

Finalmente, Billy decidira fazer o reconhecimento do local e metia a cabeça no interior de cada porta e armário que encontrava abertos. Eu sabia que a maior surpresa aguardando por ele era Toby. Mas, quando o felino sênior da casa apareceu no patamar da escada, tudo o que fez foi um discreto sibilo. Em poucos segundos eles se analisaram mutuamente e foram adiante, cada um buscando alguma coisa mais interessante para fazer. No caso de Toby, um cantinho aconchegante no quarto, onde pudesse se enroscar e voltar a uma boa soneca; Billy, por sua vez, continuou a exploração do território por um tempo e logo voltou para

perto de Fraser.

O momento mais memorável desse dia memorável, pelo menos para mim, chegou quando Liz se foi.

Fraser não é um garoto autista desprovido de emoções. Ele tem um temperamento muito meigo, pode ser caloroso e demonstrar muito afeto. Era apenas um fato raro que, principalmente nessa fase de sua vida ainda tão tenra, ele fizesse contato visual ou físico com outras pessoas fora da sua família e se tornasse íntimo.

Quando Liz se preparava para ir embora, ele simplesmente caminhou até ela, abraçou-a e disse “obrigado”. Ele jamais havia tocado, mostrado nenhuma afeição nem sinal de interesse por um estranho, tampouco o fez desde então. Mas nesse dia foi diferente.

Sei que esse momento a tocou profundamente. Ela ainda fala a respeito disso publicamente e diz que, de todos os novos lares para os quais encontrou abrigo para seus gatos, esse foi o que mais se destacou. Desnecessário dizer quanto isso também me afetou.

Ao ver Fraser acenando para ela em despedida, senti minhas emoções brotarem, o que não foi anormal; já derramara muitas lágrimas por causa de Fraser. A diferença era que, pela primeira vez em muito, muito tempo, eu estava chorando de pura felicidade.

Desde o primeiro momento, minha vida com Fraser me levava ao limite das emoções. Muitas vezes, eu – e todos ao meu redor – me perguntei seriamente se tudo daria certo.

Eu havia me tornado mãe relativamente tarde na vida, quando já passava dos trinta anos. Chris e eu nos conhecemos quando eu tinha vinte anos e ele vinte e cinco, e já estávamos casados havia dez anos quando resolvemos ter filhos. Que a verdade seja dita, éramos o tipo de

casal que achava que nunca teria filhos. Levávamos uma vida despreocupada e pacata. Ele era eletricitista e eu trabalhava em uma grande firma editorial na área jurídica, dividindo meu tempo entre escritórios em Hampshire e Swiss Cottage, Londres. Morávamos em uma casa geminada de três dormitórios em uma propriedade em Andover, não muito distante de Southampton, na costa sul da Inglaterra. De início, ela era apenas um investimento, mas gostamos do desafio e, graças ao talento de Chris como um faz-tudo, conseguimos remodelá-la completamente e torná-la de nosso gosto. Não era um palácio, mas era o lar que havíamos montado para nós. Éramos muito felizes lá e levávamos o que suponho ser para muitos um estilo de vida invejável: viajavamos para o exterior nas férias e tínhamos uma boa vida social reunindo-nos com amigos.

Então, um dia, Chris chegou em casa e disse que andava pensando em começar uma família. Era o tipo de bomba que poderia causar problemas em um casamento, o que não foi nosso caso, já que eu andava pensando a mesma coisa. Eu vinha de uma família muito unida; meus pais só tiveram duas filhas. Continuei muito apegada a eles e adorei a ideia de dar-lhes netos. Quando contamos a eles e aos nossos amigos a respeito dos novos planos, todos ficaram chocados; acharam que tínhamos enlouquecido. Eles sabiam, provavelmente muito melhor do que nós, que a vida descompromissada que levávamos acabaria abruptamente. Mas não nos importamos com isso.

Eu sempre fora uma pessoa que programa as coisas; sendo assim, quando tomamos a decisão de formar uma família, comecei a planejar tudo: a casa que compraríamos, os dormitórios que seriam das crianças, as escolas, as férias, os pôneis em que eles iriam montar. Se você quiser fazer Deus rir, conte-Lhe seus planos – não é o que os mais velhos dizem? Se isso for verdade, então Ele deve ter dado boas risadas ao

observar meus projetos se desenrolando de forma tão espetacular.

Não existe uma maneira delicada de dizer isto: a gravidez de Fraser foi um inferno em absolutamente todos os sentidos. O primeiro problema foi ter engordado demais. E quero dizer *demais mesmo*. Acabei ficando tão pesada que adquiri um problema de saúde que me obrigou a usar muletas para andar. Tenho baixa estatura – meço menos de 1,60 metro –, então, como resultado, minha pelve começou a amolecer quando atingi a vigésima semana de gestação.

Isso me causou problemas de todos os tipos, principalmente porque muitas vezes eu tinha de viajar de Andover para Londres a trabalho – um verdadeiro desafio, pois precisava usar as muletas. Como se isso não fosse doloroso o suficiente, acabei tendo pré-eclâmpsia^[1] pouco antes do parto.

No final de fevereiro de 2008, fui levada para um hospital em Winchester, para um parto induzido; foi quando as coisas pioraram de verdade. Uma vez mais, esse foi um lembrete de que nem sempre nossos planos dão certo. Em minha mente eu teria um parto natural, ao som de uma música linda e etérea, e todo mundo sorriria à medida que meu lindo bebê surgisse, rindo de orelha a orelha. Tudo seria de primeira classe e muito elegante. Porém, é claro, a realidade foi totalmente diferente.

Meu trabalho de parto durou três dias. Os três mais longos e dramáticos de minha vida. No segundo, me deram uma anestesia epidural para aliviar a dor excruciante que eu sentia desde que chegara ao hospital, mas não foi muito eficaz. Às seis horas da manhã do terceiro dia, 1º de março, os médicos chegaram à conclusão de que eu precisaria ser submetida a uma cesariana de emergência, então fui levada às pressas para o centro cirúrgico. O cirurgião me tranquilizou, dizendo que tudo correria bem para mim e para Fraser e que o parto logo terminaria.

Foi a última coisa que ouvi. Aplicaram, em seguida, uma anestesia geral, e fiquei o tempo todo inconsciente. Quando voltei a mim, disseram-me que eu dera à luz um menino – um bebezão – de quase quatro quilos.

Considerando os problemas que eu havia tido, imagino que não fora nenhuma surpresa o fato de as minhas primeiras horas de maternidade estarem longe de ser perfeitas. Passei o primeiro dia da vida de Fraser semiconsciente. Foi horrível. Lembro-me de um momento em que eu delirava tanto por causa dos medicamentos e da exaustão que, quando falavam comigo sobre meu bebê, eu ria. Retrucava que eles estavam malucos. “Sobre que diabos vocês estão falando? Não vou ter um bebê!”, foi o que, aparentemente, eu disse.

Há fotos minhas e de Fraser juntos durante suas primeiras horas de vida que não mentem. Eu parecia totalmente dopada. Estava longe da resplandecente imagem de uma feliz e recente mamãe de primeira viagem segurando seu rebento.

Felizmente, Chris e minha mãe estavam lá. Chris sempre foi meu pilar, mas até mesmo ele ficou em estado de choque durante a maior parte do tempo, porque não sabia o que estava acontecendo. Isso chegou a um ponto em que ele, aparentemente, ficou sem saber se sua esposa e o bebê estavam vivos; foi tudo muito dramático. Ainda assim, não sei o que eu teria feito sem ele.

A pessoinha que, de fato, sofreu durante essas traumáticas horas iniciais, contudo, foi Fraser. Devido à natureza do parto, nós dois éramos motivo de preocupação para os médicos. Eles estavam preocupados com Fraser porque sua cabeça inchava, e comigo porque eu tinha hemorragia. Como resultado, nós dois fomos separados um do outro. Chris e mamãe o haviam segurado e acariciado, mas todo mundo achava que eu deveria

ser a primeira pessoa a alimentá-lo e vesti-lo. O problema era que eu estava inconsciente ou delirando; portanto, no final das contas, uma enfermeira teve de fazê-lo – e tudo indica que isso perturbou muito Fraser.

Não sou tão ingênua a ponto de achar que fui a primeira mãe do mundo a ter um parto difícil, tampouco que serei a última. Mas espero, realmente, que não sejam muitas as mães a precisar enfrentar a experiência pela qual passei naqueles primeiros dias. Foi terrível, e ainda hoje essa lembrança me persegue.

No segundo dia depois do parto, quando voltei a ter mais consciência das coisas, comecei a perceber algo de errado. Era como se Fraser tivesse nascido muito, mas muito zangado. Durante todo o dia, o que ele fazia era gritar. Não importava o que eu fizesse, ele simplesmente gritava e gritava.

Cerca de um ano e meio mais tarde, em novembro de 2010, quando eu planejava o parto de Pippa, os médicos me encorajaram a examinar as anotações feitas em relação ao nascimento de Fraser. Eles achavam que isso ajudaria bastante a evitar as mesmas complicações. Na época, as coisas estavam meio nebulosas, mas, quando examinei as anotações, elas me abriram o olho para o que eu passara com Fraser. Eu sabia que havia algo de errado desde o início. Na verdade, tinha usado essas mesmas palavras em algumas ocasiões ao conversar com as enfermeiras: “Há alguma coisa errada com ele”, “Não gostei muito do jeito dele”, “Ele parece muito, muito zangado com alguma coisa”. Não recebi nenhuma explicação razoável na ocasião, mas hoje isso se tornou muito importante para mim. Lembro-me até de uma enfermeira me dizer que, talvez, eu precisasse mimá-lo um pouco mais. Como se eu não tivesse gasto cada minuto do tempo acordada fazendo justamente isso!

Depois de alguns dias, recebi alta e fui para casa com Fraser,

imaginando que lá ele se acomodaria, porém não foi o que aconteceu. De volta a Andover, ele recomeçou de onde havia parado no hospital – simplesmente gritava, gritava e gritava. Mais uma vez, me parecia que era frustração em relação a alguma coisa, como se ele berrasse de raiva. Instintivamente me culpei. Sentia que ele estava furioso comigo porque eu fazia tudo errado: não o segurava direito, não o alimentava direito, não o vestia direito. Como uma mãe de primeira viagem, eu deveria estar pensando em criar laços com meu filho; mas a sensação absolutamente não era essa, e sim a de estar o tempo todo combatendo um incêndio.

É claro que muitos livros dizem que quando um bebê está chorando deve ser deixado no berço até que pare de chorar. Isso pode muito bem funcionar com outras crianças, não com Fraser.

Na verdade, nem posso usar a palavra “chorar” para descrever o que Fraser costumava fazer. Berrar é, provavelmente, o termo mais preciso. Uma horrível sinfonia de urros, berros e gritos. Às vezes, não havia nada que eu pudesse fazer para que ele parasse. Se eu não reagisse, ele aumentava o volume e gritava tanto que seu rosto ficava vermelho como uma cereja, até que vomitasse.

O estresse e a ansiedade causados por essa situação surtiram efeito muito profundo em mim. Sou bastante apegada à minha mãe, e ela veio ficar comigo assim que chegamos em casa, mas nosso acordo não durou muito. Depois de um dia ou dois, eu a mandei de volta para sua casa. Não havia nada de errado em nosso relacionamento; nós nos dávamos muitíssimo bem, contudo eu simplesmente não queria ninguém por perto. Era como se uma estranha mistura de ansiedade, cansaço, culpa e provavelmente outra centena de emoções tomasse conta de mim. Naquela época eu ainda nem imaginava que aquele era só o início de um longo período de semi-isolamento que precisaria enfrentar.

Mamãe ficou preocupada, é claro. Que mãe não ficaria? Ela sabia que eu estava vivendo um verdadeiro inferno; por isso, telefonava a todo momento. Agora, no entanto, vejo que a deixava ainda mais preocupada com as coisas que eu dizia.

– Não gosto de Fraser – afirmei a ela um dia.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou.

– Bem... sempre achei que uma mãe devia naturalmente amar o próprio filho, mas não gosto dele – eu respondi.

Realmente, olhando para trás, foi uma coisa chocante. Mas também sintomática, considerando como me sentia na época, meu estado de espírito e minha saúde. Eu não estava muito bem mentalmente, e nos dias, semanas e meses que se seguiram as coisas só pioraram.

Às vezes me perguntava: *O que foi que fiz de errado?* Outras vezes, tinha certeza de que cometera o maior erro de minha vida.

Nessa época já estava casada havia dez anos, era feliz e tinha um bom emprego do qual gostava bastante. Fora isso, usufruía de uma ótima vida social. Então, de repente, me vi sozinha, com um bebê que urrava e vomitava vinte e quatro horas por dia, durante os sete dias da semana. De forma lenta, porém constante, meu senso de isolamento começou a se intensificar.

Muitos dos meus planos começaram a virar pó. Por exemplo: esperava ansiosamente para levar meu bebê até o escritório. Eu fora uma de três colegas de trabalho que haviam engravidado. As outras duas deram à luz antes de mim, e ambas tinham ido até lá para que pudéssemos paparicar os pequenos. *Logo será a minha vez*, pensava comigo mesma.

Durante aquelas primeiras semanas com Fraser, contudo, não podia nem mesmo contemplar essa ideia. Não poderia deixar que ninguém o segurasse, porque sabia que ele daria um de seus belos shows. Era

também um escritório muito agitado; portanto, do ponto de vista profissional, sabia que não poderia levar um bebê como Fraser até aquele ambiente. Simplesmente não seria correto. Ele derrubaria o lugar, de tanto berrar.

As companheiras de trabalho viviam me enviando e-mails perguntando-me quando o levaria até lá, porém eu sempre inventava uma desculpa. De certa forma eu tinha um segredo, um filho que não queria mostrar ao mundo. Isso era uma coisa triste. E errada também.

Mas então, algumas semanas depois que Fraser nasceu, fui presenteada com a desculpa perfeita: nunca iria até o meu antigo escritório porque moraria a oitocentos quilômetros de distância, na região das Highlands, na Escócia.



Capítulo 3

Fundo do poço

Hoje percebo que o nascimento de Fraser e aqueles primeiros dias em casa foram, sem sombra de dúvida, o período mais bizarro e estressante de minha vida. E a maneira como Chris conseguiu um emprego de eletricitista da rainha na Propriedade Balmoral na época foi mais bizarra ainda.

Tudo começou quando vi pôneis originários das Highlands na internet. Sei que isso pode soar tremendamente estranho, mas eu me encontrava em tamanho estado de ansiedade e exaustão por ficar cuidando de Fraser que minha única válvula de escape era ficar vendo imagens de coisas que me lembrassem de tempos mais felizes no passado – e, com muita esperança, me fizessem acreditar no futuro. Desde garotinha eu era louca por cavalos e, em especial, pelos pôneis da região das Highlands. Então, certo dia, quando Fraser tirava uma soneca, fui para o computador e comecei a examinar fotos de pôneis. De alguma maneira, fiquei sabendo que havia alguns realmente lindos na Propriedade Balmoral, o que me levou ao seu site oficial.

Perdida em meu mundo de fantasias, acabei batendo o olho em uma coluna de Ofertas de Emprego. Não tenho a menor ideia de por que cliquei ali. Não me passou pela cabeça se eles teriam vaga para uma mãe, estressada ao extremo, com interesse por cuidar de bebês da Realeza que eventualmente passassem uma temporada lá. A primeira

coisa que vi quando a nova página se abriu foi um anúncio onde se lia “Precisa-se de eletricista”.

Eu sabia que Chris não estava profissionalmente feliz naquele momento da vida. Ele era uma pessoa bem tranquila, com um senso de humor um pouco cáustico, mas tinha muita habilidade social para se relacionar bem com todo mundo. Porém, estava ficando farto e desanimado de refazer fiações elétricas em residências e reinstalar sistemas elétricos de cozinhas dia sim, dia não. Quando lhe mostrei o anúncio e sugeri que se candidatasse ao emprego, ele apenas me lançou um olhar:

– Ah, sim, ok – disse sarcasticamente. – Não é emprego para gente comum como eu.

– Como você sabe se não se candidata? – perguntei.

– Ok. Vou enviar meu currículo e ver o que acontece – rebateu. Então enviamos o currículo, e foi dessa maneira que toda a loucura começou.

Pouco tempo depois, recebemos um e-mail pedindo que ele fosse até Balmoral para uma entrevista. Uma das razões pelas quais eu não excluía a Escócia completamente era o fato de a mãe de Chris morar lá, na costa nordeste. Então ele viajou até Inverness e de lá foi a Balmoral para a entrevista, usando o carro de sua mãe.

Chris disse que tudo tinha corrido bem e que, ao sair da entrevista, disseram-lhe que aguardasse um contato. Ele não deu muita importância à questão, mas, quando voltava de carro para o aeroporto de Inverness, seu celular tocou.

– Gostaríamos de lhe oferecer o emprego; você poderia começar no final de abril? – perguntaram.

Ele ficou estupefato, assim como eu ao saber da novidade. Só nesse momento alguns aspectos práticos da vida começariam a melhorar. Disseram a Chris que, como benefício do emprego, teríamos uma casa

para morar; isso significava uma dor de cabeça a menos. Mas ainda tínhamos que enfrentar o desafio de colocar nossa antiga casa à venda, embalar todos os nossos pertences e transportar tudo até Balmoral, uma viagem de carro que durou onze horas. Tudo isso e mais os cuidados com um bebezinho problemático. Não surpreende que minha memória daquele período quase não exista mais. É literalmente um borrão.

A única coisa que não pôde ser apagada de minha mente foi a viagem de carro até a Escócia. Muitos bebês teriam dormido durante grande parte do percurso, embalados pelo som tranquilizador do motor e pelo movimento suave do carro. Mas Fraser não estava entre eles. Gritou o tempo todo até chegarmos lá. Buscando na memória, percebo agora que o carro era estimulante demais para ele. Havia coisas demais a observar.

Quando chegamos a Balmoral, fomos recebidos pelo administrador da Propriedade. Ele nos levou para um *tour* pela vasta área, e passamos pelo imenso castelo de granito com seu torreão, onde a rainha costuma passar as férias de verão. A neve ainda era visível no pico do Lochnagar e para além dele; a primavera estava apenas começando, mas a paisagem era absolutamente fascinante – como num conto de fadas. Bem... poderia ter sido, se eu estivesse em meu estado de espírito normal.

Depois, Chris me levou para o chalé que nos fora destinado. Ele ficou muito entusiasmado com essa parte do contrato que lhe havia sido oferecido.

– Você vai adorar – disse ele, descrevendo-o como um chalezinho perfeito no meio de um bosque nas Highlands. – Tem até um lago à beira da estrada.

Porém, quando estacionamos do lado de fora, meu pressentimento foi muito diferente. O chalé era, na verdade, um pequeno bangalô de pedra,

aninhado numa pequena clareira no meio de uma ampla área florestal às margens da estrada que levava a um local chamado Loch Muick. Só havia mais um bangalô nas proximidades. Mais nada.

Meu coração desmoronou. Eu me senti simplesmente vazia. Não compartilhei do entusiasmo de Chris; não compartilhei com ele nenhuma emoção. Apenas olhei para o chalé e disse:

– Não gostei.

– O que você quer dizer? É lindo! – Chris replicou, chocado.

Quando me lembro disso agora, concluo que devo ter parecido muito ingrata. Mas entendo perfeitamente o porquê. Eu dera à luz um bebê apenas poucas semanas antes, e tudo estava muito difícil para mim. Portanto, o fato de ir morar no fim do mundo não era nada emocionante, ainda que não fosse o maior problema. Eu me sentia profundamente infeliz e, embora não tivesse refletido sobre tudo, estava fragilizada.

Fizemos nossa mudança em abril de 2008. E descobrimos que o único residente do outro bangalô era um pensionista do governo que trabalhara como contador para a Propriedade Balmoral e agora estava aposentado. Era um senhor muito simpático, mas não muito interessado em gastar tempo com uma mãe de primeira viagem e um bebê que só berrava.

Na verdade, do ponto de vista prático, a casa não era exatamente a ideal para Chris, porque ele levava vinte minutos para ir de carro até Balmoral. Ficava sempre de plantão, pois, se surgisse algum problema na Propriedade, tinha de ir para lá; algumas vezes, desaparecia durante horas.

Nas primeiras semanas, eu ficava um longo tempo sozinha no chalé todo santo dia. Chris saía às 7h45 e voltava aproximadamente às 17h45

– se tivesse sorte. Desde o minuto em que saía pela porta, eu me sentava lá, esperando sua volta. Nesse meio-tempo éramos apenas eu e Fraser – que berrava, urrava o dia todo, todos os dias, independentemente do que eu fizesse.

Do ponto de vista climático, o fim da primeira primavera que passei lá e o início do verão foram idílicos. Eu podia me sentar e ouvir a água correndo no rio ao pé da montanha; ouvir os pássaros cantando. Para a maioria das pessoas, isso seria como estar no paraíso. Mas, para mim, era o inferno.

Fraser me punha para correr o dia inteiro; eu tentava tudo o que era possível para acalmá-lo. Então descobri que ele gostava de dormir em intervalos de duas horas. Portanto, ele dormia durante duas horas, ficava acordado duas horas, dormia mais duas, ficava acordado mais duas; e assim por diante. Ele dormia um pouco mais durante a noite, mas não muito. As duas horas em que ficava acordado eram muito intensas para mim. Ele queria uma troca de fraldas e uma mamadeira, e, quando eu conseguia fazê-lo parar de chorar, já estava na hora de começar tudo de novo.

Cada minuto de cada dia era um desafio. Fraser não se comunicava da mesma maneira como outras crianças. Se você fizesse qualquer ruído para ele, como, por exemplo, ao brincar de se esconder, reaparecesse e dissesse “achou!!”, ele não esboçava nenhuma reação. Normalmente, o laço mágico entre mãe e filho se cria nesses momentos. Mas eu não obtinha dele nenhum sorriso, nenhum murmúrio, nenhuma tentativa de me imitar ou nenhuma daquelas coisas que, de maneira geral, se esperam. Ele não correspondia a absolutamente nada, o que para mim, como mãe, era muito perturbador.

Em vez disso, a comunicação com ele era toda de mão única. Ele não apontava com o dedinho nem fazia qualquer ruído para indicar o que

queria; apenas gritava.

– Como você sabe o que ele quer? – uma vez minha mãe me perguntou.

– Ele grita até eu descobrir – respondi.

Era verdade. Havia vezes em que eu me perguntava se não tinha aterrissado no meio de alguma perversa pegadinha na TV, na qual teria de adivinhar o item correto.

– Você quer isso? – eu perguntava segurando sua xícara.

– *Buaaaaá!* – gritava ele em resposta.

– Não quer? Ok, quer isso? – e eu segurava uma bolachinha.

– *Buaaaaá!*

– Não? Hummm, quer isso? – eu lhe mostrava um brinquedo.

– *Buaaaaaá!*

E isso continuava até que, pela técnica de tentativa e erro, ou o que Chris e eu chamávamos sombriamente de “tentativa e horror”, eu conseguia a resposta correta. Era extenuante.

Tudo isso significava que eu estava atada àquela casa. Não podia ir a lugar nenhum nem fazer nada.

Minha única alternativa era colocar Fraser no carrinho e ir até um recanto pitoresco com uma enorme árvore. Se ventava, ele adorava observar o balanço da árvore, fascinado com o mover dos galhos e o suave murmúrio das folhas farfalhando. Essa foi a melhor maneira que descobri de acalmá-lo. Eu chegava até mesmo a deixá-lo lá, dar uma corrida até a cozinha e preparar uma xícara de chá. Sei que parece terrível, mas não tenho como descrever a sensação de alívio, paz e tranquilidade que esses poucos minutos representavam para mim.

A essa altura, eu vivia apenas um dia depois do outro. Mas sabia que as coisas não poderiam continuar daquele jeito; então, quase em seguida, sugeri a Chris que pedisse a eles para nos transferir a um lugar menos

isolado. Disseram que não havia nada disponível. Assim, durante mais ou menos os sete meses seguintes, tive de sobreviver. Quase não consegui.

Revedo aquele período de nossa vida, agora compreendo que não estava bem nem raciocinava corretamente. Ainda me sinto chocada quando me lembro de algumas das ideias que passaram pela minha mente na época. Cheguei ao que me pareceu o mais fundo do poço uma noite, quando Chris voltou para casa após o trabalho.

Tinha sido outro dia difícil com Fraser, então decidi sair para um passeio. Tomei a direção da estrada que leva ao rio e caminhei até uma ponte verde, de ferro, que se estende sobre águas que fluem com muita força. Esse era outro local absolutamente fascinante, um pedacinho do paraíso das Highlands que não pude apreciar, pois estava vivendo meu inferno pessoal.

Eu estava lá fazia apenas poucos minutos quando me invadiu um pensamento: *Será que alguém vai se importar se eu me jogar dessa ponte? Será que alguém vai se importar?*

Tudo o que sentia era isolamento e solidão. Eu estava desesperada. Durante algum tempo, não sei quanto, fixei o olhar no rio e pensei no que aconteceria se eu pulasse lá dentro e deixasse a corrente me levar embora. Será que eu teria ido em frente e pulado? Quão perto cheguei de fazer isso? Honestamente não sei, pois uma vez mais, naquela ocasião, minha mente estava mergulhada em confusão.

Chegou um momento em que tudo o que eu conseguia ver eram imagens de Chris e de minha família – principalmente de Fraser. Eu sabia que não podia fazer aquilo com eles ou com ele. Ao voltar para casa naquela tarde, senti como se estivesse no fundo do poço, mas, na verdade, eu ainda não tinha chegado lá.

No que me dizia respeito, um dos poucos pontos positivos em relação à mudança para a Escócia foi que os agentes comunitários de saúde eram muito mais simpáticos e compreensivos. Tive um desentendimento com os da Inglaterra; não nos demos muito bem. Eles simplesmente não estavam preparados para ouvir minhas preocupações e não me levavam a sério de forma alguma. Não importava o que eu dissesse – tudo parecia errado ou ingênuo. Como se eu fosse ignorante.

Por exemplo, desde o início, Fraser não conseguia reter o leite no estômago. Bastava eu lhe dar uma mamadeira, e lá vinha tudo de volta. Eu dissera a eles que estava realmente preocupada e me perguntava se ele tinha intolerância a lactose ou algo parecido. Eles retrucaram “não seja tão tolinha”. Disseram também que não poderiam recomendar leite infantil sem lactose. Sua resposta típica era que Fraser era um “bebê propenso a cólicas”, e me prescreviam gotas contra cólica. Ao lhe oferecer leite de soja com ainda poucos meses de vida, é claro que as coisas melhoraram um pouco.

Havia por parte dos agentes uma postura bem conservadora, do tipo “você tem que conviver com isso”. Quando mencionei o fato de ele berrar tanto, disseram que “esse era o jeito dele e que era melhor eu me acostumar”.

As coisas progrediram assim que cheguei à Escócia. Fraser não estava nem mesmo cadastrado quando pisei em Balmoral, mas eu logo receberia a visita de uma agente comunitária de saúde chamada Jayne. Talvez não seja exagero dizer que ela salvou minha vida.

Jayne tinha um jeito encantador e tranquilo, e acabei confiando nela. Nunca me tratou como uma mãe neurótica, sempre aceitando e ouvindo o que eu tinha a dizer. É evidente que eu tivera uma depressão pós-parto. Jayne sabia disso. Todo mundo sabia, exceto eu. Ou simplesmente não o aceitava, sobretudo porque isso significaria renunciar ao controle

de minha vida no que me dizia respeito.

Jayne e meu médico prescreveram-me comprimidos para me ajudar a lidar com a depressão, mas eu não os tomava. Não via nada de errado comigo. Não admitia de jeito nenhum. Ficava na defensiva.

– Você está me dizendo que sou uma mãe malvada? – eu gritava.

Para ser honesta, ninguém conseguia chegar até mim.

Quando o verão começou a se firmar, decidi que precisava de uma pausa e fui para Essex passar um tempo com minha família.

Depois de pouco mais de três meses vivendo o inferno com Fraser e mais de dois meses de isolamento na região das Highlands da Escócia, não foi grande surpresa que meu relacionamento com Chris começasse a ficar tenso. Ele ia para o trabalho, tinha o emprego dos sonhos e estava realmente feliz; eu, por outro lado, me sentia tão infeliz que estava à beira de fazer alguma coisa impensável. Pobre Chris! Ele tentava encontrar uma maneira de me alegrar e passava cada minuto que tinha em casa me ajudando. Mas não funcionava. Era muito difícil para ele, que não sabia o que fazer.

Mamãe vivia me pedindo para eu ir visitá-la; então, finalmente, sucumbi a ela e decidi viajar com Fraser. Antes de partir, tive uma discussão horrível com Chris, mas não me lembro agora por qual razão. Lembro, porém, que por algum motivo eu havia colocado na bolsa os comprimidos que me haviam prescrito. Brigamos muito por causa disso; Chris achava que eu deveria levá-los, mas estava convencida de que eram pura perda de tempo e não precisava deles. Apenas os colocara na bolsa em um momento de orgulho ferido, como se dissesse “Está feliz agora que os coloquei na bolsa?”.

Na primeira noite na casa de mamãe, dormi com Fraser ao meu lado, acomodado em seu berço de viagem, que era desmontável. Como de costume, ele chorou, chorou e chorou. Não havia nada de incomum

quanto a isso, tal como no fato de ele vomitar – o que, sem dúvida, aconteceu. Levantei-me, limpei-o, troquei os lençóis do berço e tentei voltar a dormir. Mal havia feito isso quando ele vomitou de novo, mas dessa vez foi diferente. Ele não estava chorando. A essa altura já eram 3h30.

Instintivamente, percebi que havia algo errado; então, depois de limpá-lo e trocar novamente os lençóis, acordei minha mãe.

Ela olhou para ele e foi buscar um termômetro. Ele estava com incríveis 42 graus de febre e agora vomitava sem parar, tanto que não havia mais nada para pôr para fora. Tinha apenas ânsia de vômito.

Mamãe ligou imediatamente para o Serviço Nacional de Saúde e respondeu a um milhão de perguntas, como é de praxe. Fomos orientadas a dar a ele pequenos goles de água e esperar uma hora para ver como ele reagiria, mas logo percebemos que isso não resolvia; então, mamãe ligou de volta e ficou absolutamente furiosa.

– Vocês terão de fazer alguma coisa; o bebê está realmente mal, muito mal! – gritou ao telefone.

A essa altura, o dia estava claro e a clínica local, já aberta. Ligamos para lá, e, a favor deles, uma médica veio rapidamente. Ela olhou para Fraser e disse: “Ele precisa ir para o hospital – agora!”.

Nessa época, mamãe e papai moravam muito perto do Southend Hospital; assim, chegamos lá em cinco minutos.

Não estou exagerando quando digo que, naquela ocasião, Fraser parecia morto. Sua cor não era mais branca. A pele se tornara meio acinzentada, e ele estava praticamente inerte; mal respirava. Parara de vomitar e não chorava fazia horas.

Os médicos correram com ele para a UTI, onde logo lhe espetaram agulhas e o colocaram sob enorme quantidade de tubos para que pudessem injetar fluidos e medicamentos em suas veias. Fiquei lá,

completamente atordoada, incapaz de raciocinar.

Depois de algumas horas, um médico veio me ver e comunicou que Fraser tinha uma gastroenterite muito grave e que não sabia ao certo quanto dano isso provocara, mas tinha esperanças de que poderiam reanimá-lo. Ele disse que as vinte e quatro horas seguintes seriam cruciais.

Deram-me permissão para ficar junto dele. As enfermeiras o colocaram em uma esteira especial, de alta tecnologia, que registrava seus batimentos cardíacos e a frequência respiratória. Mostrava que ele tinha batimentos cardíacos e respirava. Só isso. Tudo aconteceu tão rapidamente que perdi a noção do tempo. Naquela primeira noite, fiquei com ele no hospital. Foi então que, enquanto estava sentada lá, sozinha, a ficha caiu. De repente tudo ficou claro para mim.

Olhei para Fraser, deitado, e pensei: *Você não tem culpa de nada disso.*

Até então, eu estivera perdida nesse nevoeiro, mas, de repente, consegui ver claramente. Eu não tinha lidado bem com a situação; de forma alguma. Guardava toda a raiva contida dentro de mim e a direcionava para o caminho errado. Eu atacava as pessoas próximas a mim: Chris, mamãe e, sobretudo, Fraser.

Lembro-me muito bem de ter pensado comigo mesma: *Meu bebê vai morrer, e tenho todos esses sentimentos em relação a ele. Eu o culpei por tudo. Mas não é culpa dele, pobrezinho! O que foi que ele fez de errado? Nada.*

Foi o ponto de virada, o fundo do poço que eu precisava atingir. Percebi que era necessário me controlar antes que fosse tarde demais.

É estranho como a mente humana trabalha e como uma crise pode nos obrigar a enfrentar nossa realidade. Quando eu estava sentada lá, percebi como esse bebê era precioso para mim e quanto eu o amava. De alguma maneira, perdera a noção desse amor nos últimos meses,

provavelmente em decorrência de minha depressão. Tudo o que eu sabia era que precisava cuidar dele e lhe dar uma chance na vida. De repente, senti que o rancor estava indo embora. Tudo começou a se dissipar. Foi inacreditável.

Na manhã seguinte, Fraser também se transformara. Ele recebera uma quantidade absurda de fluidos nas veias e, como sempre acontece com criancinhas, havia, aparentemente, respondido muito bem e rápido. Um minuto antes, ele estivera à beira da morte; no minuto seguinte, estava a caminho da recuperação.

– Os bebês são surpreendentes; podem adoecer rapidamente e se recuperar com a mesma velocidade – disse o médico quando me trouxe a boa notícia de que Fraser estava se recuperando muito bem.

Senti uma estranha mistura de alívio e clareza de ideias. Sabia exatamente o que fazer. Abri minha bolsa, retirei de lá os comprimidos que me haviam prescrito para a depressão pós-parto, engoli alguns conforme as instruções da bula. E, a partir daí, as coisas lentamente começaram a melhorar.

Mamãe, é claro, telefonara a Chris para contar a ele, que pulou no carro sem demora, dirigindo onze horas, sem saber se seu filho estaria vivo, como estava sua esposa, como estava seu relacionamento com ela, se ainda estava casado. Não consigo imaginar como foi aquela viagem. Deve ter sido o próprio inferno.

Chris ficou tão aliviado quanto eu ao ver Fraser deitado em uma cama tão atento e vivaz como quando partira comigo da Escócia, cerca de trinta e seis horas antes.

Ele voltou dirigindo porque os médicos suspeitavam que Fraser contraíra a gastroenterite no aeroporto ou no avião para Luton. Então, nos aconselharam a levá-lo de volta em um ambiente limpo e seguro. Na verdade, Chris dormiu um pouco durante a viagem de volta ao norte,

obviamente ainda exausto devido a tudo o que passara.

A viagem de carro foi um consolo muito bem-vindo, em grande parte porque deu a Chris e a mim a oportunidade de conversarmos. Pedi a ele desculpas pela maneira como me comportara e lhe expliquei o que andava se passando comigo. Chris é uma pessoa incrivelmente solidária; ele me disse que estava muito preocupado comigo e sentiu um grande alívio em saber que eu tinha acatado o conselho dos médicos e tomaria os medicamentos. No hospital, eu estava preocupada que meu casamento pudesse acabar, mas, quando chegamos de volta à Escócia, senti que estava tudo bem conosco.

Nossos problemas com Fraser não desapareceram, é claro. A vida com ele se tornou, se isso é possível, um desafio ainda maior. Nos anos seguintes, aprendemos cada vez mais a respeito de sua condição. Mas, a partir daquele dia, consegui dar um passo atrás e examinar mais racionalmente todos os problemas. Quando trabalhava no escritório, eu sempre fora uma pessoa lógica e muito organizada. Então, comecei a lidar com os problemas de Fraser da mesma maneira. Minha atitude, desde aquela época, tem sido essa – resolver problemas pensando *O que posso fazer para que ele supere isso? Como posso evitar que isso ou aquilo aconteça?* Assim toco a vida com ele agora. Tenho que agir dessa forma.

Como diz o ditado, o que não mata engorda. É verdade. Uma grande verdade. Aqueles primeiros meses depois do nascimento de Fraser foram muito traumáticos, mas também catárticos. Desde então, tenho vivido de acordo com a mesma filosofia. Ninguém tem culpa por estarmos nessa situação. Não é culpa de Fraser, não é minha culpa, não é culpa de ninguém. No jogo da vida, temos de lidar com as cartas que recebemos; é minha responsabilidade jogar com elas, colocar Fraser em primeiro lugar e fazer tudo o que estiver ao meu alcance para lhe dar uma vida melhor. E é o que faço dia após dia.

Por esse motivo, três anos depois de chegar ao fundo do poço, acabei encontrando Billy, o novo amiguinho de Fraser...



Capítulo 4

Tal e qual

A chegada de Billy foi como uma lufada de ar fresco em nossa vida. Praticamente a partir do momento em que ele pulou para fora de sua gaiola, o ambiente em nossa casa mudou – e para melhor.

Em parte porque Billy era uma presença muito mais significativa do que Toby: mais novo, vivaz e com uma personalidade mais forte. Em seus primeiros dias conosco, ele passeava pelo lugar como se tivesse vivido lá por toda a vida, instalando-se onde quer que se sentisse confortável. Gostava principalmente da despensa e do banheiro nos fundos da casa; várias vezes eu o encontrei bem aconchegado dentro de uma cesta de vime cheia de roupas.

De vez em quando também costumava desaparecer pelos arredores, o que não nos causava nenhuma preocupação especial. Queríamos que ele ficasse dentro de casa por algum tempo – seguindo o conselho do pessoal da Cats Protection, que aplicara algumas vacinas nele antes de entregá-lo a nós –, mas percebemos que seu temperamento era livre demais para ficar trancafiado. Felizmente, nos primeiros dias, ele não ia muito longe. Estava bem mais interessado em subir nas árvores ao redor da Propriedade. Certo dia, da janela da sacada da frente, eu o vi subir rapidamente na árvore mais próxima da estrada. Foi impressionante, se não um pouco assustador. Ele era claramente destemido e ficou lá apenas por algum tempo, balançando-se suavemente na brisa,

examinando a paisagem ao seu redor como um vigia na gávea.

Dentro de casa ele continuava a manter distância de Toby e evitava invadir seu território, no andar de cima. Não que ele o temesse, mas simplesmente não queria se relacionar com um gato entregue à preguiça o dia inteiro. Billy buscava movimento, atividade, sobretudo quando isso envolvia Fraser.

Esse foi outro efeito instantâneo que Billy provocou em nossa vida diária. Ele proporcionava a Fraser a companhia simples, descomplicada pela qual eu ansiava. Eu não esperava muito dele. Afinal de contas, tratava-se de um gato, uma criatura independente. Apenas queria que fosse amigo de Fraser – e ele desempenhava essa tarefa admiravelmente bem.

Os dois continuaram do ponto em que haviam parado nos dois primeiros encontros e estavam se dando muitíssimo bem. Passavam horas juntos todos os dias e pareciam dois irmãos que, separados há muito tempo, tinham se reencontrado; era essa a impressão que eu tinha sempre que Fraser voltava para casa do maternal ou dos médicos.

Billy adquirira até mesmo o hábito de dormir perto de Fraser. Por causa da hipotonia, Fraser não tinha forças para caminhar mais do que alguns metros, muito menos para subir escadas; portanto, dormia no andar inferior. Quando Fraser estava bem acomodado em sua cama e a casa ficava em silêncio à noite, Billy se enrolava no chão do corredor contíguo.

Ao se levantar de manhã, Billy estava sempre por perto. Circulava mansamente pela cozinha, enquanto Fraser tomava o café.

– Meu Billy – Fraser dizia.

Tendo em vista a maneira como Fraser se recusava a interagir com qualquer pessoa ou coisa durante grande parte de sua vida de criança, meu coração se aquecia toda vez que eu testemunhava isso. No grande

esquema das coisas, era uma interação ínfima. Mas para mim era uma coisa linda. Como se Billy estivesse suavemente levando Fraser para o mundo lá fora.

Quando eu tinha um minuto livre, não conseguia deixar de observá-los juntos. Não podia detectar com clareza como isso acontecia, mas comecei a sentir que Billy, instintivamente, conseguia compreender Fraser e suas necessidades.

Por exemplo, Fraser adorava se deitar no chão da sala de estar para assistir à televisão. Tínhamos o assoalho de laminado e um grande tapete quadrado no meio da sala, onde ele gostava de relaxar. Billy percebeu isso rapidamente e sempre se posicionava dentro do alcance de Fraser, que sempre reagia, colocando a cabeça na barriga de Billy ou se aconchegando junto dele. Outras vezes, Fraser se agachava, quase formando uma bola ao lado de Billy. Em várias ocasiões, enquanto tomava uma xícara de chá, eu me sentava na sala com eles e os observava interagindo. Uma coisa que me impressionou desde o início foi como – enquanto eles rolavam no tapete – Billy, com frequência, se inclinava na direção de Fraser, pressionando a testa no seu peito quase como se estivesse lhe dando uma cabeçada. Muitas vezes ele fazia isso enquanto Fraser estava deitado de costas, quase empurrando-o para o chão. Parecia que ele sabia que Fraser gostava disso. Como? Não tenho a menor ideia.

Esse era um aspecto da hipotonia de Fraser do qual só recentemente tomamos conhecimento. Por causa da frouxidão de suas articulações, ele tinha a mobilidade muito limitada. Não andou quando era bebê. Não só isso; não engatinhou. Se queria se locomover, sentava-se e se arrastava. Portanto, tudo o que ele fez de efetivo nos primeiros dezoito meses de

vida foi deitar-se no chão, de costas. Nem mesmo variava essa posição deitando-se de bruços.

Durante esses longos e difíceis meses juntos, eu aprendera a me adaptar a isso; então, por exemplo, quando se tratava de trocar sua fralda, eu o fazia no assoalho, em vez de fazê-lo em um trocador comum. Era a melhor maneira de evitar que Fraser fizesse um escândalo.

Foi só depois de ele ter sido adequadamente diagnosticado que tudo nos foi explicado: ele se deitava daquela maneira porque precisava de apoio e precisava sentir firmeza ao redor. Portanto, deitava-se de costas para ter a sensação de contato, de pressão sobre a coluna e as pernas. Qualquer outra posição o deixava com a sensação de falta de apoio e, portanto, de insegurança. Em dois dias, Billy descobriu o que levamos praticamente dois anos para descobrir. Ele aplicava pressão porque, de alguma maneira, sabia que Fraser precisava disso.

– Esses dois são idênticos – comentei com Chris certa noite, enquanto jantávamos. – Acho que ele entende Fraser melhor do que nós.

– Veremos – disse Chris, arqueando as sobrancelhas. – Vamos ver se ele vai entender Fraser quando vier uma de suas crises nervosas.

Foi um comentário justo e consistente.

À medida que Billy se habituava à vida em nossa casa, passamos por momentos de muita ansiedade. Um deles foi com Pippa, que, é claro, para nós é tão importante quanto Fraser. Estávamos especialmente preocupados com o fato de que Billy poderia achar que o moisés onde ela ficava era um lugarzinho gostoso, onde ele pudesse se aconchegar e dormir. Há histórias horríveis de gatos que sufocam bebezinhos dessa maneira. Mas já estava muito claro que não precisávamos nos preocupar, porque Billy praticamente não dava atenção a ela. Estava muito mais

interessado em passar o tempo no andar inferior com Fraser; assim, ele raramente se aventurava pelo andar superior.

Uma preocupação muito maior, entretanto, era como Billy reagiria a um colapso nervoso de Fraser. Isso me preocupava e eu percebia que preocupava Chris também, principalmente porque ele já notara que Fraser estava formando laços muito sólidos com seu novo amiguinho felino. Nós dois sabíamos que uma séria crise nervosa nos rondava sempre. E se Billy fugisse quando testemunhasse Fraser fazendo um escândalo? E se a dinâmica dessa nova amizade se rompesse antes de ter a chance de se consolidar plenamente? Havíamos mantido contato com Liz na Cats Protection e concordáramos que esperaríamos algumas semanas antes de confirmar que ele ficaria conosco para sempre. Será que teríamos de levar Billy de volta em uma longa viagem até Aboyne? Pior de tudo, que tipo de impacto isso teria sobre Fraser se tivéssemos de devolver seu novo amigo? Não precisamos esperar muito pelas respostas.

Certa noite, no início de julho, Chris chegou em casa de volta do trabalho mais ou menos no mesmo horário de sempre. Estávamos passando por um período de muito calor, e o dia tinha sido particularmente quente e úmido.

– Olá. Fiquei o dia inteiro enfurnado num sótão, sem nenhuma ventilação. Vou tomar um banho rápido – ele disse, enfiando a cabeça na cozinha, onde eu estava com as mãos ocupadas com Pippa, sentada em seu cadeirão tomando o lanchinho da tarde.

Tudo aconteceu tão rápida e instintivamente que nenhum de nós dois teve tempo nem mesmo de pensar que aquilo não fazia parte da rotina. Quando Chris chegava do trabalho, era comum ele sentar-se e tomar uma xícara de chá antes de fazer qualquer outra coisa. É claro que

imediatamente Fraser notou a diferença.

Ele acabara de comer e estava na sala de estar, brincando com Billy. Mal o barulho do chuveiro começou no andar de cima, ele apareceu no corredor, agitado.

– O papai fez tudo errado – disse ele, de pé, balançando para lá e para cá na planta dos pés e cerrando e liberando os pulsos. – O papai fez tudo errado. Não é assim que ele faz – repetiu Fraser, dessa vez cobrindo os ouvidos com as mãos.

Já estava mais do que familiarizada com os sinais denunciadores de uma crise iminente. Afinal de contas, passara mais de três anos a testemunhá-los. Portanto, sabia que não teria feito diferença se, naquela altura dos acontecimentos, Chris reaparecesse e fosse para a cozinha tomar uma xícara de chá como algo rotineiro. Tarde demais. Eu sabia o que viria a seguir. Uma bomba estava prestes a explodir. Preparei-me para o estrondo.

Lenta e inevitavelmente, a face de Fraser começou a mudar de cor. Não é nada engraçado, mas, às vezes, ela se parece com a de um personagem de desenho animado quando fica furioso, realmente furioso. Não demorou um segundo ou dois e ele estava berrando e chorando, e eu tentando acalmá-lo.

Em uma escala de um a dez, o descontrole emocional provavelmente se classificou em seis ou sete; um nove ou dez significaria colocar as mãos na boca, morder os dedos e, então, babar, em estado de total desvario; um dez pleno incluiria sangramento do nariz, o que era de fato inquietante. Mas aquilo já era desagradável o suficiente para que um transeunte se perguntasse se havia dez crianças berrando ao mesmo tempo dentro da nossa casa!

Entre trinta segundos e um minuto já haviam se passado quando Billy apareceu. Ele estivera perambulando por outra parte da casa, mas ouvira

claramente Fraser gritar.

Fraser estava de pé no corredor com as mãos nos ouvidos, berrando. Billy apenas se posicionou à sua frente e olhou para ele.

O caos total estava em curso, mas Billy só sentou lá e absorveu tudo. Em certo momento até mesmo esfregou o rabo em Fraser, como se estivesse tentando acalmá-lo ou tranquilizá-lo.

A princípio Fraser não notou, mas, depois de alguns segundos, registrou a presença de Billy; isso, porém, não o fez parar de gritar, mas parecia ser um sinal para Billy, que circulou ao redor de Fraser e ao meu redor, enquanto, pouco a pouco, fizemos as coisas voltar ao normal.

Chris surgiu alguns minutos depois, secando o cabelo com uma toalha e com um olhar de desculpas no rosto.

– Perdão, não pensei direito – ele me disse.

Como já havia vivido ataques de cólera de Fraser o suficiente, eu estava bem calejada.

– Tubo bem – eu disse – A notícia boa é que Billy não se assustou.

– É mesmo? – disse Chris. – Eu vi o Toby escondido debaixo de nossa cama e achei que Billy tivesse se assustado e fugido também.

– Absolutamente – respondi. – Não sei o que se passou em seu antigo lar, mas ele não se perturbou nem um pouco. Incrível como um gato tão novinho consegue lidar com isso, não?

Chris apenas fez um aceno com a cabeça, desceu a escada e entrou na cozinha.

– Espero realmente que possamos mantê-lo aqui, mas vamos dar mais algum tempo, você concorda? – Chris sorriu e finalmente ligou a chaleira para fazer sua xícara de chá, que já estava atrasada.

Ele me conhecia o bastante para saber por onde minha mente caminhava.

– Eu sei que você quer que ele seja o melhor amigo de Fraser, mas

você sabe como ele é imprevisível. Não quero vê-la contrariada novamente. Lembre-se do que aconteceu com Toffee.

Como se eu pudesse esquecer...

Pouco mais de dois anos antes havíamos adquirido um cão, um cruzamento de saluki com whippet, resgatado pela instituição Scottish Greyhound Sanctuary.

Nós o adquirimos para mim, mais do que para Fraser ou Chris.

Nos meses seguintes ao diagnóstico de depressão pós-parto, eu tinha decidido que precisava de alguma companhia além de um filho que gritava o tempo todo. Nessa ocasião, tínhamos conseguido mudar do chalé do meio do bosque para o que chamamos de uma “casa-portaria”, bem na periferia da Propriedade Balmoral, perto da ponte sobre o rio Dee, onde fica a entrada principal para o castelo. Não era o lugar ideal para Fraser, mas era muito menos isolado, o que foi um verdadeiro consolo, tendo em vista que era novembro e o inverno escocês já se aproximava.

Sempre adorei cães e me apaixonei perdidamente por esse. Batizei-o de Toffee. Às vezes ainda me sentia sozinha, mas Toffee me dava um pouco mais de foco na vida e eu adorava levá-lo todo dia comigo, quando saía com Fraser no carrinho e andávamos nas proximidades de Balmoral.

Durante algumas semanas, ousei esperar que aumentássemos a família e que tivesse companhia para os dias longos e sombrios que me aguardavam.

Porém, logo ficou bem claro que ele e Fraser não eram compatíveis. Nessa fase, Fraser começara a se arrastar cada vez mais pelo chão. Isso era um problema, porque Toffee estava no período de troca de pelo, que

caía em enorme quantidade nos tapetes. Fraser se dava bem com nosso gato Toby, mas era realmente sensível a pelo e caspa de cachorro, de modo que a queda de pelo de Toffee estava lhe provocando sangramento no nariz e ataques de asma; isso acabou nos obrigando a levá-lo ao médico várias vezes.

Não demorou muito tempo para Chris e eu chegarmos à conclusão inevitável: Toffee teria de voltar para a Sanctuary. Eles se mostraram incrivelmente compreensivos e não tiveram o menor problema em encontrar outro lar para Toffee. Concordamos em viajar até Dundee para entregá-lo a um voluntário que iria levá-lo para Berwick-upon-Tweed, na fronteira da Escócia com a Inglaterra.

A viagem até lá foi horrível. Fraser ficou em seu assento, Toffee em sua caminha, na parte traseira, e eu no banco da frente com Chris, sentindo o coração arrebatado, partido em mil pedacinhos novamente.

Havíamos combinado de encontrar o voluntário no estacionamento de uma enorme *pet shop*, onde entregaríamos Toffee. Mas, quando estacionamos, senti que não conseguiria enfrentar aquilo. Eu me sentia triste demais. Então, levei Toffee para um rápido passeio, disse-lhe adeus e o passei a Chris para que ele o entregasse ao voluntário. De volta ao carro, tentei não chorar muito para não alarmar Fraser, mas foi uma batalha perdida.

Foi um período cruel, e essa foi outra coisa cruel que aconteceu. Mas eu me lembrava da promessa que fizera a mim mesma e a Fraser – e logo me aprumava novamente. Não tinha escolha.

Nesse período, Fraser já começava a dar provas muito claras de que tinha sérios problemas em seu desenvolvimento.

Tenho certeza de que todos os pais têm um daqueles livros que contêm todos os marcos significantes que seus filhos devem atingir quando chegam a certa idade. Há fases em que devem estar andando,

falando, indo ao banheiro e se alimentando sozinhos. Quanto a Fraser, percebi logo que poderia esquecer todos esses marcos. Ele não iria atingi-los. Nenhum deles.

Como mãe, compreendi que cada um desses marcos perdidos apenas confirmava o que eu já sabia: havia algo de errado. Porém, os médicos só começaram a investigar sua condição quando ele perdera tantos desses marcos que isso começou a chamar a atenção deles também. Em janeiro de 2009, com dez meses, Fraser foi encaminhado a um especialista em ortopedia, porque achavam que poderia haver alguma coisa errada, já que ele não mostrava nenhum progresso no sentido de começar a andar. Tudo o que fazia era ficar deitado de costas.

Ele foi examinado, mas não conseguiram encontrar nada de específico; então, encaminharam-no para uma especialista em pediatria em Aberdeen, dra. Stephen.

Autismo foi a explicação óbvia para grande parte de seu comportamento, mas fomos informados de que ele era ainda muito novo para a confirmação desse diagnóstico. De maneira geral, crianças não eram diagnosticadas como autistas enquanto não fizessem quatro anos. Como muitas vezes, foi bem dramático continuar a seguir em frente.

* * *

Numa segunda-feira, com cerca de catorze meses, Fraser estava deitado no chão, tamborilando nas pernas como costumava fazer. Mas, de vez em quando, ele ficava também muito rígido. Então começava a se sacudir e tremer. Fazia isso repetidamente; enrijecia, estremecia, enrijecia, estremecia. Por algum tempo voltava ao normal, mas em seguida tudo recomeçava. Algo que já havíamos notado algumas vezes antes, mas nunca dessa maneira. Era muito triste de ver, e, é claro,

ficamos preocupados. Achamos que ele poderia estar tendo uma convulsão.

Telefonei para a mãe de Chris, porque naquela época ela trabalhava com adultos portadores de necessidades especiais. Eu sabia que ela possuía alguma experiência em relação a convulsões. Assim que descrevi o que ele estava fazendo, ela me mandou chamar uma ambulância.

É lógico que não foi tão fácil assim. Chris telefonou imediatamente ao Serviço Nacional de Saúde e teve que responder a uma enorme quantidade de perguntas. Ele lhes disse que Fraser estremecia e enrijecia. Mencionou também que ele não estava agindo de forma coerente e estávamos muito preocupados com a sua cor. Na verdade, a pele dele estava arroxeadada. No fim das contas, eles enviaram uma ambulância.

O paramédico compartilhou de nossa preocupação. Durante os últimos dez minutos da viagem até o hospital, a luz azul de emergência foi acionada, porque a cor de Fraser estava piorando. Mas logo ele foi colocado sob mãos seguras.

Depois de algum tempo, um especialista nos procurou com a certeza absoluta de que não se tratava de convulsão, embora não tivesse nenhuma explicação alternativa naquele momento. Sugeriu que Fraser fosse mantido sob observação, o que foi desalentador ao extremo. Ficamos muito angustiados.

Por coincidência, havíamos marcado uma consulta com a dra. Stephen para daí a dois dias. Já nos consultáramos com ela mais ou menos um mês antes, quando nos pedira que observássemos Fraser e, se possível, que o filmássemos. Chris havia filmado várias de suas crises nervosas e também esses estranhos momentos que pareciam uma convulsão, os quais planejamos mostrar a ela na consulta seguinte.

Fiquei com Fraser na noite de segunda-feira, enquanto Chris foi para casa e retornou no dia seguinte com sua mãe e a câmera digital.

Por outra coincidência, quando desci para o café, a dra. Stephen tinha chegado cedo naquela manhã de terça-feira com uma equipe de colegas. Falando mais estritamente, deveríamos vê-la no dia seguinte, mas ela decidiu examinar Fraser lá mesmo naquele momento. Chris estivera presente, porém havia saído para me buscar, deixando sua mãe com a doutora, que começou a examinar o vídeo.

Os médicos viram o filme três ou quatro vezes, e pareciam muito preocupados enquanto o assistiam. Quando voltamos, a dra. Stephen reforçou que não se tratara de uma convulsão.

– É um comportamento de autogratificação de alguma espécie – disse ela. – Acho que precisamos submeter Fraser a testes mais detalhados.

Esse momento significou muito para nós, porque induziu as autoridades médicas a prestarem atenção ao caso. Depois disso, Fraser teve que se submeter a um exame de ressonância magnética e a uma eletroencefalografia, durante a qual teve monitores colocados em toda a cabeça para que pudessem medir as ondas cerebrais, em busca de sinais de epilepsia. Felizmente, nada encontraram.

Então, alguns meses depois da “convulsão”, em agosto de 2009, Fraser foi chamado para passar uma semana em Aberdeen, fazendo exames, sob observação num centro médico infantil especializado. Com certeza, até aquele momento, essa consistiu na semana mais importante da vida de Fraser.

Chris teve de pedir licença do trabalho por uma semana, o que não foi fácil, pois a rainha estava no palácio. Todos os dias tínhamos que fazer a viagem de uma hora e meia até uma escola infantil de desenvolvimento para crianças com necessidades especiais. O prédio era também um centro de terapia e tratamento de crianças portadoras de deficiência física; então, quando entramos lá, tivemos uma sensação muito boa. Havia todo tipo de coisas sensoriais nas paredes, rodas de

madeira para girar ou saliências para as crianças tocarem à medida que caminhavam, e tudo ao alcance delas, o que funcionava muito bem.

Para Fraser, a sensação de entrar em um novo prédio com uma grande quantidade de longos corredores era bastante assustadora, mas, como havia todas essas coisas ao alcance, seu medo foi embora; achei a ideia muito inteligente. Havia um grande salão de jogos com um daqueles espelhos unidirecionais ao longo de toda uma parede. Chris e eu pudemos nos sentar atrás do vidro para observá-lo por algum tempo.

Fraser não era a única criança sendo avaliada; havia seis, incluindo ele. Todos tinham menos de cinco anos, mas Fraser era o mais novo. Cada criança contava com a ajuda de uma assistente. Elas eram então visitadas por uma fonoaudióloga, uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional. Passaram uma semana observando todos os aspectos do comportamento de Fraser. Por exemplo, queriam ver sua reação a diferentes texturas; deixaram-no brincar com espuma de barbear, gelatina, areia, água, tinta, uma grande variedade de outras substâncias meladas ou algum tipo de meleca, para ver o que o atrairia e o que não o atrairia. Observaram também como nós interagíamos e conversávamos com Fraser; depois passaram algum tempo individualmente com ele e conversaram conosco.

Na verdade, houve momentos em que não contive o riso.

– Parece que você sabe intuitivamente o que Fraser quer – alguém me disse em determinado momento.

Apenas sorri.

– Não; é que durante dezoito meses ele só gritou para se comunicar comigo – respondi. – Ele nunca pede nada diretamente. Apenas aprendi a reconhecer o que ele quer, porque ele é uma criança que precisa de uma rotina extrema e aprendi essa rotina – expliquei.

Para ser justa, eles detectaram uma porção de coisas que nós nunca

havíamos percebido. Por exemplo, sabíamos que Fraser tinha uma visão realmente boa e podia localizar coisas a grande distância, mas não percebêramos que, se apontássemos alguma coisa, ele se recusaria a seguir nossa linha de visão. Trabalhando com as enfermeiras, ele não se envolvia dessa maneira. E houve outros *insights* que, de fato, tinham muito de verdade.

Alguém, por exemplo, comentou que Fraser era mais determinado a não fazer do que a fazer coisas. Não pude deixar de concordar com isso. Quando estávamos viajando, por exemplo, ele se decidira firmemente a não dormir. Era a mesma coisa quando estava num carrinho e em um berço que não era dele. Como se tivesse tomado uma decisão consciente: *Sei o que você quer que eu faça, mas não vou fazer e usarei o máximo de minha energia para não fazer o que você quer que eu faça.*

Foi uma semana muito estranha. Foi estranho observar as pessoas falando com Fraser ou interagindo com ele, depois fazendo anotações numa prancheta ou num caderno. De certa forma, me senti culpada por permitir que estranhos tratassem dele quase como uma cobaia. Mas precisávamos de respostas, e essa era a única forma de consegui-las.

Passada a semana, Chris e eu fomos convidados a ir até Aberdeen para conversar com todos os especialistas e discutir o futuro de Fraser. Esse dia ficará para sempre em nossa memória.

Deixamos Fraser em casa com a mãe de Chris e seguimos de carro para Aberdeen pela última vez naquela semana. Entramos numa sala com uma mesa grande e oval, de mogno, ao redor da qual estavam sentadas doze ou treze pessoas. Havia todo tipo de terapeutas especialistas que haviam trabalhado com Fraser, e cada um tinha algo a dizer. Tudo estava resumido no volumoso relatório que nos foi entregue no início da reunião.

A leitura do relatório foi devastadora.

Novamente, muito do que estava escrito confirmou coisas que já sabíamos. O psicólogo clínico anotou que ele tinha dificuldade de interação com estranhos e sentia medo se fossem até a porta de casa. Concordamos. Certa vez, passamos longas horas acalmando Fraser quando um homem veio inesperadamente à nossa casa para ler o medidor de energia elétrica.

Estava também anotado no relatório que a comunicação social de Fraser era seriamente limitada e restrita a apenas vinte e cinco palavras, coisa que também já sabíamos. Mas, é claro, eu também sabia que ele tinha outras vinte e cinco maneiras de gritar e berrar. Essa era sua única e própria forma de comunicação.

Os médicos também anotaram no relatório que Fraser tinha problemas com muitas das coisas que encontrava no dia a dia, em especial suas xícaras. Ele tinha que beber em uma xícara específica e ficava extremamente tenso se não bebesse nela, disseram eles. Mais uma vez, eles confirmavam realidades com as quais estávamos muito familiarizados. Tive que comprar dezenas e dezenas de xícaras antes de encontrar uma que deixasse Fraser feliz. Ainda tenho em casa prateleiras cheias das que ele rejeitou.

Contudo, uma coisa que não sabíamos se relacionava ao período de quando ele tinha oito ou nove meses e fazia algo muito estranho. De tempos em tempos ele trazia os joelhos para junto do corpo e então batia os pés no chão com muita força. Isso fora registrado pelo nosso médico na ocasião e discutido em conversas conosco durante a semana. Na época, os médicos achavam que era prova do que eles chamavam de “rigidez tônica dos membros”. O alarmante é que esses médicos passaram a discordar do veredito feito pelo hospital poucos meses antes e achavam que isso poderia muito bem ter sido causado por “convulsões”.

Sabíamos que as conclusões eram a peça-chave, porque teriam enorme impacto no futuro de Fraser. Elas confirmaram nossos temores.

O relatório concluía que Fraser se encontrava – para utilizar a frase deles – “no espectro do autismo”. Mencionava também que ele tinha problemas comportamentais e deram um nome à frouxidão de seus membros, que já havíamos identificado há meses: hipotonia.

À medida que digeríamos e discutíamos todas as conclusões dos especialistas ao redor da mesa, fomos percebendo que o veredito era muito nocivo. Não ficou claro se Fraser teria condições de andar ou se locomover da forma devida. Terapia poderia ajudar, disseram eles, mas, quanto à sua fala, não havia nenhuma garantia. Um dos médicos foi inflexível, dizendo que dependeria de Fraser. Ele disse que Fraser era muito persistente e que “chegaria lá quando estivesse pronto”.

Quanto ao seu futuro educacional, a conclusão foi muito mais definitiva. “Fraser nunca terá condições de frequentar uma escola convencional”, disse uma das médicas em determinado momento. Lembro-me dessa frase como se a tivesse ouvido cinco minutos atrás. Foi como uma estocada – no meu coração e no de Chris. A doutora não estava sendo maldosa; apenas cumpria sua função e falava objetivamente conosco. Podemos não ter gostado de saber disso, mas era o que precisávamos ouvir.

Sob vários aspectos, esse foi um momento paradoxal. Por um lado, Chris e eu ficamos absolutamente desolados. Nós, pais, alimentamos tantas esperanças e ilusões para nossos filhos! A meia hora – ou perto disso – que passamos naquela sala em Aberdeen pôs um fim em quase todas elas.

Mas também me senti vingada, e como. Por muito tempo ninguém me ouvira. Agora as pessoas mais respeitadas da Escócia em suas respectivas áreas haviam confirmado o que eu suspeitara havia dezoito

meses. Todos aqueles que haviam dito que eu estava neurótica e exagerando em minhas reações estavam errados.

Houve também outro ponto positivo. O diagnóstico de Fraser significava que conseguiríamos muito maior ajuda para cuidar dele. Depois de um ano e meio lidando efetivamente com meu filho sozinha, recebi ajuda profissional sob a forma de fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia.

O administrador de Balmoral foi também maravilhosamente prestativo. Sempre perguntava a respeito de Fraser e, quando lhe contamos sobre o diagnóstico, ele se mostrou pronto a ajudar no que fosse necessário.

A casa-portaria não era uma casa ideal. Para começar, Fraser não subia escadas; então, sem Chris por perto para ajudar, eu tinha de carregá-lo, subindo e descendo com ele ao longo de um lance desajeitado de degraus de pedra, para ir ou voltar de seu quarto. A escada se espiralava várias vezes na subida. Carregar uma criança flácida nos braços era um verdadeiro desafio para mim, e houve ocasiões em que me sentia como se arrastasse um peso de dez toneladas montanha acima.

Isso à parte, tratava-se de uma construção de pedra muito antiga e fria, o que significava que Fraser sentia muito frio no assoalho. Embora houvesse tapetes, havia um vácuo abaixo da laje que a deixava gelada pela manhã e à noite.

Por último, mas não menos importante, havia um problema com a iluminação. Uma das providências imediatas que os médicos haviam tomado, mesmo antes de irmos a Aberdeen, foi comprar para Fraser uma cadeira ortopédica especial que lhe dava apoio extra para ficar de pé. O problema era que as janelas eram muito altas lá em casa e ele não conseguia olhar para fora. Seus novos terapeutas haviam concordado com Chris e comigo que não era bom para uma criança que precisava de

estímulo viver em uma casa onde ficava praticamente no escuro. Para ele, isso significava uma pequena prisão, pois não conseguia ver o mundo lá fora.

O administrador foi muito compreensivo quando lhe explicamos tudo. Ele prometeu procurar outra casa para nós e mencionou um lugar que achava que poderia ser adequado; tratava-se de outra das muitas casas da Propriedade, alguns quilômetros distante de Balmoral, no trecho de terreno aberto perto de Ballater. Uma senhora idosa, que costumava trabalhar na Propriedade, estava morando lá, mas, como ela estava se sentindo muito fraca, fora encaminhada para uma casa de repouso.

O administrador examinou a casa e chegou à conclusão de que não havia o que discutir: tinha apenas um nível, as janelas eram bem baixas e havia claridade. Para todos nós, fora um enorme avanço. A casa nos deu um verdadeiro estímulo, sobretudo quando Fraser começou a fazer muita terapia.

Revendo agora o passado, percebo que aquele período representou uma significativa melhoria para nós. Durante um ano e meio havíamos em grande parte sido entregues aos nossos próprios artifícios. Sabíamos que havia algo errado, mas não tínhamos nenhuma ajuda profissional de um especialista para compreender e muito menos para tentar nos ajudar a resolver os problemas de Fraser. O diagnóstico oficial transformara tudo. Deixamos de nos sentir sozinhos e começamos a encontrar uma porção de gente talentosa. Uma delas se destacou, a fisioterapeuta chamada Helen.

Um especialista em Aberdeen fora inflexível ao afirmar que os problemas de Fraser para ficar de pé e caminhar estavam associados com

seu desenvolvimento. Seu conselho foi para que tivéssemos paciência e esperássemos. “Ele vai andar quando estiver pronto para andar; ele está apenas sendo teimoso”, disse ele. Mas, assim que Helen começou a trabalhar com Fraser, ela nos disse que discordava do especialista. “Há muito mais na questão do que apenas isso”, afirmou.

Com muita rapidez, Helen detectou um problema com os tornozelos de Fraser, o de que eles giravam praticamente 360 graus. Por causa da hipotonia e da falta de tônus muscular, havia tanta frouxidão nos músculos que, quando ele tentava colocar peso nos tornozelos, eles literalmente desmoronavam. A mesma coisa acontecia quando ele apanhava coisas. A analogia a que chegamos naquela época foi com um daqueles jogos “ganhe um brinquedo” que se vê em parques de diversões e fliperamas, no qual você abaixa uma engenhoca metálica parecida com um guindaste a fim de agarrar um ursinho de pelúcia ou um carrinho de brinquedo. Quase sempre é impossível apanhá-lo. No momento em que a engenhoca encosta no brinquedo, ele simplesmente cai. É absolutamente impossível agarrá-lo. Era assim que acontecia com Fraser. Portanto, ele não tinha a menor condição de suportar seu peso – e chance menor ainda de andar.

– Por isso ele não fica de pé. Não tem nada a ver com seu desenvolvimento; ele não consegue fazer isso por causa de um problema físico. – Helen nos explicou.

Então, ela recomendou que ele usasse um par de talas especialmente moldadas para apoiar seu peso ao redor dos tornozelos.

O especialista discordou, o que não foi surpresa, mas Helen desafiou sua autoridade. Lutou com unhas e dentes por nós e, no final, venceu. Fraser conseguiu suas talas e em muito pouco tempo conseguia ficar de pé e dar os primeiros passos. Não fosse por Helen, talvez esperássemos meses, até mesmo anos, para esse importante avanço.

O admirável com relação a Helen era sua aura. Ela fazia bem o tipo New Age – cabelos compridos e brincos pendentes longos – e foi a influência mais tranquilizadora e positiva de nossa vida naquele período. Além disso, teve um profundo impacto sobre Fraser. Ela o acalmava.

Todos os outros tinham de se empenhar muito para ganhar a confiança de Fraser, que algumas vezes até se voltava contra eles. Chegou a impedir um fisioterapeuta de tocá-lo, o que, claro, foi um problema.

Mas, com Helen, a confiança dele veio instantaneamente, desde o primeiro dia.

Helen continuou seu caminho, mas, passados quase dois anos, eu não deixava de pensar nela quando observava Fraser e Billy juntos. Eles pareciam ter aquele mesmo elo instantâneo e nível de confiança. À medida que Billy se adaptava à vida conosco, essa confiança só florescia.

Em nossa casa, depois de sobreviver à primeira semana, ou um pouco mais, Billy começou, de fato, a se divertir e relaxar. Com o verão no auge, ele passava grande parte do tempo explorando nossos jardins, as árvores e os arbustos das proximidades. Para nossa surpresa, isso teve um impacto quase imediato sobre Fraser.

Infelizmente, Fraser não gostava muito de sair para o jardim, talvez por considerá-lo meio assustador; sentia-se melhor dentro de casa. Chris e eu nos incomodávamos com isso, sobretudo quando o tempo estava bom. Uma das razões por que gostávamos da casa era o fato de estar distante da estrada e ter ao seu redor 2.023 m² de terreno, incluindo um gramado muito bonito. Tínhamos uma grande manta acolchoada e Chris levava Fraser para o jardim, colocava-o sobre a manta, para que nós três pudéssemos desfrutar do clima agradável. Mas ele não aceitava ficar lá;

ou gritava e urrava até que o trouxéssemos de volta para dentro de casa ou, se isso não funcionasse, engatinhava o caminho de volta, geralmente se instalando na varanda; sentava-se lá e ficava girando a roda de seu carrinho. Mais uma vez, ele estava decidido a não fazer o que queríamos e disposto a lutar para conseguir isso.

Entretanto, um dia, no final de uma tarde ensolarada, aproximadamente três semanas depois da chegada de Billy, Chris e eu decidimos nos sentar no jardim por mais ou menos uma hora. O dia estava realmente glorioso, e o sol ainda era visível através da enorme floresta de pinheiros que se estendia para o leste. Durante alguns minutos preciosos ficamos lá sentados, sentindo que tudo corria bem com a família. Fraser estava dentro de casa, assistindo à televisão. Pippa, que então tinha oito meses, acabara de tomar seu lanchinho e tirava uma soneca no andar de cima. Billy perambulava pelas redondezas. Tudo estava calmo... bem... tão calmo quanto era possível em nossa casa.

Estávamos sentados lá fazia pouco tempo quando vi uma figura na varanda.

– Chris, veja! – disse, cutucando-o de leve.

Fraser havia obviamente se arrastado ao longo da sala de estar, mas não estava nem um pouco agitado. Na verdade, parecia calmo e feliz. Por um momento ele se sentou lá, girando as rodas do carrinho que estava de cabeça para baixo na varanda e, ao mesmo tempo, arqueando o pescoço de forma a olhar para o jardim.

Depois de alguns minutos, esgueirou-se até a porta e começou a sondar a área. Então começou a gritar:

– Billy! Billy!

Chris e eu apenas sorrimos um para o outro e ficamos observando.

De onde se encontrava na varanda, Fraser não conseguia ver todo o jardim; então se levantou e deu alguns passos inseguros no gramado e

nas moitas em busca de seu amigo.

– Billy! Billy! Cadê você? – repetia de vez em quando.

Chris estava a ponto de se levantar e pegar o acolchoado de Fraser, mas coloquei minha mão sobre a dele e lhe pedi que ficasse sentado.

– Vamos esperar um minuto e ver o que acontece – eu disse.

De repente, percebi alguma agitação numa moita ao lado da casa. Billy apareceu, meio sujo e enlameado. Havia alguma excrescência grudada em seu corpo e ele parecia levemente sem fôlego, como se tivesse corrido muito. Quando avistou Fraser, foi imediatamente em sua direção.

Àquela altura, Fraser arranjava um jeito de descer o único e raso degrau que conduzia ao gramado e caminhar alguns metros na grama – o que estava perto de seu limite. Então se ajoelhou e esperou a chegada de seu companheiro.

– Olá, Billy – disse ele. Em seguida, começou a cochichar e conversar com ele baixinho, reapropriando-se da linguagem secreta que, aparentemente, eles haviam desenvolvido.

Nesse momento, Chris foi até Fraser e o ajudou a chegar até o gramado onde colocara a manta. Naturalmente, Billy o seguiu.

Nos vinte minutos seguintes, ou perto disso, os dois ficaram deitados lado a lado, afagando-se e lutando um contra o outro sob a luz do entardecer.

Isso foi uma bênção para nós, não apenas porque nos deu uma pausa muito bem-vinda, mas por confirmar o que notáramos naqueles últimos dias.

Sob alguns aspectos, Fraser era uma criança típica; particularmente no que diz respeito a reagir bem aos incentivos. Se você desse a ele uma razão para fazer algo, havia boas chances de que ele o fizesse. Billy o estimulava a se levantar e se locomover. Em várias ocasiões ele

perambulava pelo banheiro ou pela cozinha, enquanto Fraser assistia à televisão. Sem qualquer rebuliço ou protesto, Fraser se levantava e seguia seu companheiro. Se pedíssemos a Fraser para ir até a cozinha ou ao banheiro, a probabilidade era de que ele não o fizesse. Mas o fato de que Billy estava lá significava que devia haver alguma coisa interessante acontecendo que ele também precisava verificar.

As coisas haviam progredido a ponto de motivar Fraser a seguir Billy até o jardim.

Mais uma vez isso poderia parecer uma coisa insignificante para a maioria dos pais, mas para nós era muito importante. Estávamos absolutamente maravilhados.

Naquela tarde ficamos sentados no jardim até a hora do crepúsculo.

– Você enviou a Liz aquele e-mail confirmando que Billy vai ficar conosco? – Chris perguntou, quando contemplávamos o céu vermelho-sangue do crepúsculo.

– Ainda não – respondi.

– Acho que é melhor fazer isso, você não acha? – ele disse, apertando minha mão.



Capítulo 5

O cordão perdido

Numa manhã de agosto, por volta das dez horas, apanhei o aspirador e entrei no quarto de Fraser. Eu o deixara em uma escola infantil meia hora antes; Pippa brincava alegremente de empilhar copos no tapete da sala de estar; então, quis aproveitar o momento para trocar os lençóis da cama de Fraser e fazer uma limpeza geral antes de me gratificar com uma gostosa xícara de chá.

Toda a ideia de uma pausa relaxante no meio da manhã desapareceu no instante em que entrei no quarto dele e olhei para seu armário ao lado da cama.

Senti o coração afundar no peito.

– Ai, meu Deus! – Eu me vi falando alto. – Ele esqueceu o cordão.

O cordão vermelho de Fraser tinha sido parte central de sua vida durante mais de um ano e meio até então.

É claro que muitas crianças têm coisas às quais são muito apegadas, seja um cobertor ou um ursinho de pelúcia. Deus sabe o quanto tentei fazer Fraser se interessar por alguma coisa mais normal como essas, mas nenhum dos brinquedos que eu comprara para ele o fascinou tanto quanto esse desgastado pedaço de cordão de sapato, um cordão com cerca de trinta centímetros. Fraser o levava consigo aonde quer que fosse.

De certa maneira, era sua válvula de escape. Se estava ansioso ou

agitado, Fraser ondeava o cordão como se fosse um laço de laçar animais para que pudesse se “desligar” do que acontecia ao seu redor. Aparentemente, a ação era comum em crianças autistas. Ele ficava de pé, com as mãos estendidas para trás, e começava a rodopiar o cordão à sua volta em boa velocidade. Era hipnotizante, até mesmo para mim que o observava. Tenho certeza de que o efeito era maior ainda para ele. Quando estava lá, de pé, rodopiando seu cordão, ele realmente perdia o contato com o restante do mundo.

Na verdade, tratava-se de seu segundo pedaço de material semelhante a um laço de colher animais em movimento. O precursor do cordão fora uma correia de plástico de um de seus carrinhos de bebê que, de alguma forma, ele arrebitou e levava para todo lado quando tinha apenas um ano de idade. Ele ainda a tinha quando foi examinado em Aberdeen, o que fascinou os médicos especialistas de lá. Mas, desde então, a correia fora substituída em suas afeições por esse pedaço de cordão.

Eu não tinha a menor ideia de onde ele surgira. Tudo o que eu sabia era que estava tão intimamente ligado a Fraser quanto o cordão umbilical com o qual nascera.

O cordão era bem longo; então, quando Fraser começou a brincar com ele, Chris e eu fizemos uma série de nós para diminuir seu comprimento. Muitas vezes, Fraser levava o cordão com ele para a cama e queríamos evitar que ele, acidentalmente, o amarrasse em volta do pescoço. Se isso era assustador, a perspectiva de imaginá-lo perdendo o cordão era provavelmente ainda mais assustadora. Isso deixava Chris e a mim muito nervosos, com boas razões. As mínimas coisas poderiam impelir Fraser a um surto de fúria. Não conseguia imaginar que tipo de surto ele teria se não conseguisse encontrá-lo.

Portanto, quando vi o cordão ao lado da cama, o pânico começou a

tomar conta de mim. *Ele vai ficar absolutamente furioso*, pensei.

Depois de alguns minutos, entretanto, o pânico foi substituído pela perplexidade. Por que será que ele não mencionou a questão mais cedo, quando estávamos no carro? Por alguma razão, Fraser não gostava de levar o cordão para a escolinha; então, ele sempre insistia em deixá-lo no mesmo lugar no assento traseiro do carro quando viajava para lá de manhã. O cordão tinha que estar lá, exatamente na mesma posição, quando saía da escola novamente, algumas horas mais tarde. Era, sem dúvida, estranho que não tivesse mencionado a falta nessa manhã.

Fui para a cozinha e liguei a chaleira. Enquanto preparava minha xícara de chá e pensava sobre a questão, senti que a ansiedade diminuía.

Pense a respeito disso, Louise, disse a mim mesma. *Se ele realmente quisesse levá-lo, mas, de alguma forma, se esquecesse, eu ficaria sabendo quase que imediatamente. Teríamos passado por um escândalo no carro, e muito provavelmente eu teria voltado para pegá-lo. Mas não houve nada. Nem um pio.*

Decidi deixar o cordão lá e esperar para ver se ele fora substituído por alguma outra coisa. Fraser era sempre imprevisível. Talvez ele tivesse encontrado uma nova válvula de escape. Talvez tivesse encontrado um novo pedaço de cordão para rodopiar ao seu redor. Não havia como adivinhar. Coloquei tudo de volta no fundo da cabeça e continuei a limpeza e o restante de minha rotina naquela manhã.

Minhas preocupações já eram mais do que suficientes. Finalmente, recebêramos a oferta de uma casa dentro da Propriedade Balmoral e tínhamos apenas poucas semanas para preparar a mudança; portanto, começáramos a desocupar as prateleiras e caixas de papelão pipocavam em diferentes aposentos da casa. Minha mãe viria me ajudar, o que era uma dádiva; mas, por enquanto, eu tinha “entulho” acumulado de dois anos para separar, principalmente no quarto de Fraser.

Sentada lá, remexendo nas caixas de brinquedo, não pude deixar de balançar a cabeça e me admirar do que Chris e eu havíamos feito em uma tentativa vã de atrair a atenção de Fraser.

Mesmo antes de ele ser oficialmente diagnosticado, eu pesquisara cada site existente em busca de brinquedos sensoriais ou outros apropriados para crianças autistas. Nenhum deles prendeu sua atenção. Em certa ocasião, Chris e eu forráramos o assoalho de seu quarto com um piso de linóleo que mostrava uma rua com um hospital, uma estação de corpo de bombeiros e construções de todo tipo. Nosso raciocínio era que ele passava muito tempo no chão e também tinha uma porção de carrinhos. Nós o imaginamos sentado lá, como qualquer outro garoto, dirigindo seus caminhões e carros de bombeiro e outros carros para cima e para baixo. Mas isso não aconteceu. Sempre que Chris e eu entrávamos no quarto de Fraser, nós o encontrávamos sentado lá com os carros virados de cabeça para baixo e as rodas girando. Ou era isso, ou ele ignorava os brinquedos completamente e rodopiava o maldito cordão. Era muito frustrante.

Depois de certo tempo, aprendi a não me preocupar e parei de comprar brinquedos. Não por má vontade; apenas porque eu não sabia o que iria deixá-lo feliz. Se estávamos fora de casa e eu visse alguma coisa em uma loja beneficente eu pensava: vou tentar isso. Era impossível saber.

Houve alguns sucessos ocasionais. Uma das melhores coisas que comprei para ele foi uma fita métrica do desenho animado Bob, o Construtor, que custou 25 centavos. O próprio Fraser a achou, remexendo um cesto de pechinchas em uma loja beneficente em Ballater. Ele passava horas brincando com a fita. Sentava-se lá e ficava esticando-a e depois enrolando-a novamente. Era esse tipo de coisa que agradava Fraser – algum objeto com um mecanismo que pudesse se repetir

indefinidamente.

Porém, a maioria dos brinquedos fora um fracasso. Enquanto limpava o quarto naquela manhã, vi a lâmpada em forma de bolha com peixinhos de plástico, que eu comprara para despertar em Fraser algum tipo de estímulo sensorial. Eu a colocara em um canto de seu quarto junto com alguns brinquedos interativos realmente bonitos que um de seus terapeutas recomendara para ajudá-lo na coordenação motora e nos movimentos dos músculos. Contudo ele mal reconheceu a existência da lâmpada ou dos brinquedos. E raramente sentava-se naquele canto.

Quando fui de carro para Ballater e apanhei Fraser cerca de uma hora mais tarde, eu realmente tinha me esquecido do cordão. E ele também não o mencionou.

Só quando estava conversando com Chris naquela noite o assunto veio novamente à tona. Uma expressão de puro horror tomou conta do rosto de Chris quando lhe contei sobre minha descoberta. Mas ele também concluiu que Fraser não teria ido para a escolinha sem saber onde estava o cordão. Quando o pusemos na cama naquela noite, nós dois vimos que o cordão estava exatamente no mesmo lugar que estava pela manhã – no aparador.

Fomos para a cama intrigados, mas não preocupados. Afinal de contas, esse era o mundo de Fraser. Há muito tempo havíamos aprendido a esperar o inesperado.

Com frequência íamos ao quarto dele pela manhã e víamos o cordão sobre seu travesseiro, sobre a colcha, ou algumas vezes no chão, depois de ele ter brincado com ele até tarde da noite. No dia seguinte, entretanto, o cordão continuava intocado na mesma posição no aparador. E estava lá na manhã seguinte também.

Foi somente naquele final de semana que Chris e eu começamos a perceber que Fraser devia ter superado algum tipo de obstáculo.

– O que será que o fez perder o interesse pelo cordão? – Chris disse enquanto comíamos nosso *curry* rotineiro de sábado à noite.

– Bem... eles disseram que era um lance de ansiedade; então, talvez ele não esteja tão ansioso no momento – respondi.

– Não está? Não é o que os terapeutas dizem, né? – Chris retrucou.

Era verdade. Fraser estava frequentando a escolinha infantil particular havia quase dez meses, desde outubro de 2010. Seus terapeutas haviam recomendado algum tipo de escola infantil para ajudá-lo a desenvolver sua comunicação e sua interação social. As escolas públicas estavam fora de questão, principalmente porque não o aceitariam enquanto ele não tivesse três anos e meio. Tentamos obter alguma ajuda junto à administração municipal a fim de arrecadar algum financiamento para uma escola particular, mas topamos com uma parede de tijolo e precisamos conseguir o dinheiro por nossa conta. Havíamos encontrado uma ótima escola maternal em Ballater, e ficou acertado que Fraser frequentaria o mínimo permitido – dois dias por semana. Chris e eu pagávamos um dia, e os pais de Chris gentilmente se ofereceram para pagar o outro. O pessoal da escola o recebeu de coração, e, embora houvesse muitos problemas, como sempre no caso de Fraser, tudo estava funcionando muito bem para nós. Principalmente porque me dava algumas horas livres dois dias por semana.

Óbvio que não podíamos afirmar que Fraser se ajustara plenamente. O último relatório que recebemos algumas semanas antes de Billy chegar era da fonoaudióloga e terapeuta de fala, Marie. Ela cuidava de Fraser na escola e notou que ele estava progredindo bem no uso da língua, contudo sua condição ainda era consistente com autismo. Embora ele tivesse começado a usar o que ela chamava de “sentenças lindas”, não usava palavras simples como *sim* e *não*. É claro que isso era mais do que familiar para mim.

O mais preocupante, segundo Marie, era que ele ainda permanecia “distante e isolado” das outras crianças da escola e sentia-se mais feliz “quando não estava junto delas”. O comportamento familiar dentro de casa estava também presente na sala de aula, onde, de acordo com a terapeuta, Fraser “continua a balançar para lá e para cá quando está agitado e, às vezes, cobre os ouvidos com as mãos”.

Tudo isso sugeria que Chris estava certo. Não havia razão para ele de repente descartar o cordão. Ele ainda precisava “se desligar” e escapar do mundo quando saía da escola.

Por um momento, Chris e eu nos sentamos lá, perdidos em pensamentos. Isso não tinha nada de incomum quando se tratava de Fraser, que sempre nos dava muito sobre o que pensar.

– Talvez ele tenha superado isso – disse Chris logo depois.

– Talvez – eu disse.

– Vamos pensar de maneira racional. O que mais mudou nos últimos meses?

O silêncio que veio em seguida foi interrompido pelo barulho do gato na gateira da varanda. Soubemos imediatamente quem era.

Olhamos um para o outro e balançamos a cabeça, quase ao mesmo tempo.

– Não – Chris sorriu para mim, levantando-se e indo na direção da varanda para deixar Billy entrar na casa depois de ter passado algumas horas perambulando pelo terreno ao entardecer. – Simplesmente não pode ser ele, pode?

Chris conseguia ser tão cauteloso e lógico quanto quisesse; já sob meu ponto de vista, não havia mais como negar que Billy produzira um impacto na casa inteira – particularmente em Fraser. A evidência se

tornara grande demais para ignorar.

A chegada de Billy coincidia com um período especialmente atribulado para nós como família. Cuidar de Fraser era ocupação de vinte e quatro horas todos os dias, e Pippa estava crescendo depressa também. Ela era pura alegria e me fazia rir muito. Costumava ficar grande parte do tempo na sua cadeirinha de balanço favorita e muitas vezes adormecia lá com uma perna para fora e um braço nas costas, como se posasse para a revista *Vogue* ou coisa parecida. Eu havia também passado a levá-la a um grupo local de crianças que começavam a andar, e ela se fascinara por elas.

Também me vi com a pequena questão da mudança de casa para organizar. Ainda assim, de alguma forma, tudo isso acontecia de maneira ordenada, não muito estressante, o que não seria possível um ou dois anos antes.

O fato de Billy ser uma influência tão tranquilizadora e positiva sobre Fraser contribuía para a criação dessa atmosfera – disso eu tinha certeza. Algumas vezes se tratava do simples fato de ele ficar por perto para distrair e interagir com Fraser. Outras, em períodos mais tensos, sua presença parecia aliviar um pouco a fúria de Fraser. As crises nervosas começaram lentamente a diminuir para o nível seis, em vez de incríveis nove, numa escala de dez.

Se Billy tinha um impacto mais profundo que esse sobre Fraser, era uma questão que ia muito além. Mas eu não era a única pessoa a reconhecer o impacto que exercia.

Alguns dias antes da nossa mudança, mamãe veio de Essex para passar uma semana comigo, ajudar a empacotar tudo e cuidar das crianças durante o iminente período de caos. Em uma determinada manhã, ela e eu tomávamos uma xícara de café, como uma bem merecida recompensa. Já havíamos passado pela nossa rotina normal.

Como sempre, Chris se levantara e alimentara Fraser da maneira que ele gostava: leite com cereais e torrada, cortada em pequenos pedaços quadrados, com a pasta Marmite. Ele já tomara iogurte e suco de laranja bem fraco. Seu rosto e suas mãos haviam sido limpos e seu babador, retirado, do modo como gostava. Tudo isso fazia parte de uma estratégia que desenvolvêramos com o passar daquelas fases de “tentativa e horror”.

Era um daqueles dias em que Fraser não ia para a escolinha; portanto, estava conosco, assistindo à televisão e brincando no carpete, como sempre. Plenamente satisfeito.

Mamãe estava na sala de estar, sentada em sua poltrona favorita, levemente mais alta e larga que o pequeno sofá de couro mais baixo que eu preferia. Billy estava vagueando na sala, mas tudo estava tranquilo. Subitamente tudo mudou quando Billy decidiu, sem uma razão óbvia, que queria sentar-se no colo de mamãe.

Cabe explicar que minha mãe sempre fora muito desconfiada em relação a gatos, desde um incidente da época em que estava grávida de mim. Aparentemente, um dia, um gato aterrissara em sua enorme barriga, parecida com uma cúpula, deixando-a apavorada. A partir daí, ela passou terminantemente a não deixar nenhum gato se sentar em seu colo. Então, quando Billy se aproximou dela e de repente pulou no ar, com as patas direcionadas para seu colo, os resultados foram previsíveis. Bem... pelo menos para começar.

A cena ainda está gravada em minha memória. No primeiro minuto, mamãe sentada, ainda de pijama, saboreava seu café; no minuto seguinte, Billy aterrissou no seu colo, enfiando uma pata em sua perna e a outra dentro da xícara de café.

Mamãe simplesmente guinchou. A xícara foi para os ares, esparramando café escaldante por toda parte. Por um momento, foi o

caos. Mamãe ficou histérica, tentando enxugar tudo. Levantei-me depressa, aflita, para ver quem o café quente tinha atingido e se alguém se queimara.

A reação de Fraser, no entanto, é a que trago mais vividamente na memória. Ele estava sentado do outro lado da sala; portanto, a uma distância segura do café voador. Eu não sabia como ele reagiria, mas de repente ele soltou a maior risada do mundo.

Fraser chamava mamãe de Cokey, porque ela sempre cantava para ele aquela velha canção do East End, o “Hokey Cokey”.

– O Billy caiu no café da Cokey! – ele disse.

Troquei um olhar com minha mãe, e nós duas começamos a rir mais alto que ele.

– É verdade, Fraser – eu disse.

– O Billy caiu no café da Cokey! – ele repetiu, agora com uma risada ainda mais alta.

Somente Billy ficou imune à contagiante gargalhada que se espalhou pela sala. Era de esperar que ele fugisse com o rabo no meio das pernas, mas não fez isso; muito pelo contrário. Simplesmente recuou para um canto, onde começou a lambar escrupulosamente seu pelo para se livrar do café.

– Acho que é aí que está a beleza de se ter um animalzinho de estimação pela casa – disse ela na cozinha, enxugando-se com um pano úmido, enquanto eu retirava as xícaras.

– O que você quer dizer, mamãe? – perguntei.

– Bem... eles podem ser uma verdadeira amolação, mas podem facilmente pôr um sorriso no rosto mais infeliz do mundo.

Ela estava coberta de razão. Dois anos ou mesmo doze meses antes, nossa família era tensa e rabugenta. Estávamos sempre irritados, esperando o mais recente e inevitável surto emocional e constantemente

lidando com os últimos acontecimentos na saga que era a vida médica e educacional de Fraser. Absolutamente estafante. Havia ocasiões em que Fraser sugava de mim cada preciosa gota de energia e vida. Apesar da certeza de que também dei minhas risadas nessa época – não sou tão desprovida de senso de humor –, não me lembro de ter sentido com muita frequência essa atmosfera leve e descontraída em casa.

Talvez fosse minha mente me pregando peças, mas, enquanto eu pensava sobre isso naquela manhã, me dei conta de que desde a chegada de Billy ocorreram dezenas de momentos em que Chris e eu sorrimos ou demos risadas por causa dele ou alguma coisa relacionada a ele.

Apenas um ou dois dias antes, por exemplo, Chris e eu estávamos sentados no jardim e notamos que Billy parecia meio perdido subindo numa árvore. Nós dois imaginamos a cena de chamar os bombeiros para resgatá-lo, mas, antes mesmo que percebêssemos, ele pulou de um galho, de alguma maneira aterrissando seguro no teto de uma das casinhas próximas.

– Como ele conseguiu fazer isso? – Chris perguntou, dando uma grande risada.

Nesse momento, naquela manhã, Billy colocou um largo sorriso no rosto de todos, até mesmo de mamãe.

Sabia que Chris sacudiria a cabeça em desaprovação se eu dissesse em voz alta, mas ele não podia me impedir de pensar.

Havia alguma coisa muito especial, algo mágico com relação a esse gato. Eu me sentia muito feliz em tê-lo junto de nós.



Capítulo 6

Novas pastagens

Certo dia, em agosto de 2011, lotamos um caminhão de mudança com nossos móveis e pertences, e Chris e eu acomodamos no carro as crianças em seus assentos e os dois gatos em suas cestas; juntos, então, viajamos cerca de dez quilômetros na direção oeste de Ballater para o minúsculo vilarejo de Easter Balmoral, na divisa da Propriedade Balmoral. Nossa quarta mudança de endereço no intervalo de três anos, mas dessa vez acreditávamos que realmente encontráramos uma casa na qual Fraser e Pippa poderiam passar o resto de sua infância.

De maneira geral, o pessoal da administração da Propriedade fora maravilhosamente generoso e compreensivo em relação aos problemas com Fraser. Na verdade, não podíamos ter pedido nada mais de um empregador. Sempre que Chris precisava de uma licença para ir ao hospital ou lidar com a última crise de Fraser, eles se mostravam muito compreensivos. Quando pedimos para mudar para a Propriedade, novamente eles nos deram todo o apoio. A casa que nos ofereceram tinha dois andares e três quartos; sendo precisa, localizava-se na região conhecida como Easter Balmoral, que, em geral, todos chamam de “a vila”. A pequena coleção de aproximadamente vinte casas – algumas modernas, outras remontando ao século XIX – ficava a menos de cem metros da casa-portaria, onde moráramos três anos antes, mas, a partir do momento em que terminamos de desembalar nossas coisas e pusemos

a chaleira no fogo pela primeira vez, sentimos que tínhamos de fato um lar. Não conseguia nos imaginar mudando novamente por um longo tempo.

A casa era moderna e aquecida; cada uma das crianças tinha um belo quarto. Havia também uma pequena área com gramado, fechada por uma cerca baixa de estacas, e outras famílias com crianças pequenas nas casas vizinhas. Um lugar idílico para as crianças crescerem. Havia toneladas de espaço para elas correrem à vontade e andar de bicicleta; até mesmo um regato, ou riacho, ao longo da pequena estrada que passava perto da porta dos fundos. E, claro, o próprio espaço da Propriedade Balmoral, para passeio e exploração.

Caminhar pela área, entretanto, não foi uma opção durante nossas primeiras semanas na Propriedade. Na verdade, havíamos nos mudado no período mais agitado do ano, quando a rainha estava no castelo, o que sempre acontecia nos meses de agosto e setembro. Durante o resto do ano, a área ficava aberta ao público, oferecendo visitas guiadas ao castelo. O ambiente era muito descontraído; chegavam ônibus lotados de turistas de todas as partes do mundo, e eles circulavam livremente. Com a rainha lá, no entanto, tudo era zona proibida. Em quase todo canto havia Range Rovers pretos, policiais e muitos homens com *walkie-talkies*. Havia uma entrada lateral para nossa casa, mas até nós tínhamos que nos identificar quando entrávamos e saíamos.

Significava também que Chris estava muito mais ocupado lidando com membros da Corte Real, que haviam chegado de Londres. Ele sempre dizia que a atmosfera durante os dois meses em que a rainha estava lá era totalmente diferente. Durante o restante do ano, ele ficava bem mais livre e passava o tempo instalando novos aparelhos e equipamentos, consertando ou removendo sistemas elétricos. Mas, quando a Corte estava na área, ficava constantemente à sua disposição.

– Faz parte do serviço – ele dizia com um dar de ombros filosófico ao final de outro dia-maratona, instalando máquinas ou religando temporariamente a fiação de um escritório para um membro da família real.

Sob muitos aspectos, era um mundo pequeno e bizarro. Uma espécie de bolha. Ao redor de Balmoral e Ballater, ninguém se mostrava surpreso quando dizíamos que Chris trabalhava para a rainha e que vivíamos na Propriedade. Muitas pessoas do local tinham conexão com a família real – um dos maiores empregadores da região, conectada com as famílias locais, que remontavam a mais de um século. Muitas das lojas de Ballater haviam recebido o selo de Autorização Real com o passar dos anos. A realeza era considerada parte da comunidade – membros da família Deeside.

Quando saíamos da Escócia, porém, tudo mudava. Ao visitarmos a Inglaterra, amigos e família ficavam fascinados com a vida que levávamos e sempre pediam a Chris que lhes contasse alguma fofoca. É claro que Chris, sendo Chris, sempre fingia não haver nada a contar. Não que de fato ele não tivesse – ao contrário, tinha, e muitas coisas, algumas das quais bastante engraçadas –, mas era profissional e responsável demais para sair por aí irradiando fofocas.

Muitas pessoas supunham que eu também guardasse muitas histórias. Eu sempre falava sobre quanto adorava caminhar pela área da Propriedade; então, acho que eles imaginavam que eu topava com a rainha ou com o duque de Edimburgo toda manhã e batia um papo com eles. A verdade é que eu não tinha nenhum contato verdadeiro com a família real, exceto pelo dia em que fomos a uma estranha festa particular que certa vez eles ofereceram aos funcionários.

* * *

Todos se ajustaram muito bem à vida na nova casa. Chris, sem dúvida, valorizava o tempinho extra na cama pela manhã. Poderia chegar ao trabalho em questão de minutos, o que, principalmente durante os meses escuros do inverno, era uma dádiva. Pippa também era feliz e se acomodou logo ao novo quarto, onde ficava rodeada por seus brinquedos favoritos. Já tinha nove meses e ainda dormia no berço, de onde observava, bem alegre, seu móbile favorito enquanto tartamudeava e ria sozinha.

Fraser enfrentou os maiores desafios, como sempre. Pela primeira vez, ele tinha um quarto no andar superior, o que imediatamente lhe criou problemas. De fato ele fizera um grande progresso, caminhando com suas talas, mas ainda não conseguia subir um lance de escada. Ele simplesmente não tinha força nas articulações. Portanto, se nem Chris nem eu estivesse por perto para carregá-lo, ele subia arrastando-se; depois descia de bumbum – tum, tum, tum – um degrau por vez.

Esse problema em particular estava na minha lista de coisas a resolver, uma vez que tivéssemos nos adaptado à nova casa. Chris já tinha conversado com o carpinteiro da Propriedade para que ele instalasse um corrimão especial, à altura de Fraser, para ajudá-lo a se locomover dentro e ao redor da casa e, sobretudo, a subir a escada. Mas havia tantas outras questões que ainda precisavam ser resolvidas que essa, nesse momento, não parecia prioridade.

O primeiro desafio foi fazer Fraser se acostumar ao novo ambiente, ligeiramente distinto. A vida era um pouco mais atribulada na Propriedade, mesmo durante os dez meses em que a rainha não estava lá. Tendo em vista a aversão de Fraser por estranhos, eu sabia que isso causaria alguns problemas. Pelo menos não eram problemas desconhecidos.

Quando vivíamos na casa-portaria, ele era realmente sensível a

peessoas que metiam a cabeça em seu carrinho quando caminhávamos pela área. Elas estavam, claro, sendo amáveis e geralmente falavam baixinho com ele, um lindo garotinho.

Ele não gostava de intromissões, na verdade; e, quando elas aconteciam, podia ficar absolutamente alucinado. Recusava-se a olhar ou estabelecer contato com a pessoa e começava a gritar, muitas vezes bem alto. Quando bebê, isso não chamava tanto a atenção. Todo bebê chora. Mas, à medida que crescia, ficava cada vez mais embaraçoso e difícil lidar com isso. Em várias ocasiões, tive de me desculpar com algum pobre turista que nada suspeitava sobre ele e sair o mais rapidamente possível, voltando para casa a fim de que Fraser se acalmasse.

Àquela altura ele estava um pouco melhor, porém isso ainda era um problema. Portanto, eu tomava precauções como a de escolher o momento adequado para dar uma volta com ele e Pippa; geralmente, evitava os horários de pico dos turistas.

Outra questão dele era com as visitas; problema antigo para Fraser. Se algum motorista batia à porta para entregar alguma encomenda, por exemplo, ele já se descontrolava ao ouvir a campainha. Frequentemente, acabava ficando a meio caminho entre a porta da frente e o saguão, chorando e cobrindo os ouvidos com as mãos, porque temia que alguma pessoa estranha entrasse e fizesse Deus sabe o quê com ele.

Eu sempre tinha de tranquilizá-lo, dizendo que ninguém entraria e que tudo estava bem. Podia ser complicado, como um círculo vicioso. Se ele estava realmente transtornado, não queria ficar sozinho na sala da frente nem na cozinha, e sim comigo. Então, se eu precisasse abrir a porta, ele teria de ir junto, o que significava que ele poderia ver a pessoa e ficar ainda mais descontrolado se não gostasse de sua aparência.

Conversando com seus terapeutas sobre essa questão, desconfiávamos de que tinha relação com a atmosfera da casa. Esta se modificava

quando algum estranho entrava, e isso poderia afetar Fraser. Seu humor mudava depois de qualquer visita, e ele ficava muito quieto e arredio. Isso o afetava durante horas, e lidar com ele era difícil para mim. Portanto, eu precisava estar muito atenta e cautelosa, preparando-o de antemão para a chegada de eventuais visitas da melhor forma possível.

Para ser justa, Fraser melhorara um pouco nos últimos dezoito meses porque se acostumara com seus terapeutas, que vinham nos visitar. Pippa também recebia muitas visitas do sistema de saúde. Mas ele ainda se sentia muito incomodado com uma visita de surpresa ou qualquer coisa que quebrasse sua rotina. Nas casas anteriores, principalmente naquela perto de Ballater e no chalé do bosque, recebíamos poucas visitas e elas eram bem espaçadas umas das outras. Mas, quando chegamos à Propriedade Balmoral, de repente passamos a ter visitas mais frequentes, quer fosse dos vizinhos, quer fosse de funcionários da Propriedade. Essa era a notícia ruim. A boa, claro, era que tínhamos Billy para acalmá-lo.

À medida que nos acomodamos à vida na Propriedade Balmoral, ninguém se sentia mais feliz do que Billy. A antiga casa perto de Ballater ficava em terreno relativamente plano, não muito distante do rio. Havia árvores ao redor, mas muito pouca coisa a explorar. Balmoral, em si mesma, era outra história, sem dúvida. Uma paisagem espetacular, com pântanos cheios de urzes selvagens, vales, rios e florestas a serem descobertas.

Billy ainda adorava brincar nas árvores também, claro. Um dia Fraser estava no jardim, brincando em um trampolim que arranjamos para ele. Ele não conseguia balançar muito nem para cima nem para baixo, por causa da fraqueza das pernas; por isso, costumava ficar de pé no trampolim, subindo e caindo suavemente no tapete de borracha que havia no meio, enquanto se segurava na barra de apoio.

Ele estava lá de pé e de repente sorriu e apontou para cima.

– Olha lá meu gato! – ele disse.

Olhei para cima e fiquei absolutamente apavorada. Billy estava escalando uma árvore. Não qualquer árvore velha, mas uma daquelas enormes. Não demorou muito, e ele já estava a uma altura de cerca de quinze metros, balançando nos galhos.

– Ai, meu Deus! Billy, que diabos você está fazendo? – eu disse bem alto.

Durante mais ou menos um minuto, me senti petrificada; comecei a ter palpitações, pensando em como ele se safaria. A imaginação começou a correr solta e o vi caindo na estrada ou, pior, dentro do rio, e desaparecendo totalmente diante dos olhos de Fraser. Entretanto, sem dúvida, era apenas meu lado paranoico e tolo. Billy estava perfeitamente dentro de seu meio. Não poderia estar mais feliz, trepado em um galho, olhando para Fraser lá embaixo, como se tomasse conta dele. E não houve necessidade de chamar o corpo de bombeiros. Depois de alguns minutos, ele, rápido e ligeiro, desceu despreocupadamente pelo tronco antes de pular o que devia ser por volta de cinco ou seis metros no telhado do pequeno depósito de madeira perto do rio.

Meu coração parou de bater por um décimo de segundo, enquanto Billy flutuava no ar. *Esse gato ainda vai acabar me matando*, pensei comigo mesma.

A Propriedade Balmoral oferecia novas “pastagens” para todos nós, mas para Billy em particular havia um mundo totalmente novo a explorar. E era o que ele fazia. Nas primeiras semanas, ele surgiu várias vezes na varanda coberto com o que parecia pinhas em miniatura, incrustadas em seu pelo. Devia estar vagueando pelas matas que circundavam a

Propriedade. Muitas vezes, desaparecia durante horas; ainda assim, nós – e sobretudo Fraser – raramente sentíamos sua ausência.

O espantoso sobre Billy era que ele podia estar sabe Deus onde, fazendo sabe Deus o quê, mas de alguma forma sabíamos quando ele estava de plantão e quando não estava. Por exemplo, eu não via o menor sinal dele durante os dois dias em que Fraser ia para a escolinha em Ballater; ele ficava ao nosso redor no início da manhã, quando Fraser poderia ficar um pouco agitado ao se aprontar para sair. Mas não o veríamos novamente até que Fraser voltasse para casa. Ele parecia saber quando estaríamos de volta, e várias vezes o encontramos parado ao lado do portão dos fundos, esperando por nós enquanto estacionávamos o carro. Isso levava Fraser a se abrir num enorme sorriso.

– Meu Billy está me esperando! – ele dizia.

Geralmente ele também permanecia perto quando era hora de Fraser ir deitar. Aprendera que sua presença o tranquilizava muito, então ficava deitado ao pé da cama até que Fraser começasse a cochilar. Ocasionalmente continuava por lá a noite toda, porém com maior frequência descia a escada e ia para sua caminha, ou saía pela gateira noite adentro. Contudo, sempre retornava para casa antes que Chris e eu fôssemos para a cama. Mais uma vez, parecia que Billy sabia quando trancávamos a porta da varanda, então sempre dava um jeito de estar dentro de casa a tempo.

O mais impressionante era o sexto sentido que parecia ter desenvolvido com relação a Fraser. De alguma maneira, ele sabia quando Fraser estava agitado ou irritado e aparecia, como num passe de mágica, nas horas em que precisávamos dele. Certa noite, pouco depois de termos chegado em Balmoral, houve uma situação típica.

Dar banho em Fraser sempre fora um problema desde que ele nascera. De maneira geral, ele não gostava de ficar imerso na água,

principalmente se era quente.

Tenho uma foto de seu primeiro banho, e ela faz parecer que o havíamos colocado dentro de uma banheira com água fervente. Ele ficou completamente vermelho, mas não do calor; foi de tanto gritar.

Se banhá-lo era difícil, lavar sua cabeça era ainda pior. Absolutamente horrendo. Fraser odiava aquilo mais do que qualquer outra coisa no mundo, e no seu caso isso significava muito.

A situação se tornou tão difícil que eu não conseguia enfrentá-la, sobretudo ao final de um longo dia. Chris sempre me ajudava, mas nem mesmo ele aguentava a experiência mais do que uma vez por semana. Eu sabia que Fraser devia tomar banho com maior frequência e tinha certeza de que outras mães me condenariam se soubessem. Mas não me importava de ser sincera. Se a hora do banho de seus filhos fosse uma experiência tão abismal, elas fariam exatamente a mesma coisa.

Aproximadamente dezoito meses após o diagnóstico oficial, as coisas ficaram um pouquinho melhores graças a um assento plástico que ganhamos para dar a Fraser um apoio extra na banheira. A mesma questão novamente – pressão. Parte do drama na hora do banho era atribuída ao fato de que Fraser nunca se sentia satisfeito ao ser segurado para trás e mergulhado na água. Não se sentia totalmente confiante, e não havia como apoiá-lo numa banheira; ele simplesmente não se sentava sozinho. Isso significava que Chris ou eu – algumas vezes, nós dois – tinha de segurá-lo enquanto o lavava. O assento plástico mudou tudo. Uma vez tendo aquele suporte à sua volta e sabendo que não iria a lugar algum, ele passou a se sentir muito mais feliz – até que sugeríssemos lavar sua cabeça, é claro. Aí, o mundo desabava.

A mesma coisa acontecia em relação às suas outras crises nervosas. Uma vez que entrava no que chamo de “lugar sombrio”, era muito difícil tirá-lo de lá. Portanto, se disséssemos antes do banho ou de ir para a

cama que lavaríamos sua cabeça, isso poderia levá-lo a gritar, chorar, deitar-se no chão absolutamente rígido, tamanho pavor que sentia. Mesmo que abandonássemos esses planos, ainda assim não conseguíamos vesti-lo com o pijama. Algumas vezes não conseguíamos nem mesmo acalmá-lo o suficiente para colocá-lo na cama. A questão provocava em nós pelo menos três horas de estresse por dia. Então, com algum sucesso, aprendemos a separar a hora do banho da hora de lavar sua cabeça.

Certa noite, logo depois que chegamos a Easter Balmoral, Chris e eu havíamos nos preparado para a provação semanal. Conseguimos colocar Fraser na banheira, mas, por alguma razão, foi um verdadeiro pandemônio. Ele ficou vermelho vivo, começou a gritar “não! não! não!”, “não mexe no meu cabelo!”, e cobriu a cabeça com as mãos. Chris e eu conhecíamos muito bem todos os sinais. Foi tão penoso que enfrentamos a verdadeira mãe de todos os acessos de fúria – nível onze.

– Isso não faz sentido – disse Chris, exasperado depois de cinco minutos de baderna total, durante os quais pouco mais fizemos do que evitar ficarmos ensopados, pois Fraser se debatia, espirrando água para todo lado. – Não vamos chegar a lugar algum essa noite; acho melhor tirá-lo da banheira.

Estava inclinada a concordar. Afora qualquer outra coisa, achei que nossos novos vizinhos poderiam chamar a polícia, porque deve ter parecido que assassinávamos uma criança. Isso transtornou Pippa também, o que era preocupante, considerando que ela era geralmente muito tranquila. Eu já ia pegar a toalha de Fraser para retirá-lo da banheira, quando senti uma presença inesperada no banheiro. Billy.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Chris, tão surpreso quanto eu ao vê-lo. Pelo que sei, ele nunca estivera no banheiro antes, nem aqui nem na antiga casa de Ballater.

Ele não estava preocupado com o que pensávamos, óbvio. Queria apenas se encontrar com seu amigo Fraser, e logo se postou ao lado da banheira. Chris e eu ainda estávamos segurando Fraser, que se debatia na água, mas deslizamos um pouco para o lado, dando espaço a Billy. Ficamos então observando, com alguma incredulidade, enquanto ele se levantou e prosseguiu, colocando as duas patas na borda da banheira. Em seguida, esticou-se o máximo que pôde sobre a água de modo a deixar sua carinha o mais próximo possível de Fraser.

Nesse momento, Fraser ainda estava agitado. Mas, como sempre, Billy não se deixou dissuadir pela histrionice. Fez precisamente o que faria se estivéssemos no andar inferior, posicionando-se com muita tranquilidade perto de Fraser. E lá ficou.

Não demorou muito e ele ficou encharcado. Em determinado momento, Fraser jogou um pouco da espuma nele, e Billy teve de limpá-la com a patinha, mas ficou firme no lugar até Fraser começar a se acalmar, o que, no fim das contas, aconteceu.

– Olha só! O Billy não se importa de molhar o pelo. Por que você não me deixa molhar seu cabelo?– disse Chris, aproveitando a oportunidade.

Fraser nada disse, o que, para nós, pelo menos, equivalia a um *sim*.

Suavemente, Chris começou a esfregar um pouco de xampu na cabeça de Fraser até formar espuma, enquanto eu, em silêncio, peguei um pequeno caneco plástico, pronta para enxaguá-la.

Essa era a parte que Fraser mais odiava. Ele tinha pavor de chuveiradas, então usávamos o caneco em vez do chuveiro – o que, ainda assim, representava um desafio. Preparamo-nos para mais confusão, mas Billy ficou ali, firme e calmo, tranquilizando Fraser.

Comecei a fazer o enxágue com o caneco. Habitualmente, isso significaria a eclosão da Terceira Guerra Mundial. Mas naquele momento ele deixou que eu, com suavidade, completasse a operação. Na verdade,

ele deu um passo além, inclinando a cabeça para trás a fim de me ajudar no processo.

Se eu fosse uma pessoa mais religiosa, teria até cogitado cantar “Aleluia!”.

– Viu só? Acabamos. Não foi tão ruim assim, foi, Fraser? – Chris perguntou alguns minutos depois, com a toalha nas mãos.

Mal o havíamos retirado da banheira, envolvendo-o com a toalha, e Billy já se encaminhava para o quarto de Fraser, pronto para a fase seguinte da operação. Ele estava conosco tempo o bastante para saber que Fraser demoraria mais que o normal para se acomodar nessa noite. Devia ter sentido que sua presença faria a diferença no período entre o cochilar e o adormecer, o que poderia levar entre dez e quinze minutos ou até uma hora.

Em geral, eu poderia me irritar ao ver as marcas de sua patinha molhada no patamar da escada e um bichano vira-lata encharcado e deitado no edredom de Fraser. Nesse dia, porém, não me incomodei nem um pouco. Até mesmo levei uma toalha extra para dar uma boa friccionada em Billy, além de um chamego.

Se alguém merecia isso, era ele.

– Onde estaríamos sem você? – eu perguntei, dando-lhe uma afetuosa esfregadela com a toalha.



Capítulo 7

Cortando caminho

Certa noite, algumas semanas depois que mudamos para a “vila”, eu estava sentada na sala de estar, folheando as últimas anotações no diário escolar de Fraser, quando algo chamou minha atenção.

O pessoal da escolinha continuara com as anotações no diário; em parte para nos manter atualizados sobre o que Fraser fazia a cada dia, em parte para nos informar sobre qualquer progresso que ele realizara. Com toda a agitação da mudança até nos acomodarmos em nossa nova casa, eu não tivera a chance de examiná-lo mais detalhadamente durante algumas semanas.

A anotação que me sobressaltou era a da semana anterior, em meados de agosto, mais ou menos na época da mudança. Uma das assistentes registrara que Fraser havia “bebido em uma xícara sem tampa”.

Fiquei assombrada. Beber de uma xícara sem tampa pode não ser grande coisa para muitas mães, mas, para mim, era o suficiente para me fazer cair da poltrona. Xícaras sempre haviam sido e eram um enorme pomo da discórdia para Fraser. Ele era incrivelmente meticuloso não apenas em relação à cor e ao design delas, como também em relação a como bebia. Isso provinha de sua hipotonia, o que significava que ele tinha dificuldade de segurar qualquer objeto. Quando começou a segurar uma xícara para beber alguma coisa, ele o fazia com pouca firmeza e

com as duas mãos. Para garantir que não derramasse nada, acrescentei uma tampa com um bico. Ele se acostumara a isso e desde então se recusava a beber em qualquer xícara que não tivesse bico. Bem... pelo menos até agora.

Que interessante!, pensei comigo mesma, fazendo uma anotação no espaço para os comentários dos pais.

Intrigada, folheei rapidamente as anotações anteriores para ver o que mais eu perdera em virtude de todo o rebuliço recente. A leitura deixou claro que ele estava se divertindo na escolinha; havia anotações de como ele tinha participado de um grupo de canto, ajudado no jardim e até mesmo saído para um pequeno passeio, o que me deixou bastante surpresa.

Outra anotação, contudo, que imediatamente chamou minha atenção foi a de 28 de junho, um dia depois da chegada de Billy.

“Fraser lavou as mãos sozinho depois de brincar.”

Essa, de fato, me deixou embasbacada.

Fraser tinha muitas idiossincrasias às quais a escolinha se acostumara, e sua relutância em lavar as mãos era uma delas. Desde que se juntou aos outros, as assistentes da sala de aula haviam aprendido a usar “lenços umedecidos” para limpá-lo quando ele se sujava de tinta ou outra lambança. Se ele, de fato, aprendeu a lavar as mãos sozinho, então esse era um avanço e tanto.

Chris tivera um dia longo e ocupado e estava vendo as notícias na televisão.

– Chris, está acontecendo alguma coisa com Fraser na escolinha – eu disse, e ele, imediatamente, contraiu a sobrancelha.

– Que tipo de coisa?

– Não se preocupe. Não é um problema; muito pelo contrário – respondi. – Veja aqui as anotações que grifei. – E lhe passei o diário

aberto.

– Hummm... Interessante como ele começou a fazer essas coisas sozinho – disse Chris – Mas é isso mesmo que ele faz, não é? Faz as coisas quando se sente pronto para fazê-las.

– Mas você viu a data da primeira anotação?

– Qual? – perguntou ele.

– O dia depois da chegada de Billy.

Ele me deu outro daqueles olhares levemente indicativos de desaprovação, que agora estavam se tornando familiares.

– Isso é só coincidência, Louise. Deve ser alguma coisa que eles estão fazendo na escola. Ele não resolveu lavar as mãos pela primeira vez só porque ganhou um novo gato.

Mordi a língua. Não tinha nem como começar a provar isso, muito menos explicar. Mas todos os meus instintos me diziam que havia alguma relação.

Fraser não iria para a escolinha novamente por alguns dias, mas resolvi bater um papo com Cath, a diretora, para saber se ela notara alguma mudança no comportamento dele nas últimas semanas.

Cath se mostrou incrivelmente solidária. Na verdade, sem ela, não sei o que teríamos feito com Fraser em termos de educação.

Nos dias sombrios, quando Fraser recebeu o primeiro diagnóstico, não tínhamos muita certeza de qual seria a melhor escola para ele. Considerando o diagnóstico médico, recebemos a recomendação de que o lugar mais adequado para ele seria uma escola em Aboyne, que tinha, segundo os médicos, uma “unidade-base” para crianças com problemas ou deficiências comportamentais, psicológicas e físicas. Como Fraser se aproximava da idade em que poderia começar a escola infantil, nós a havíamos visitado. Não tivemos nenhum problema com relação à escola; parecia muito bem equipada. Mas simplesmente não achamos que ela

fosse o lugar certo para Fraser. Para começar, significaria cobrir uma distância de cerca de 25 quilômetros – uma hora ou mais para ir e voltar todo dia – de carro. E, o mais importante, a unidade parecia, pelo menos para mim, quieta demais. Ele precisava de estímulo e muita atividade ao seu redor. O problema era que não havia outras escolas com instalações específicas para crianças autistas nas imediações. Por um breve período, pensamos em nos mudar para ficar mais perto da cidade de Stonehaven, onde havia uma escola secundária para crianças com necessidades especiais, a única desse tipo no norte da Escócia.

Entretanto, não fazia sentido toda essa reviravolta. Chris provavelmente teria de procurar um novo emprego, e nós precisaríamos comprar uma nova casa. Seria demais.

Por um lance de sorte, Fraser não começaria a escola enquanto não tivesse cinco anos e meio. A data de corte para admissão em uma nova escola era 28 de fevereiro e, graças a meu demorado trabalho de parto, ele nasceu um dia depois, ou seja, 1º de março. Portanto, efetivamente, tivemos um ano extra para resolver o que fazer em relação à educação, em termos de escola pública. Nesse ínterim, entretanto, precisávamos colocá-lo no pré-escolar.

Chris e eu visitamos todos os tipos de escola, algumas das quais eram privadas. Para nossa felicidade, achamos a melhor de todas em Ballater. Não apenas por ser muito perto de onde morávamos naquela época, mas também por “ganhar” Fraser. Isso se deveu muito a Cath, que chegara pouco tempo depois que Fraser começou lá.

Ela teve um filho diagnosticado como autista por volta dos cinco anos; agora ele já tinha quinze. Conteí a ela um pouco sobre Fraser e as coisas esquisitas que fazia, muitas das quais soaram verdadeiras para ela. Fraser adorava, por exemplo, dizer a cor dos carros que passavam por nós na estrada, quando estávamos viajando.

– Meu filho fez isso. Logo Fraser vai dizer também a marca do carro – ela me assegurou. Isso já havia acontecido.

O fato de ela ter tanta experiência em lidar com o autismo lhe permitia antecipar alguns dos problemas que poderíamos ter com Fraser. Ela sabia, por exemplo, que ele tendia a se separar das outras crianças; por isso, criou na escola um “cantinho tranquilo” para ele ficar, se estivesse se sentindo confuso. Lá ela colocou livros e brinquedos de girar. Para Fraser esse cantinho era uma grande válvula de escape, e ele o usava com frequência.

Quando encontrei com Cath alguns dias depois de ler as anotações do diário, ela deu um sorriso.

– Todos nós ficamos muito felizes. Por alguma razão, ele andou fazendo alguma brincadeira no jardim e se lambuzou; então entrou na sala de aula e foi direto na direção das torneiras – disse ela, referindo-se ao fato de Fraser ter lavado as mãos.

– É mesmo? – estranhei, não acreditando muito que ele tivesse conseguido abrir a torneira. Não achava que ele teria força suficiente por causa de seu problema com o tônus muscular e da fraqueza que isso lhe causava.

– Pegou um sabonete, lavou as mãos e depois as secou – continuou ela. – Ele também diminuiu muito suas idas ao “cantinho tranquilo” – ela disse. – Na verdade, não o tenho visto lá há semanas.

– Quando isso começou? – perguntei.

– Cerca de seis semanas atrás; na verdade, mais ou menos no mesmo período em que começou a lavar as mãos – ela respondeu.

– Ele costuma falar de seu gato? – perguntei.

– Billy? – Cath disse. – Oh, Deus! Ele fala de Billy o tempo todo: Billy

subiu na árvore; Billy aterrissou no café da vovó; Billy é muito levado. Ele nos conta sem parar o que Billy faz; estamos todos fascinados por ele – comentou com um sorriso.

Aquilo foi o suficiente para mim. Era toda a confirmação de que eu precisava. Sabia que ninguém mais concordaria comigo, mas, fosse qual fosse a explicação, voltei para casa exultante. Alguma coisa estava acontecendo; alguma coisa muito positiva.

* * *

Fraser, Chris e eu não éramos os únicos a nos beneficiarmos de Billy, é claro. O novo clima de tranquilidade que ele trouxera à casa também me ajudou em relação a Pippa, que crescia rapidamente.

Ela era muito diferente de Fraser sob vários aspectos, mas seu nascimento havia sido quase tão dramático quanto o dele.

Fora uma enorme alegria para nós quando fiquei grávida novamente na primavera de 2010. Mas, no fundo, surgiu aquela interrogação inevitável: será que teremos outro filho autista? Aparentemente, se você teve um, as chances de ter outro são muito mais altas – algo como 1 em 20, de acordo com alguns médicos. De maneira geral, as chances são de 1 em 5.000.

Então, quando eu estava na vigésima segunda semana de gestação, decidimos pagar um exame particular para saber o sexo do bebê. Se fosse outro garoto, então teríamos que nos preparar para criarmos outro autista, porque o autismo é muito mais comum em meninos do que em meninas. Não tínhamos medo disso; apenas queríamos nos preparar da melhor forma possível, sobretudo considerando o que enfrentávamos em relação a Fraser.

Chris e eu viajamos para Aberdeen, prontos para qualquer

eventualidade. Como acabou acontecendo, descobrimos que seria uma garotinha, o que nos deixou maravilhados. A ideia de ter um menino e uma menina era linda e também reduzia o risco de maneira significativa.

Conversei bastante sobre isso com os médicos e, por causa dos problemas com Fraser, decidi fazer uma cesárea. Tudo ficou planejado para o dia 24 de novembro de 2010, mas tive uma pré-eclâmpsia muito grave, até mesmo pior do que a da gestação de Fraser, o que complicou as coisas. Para completar a desgraça, a equipe médica fez seis tentativas de aplicação da epidural. Então, o que deveria ter sido um parto relativamente simples acabou se transformando em um drama. Novamente.

Depois do parto, aparentemente, eles quase me perderam. Um minuto eu estava segurando e acariciando Pippa; no minuto seguinte vomitava e tinha espasmos. Minha pressão arterial subiu tanto que chegou uma equipe de emergência com um daqueles carrinhos com desfibrilador que se vê na série de televisão *ER*.

Lembro-me de ter perguntado a uma das enfermeiras:

– Vai ficar tudo bem comigo?

– Não sei – respondeu ela, o que teria sido motivo para preocupação se eu continuasse consciente, o que não ocorreu.

Logo em seguida eu parecia uma almofada de alfinetes, quando me deram uma injeção e aplicaram uma variedade de drogas. Pobre Chris! Ele teve de ficar lá observando tudo enquanto se agarrava a Pippa.

Evidentemente, Fraser – sendo Fraser – ficou no centro do drama que era só seu, quando sua irmã nasceu. Minha mãe viera para tomar conta dele e ficou sozinha na casa fora de Ballater. No dia da cesárea, ela abriu a porta da entrada para receber uma encomenda e a deixou aberta. Fraser se irritou com o entregador e bateu a porta, deixando-a trancada do lado de fora. Para piorar as coisas, a neve do inverno decidira chegar

naquele dia e já havia mais de dez centímetros de brancura lá fora. Mamãe ficou de chinelos no meio de uma nevasca. Todas as outras portas e janelas estavam trancadas, e ela ficou em estado lastimável.

Por um incrível lance de sorte, outra van passou em frente à casa. Mamãe sinalizou para que o motorista parasse e pediu-lhe que forçasse a porta para abri-la. O único consolo foi que Fraser estava sentado na sala de estar, assistindo à televisão, completamente alheio ao desenrolar do drama.

Quando Chris telefonou para avisá-la sobre o nascimento de Pippa, não fazia nem dez minutos que mamãe entrara e ainda se recuperava da provação pela qual acabara de passar.

– Ela não me pareceu muito entusiasmada – disse, ao voltar à sala de parto.

Somente ao chegarmos em casa descobrimos o porquê.

Uma de nossas maiores preocupações com o nascimento de Pippa era que Fraser não gostasse da irmãzinha. Mas isso foi rapidamente descartado.

Quando finalmente tive alta, no tempo exato de voltar antes que a neve chegasse de fato, Fraser mostrou muito pouco interesse, sendo honesta. Ele parecia claramente feliz por me ver, pois fora a primeira vez que fiquei longe dele – isso foi lindo, porque até aquele momento ele raramente demonstrara qualquer afeição –, mas manteve seu jeito distante em relação a Pippa. Foi até seu berço para vê-la, porém saiu de lá depois de alguns minutos.

O sentimento entre eles era mútuo. Pippa era tão tranquila e serena que até conseguia dormir durante as crises nervosas de Fraser.

Para mim, Pippa foi um presente. O contraste entre ela e Fraser era total. Ela mal chorava; na verdade, nós nos preocupávamos porque, de tão calma, não emitia nenhum ruído. Quando sentia fome ou queria uma

troca de fralda, emitia o que eu chamaria de choramingo. Comparado com os berros e urros de Fraser, era o paraíso.

Mas eu sabia que ela também precisava de cuidados e atenção e, com frequência, me queixava por Fraser exigir tanto de mim.

Não havia dúvida de que Billy liberara parte de meu tempo para eu cuidar de Pippa. Quando me sentava e refletia a respeito de tudo, percebia que ele nos estava ajudando de muitas maneiras.

Os avanços na escola infantil instilaram uma nova onda de determinação correndo em minhas veias. *Aproveite enquanto há chance, Louise*, pensava comigo mesma. E foi o que fiz.

O problema que realmente me exauria naquele momento havia sido o pomo da discórdia durante anos – a chupeta de Fraser.

Claro que não havia nada de especialmente incomum no fato de uma criancinha ficar obcecada por sua chupeta. Incomum era o período de tempo em que Fraser ficava obcecado por ela e a maneira como se preocupava com o tipo exato de chupeta que tinha. Tratava-se de uma chupeta simples, fabricada pela Tommee Tippee. Ai de mim se eu não tivesse a chupeta certa para dar a ele, ou – pior ainda – se eu tentasse tirá-la de sua boca!

Havia um longo tempo que isso me irritava. Além do mais, era constrangedor. Ele a usava na escola infantil desde o início e ainda costumava colocá-la na boca quando se sentia tenso. Eles foram compreensivos, mas nem sempre foi assim em Ballater.

No ano anterior, por exemplo, isso causara um incidente horrível quando fazíamos compras.

Fazer compras com Fraser nunca foi fácil. Até mesmo ir à pequena cooperativa em Ballater era um grande problema; evitávamos levá-lo, na

medida do possível.

A loja era minúscula, e tudo ficava apertado em um espaço muito pequeno, o que dificultava a passagem de um carrinho de bebê pelos corredores. Fraser achava o lugar muito claustrofóbico e quase sempre chorava. Nesse dia em especial ele não tinha chorado, em parte porque estava com a chupeta. Eu me sentia muito feliz porque entraríamos e sairíamos sem nenhum drama, quando um senhor idoso passou por nós e fez um daqueles barulhos de reprovação, tipo “tsc, tsc”. Isso não era nada incomum para mim; ouvia muitos ruídos desse tipo e via muitas caras carrancudas quando saía com Fraser. As pessoas achavam que ele era crescido demais para andar de carrinho, crescido demais para usar uma chupeta, crescido demais para chorar tanto. Se eu tivesse ganhado uma libra por cada olhar de censura que recebia, teria ficado rica. O que aconteceu em seguida, entretanto, extrapolou o normal. O velho havia chegado ao caixa antes de nós e acabara de pagar suas compras.

Sem nenhum aviso prévio, ele se virou e disse: “Você não precisa disso, você não precisa de chupeta”. Em seguida, inclinou-se e tirou a chupeta da boca de Fraser. Assim. Sem mais nem menos.

A funcionária do caixa ficou estupefata. Eu fiquei estupefata. Que diabos se passava na cabeça do indivíduo? Por um décimo de segundo, fiquei petrificada. O homem pôs a chupeta no balcão e saiu pela porta. A funcionária pegou-a e a devolveu a mim, encolhendo os ombros como um gesto de desculpas, mas, claro, era tarde demais. O estrago fora feito.

Fraser ficou absolutamente furioso. Em cerca de apenas dois segundos ele foi de zero a noventa na escala da fúria. Seus gritos logo atraíram os olhares de indignação dos fregueses, de modo que precisei abandonar minhas compras e voltar bem rápido ao carro, onde passei dez minutos tentando acalmá-lo e convencê-lo de que o homem não teve a intenção de irritá-lo. Mas isso realmente me transtornou e me fez parar

de fazer compras em Ballater durante algum tempo. Por essa razão, agora, quando íamos às compras, Chris ia comigo e ficava no carro com Fraser. Eu simplesmente não conseguia lidar com os olhares hostis e aqueles ruídos de reprovação.

Foi tudo muito desagradável. Mas o problema da chupeta chegara a um ponto crítico algumas semanas antes de nos mudarmos para a “vila” em Balmoral. Certa manhã, eu havia apanhado um novo pacote de chupetas, retirado uma de lá e colocado na boca de Fraser.

Mal eu o fiz, e ele a expulsou da boca como se fosse uma bala sendo lançada de um canhão. Ela voou pela cozinha e caiu no chão. Fraser começou a gritar.

– Que diabos está acontecendo? – perguntei a Chris, que acabava de beber uma xícara de chá antes de ir para o trabalho.

Ele apenas encolheu os ombros e fez uma careta como se dissesse “não faço a menor ideia”.

Eu retirara a chupeta de uma caixa nova. Talvez houvesse alguma coisa errada com esse lote, pensei. Sabia que havia uma caixa mais antiga em algum lugar no armário; encontrei-a, retirei uma chupeta de lá e a coloquei na boca de Fraser. É bizarro, mas ela pareceu acalmá-lo.

Preparei uma xícara de chá para mim e me sentei para comparar as duas chupetas. Em momentos como esse, não conseguia deixar de pensar em quanto minha vida era ridícula. Ali estava eu, examinando detalhadamente a diferença entre as chupetas de um bebê, como se fosse uma negociante de arte avaliando uma pintura de um dos mestres antigos. Eu me sentia muito tola e, o que é mais ridículo, não tinha a menor ideia do que procurava.

Por mais que tentasse, não via nenhuma diferença entre elas. Mas depois, quando estava quase desistindo, notei uma pequena diferença, quase imperceptível. Uma delas tinha uma aresta extra.

Meu Deus, eles mudaram o formato!, pensei comigo mesma.

– Eles modificaram a maldita chupeta e ele percebeu a diferença – contei a Chris, que devia pensar que estava vivendo com uma lunática.

Chris olhou para mim, descrente.

– Como ele conseguiu perceber a diferença?

– Não sei, Chris, mas ele percebeu – eu disse, enquanto corri para verificar nos armários, pois uma situação de pânico começava a se anunciar. – Ah, não acredito! – exclamei, ao perceber que tinha apenas uma caixa das antigas.

Isso não duraria mais do que alguns dias – uma semana, no máximo –, levando em conta a maneira como Fraser as recusava regularmente se não gostasse da aparência delas. Eu precisava conseguir um suprimento das chupetas do lote antigo. E sem demora.

Naquela manhã, comecei a enviar e-mails que, com sua linguagem ridiculamente específica e o uso ocasional de históricas LETRAS MAIÚSCULAS, teriam parecido a coisa mais insana do mundo para qualquer observador casual. Felizmente, os que os receberam sabiam que eu me referia a Fraser; portanto, não eram e-mails nem um pouco mais malucos do que os que enviara nos últimos anos.

Eu os enviei para a mãe de Chris e meus parentes em Essex, pedindo-lhes para vasculhar todas as lojas, sites da internet e qualquer outra fonte potencial de que se lembrassem, em busca do modelo antigo da chupeta Tommee Tippee, “NÃO a chupeta NOVA e MELHORADA!!!”.

Justiça seja feita: todos eles concordaram e – melhor ainda – começaram a despachar para nosso endereço um fluxo constante de chupetas. Mas eu sabia que isso duraria pouco tempo. As chupetas antigas não estavam mais sendo fabricadas, e os suprimentos logo acabariam. Era uma nuvem pesada pairando sobre nós, uma bomba-relógio na contagem regressiva até o momento em que acabasse nosso

estoque; a explosão era inevitável.

Segundo meus cálculos, estávamos distantes apenas algumas semanas daquele momento; assim, tive de me decidir a entrar em ação. Tendo em vista o que andava acontecendo na escolinha e os avanços que ocorriam em casa desde a chegada de Billy, achei que havia chegado o momento certo de atacar. O tempo se esvaía, e além disso eu realmente já estava saturada daqueles infelizes ruídos de desaprovação e dos olhares das pessoas como se quisessem dizer: “Você não é uma boa mãe”.

Um dia após conversar com Cath sobre os avanços de Fraser, resolvi fazer uma coisa que a maioria das pessoas provavelmente acharia radical. Esperei até a metade da manhã, quando Fraser já se acomodara na saleta da frente e estava vendo televisão. Abri o armário da cozinha, retirei de lá o grande recipiente de plástico no qual guardava as chupetas e o coloquei sobre a mesa. Peguei, então, a tesoura grande que usava na cozinha e comecei a cortar a ponta das chupetas. Foi uma coisa estranhamente catártica. Cortar a primeira me fez bem. Cortar a última, melhor ainda.

Quando Fraser veio até a cozinha para o rotineiro suco da manhã, com Billy a reboque, juntei minhas forças e falei a frase que preparara na cabeça durante a noite anterior.

– Sinto muito, Fraser, mas as chupetas estão todas estragadas – disse, segurando uma delas com o bico cortado.

Ele olhou para mim com um ar de interrogação. Pude perceber as maquinações que já passavam em sua cabeça. Como sempre, eu não tinha ideia de que reação isso iria provocar.

Eu havia me fortalecido para vê-lo derrubar a casa de tanto gritar, mas não aconteceu nada, a não ser um silêncio que continuou durante alguns minutos.

Não ousei falar nada. Pressenti que, se quisesse ter alguma chance de

sucesso, precisava deixar Fraser processar a informação. Depois de alguns minutos, ele apenas deu de ombros, virou-se para seu amigo Billy, sentado no assoalho da cozinha e disse: “Ai, meu Deus, a chupeta está quebrada, Billy”.

Em seguida, ele tomou seu lanchinho, bebeu um suco, deu meia-volta e retornou à sala de estar. Eu não sabia se ria ou se chorava; senti-me exultante, como se tivesse ganhado a medalha de ouro nas Olimpíadas.

Sabia que devia tirar proveito disso; portanto, repeti o processo à noite. Novamente, mostrei a ele uma chupeta com a ponta cortada; Fraser olhou para ela, franziu as sobrancelhas e se foi.

Em dois dias, ele havia parado de pedir a chupeta. A reação foi tão dramática que nem mesmo permitimos que ele usasse uma à noite, o que fizera durante anos.

Na verdade, hoje choro quando penso novamente naquele momento. Parece uma tolice, eu sei, mas para nós significou muitíssimo.

E eu não tinha dúvida nenhuma sobre qual era o catalisador. Chris podia fazer seus “tsc, tsc” e erguer as sobrancelhas quanto quisesse. De alguma forma, Billy havia mudado as coisas para Fraser. As evidências eram incontestáveis; imagino que, se você as levasse ao tribunal, ganharia a causa. O mundo pré e pós-Billy era completamente diferente. Antes de ele chegar, tudo era problema e se transformava em drama. Mas, depois que Billy chegou, tudo deixou de ser problema. Durante anos, atingir cada um dos marcos divisórios tinha sido uma verdadeira batalha. Subitamente, nós os estávamos atingindo sem nenhum drama.

Era uma coisa maluca. A situação das chupetas foi um exemplo primordial. Não muito tempo atrás eu ficara estressada procurando a chupeta certa por todo o país. Acontecera a mesma coisa com o cordão vermelho.

Agora estava claro que os esteios de que Fraser precisava para se

sentir seguro começavam a desaparecer. Seu cordão vermelho, sua chupeta... Lentamente, as coisas de que precisava para se sentir confiante e protegido se tornavam supérfluas. E se tornavam supérfluas porque ele tinha algo mais – Billy.

Eu não estava afirmando que Billy tinha superpoderes nem nada maluco desse tipo. Billy não foi lá e, fisicamente, levou a chupeta embora. Mas, em minha cabeça, não havia dúvida de que, de alguma forma, ele estava habilitando Fraser a ser mais calmo, relaxar e compreender que nem tudo era um grande problema. Não tenho a menor ideia de como ele fazia isso; o fato é que fazia. E não tenho como ser mais grata a ele por isso.



Capítulo 8

Ausente sem permissão

Estávamos no fim do outono de 2011, mas as noites já eram mais longas e traziam os primeiros acordes do inverno. Naquela noite, estava um breu lá fora; e, a julgar pelo assobio nas janelas, semelhante ao lamento da *banshee*, o demônio da morte, formava-se um forte vendaval.

– Quando foi a última vez que você viu Billy? – Chris perguntou, enquanto trancava a porta dos fundos e apagava a luz do banheiro, onde Billy geralmente dormia.

– Nessa tarde – respondi. – Ele brincou um pouco com Fraser, quando ele voltou da escolinha, mas não estava por aqui ao anoitecer, o que achei estranho.

– Hummm... Não é do feitio dele estar fora até agora. Principalmente com esse tempo – disse Chris, verificando a varanda na frente da casa, por onde Billy passava para entrar na gateira.

Olhamos um para o outro, entendendo-nos imediatamente.

Chris acendeu de volta a luz do banheiro, destrancou a porta que dava para o jardim dos fundos e pôs a cabeça para fora.

– Billy! – gritou, mas de nada adiantou. O vento rugindo no meio das árvores abafava qualquer outro som. – Vá para a cama, Louise – disse, pegando um casaco e uma lanterna. – Vou dar uma olhada nas redondezas.

Quando ele saiu, minha cabeça começou imediatamente a se encher

de pensamentos. Nenhum deles bom.

Billy era um enigma sob muitos aspectos. Por um lado, essa criatura encantadora e fofinha em casa. Por outro, um espírito livre, que adorava vagarear pelos campos, principalmente aqui em Balmoral. Desde que veio para cá, ele passou a sair muito mais do que na casa anterior. A razão era óbvia: a Propriedade, com sua vida selvagem, oferecia “colheitas” muito ricas. É conveniente para as pessoas se esquecerem de que gatos são essencialmente predadores. Faz parte de seu DNA sair e caçar outras criaturas. É quase certo que Billy comia a maior parte do que caçava, mas ele adquirira o hábito de trazer pedaços da presa para casa.

Nos meses seguintes à nossa mudança para Balmoral, ele aparecera em casa com ratos, ratazanas e toupeiras. Chris tinha certeza de que ele também caçava filhotes de coelhos que viviam nos bosques. Os vigias da Propriedade costumavam atirar neles como se fossem animais daninhos; assim, eles eram a “colheita” mais fácil de todas.

Não era nada agradável ver os resultados de suas caçadas.

Só na semana anterior ele chegara à varanda com um passarinho na boca. Eu estava indo levar as crianças a um grupo de bebês que ficava na escola local, em Crathie, perto de Balmoral, e já estava chegando na varanda. Ao vê-lo ali com aquele pobre passarinho, levei as crianças rapidamente até a despensa e de lá saímos pela porta dos fundos. Fraser não teria entendido o que estava acontecendo, e tenho quase certeza de que teria se descontrolado. Chamei Chris e pedi a ele que desse um pulo até nossa casa e se livrasse da evidência antes que voltássemos.

De minha parte, tinha dúvidas acerca de gatos e seus hábitos predatórios. Uma parte de mim achava que eles deviam ficar confinados em locais especiais, como acontece em algumas partes do mundo; mas outra parte aceitava que essa era simplesmente uma lei da floresta, em nosso caso, a lei dos pântanos ou dos bosques escoceses. Nesse exato

instante, entretanto, tive de admitir que a ética animal não estava em alta na minha agenda. Sendo honesta, para mim não fazia a menor diferença se ele trouxesse um rato morto para casa. Eu o queria de volta são e salvo.

Sabia que não fazia sentido ir para a cama enquanto Chris estivesse lá fora procurando Billy. Jamais adormeceria. Então, liguei a chaleira e fiz um pouco de chocolate quente. Enquanto estava bebendo meu chocolate e vendo a escuridão lá fora, pensei na perspectiva de perdê-lo; era simplesmente horrenda demais.

Claro que Billy era parte importante de minhas preocupações. Afeiçoara-me tanto a ele que estava seriamente preocupada com o que havia acontecido. Mas, para ser honesta mesmo, se Billy desaparecesse, estaria muito mais preocupada com o impacto disso sobre Fraser. Os dois eram bem próximos; eles haviam se tornado amigos inseparáveis. Como eu daria a notícia a Fraser? Como ele reagiria? Será que conseguiria lidar com o problema? De repente, quando minha mente começava a correr, Chris reapareceu. Pela sua expressão corporal, deduzi que não trazia nenhuma novidade.

– Nada? – perguntei.

– Nada – ele disse, encolhendo os ombros. – Dei uma boa olhada no jardim e no depósito de lenha. Já o vi farejando por lá antes, então achei que valia a pena tentar. Está escuro demais lá. Teremos de esperar até o amanhecer e torcer para que ele apareça – ele disse.

– E o que vamos fazer se ele não voltar? – perguntei, tentando manter a voz firme.

– Vamos esperar até o amanhecer. Tenho certeza de que ele voltará – disse Chris, abraçando-me, o que foi o suficiente para ativar a choradeira. Eu me sentia tão tola chorando por causa de um gato desaparecido, mas simplesmente não conseguia me controlar.

Como agora era nosso costume por causa dos hábitos de caça de Billy, trancávamos a porta da varanda da frente para ele não entrar na casa carregando um animal morto. Se ele entrasse pela gateira do lado de fora da porta, ele teria que dormir lá. Era quente o bastante, mesmo numa noite selvagem e de ventos fortes como essa.

Com passos pesados, subimos a escada, quase calados, ambos sabendo que provavelmente não dormiríamos muito, enquanto esperávamos pelo ruído revelador da gateira se abrindo. Não que houvesse probabilidade de o ouvirmos no meio da ventania que assobiava e bramia e que parecia mais forte a cada hora que se passava.

Nosso sono foi intermitente; Chris levantou-se pelo menos duas vezes e desceu para dar uma olhada, mas não havia nenhum sinal de Billy.

No dia seguinte, levantamo-nos mais cedo do que o normal. Uma claridade fina e acinzentada surgia no leste. Nenhum sinal de Billy.

Por causa do interesse cada vez maior que Billy passara a mostrar em relação ao ar livre, estávamos preparando Fraser, caso seu gato ficasse longe de casa mais tempo que o normal. Dissemos a ele que Billy gostava de sair, e ele entendeu. Imaginamos que, talvez, em seu cérebro autista, ele tratasse isso como uma daquelas coisas que aconteciam na vida, como, por exemplo, papai indo trabalhar.

– Logo ele voltará para casa – disse Chris, repetindo a mesma mensagem nessa manhã.

Eu não conseguia olhar para Fraser. Sentia um enorme nó no estômago; torcia para que Chris estivesse certo.

Billy já tinha saído de casa na escuridão antes, mas nunca ficado completamente ausente sem permissão nem passado a noite fora. Ele sempre entrava de volta antes de trancarmos as portas; por isso, eu

estava seriamente preocupada que algo ruim lhe tivesse acontecido.

Tipicamente, eu já havia começado a me punir. Pensava comigo: *Por que não o mantivemos dentro de casa ou pusemos nele uma coleira luminosa?* Porém, eu sabia que isso seria inútil. Essas eram coisas que você faria se morasse numa cidade ou metrópole. Nós não morávamos em nenhuma das duas, e sim em uma região erma e remota da Escócia.

Inevitavelmente, eu tinha levantado várias hipóteses sobre o que acontecera com Billy. Em outras partes do país, os carros eram a maior causa de morte acidental, mas não era o caso ali. Sendo honesta, havia muito pouco movimento nas estradas, mesmo que Billy tivesse perambulado por elas, o que era improvável. Muito mais provável que ele tivesse se ferido ou sido atacado por outro animal, embora tampouco houvesse muitas criaturas perigosas por lá. Balmoral era um importante habitat e moradia de todo tipo de criatura, do cervo e o esquilo vermelho a uma variedade de pássaros, incluindo o galo silvestre e um parente seu muito raro, chamado tetraz. Pelo que sei, poucos deles caçavam gatos.

Quanto mais eu pensava, mais perdida me sentia. Então decidi fazer algo proativo. Eu não podia simplesmente me sentar lá e ficar esperando.

Naquela manhã, Fraser não ia à escolinha; então, depois de limpar a mesa do café, resolvi levá-lo juntamente com Pippa a um passeio pelas redondezas. Por volta das nove da manhã o vento diminuía, e havia até alguns pedacinhos de azul no céu. Parecia que teríamos um dia bem aceitável; assim, acomodei os dois no carrinho duplo e partimos. Eu precisava fazer alguma coisa; quem sabe, toparia com Billy bem relaxado na casa de alguém ou brincando com um dos outros gatos que eu sabia que viviam na Propriedade.

Quando chegamos na estrada que passa pela Propriedade, encontrei alguns vizinhos.

– Você por acaso não viu nosso gato? – perguntei a um deles, tentando manter a voz baixa para não assustar Fraser.

– O gato cinza que está sempre subindo em árvores? – perguntou ele.
– Não, não vi, mas vou ficar atento.

Enrolei bem o cachecol em volta do pescoço, fechei a cobertura sobre o carrinho das crianças e seguimos na direção dos prédios principais da Propriedade.

Eu adorava passear nos arredores de Balmoral. Nos dias mais sombrios, quando estava de fato lutando com Fraser, essa era uma das poucas coisas que mantinham minha mente sã. Funcionava como uma válvula de escape colocar as crianças no carrinho e sair para um passeio, qualquer que fosse a estação do ano. A Propriedade e suas trilhas nos bosques e jardins eram lindas tanto no inverno como no verão; na verdade, caminhar pela região quando caía neve consistia em um dos pontos altos do ano. O ar era tão fresco e puro que você sentia como se cada respiração lhe fizesse um bem enorme.

Continuei a empurrar o carrinho, passando pela casa construída para John Brown, o preferido da rainha Vitória, onde agora morava o diretor da Propriedade, o *Factor*. Ela se situava bem na direção do campo de golfe, onde algumas vezes a família real jogava. O ano já estava muito avançado para alguém sair para passear, então comecei a esquadrinhar a folhagem e os obstáculos de areia – os *bunkers* – em busca de um sinal de Billy. Sabia que ele não poderia estar lá, mas a cada minuto me desesperava mais. *Onde diabos você se meteu, Billy?*, eu me perguntava baixinho.

Uma caminhada de cerca de dez minutos conduzia até a parte principal da Propriedade, onde fica o castelo. Havia tantos lugares para os quais Billy poderia ter escapado que era ridículo. Como procurar uma agulha no palheiro.

O Garden Cottage, onde a rainha Vitória gostava de ficar, era um dos meus lugares favoritos. Tratava-se de um pequeno e lindo chalé de pedra, construído sobre um gramado perto de um jardim cercado. Fraser adorava o local, principalmente quando eu o levava para atravessar um portão sobre uma arcada de flores e plantas e chegávamos até o jardim para vermos a estufa. Nesse dia, passei na frente do chalé e da estufa, esperando ver um lampejo de cinza na folhagem, mas não tive sorte. Fiz a mesma coisa na horta de mais de dez mil metros quadrados que o Duque de Edimburgo criara alguns anos antes e de onde a família real obtém seus vegetais e legumes quando está em Balmoral. Novamente, nenhum sinal de Billy.

Depois de mais ou menos uma hora, eu investigara um enorme trecho da Propriedade. No caminho, encontramos alguns jardineiros e o pessoal da manutenção, mas ninguém soube nos informar nada.

Sabia que as crianças logo começariam a reclamar; então tomei a direção de casa. O nó que se formara em meu estômago na noite anterior estava bem mais apertado. Eu realmente começava a temer o pior.

Fraser o avistou primeiro.

– Billy voltou, mamãe! – ele disse, quando nos aproximávamos dos primeiros chalés na orla da Propriedade.

– Voltou? Onde? – perguntei.

– Lá! Olha lá! – Fraser disse, apontando um dedo na direção da cerca.

Minha visão não era tão boa assim; por isso demorei um momento para localizá-lo. Sem dúvida lá estava Billy, de pé, na cerca perto do portão da frente. Como se estivesse nos esperando.

Parece loucura, mas, nesse momento, senti o peso do mundo saindo dos meus ombros. Eu poderia ter facilmente chorado, mas não queria que as crianças pensassem que havia algo de calamitoso; então mantive o controle e simplesmente empurrei o carrinho mais depressa.

Billy estava bastante sujo de lama, mas não havia nenhum sinal visível de ferimento ou arranhão. Na verdade, ele parecia bem feliz. Quando cheguei perto do portão, ele arqueou as costas e nos olhou como se dissesse “qual é o problema?”.

Você não faz a menor ideia de como estávamos preocupados com você, tive vontade de dizer a ele, mas me contive para não alarmar as crianças.

– Não disse que ele voltaria mais tarde, ainda nesta manhã, Fraser? – falei.

Dentro de casa, vi que o pelo de Billy estava coberto do que parecia bobes para ondular os cabelos. Devia ser cardo ou pinhas de algum tipo, o que indicava que ele provavelmente foi muito longe e se perdeu, talvez na direção dos pântanos acima do castelo, onde havia pinheirais densos. Talvez ele tivesse encontrado abrigo lá e decidido passar a noite enfrentando a tempestade. Só Deus sabe o que andou fazendo. Jamais saberei. Mas, para ser franca, àquela altura não dei muita importância a isso.

Depois de preparar um pequeno lanche para as crianças, decidi dar um banho em Billy, coisa de que ele não gostava muito. Fraser ficou junto de nós, jogando água nele com a mangueirinha do chuveiro e o punindo por não ficar quieto – Billy tentava desviar do jato de água, o que me parecia bem irônico.

Ele ficou maravilhado ao ser liberado rumo à toalha que já estava preparada para ele.

– Não faça mais isso conosco, Billy – supliquei baixinho enquanto esfregava seu pelo com a toalha; depois deixei que ele saltasse de minhas mãos.

Evidentemente eu sabia que, mesmo se ele tivesse entendido, a chance de me ouvir era zero.



Capítulo 9

Trampolim

Quando as pessoas falam sobre “o melhor amigo do homem”, sempre se referem a cães. Entendo o porquê; eu mesma conheci e amei muitos cães. Porém, à medida que a amizade entre Fraser e Billy se desenvolveu, comecei a perceber quão injusto é o fato de gatos não receberem o mesmo crédito. Porque está claro que eles o merecem.

Tudo o que eu tinha de fazer a cada dia era entrar na minha sala de estar e observar Fraser e Billy juntos para me convencer de que a relação entre humanos e gatos poderia ser também muito especial.

Para ser bem franca, ela vai além do que se pode acreditar. Os laços que os uniam eram muito mais profundos do que eu imaginara. Sim, eu esperava que Billy fosse um amigo para Fraser, um companheiro nas brincadeiras. Mas ele se tornou muito mais do que uma bola macia e fofa para rolar com Fraser no tapete. Billy conseguia não apenas atrair a atenção de Fraser como também mantê-la durante horas. Antes, nada havia ocupado seu interesse dessa forma. Nem mesmo uma máquina de lavar. Em determinadas ocasiões, eles ficavam trancados em seu próprio mundinho, sentados juntos, enquanto Fraser tagarelava, às vezes de forma incoerente. Quase como se falassem uma língua secreta.

Billy também proporcionou a Fraser muitas outras coisas importantes: lealdade, consistência, tranquilidade, estímulo e senso de segurança. Ele era muitas vezes, igualmente, um ombro amigo no qual

Fraser se apoiava.

À medida que semanas e meses se passavam, Billy foi se tornando nosso melhor amigo também. Chris e eu sentíamos como se tivéssemos um novo parceiro em nossa batalha diária para lidar com Fraser e suas idiossincrasias. Quando nos adaptamos à vida naquela casa, isso renovou meu sentido de confiança e força. Com Billy ao meu lado, eu sentia condições de enfrentar algumas batalhas que antes pareciam impossíveis, tão fraca e vulnerável eu me encontrava então.

Houve tantas delas que, às vezes, eu me sentia massacrada. Fazer com que Fraser andasse corretamente; com que Fraser aprendesse a usar o banheiro; com que Fraser usasse garfo e faca. A lista era longa – bem longa. Antes de Billy, eu me sentia incapaz de lidar com todas essas batalhas, imagine vencê-las. Eu não me sentia mais assim.

Então, nas semanas seguintes ao sucesso com a chupeta, decidi lidar com outro problema constante: a escada.

Havia uma boa razão para isso. Como parte da fisioterapia, Billy receberia a visita de alguém que avaliaria suas habilidades motoras e de locomoção. Ele conseguira grandes avanços em outras áreas, graças, sobretudo, a Helen e às talas, que o ajudaram muitíssimo com o equilíbrio e a estabilidade.

A escada, entretanto, ainda era um problema, em parte porque ele nunca precisara negociar isso antes. Essa era a primeira casa em que dormia no andar superior, com exceção daquela onde moravam os pais de Chris. Mamãe e papai viviam em um bangalô.

Então, nessa época, Fraser subia a escada engatinhando ou era carregado por mim ou Chris, o que não era o ideal por vários motivos, principalmente o de que ele estava ficando cada vez mais pesado. Em muitas situações, fiquei quase sem fôlego ao alcançar o topo da escada, após carregá-lo sozinho quando Chris não estava perto.

Não contando mais com Helen, a nova fisioterapeuta era uma senhora chamada Lindsey. Ela deveria chegar em dezembro, umas duas semanas antes do Natal; assim, em meados de novembro, decidi que já era tempo de acelerar as coisas, por assim dizer.

A primeira coisa de que precisávamos era conseguir instalar os corrimões extras; então, depois de termos a autorização do *Factor* para as modificações na casa, pedimos a Mike, o marceneiro da Propriedade, que fosse até lá. Ele começou a instalar um corrimão combinado com uma estaca de metal no degrau do lado de fora. Depois, passou o dia instalando um corrimão muito bonito dentro de casa. Era todo de madeira e do tamanho certo para mãos pequenas.

Quase imediatamente comecei a encorajar Fraser a usar o novo equipamento. Nos dias em que ele não tinha escolinha, eu ficava mais ou menos meia hora de pé no patamar que divide os degraus que levam ao andar superior. Havia cerca de meia dúzia até lá.

– Vamos ver se você consegue usar o corrimão para subir até aqui onde estou – eu dizia.

E o animava e aplaudia à medida que ele avançava cada pequeno lance da escada.

Sem dúvida, era tudo muito incerto. Algumas vezes, ele se recusava categoricamente a tentar subir um único degrau. Outras vezes, subia um ou dois degraus e depois se arrastava até chegar ao topo de escada. Outras, ele se apoiava na parede e subia como se escorregasse para cima, usando as mãos para deixar cada degrau. Por fim, de vez em quando, ele levantava as mãos, agarrava firmemente o corrimão e se erguia, degrau a degrau.

– Muito bem, Fraser! – eu repetia a cada vez.

Sabia que levaria tempo e muita prática, mas estava confiante de que chegaríamos lá.

Por outro lado, o degrau maior de concreto, do lado de fora da casa, foi um sucesso imediato. Em ocasiões como voltar da escolinha, fazer compras ou ir ao médico, eu lhe pedia que usasse o corrimão para subir um único degrau. No início, ele se apoiava na parede ou colocava a mão nela para se equilibrar. Porém, depois de uma dezena de tentativas, logo conseguia subir o degrau muito bem, usando o corrimão.

Fraser parecia bastante satisfeito consigo mesmo quando eu o aplaudia a cada vez. Em muitas, olhava para Billy, que sempre estava por perto.

– Fraser subiu o degrau, Billy – ele dizia.

Eu o prevenira que um terapeuta viria visitá-lo e lhe pediria para subir as escadas. Assim, ele ficou preparado para a visita de Lindsey, que chegou numa manhã cruelmente fria de dezembro.

Agasalhei Fraser da melhor forma possível para a parte do teste que ocorreria no lado de fora. Ele lutou para fazê-lo sem o corrimão; ou se encostava na parede ou em mim até sentir firmeza. Mas, na hora de usar o corrimão, foi o maior sucesso.

– Muito bem, Fraser! – Lindsey disse quando o viu andar com facilidade segurando-se no corrimão.

Ele ficou feliz e me deu um sorriso enorme e radiante.

O sucesso nas escadas do interior da casa não foi tão grande. Quando Lindsey lhe pedia que subisse e descesse sem o corrimão, ele se encostava muito na parede ou se arrastava, usando o bumbum para subir e descer. Somente uma vez desceu os dois últimos degraus andando, mas apenas depois de Lindsey se oferecer para ajudá-lo.

Ele se saiu um pouco melhor usando o corrimão. Conseguiu subir até a metade do patamar, segurando-se no corrimão com a mão esquerda e colocando a direita no degrau à frente para se equilibrar. Apesar do estímulo de Lindsey, ele sempre descia usando o bumbum.

Ela disse que faria um relatório durante o Ano-Novo e que, em algum dia de janeiro, voltaria para checar o progresso.

– Tenho certeza de que ele vai progredir muito – ela disse.

* * *

O Natal chegou e se foi com bastante tranquilidade, como geralmente acontecia entre nós. Por alguma razão, Fraser nunca se envolvia muito com as festas. Diferentemente da maioria das crianças, que ficavam frenéticas no dia 24 de dezembro, ele seguia normalmente com sua vida.

Seria nosso quarto Natal com ele e eu esperava que as coisas mudassem nesse ano, mas não mudaram. Sua escolinha encenou uma peça do nascimento de Jesus e houve cânticos de Natal, além de uma visita do Papai Noel. Ele também foi à festa especial preparada para os filhos dos funcionários do Balmoral e, como todos os garotinhos e garotinhas, ganhou um presente da rainha. Apesar de ter adorado o presente – um urso que cantava quando sua barriga ou suas mãos eram apertadas –, não se entusiasmou muito.

Aquilo me entristecia, pois, como mãe, me lembrava do fato de que ele era diferente. Talvez, de forma egoísta, eu sonhasse em agir como todos os outros pais – embrulhar os presentes, montar a árvore com as decorações, esconder as coisas lá fora para o Papai Noel na véspera de Natal. Fazíamos tudo isso, mas Fraser mal registrava e encarava aquela data como qualquer outra. Não mudava quase nada em sua rotina.

Sem dúvida, não se tratava apenas dele. Preocupávamo-nos também com Pippa – ainda muito pequena para entender, claro. Mesmo assim, compramos muitos presentes para ela, que parecia realmente apreciar as decorações e a árvore natalina.

Isso dá uma ideia de quão difíceis os dias de Natal eram para nós, a

ponto de só termos passado um em casa – apenas porque nevara muito. Um foi com a mãe de Chris e outro com minha mãe, em Essex. Mas não iríamos para lá naquele ano, em parte porque era muito difícil enfrentar onze horas de viagem com Fraser, em parte porque dessa vez tínhamos combinado de passar com a mãe de Chris. Além do mais, no fundo, eu não queria separar Fraser e Billy durante muito tempo.

Fizemos um plano de contingência para os gatos. Nossos vizinhos Sandy e Cilla haviam concordado em ir até nossa casa para lhes dar comida e ver se estavam bem. Eles tinham um netinho, Murray, que adorava gatos; então ele iria ajudá-los.

Quando nos preparávamos para partir na manhã do Natal, Fraser se preocupou muito mais em deixar tudo arrumado para Billy do que com os próprios presentes.

Ele pôs lá fora uma tigela para a comida do gato e um outro prato para a água. Em seguida, passou dez minutos explicando a Billy que viajaria para a casa de sua avó e que Cilla, Sandy e Murray viriam ver se estava tudo bem com ele.

– Murray vai brincar com você – ele disse, afagando-o.

Havia nisso um pouco de exagero, considerando que voltaríamos naquela mesma noite, mas valeu a pena, porque significava que a mente de Fraser estava tranquila. Não se preocupou com Billy durante a viagem nem quando chegamos à casa da mãe de Chris, já que sabia exatamente o que Billy estaria fazendo e quem averiguaria se estava tudo bem com ele. Portanto, em sua mente autista, tudo estava certo, o que era ótimo.

Depois que retornamos à rotina após o Ano-Novo ou Hogmanay – como os escoceses e, agora, até eu, costumamos chamar –, voltei a ajudar Fraser a subir a escada. A única diferença era que agora eu tinha, sem

ter percebido, um assistente.

Certa manhã, no início de janeiro, notei que Billy se posicionara na metade do patamar, no exato local de onde eu encorajara Fraser algumas horas antes.

Eu nunca o vira sentado lá. Quando ele se aventurava pela escada para uma soneca, costumava subir todos os degraus até o quarto de Fraser – ou ficava no andar de baixo, na despensa ou na sala de estar. No início, não dei importância a isso.

No dia seguinte, eu estava na cozinha e ouvi Fraser chamando Billy.

– Billy, Billy, espere! – ele dizia.

Fui até o hall e vi Billy sentado, à direita da borda da metade do patamar, olhando os seis degraus abaixo dele. Fraser, de pé no segundo degrau, vagorosamente subia para encontrá-lo. Fez um enorme esforço e, ao chegar lá, resfolegou, como se estivesse exausto. Em seguida, deitou-se ao lado de Billy no patamar.

Novamente, não dei importância àquilo. Apenas achei tudo muito doce. Quando isso começou a acontecer com regularidade, apenas atribuí a uma nova fase de brincadeira entre eles. Mesmo depois de perceber que precisava passar o aspirador no tapete do patamar com maior frequência para limpar os pelos emaranhados de Billy, não me dei conta do que estava acontecendo.

Somente quando, certa noite, eu os vi juntos que a ficha caiu.

Na manhã daquele dia, tive mais uma sessão de treinamento na escada com Fraser, na qual, digamos, ele não se empenhou muito. Ele tinha subido alguns degraus usando o corrimão algumas vezes, mas logo desistiu e começou a se arrastar. Nem mesmo tentou descer de pé. Eu sabia quando o esforço não valia a pena; assim, desisti logo. Algumas vezes não fazia sentido querer forçar Fraser.

Novamente, Billy se posicionara na escada, e dessa vez na metade dos

degraus que levavam à metade do patamar. Fraser começara a subir na direção dele e estava bem próximo de tocá-lo. Mas, subitamente, Billy virou-se e subiu até o patamar.

– Billy! Espere! – disse Fraser, subindo um pouco mais depressa agora, indo atrás de Billy. – Espere!

Apenas quando Fraser chegou à metade do patamar, Billy parou de subir. Nesse momento, ele encostou a cabeça no peito de seu companheiro e começou a brincar com ele.

– Ai, meu Deus! – eu disse em voz alta.

De repente percebi tudo. Billy basicamente dizia a Fraser que, para brincarem juntos, ele teria de subir todos os degraus. E mais: incentivara tanto Fraser a chegar ao topo da escada que ele havia se movimentado tão rápido quanto podia. Eu nunca o tinha visto subir a escada com tamanha fluidez e facilidade.

Fiquei sem saber o que pensar. De repente, minha cabeça começou a girar. De alguma forma, Billy deve ter incorporado minhas adulações e tentativas de persuasão quanto a esse mesmo lugar e – Deus sabe como – resolvido fazer a mesma coisa. Parecia totalmente impossível. Na verdade, uma coisa maluca. Uma parte de meu ser, de fato, achava que eu estava começando a ficar louca.

Louise, vamos lá!, disse a mim mesma, pois mais uma vez minha cabeça estava a mil.

É claro que Chris achou que eu bebera gim a tarde toda quando lhe contei isso à noite. Ele acreditava muitíssimo em Billy – e foi o primeiro a dizer a todos como aquele gato exercera uma influência relaxante em nossa casa –, mas não comprava a ideia de que Billy fazia mais do que isso. Era algo forçado demais para ele.

Evidentemente, tudo de que eu precisava era que Billy fizesse aquilo de novo. Mas a lei de Murphy entrou em cena e eles não repetiram o

processo naquela noite e, na verdade, em nenhuma quando Chris estava por perto. Durante o dia eles geralmente ficavam no patamar, Billy subindo lentamente os degraus e Fraser tentando alcançá-lo. Era muito frustrante; pensei até mesmo em filmar para provar a Chris que aquilo, de fato, acontecia.

Mas eu sabia o que tinha visto. E sabia o que aquilo significava.

No início de janeiro, conseguimos uma cópia do relatório que Lindsey escrevera após sua visita em dezembro. Dizia exatamente o que supúnhamos: Fraser “apoiou muito na parede e muitas vezes se arrastou escada acima” e “desceu a escada sentado, usando o bumbum, mas andou nos dois últimos degraus segurando a mão da terapeuta”.

Não dei muita atenção ao relatório. Não por não respeitar Lindsey – eu a respeitava –, e sim porque o relatório estava muito desatualizado. As coisas haviam mudado de maneira significativa.

Agora Fraser subia e descia a escada com facilidade. Ele geralmente precisava do apoio do corrimão, mas isso não era problema. Foi por isso que o instalamos lá. O importante era que havíamos transposto aquele obstáculo e feito isso sem nenhum drama maior, o que agora se tornava a norma.

Era difícil de acreditar. Aproximadamente um ano atrás, teríamos vivenciado cenas de incontrolável fúria de Fraser, que sofria uma enorme crise nervosa cada vez que eu lhe sugeria subir a escada. Adoecia de raiva. No entanto, o pior que eu vivenciei durante as últimas semanas de Fraser era um pouco de relutância e desafio. Numa escala de um a dez, isso era dois ou três, no máximo. Em outras palavras, nada.

Quando Lindsey voltou mais ou menos um mês depois, ela viu Fraser orgulhosamente subindo e descendo a escada usando o corrimão.

– Meu Deus! Ele está indo muito bem, não está, Louise? – concluiu, sorrindo.

Nós duas notamos que Billy nos espreitava no topo do lance superior.

– O que será que ele está fazendo lá? Apoio moral, talvez – Lindsey ria.

Havia tanta coisa que eu poderia ter dito, mas preferi ficar calada. Apenas sorri e balancei a cabeça calmamente.

– Quem saberia dizer? Quem saberia? – respondi.



Capítulo 10

Nova floração

A primavera na região das Highlands é sempre uma época linda e mágica, mas, em 2012, parecia especial. Enfrentáramos um inverno longo, escuro e muito frio; assim, foi realmente um alento ver os primeiros narcisos e ouvir o suave fluir das águas do rio, avolumadas com a última neve derretida das montanhas Cairngorms.

Parecia que nossa sorte também estava florescendo um pouco. Chris e eu aprendêramos a ser mais realistas em relação a Fraser, mas os avanços que ele fizera nos últimos meses haviam nos tornado mais otimistas do que tempos atrás.

Não era apenas a atmosfera mais calma e feliz que nos envolvia desde que mudamos para a Propriedade. Havíamos começado a ver vários outros sinais encorajadores.

Lindsey escrevera um relatório de fisioterapia bem positivo. Este chegou às mãos de uma especialista em órtese – uma senhora chamada Lynne, de Aberdeen –, que preparou as talas para Fraser.

As talas foram de enorme ajuda, mas eram incômodas. Esticavam a parte lateral da perna de Fraser e eram ajustadas sob seu pé, o que fazia com que ele andasse de um jeito muito rígido. Também precisavam ser substituídas regularmente, em geral a cada seis meses, o que representava um transtorno.

Quando viajamos para ver Lynne, ela pediu que Fraser caminhasse

um pouco em suas talas atuais; em seguida, fez algumas anotações. Esperava que nos dissesse que as novas talas ficariam prontas em algumas semanas, mas ela teve outra ideia.

– Muito bem, acho que está na hora de você sair das talas – anunciou.

– Verdade? – perguntei.

– Verdade. Ele vai usar botas Piedro.

– O que são botas Piedro?

– São botas ortopédicas especiais que dão suporte até os joelhos, mas não ficam sob os pés como as talas. Elas farão com que Fraser se locomova e se curve com muito maior facilidade.

As botas levaram algumas semanas para ficar prontas, mas, quando chegaram, o impacto foi imediato. Elas pareciam um pouco com aquelas botas de patinação, de cano alto e, claro, sem a lâmina. Mas surtiram efeito instantâneo: Fraser se movimentava com muito maior facilidade dentro de casa.

Conforme Lynne explicara, ele se curvava mais facilmente e se tornou, de maneira geral, mais ágil e flexível. A primeira vez que, de fato, notei a diferença foi quando ele começou a pular no trampolim, muitas vezes com Billy pulando ao seu lado. Ele também começou a se movimentar muito mais rapidamente, quase o ponto de correr, um progresso espantoso.

Sua recém-descoberta capacidade de se locomover me deu enorme estímulo, sobretudo por surgir logo depois de uma conversa muito interessante na escolinha. No início, me preocupei um pouco quando vi que uma das professoras aproximou-se de mim enquanto eu esperava Fraser no fim do dia.

– Louise – ela disse –, não há nenhum motivo para preocupação; só estou curiosa sobre uma coisa.

– Ah, tudo bem – respondi, ainda apreensiva, apesar do sorriso que ela carregava no rosto.

– Por acaso Fraser anda estudando formas geométricas em casa? – perguntou.

Fiquei um pouco confusa.

– Hã... Não – refleti. – Temos um daqueles jogos de colocar quadrados, círculos e triângulos nos espaços corretos, mas só isso. Por quê?

– Hã... Bem... hoje ele reconheceu um octógono, um hexágono e um pentágono; ele os identificou pelos seus respectivos nomes.

Fiquei chocada, mas tentei não dar muita importância.

– Ah! – exclamei. – Pois é. Esse é Fraser. Sempre cheio de surpresas.

– Sem dúvida – ela concordou.

Eu sabia que elas estavam se esforçando muito para compreender as necessidades especiais de Fraser a fim de poderem atendê-las no ano seguinte, pois ele se preparava para mudar para a “escola grande” no mês de agosto.

– Quer que eu pergunte a ele? – eu disse.

– Não, não há necessidade – ela respondeu. – Seria bom se você pudesse observá-lo e nos informar se há alguma outra boa surpresa guardada para nós. Com toda a certeza, nos ajudará a planejar as aulas de modo a se adequarem a ele.

Quando contei a Chris sobre aquela conversa à noite, a reação não foi a esperada. Em vez de parecer chocado ou surpreso, ele apenas acenou com a cabeça.

– Ah, ele vive fazendo isso.

– Verdade? Quando? – perguntei.

– Bem..., lembra-se daquela vez na casa de minha mãe quando estávamos jogando aquele jogo?

– Ah, sim. Os dados – eu disse, lembrando-me de repente do que acontecera no ano anterior, quando fomos para o litoral ver a mãe de Chris e seu companheiro.

Eles adoravam jogos de tabuleiro, e a mãe de Chris encontrara num bazar beneficente um jogo do tipo “serpentes e escadas”. Como eu, ela tentara todos os tipos de brinquedo com Fraser, na esperança de que um dia ele gostasse de algum. Esse em especial parecia ter despertado seu interesse. As peças grandes facilitavam, já que ele não conseguia lidar com objetos pequenos.

O jogo começou, e a mãe de Chris deu o dado a Fraser. Ele o lançou e, antes que alguém tivesse a chance de dizer qualquer coisa, simplesmente soltou: “Cinco”.

Verdade, era um cinco, mas ficamos todos surpresos porque ele não parou para contar os pontinhos marcados no dado, nem nada parecido.

Aconteceu novamente quando chegou sua vez de jogar.

– Seis – ele disse, ganhando o direito de rolar o dado de novo.

E assim foi durante todo o jogo.

– Quatro.

– Três.

A cada lance ele anunciava um número quase no instante em que o dado parava. Só de olhar os pontinhos pretos, já sabia o número.

Ele tinha três anos naquela ocasião, e nunca brincáramos de nenhum jogo de tabuleiro nem coisa parecida antes.

– É verdade, eu havia me esquecido disso – assenti. – E você se lembra de quando ele contou para trás de vinte até um? Isso com apenas dois anos.

– Ele também fez uma série de coisas que me surpreenderam outro dia; eu queria te contar isso – disse Chris, quando nós dois começamos a nos entusiasmar com o assunto.

– O que mais você está escondendo de mim? – perguntei, meio brincando.

– Estávamos do lado de fora do supermercado em Aboyne, sentados no carro, enquanto você estava lá dentro com Pippa, fazendo compras. Ele apontou para uma casa e disse: “Olha aquela casa, ela tem um cata-vento!”. Eu não tinha a menor ideia de que ele sabia o que era um cata-vento. E uma noite dessas ele mencionou a palavra “gravidade”. Achei que ele não sabia o que significava, então perguntei: “O que é gravidade, Fraser?”. Ele apenas me olhou e disse “segura você no chão”, depois saiu.

Caímos na risada. Não havia como ele estar aprendendo essas coisas na escola. Ela se destinava principalmente a crianças de dois a quatro anos e se concentrava, sobretudo, em brincadeiras e atividades. Nessa época, eles passavam a maior parte do tempo colhendo narcisos para um projeto da primavera.

Portanto, a questão era: de onde ele andava obtendo essas informações? Sabíamos que Fraser não conseguia ler, porque nós é que líamos para ele. E também não era com a televisão, porque os únicos programas aos quais assistia eram *Tom e Jerry*, o CBeebies – o canal infantil da BBC – e um ou dois outros canais para crianças. Ele ficava muito irritado se qualquer coisa diferente desses programas surgisse na tela.

Isso era realmente tudo. Com certeza ele não estava assistindo, escondido de nós, a programas de matemática, sobre o tempo ou ciências, na National Geographic. Bem... pelo menos eu não acreditava nisso. Mas agora eu tinha minhas dúvidas.

Esse, mais uma vez, era um dos paradoxos a respeito de crianças autistas. De acordo com as avaliações convencionais, elas não se desenvolvem tão bem quanto as outras. Porém, muitas vezes, mostram

habilidades que vão muito além das que crianças normais na mesma faixa etária podem mostrar. É um clichê dizer que todas as crianças autistas têm dons especiais, e eu não queria que Fraser fosse classificado como algum tipo de Rain Man, o personagem do filme do mesmo nome, que sabia de cor números de telefone e memorizava cartas no cassino. Mas havia um potencial não explorado em Fraser. Isso me fez perceber que ele não era o caso sem solução que, sem dúvida, algumas pessoas achavam que fosse.

Funcionou como um verdadeiro incentivo. Eu me preocupava constantemente a respeito do que aconteceria com Fraser em termos de educação. Aquilo que ouvíamos em Aberdeen, quando ele foi diagnosticado como autista, ainda rodopiava em minha cabeça de vez em quando: “Fraser nunca terá condições de frequentar uma escola normal”.

Sob alguns aspectos, já desafiáramos essa sombria previsão. Sua escola não era, de modo nenhum, para crianças com “necessidades especiais”. Sim, ele era a única criança lá que precisava de atenção especial, mas era apenas um aluno na maior parte do tempo. No fundo, eu desejava ardentemente que ele fosse admitido em uma boa escola fundamental, numa turma cheia de outras crianças de sua idade, onde ele pudesse sempre ser tratado exatamente como todos os outros.

Cheguei até mesmo a imaginar isso na minha cabeça. Eu estaria lá, no portão da escola, vendo-o subir os degraus, em seu uniforme e com uma mochila nas costas.

Sabia que isso era pouco provável. Seus problemas eram muitos para que ele se transformasse em um estudante normal, seja lá o que isso possa significar. Contudo, uma mãe pode sonhar, não pode? Recortes de notícias encorajadoras como essas realmente significaram um grande impulso em minha crença de que isso poderia acontecer. À medida que,

pouco a pouco, a nova estação da primavera se consolidava e os dias começavam a ficar mais longos, me sentia mais determinada do que nunca a dar uma chance a Fraser.

Como sempre, os primeiros sinais da primavera coincidiram com o aniversário de Fraser. Era difícil acreditar que ele estava com quatro anos. Parecia que tinha sido ontem que ele viera ao mundo, gritando até quase derrubar as paredes.

Em contraste com o Natal, que nunca o conquistou, Fraser respondia bem ao seu aniversário. Acho que isso se relacionava com o fato de ele ser o centro das atenções. Também satisfazia sua necessidade de ordem. Ele relacionava ao fato de que estava um ano mais velho e conseguia dar um número às coisas. Em sua mente incerta e autista, acho que isso era importante.

Então, eu realmente gostava de passar pela mesma rotina todo ano. Começava no dia anterior, quando eu fazia um bolo especial de aniversário e o decorava com o nome dele; naquele ano, com uma única vela de número quatro. Assim, quando ele foi para a cama, pus mãos à obra, decorando a cozinha e o restante da casa.

Coloquei o bolo no meio da mesa de jantar, com todos os cartões que ele recebera dispostos ao redor. Depois, preparei um grande pôster onde escrevi “Parabéns”, além de muita serpentina.

Em seguida, Chris e eu enchemos bexigas e as colocamos no saguão com todos os presentes. Chris encheu também um enorme balão de hélio com um imenso 4 nele e prendeu mais dois pôsteres de “Parabéns”, um na sala de estar e o outro na porta do banheiro, para ser a primeira coisa que Fraser veria quando saísse de seu quarto pela manhã.

Fraser adorava a rotina do dia a dia e ficou muito entusiasmado

assim que se levantou no dia seguinte. “Hoje é meu aniversário. Fraser tem quatro anos”, ele disse pela primeira de muitas, muitas vezes.

Billy parecia saber o que estava acontecendo e chegou à cozinha, onde estavam presas as bexigas. Numa atitude incomum, posicionou-se ao lado da cadeira de Fraser, o que, aparentemente, o deixou ainda mais entusiasmado.

– Hoje é meu aniversário! Fraser tem quatro anos, Billy! – ele dizia quase toda vez que abria a boca para tomar seu café da manhã.

Em seguida, passamos para a sala de estar, onde o entusiasmo de Fraser aumentou ainda mais. Chris e eu havíamos colocado lá alguns presentes. Como sempre, puras suposições. Fraser poderia gostar ou não deles, mas, mesmo assim, era uma grande alegria vê-lo desembrulhando-os metodicamente, um de cada vez. Dessa vez compramos para ele um computador LeapPad, uma linda plataforma educacional que lhe permitia interagir com jogos e outras coisas. Também compramos fones de ouvido e jogos.

Billy ainda estava colado a Fraser, fascinado pelos papéis de presente que Fraser descartava, nos quais ele enterrava o nariz. Quando Chris, por brincadeira, jogou um pedaço de fita enrolada no meio da sala, Billy voou na direção dela, como se sua vida dependesse daquilo. Foi delicioso vê-lo se divertir ao nosso lado. Afinal de contas, ele fazia parte da família tanto quanto qualquer um de nós.

Era um dia normal de escola, então tive de aprontar Fraser para sair. Ele não protestou; contanto que pudesse “usar” seu distintivo “tenho quatro anos”, estava tudo ótimo. Ele também sabia que teria uma festinha na escola, como sempre faziam para todas as crianças. Quando fui apanhá-lo mais tarde, ele estava brincando com seu LeapPad no saguão, o que deixou Chris e a mim encantados. No ano anterior, gastáramos um bom dinheiro numa bicicleta igual às da polícia, movida

a bateria, que ele ignorou totalmente.

Depois cantamos “Parabéns a você”, e ele soprou a vela. No mais, foi uma noite rotineira.

Não estávamos na fase em que convidávamos outras crianças; Fraser ainda se “desligava” na escolinha. Ele se sentia feliz sentando-se e brincando com as outras crianças, mas não interagia de fato com elas. Por isso, não tinha “coleguinhas”, por assim dizer. Isso me deixava um pouquinho triste, mas eu sabia que ele tinha Pippa e seu melhor amigo, Billy.

Percebêramos novamente a profundidade dos laços que os uniam algumas semanas antes de seu aniversário.

Nós o havíamos levado ao médico para sua espetadela final da vacina tríplice viral. O bizarro é que ele nunca teve nenhum problema com relação a injeções. Era de esperar que criasse um escândalo fenomenal, mas isso nunca acontecia. Ele havia recebido mais do que sua cota normal de espetadas com o passar dos anos, mas nunca criou problema algum. E dessa vez foi a mesma coisa.

Infelizmente, ele voltou para casa sentindo-se indisposto. Durante a viagem parecia tudo bem, mas cerca de meia hora antes de chegarmos, ele ficou apático e teve febre alta. Não chamei o médico imediatamente; eu havia sido alertada de que ele poderia ter febre alta e sonolência um pouco depois da vacina. Tudo o que eu devia fazer era mantê-lo hidratado e cuidar para que ele não vomitasse nem ficasse superaquecido. Ele não quis ir para a cama, então tive de acomodá-lo no sofá da sala de estar diante da televisão.

Chris ainda estava trabalhando; eu tinha de preparar o jantar, e Pippa cobrava minha presença ao seu lado de uma maneira incomum; assim, eu só conseguia ficar atenta a Fraser a distância. Felizmente, Billy estava a postos.

Ele permanecera do lado de fora, esperando por nós, quando chegamos. Mais uma vez, parecia pressentir que sua presença era necessária. Eu mal acabara de estender o cobertor sobre Fraser no sofá quando ele apareceu. Pulou imediatamente em seu colo, aninhou-se e ficou lá quase imóvel.

Billy era um gato vivo demais para ficar deitado por muito tempo; assim, supus que na próxima vez que eu fosse checar se estava tudo bem, ele já teria saído. Mas não. Cerca de vinte minutos depois, os dois ainda estavam lá, entrelaçados, como se formassem um nó. Estava claro que Billy não ia a lugar nenhum. Isso me surpreendeu e provou algo de que eu suspeitava há bastante tempo.

Muito se tem escrito sobre a capacidade dos gatos de pressentir quando os humanos não estão bem. Na opinião de alguns, eles podem, por exemplo, detectar crise epiléticas antes que estas aconteçam. Outros acreditam que o ato de ronronar realmente ajuda a curar seres humanos. É algo que tem a ver com vibrações.

Não sou cientista e, portanto, não faço ideia se provas concretas fundamentam essas teorias. Mas sei muito bem o que vi naquela tarde. Em vez de ficar perambulando pelos campos de Balmoral em busca de toupeiras ou pássaros, Billy escolheu ficar dentro de casa com Fraser. Não para sua própria diversão, pois lá nada havia de divertido. Fraser não estava no clima de rolar pelo tapete, brincar na escada nem no jardim. Precisava haver uma razão para isso?

Quando Chris voltou do trabalho naquela noite, a febre de Fraser baixara um pouco, mas ele ainda estava zozinho e não se sentia muito bem. Então, decidimos lhe dar um lanche leve e levá-lo para a cama.

Billy adquirira o hábito de esperar até que Fraser adormecesse e depois sair devagarinho do quarto por algumas horas. Mas não nessa noite. Ele se postou num lugar ao pé da cama, onde Fraser aninhara as

pernas, e permaneceu lá até o amanhecer, quando seu companheiro já estava bem melhor. Foi só nesse momento que ele se sentiu livre para deixar seu posto, desaparecendo pela gateira e partindo naquela manhã Deus sabe para onde.

Algumas vezes eu me perguntava se estava projetando expectativas demais na relação entre eles, se exagerava em acreditar na influência que Billy exercia sobre Fraser.

Chris ainda era cético quanto a isso. Ele não duvidava da afeição que um tinha pelo outro, mas via isso apenas como amizade entre um garoto e seu animalzinho de estimação; nem mais, nem menos.

Às vezes eu me sentia tola, até mesmo ingênua. Como um gato poderia exercer tanta influência sobre um garotinho? Quando eu olhava para ele durante a fria luz do dia, isso realmente não fazia sentido.

Alguns eventos durante aquela primavera, contudo, me trouxeram a confiança de que eu precisava. Pela primeira vez, comecei a sentir que não era tão ingênua – nem tola.

Raramente Fraser se sentia feliz ao ouvir alguém bater à porta da frente, mas certa manhã ele reagiu ao som correndo imediatamente para o corredor.

– É a Kay? – perguntou ele.

– Acho que sim, Fraser – respondi.

Kay era uma terapeuta ocupacional que conhecia Fraser desde bebê. Ela marcara um horário para visitá-lo novamente a fim de avaliar seu progresso.

De todas as diferentes terapias pelas quais Fraser havia passado, a ocupacional foi, por alguma razão, a de maior eficácia. O objetivo era ajudá-lo a lidar com as funções diárias que ele precisava desempenhar na

vida, desde escovar os dentes até levantar a calça, desde fazer as refeições até usar um lápis para escrever. Mas havia sido uma verdadeira batalha para ele e seus terapeutas, com poucos avanços. Suspeitávamos que grande parte disso se devia à sua determinação de *não* fazer as coisas quando assim decidia. Então, durante algum tempo, paramos com a terapia, porque ela não levava a lugar nenhum. O resultado disso foi que eu assumi o fardo de ensinar a ele muitas daquelas coisas, com sucesso meio duvidoso. Quando faltava mais ou menos um ano para ele ir a uma escola de período integral, eu já sabia que teríamos de superar esses problemas de uma vez por todas. Ele ainda se atrapalhava ao usar faca e garfo, ao segurar um lápis e outras coisas. Tínhamos de fazê-lo progredir nisso – e logo.

Por causa disso, Kay só trabalhara com Fraser quando ele era bem mais novo, antes de ser completamente diagnosticado. Ela não o via havia alguns anos e ficou muito surpresa com seu progresso.

Fraser, de cara, se envolveu em uma conversa com ela.

– Vi você quando era bebê e morava na outra casa – disse ela.

– Na casa onde o Billy chegou para ficar com a gente?

Kay olhou para mim, confusa.

– Não conheço o Billy – disse ela.

– Billy é o gato do Fraser. Ah, olha ele aqui – disse Fraser, notando seu amigo, que acabara de entrar pela gateira da varanda da frente, fazendo barulho.

– Ah, olá, Billy – ela disse.

Eu queria que Kay visse quanto Fraser progredira em sua capacidade motora.

– Mostre a Kay que você consegue subir a escada – eu disse.

– Ok. Vem comigo, Billy – ele disse, convidando Billy a subir os degraus com ele. Num piscar de olhos Billy estava na metade do

patamar, esperando Fraser alcançá-lo.

Em seguida, eles ficaram lá se abraçando por alguns minutos.

– Ah, que meiguice! – disse Kay.

Havia formulários para preencher, como sempre. Então, depois que ela observou Fraser por mais alguns minutos, eu a convidei para tomar uma xícara de chá na sala de estar, onde Fraser estava agora, deitado no chão vendo televisão.

Ele e Billy interagiam como sempre, um esfregando a cara no outro e se abraçando. Não dei importância a isso, que, para mim, já fazia parte do dia como o sol da manhã.

Kay estava explicando alguma coisa a mim, mas subitamente perdeu a linha de raciocínio.

– Puxa vida, isso realmente não é comum! Nunca vi uma criança e um gato interagirem dessa forma – disse. – Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Antes, ninguém havia, de fato, me perguntado sobre a relação entre eles. Expliquei como “adotáramos” Billy nove meses antes e como eles se deram muito bem de imediato.

Ela ficou espantada quando expliquei o que acontecera naquela primeira noite em Aboyne. Kay sabia quão sensível e medroso Fraser era quando novinho e não conseguia acreditar que ele tinha ido até a gaiola onde estava Billy e começado a brincar com ele sem a menor preocupação.

Relutei em contar sobre quanta influência eu acreditava que Billy exercera sobre Fraser desde que ele veio para nossa casa. Não queria fazer afirmações que poderiam dar a impressão de que eu era maluca ou excêntrica.

Como acabou acontecendo, não precisei falar nada.

– Os gatos são criaturas incríveis, não? – comentou Kay. – Tenho a

impressão de que Billy é uma espécie de herói.

O olhar que dirigiu a mim dizia que ela compreendia perfeitamente tudo o que estava acontecendo.

* * *

Alguns dias depois da visita de Kay, recebi um telefonema de outra velha amiga, Liz, da Cats Protection.

Ela queria um favor. Sua instituição beneficente estava tentando despertar a consciência do público a respeito do trabalho que fazia e procurava algumas histórias com “boas notícias” sobre pessoas e gatos que ela havia unido.

– Nunca me esqueci de Fraser e Billy, e gostaria de saber como eles estão se dando – disse.

Liz, mais do que qualquer um, era alguém que me entenderia, então contei-lhe sobre as coisas que eu achava que Billy estava fazendo. Foi uma catarse; libertei-me de todo o peso que carregava, compartilhando-o com alguém que eu sabia que me entenderia.

– Ah, que fantástico, Louise! Sabia que eles seriam bons amigos. Tudo bem se eu escrever uma pequena história sobre isso no site da Deeside Cats Protection? – perguntou.

– Claro! – eu disse.

Acabei me esquecendo dessa conversa, mas alguns dias mais tarde recebi outro telefonema, dessa vez de alguém da Cats Protection de Londres. Eles haviam lido a história que Liz publicara no site local e queriam saber se poderiam usá-la em escala nacional.

– Estamos tentando despertar a consciência pública a respeito da Cats Protection, mas também sobre o autismo e como os animais podem ajudar. Parece que Fraser e Billy têm uma relação muito especial e são

exatamente o que estamos procurando – disse a mulher.

Fiquei um pouco insegura e lhe perguntei o que tinha em mente.

– Bem... estávamos pensando em abordar a imprensa nacional e ver se alguém gostaria de escrever uma matéria sobre eles – esclareceu.

Pedi a ela alguns dias para que eu e Chris pensássemos a respeito. Ele, é claro, ficou muito surpreso quando toquei no assunto.

– Por que eles escreveriam sobre Fraser e Billy? – perguntou, sacudindo a cabeça no jantar naquela noite, depois que as crianças tinham ido para a cama.

– Porque acham que há algo poderoso na relação deles e isso despertaria a consciência do público em relação a como os gatos podem ajudar crianças como Fraser – respondi. – Se isso ajudar outras mães e pais com o mesmo problema, então acho que devemos aceitar.

– Ok – consentiu ele. – Não vejo como isso pode nos prejudicar, desde que não perturbe Fraser.

No dia seguinte, liguei de volta para a senhora da Cats Protection e dei a ela permissão para seguir adiante, esperando que a questão acabasse naquilo. Porém, dentro de uma hora, ela ligou de volta com uma notícia surpreendente.

– Olá, Louise. Uma pessoa do *Daily Mail* gostaria de falar com você – disse.

Fiquei chocada. Esperava que nossa história ocupasse apenas alguns centímetros de uma revista para mulheres, não que um grande jornal nacional se interessasse por ela.

– Hummm... Ok. – respondi.

Uma repórter do jornal, também chamada Liz, ligou mais tarde naquele mesmo dia e me fez uma enorme quantidade de perguntas. Qual era o problema de Fraser? Por que eu decidira arranjar um gato para ele? Como Billy o ajudara? Que mudanças eu havia notado em Fraser

desde sua chegada?

Foi algo surreal. Nos últimos meses, eu me sentira uma tola por chegar a pensar nessas coisas. Agora falava sobre elas para várias pessoas, incluindo uma repórter de um jornal lido por milhões. Era quase como uma experiência fora do corpo.

Liz tinha primeiro que checar com seu editor, mas disse que eles poderiam enviar um fotógrafo para fazer algumas fotos de Fraser e Billy.

– Preciso que me avisem com muita antecedência – alertei. – Não quero ninguém aparecendo à porta sem ser anunciado.

– Claro – ela me tranquilizou. – E vamos nos certificar de que seja alguém acostumado a trabalhar com crianças como Fraser e com animais.

Novamente, achei que não ouviria mais a respeito disso por um bom tempo, mas poucas horas mais tarde a repórter retornou o telefonema e ficou combinado que um fotógrafo, um sujeito chamado Bruce Adams, viria até nossa casa dentro de poucos dias.

Para minha surpresa, quando expliquei tudo a Fraser, ele se mostrou absolutamente tranquilo.

– Tem um moço que quer vir aqui para tirar uma porção de fotos do Billy – eu disse, tomando cuidado para não pressioná-lo de nenhuma forma.

– Ok – ele respondeu. Em seguida, saiu e foi direto até onde estava Billy para contar a ele. – Vem um homem aqui para tirar uma foto sua, Billy.

Bruce Adams revelou-se a pessoa mais simpática que se pode imaginar. Ele trabalhara antes com crianças portadoras de deficiências – incluindo uma garota com síndrome de Down que se tornara modelo – e também com vários animais.

O Fraser do passado teria ficado extremamente desconfiado em

relação a ele, mas a nova versão sentiu-se bem. Eu não tinha muita certeza se Billy toparia a brincadeira, por assim dizer, mas ele também me pareceu encantado com Bruce. Ele e Fraser deitaram-se no tapete, rolando para lá e para cá, esfregando as caras uma na outra, como faziam todo santo dia.

– Isso é fantástico! – Bruce dizia repetidamente, à medida que os fotografava, o que durou cerca de meia hora.

Eu não tinha a menor ideia se era, de fato, fantástico ou não. Nessa época, para mim, era apenas sinal de normalidade.

Bruce disse que o pessoal do jornal entraria em contato conosco para informar quando sairia a reportagem. Mais uma vez, repeti a mim mesma que aquilo provavelmente não daria em nada. Na época, minha prudência acabou se revelando bem fundamentada. Março chegou e se foi; abril e maio, a mesma coisa. Mamãe e papai sempre liam o *Daily Mail*, então pedi que ficassem atentos. Mas nada acontecia. Durante algum tempo fiquei um pouco aborrecida. Ansiava ver, no mínimo, as fotos. Mas logo já havia me esquecido de tudo. Eu tinha coisas mais importantes para fazer.



Capítulo 11

Mudando as regras do jogo

Sem dúvida, o melhor conselho que recebi desde que Fraser nasceu veio – o que não é surpresa – de outra mãe. Eu a conhecera na época em que ele fora diagnosticado como autista, quando viajávamos constantemente para Aberdeen.

Ela própria tinha um filho deficiente, e nós duas tomamos um cafezinho juntas algumas vezes.

– Ter um filho deficiente é diferente – ela me disse. – Não podemos planejar o futuro; temos de esquecer nossos sonhos e aspirações. Apenas viver o aqui e agora.

Parecia simples demais para ser verdade, e levei algum tempo para aceitar isso. Era de minha natureza sempre planejar; eu era alguém que olhava automaticamente para o futuro. Talvez fosse meu signo astral.

Mas chegámos a um acordo quanto à condição de Fraser. Assimilei a verdade das suas palavras. Lentamente, mas de maneira segura, Chris e eu havíamos aprendido a nos concentrar apenas no dia a dia, no aqui e agora. Não por nenhum lampejo de inspiração filosófica nem coisa parecida. Tampouco lemos os livros de autoajuda sobre “viver o momento”. Foi mais um *insight* de que era, na verdade, a única opção realista que tínhamos porque, no que dizia respeito a Fraser, tudo mudava. O que se aplicava a um dia poderia não se aplicar ao outro. As regras eram sempre modificadas.

Aquelas palavras sábias voltaram à minha mente no verão de 2012. Justo quando acreditávamos estar indo em uma direção, tínhamos de desviar para outra. As regras mudavam de forma dramática.

Fraser era sempre imprevisível. Seu humor podia se transformar a cada minuto ou de um dia para outro. Era essa a nossa realidade. De maneira geral, entretanto, tínhamos bastante sorte. Ele permanecera consistente em sua inconsistência, se é que isso faz sentido. Sabíamos o que poderia irritá-lo e, a duras penas, aprendemos a lidar com ele. Mas também estávamos cientes de que havia sempre a chance de ele atravessar períodos de mudança. E foi precisamente isso que aconteceu.

Difícil apontar exatamente quando começou, porém o primeiro sinal de que algo estava errado surgiu quando ele ficou sabendo que uma de suas monitoras favoritas na escola ia embora. Ela era uma jovem muito inteligente e animada, que fora abençoada com uma paciência infinita, sobretudo quando se tratava de lidar com Fraser. Ela gostou dele imediatamente, e ele também se afeiçoou muito a ela.

Cath me contou que estava indo embora. Ela conseguira um emprego em período integral como assistente de classe em uma escola maior e, com toda a razão, estava saindo.

Quando dei a Fraser a notícia foi como se ela o tivesse traído e fosse algo pessoal. De repente, ele anunciou que não gostava mais dela. E, o pior, começou a não querer mais ir para a escolinha, porque ela ainda estava lá.

Ir para a escola pela manhã havia se tornado, pelo menos em relação a Fraser, uma operação bastante tranquila. Porém, quase que da noite para o dia, era como se a escola tivesse virado zona de guerra. Se chegássemos lá e ele visse o carro dela no estacionamento, começava a gritar e se debater. “Não gosto dela!”, gritava. “Não quero ver a cara dela hoje.”

Às vezes eu levava dez minutos para acalmá-lo e convencê-lo a entrar na sala de aula. Em uma ocasião, acabei desistindo e voltando com ele para casa.

Somente quando essa jovem saiu, Fraser se acalmou um pouco. Mas, aparentemente, esse incidente ativou outro tipo de comportamento. Era estranho; como se ele tivesse atingido uma parede de tijolo, muitas das coisas positivas que haviam acontecido começaram a desmoronar.

Uma transformação patente que aconteceu em seguida foi ele ter ficado cada vez mais ansioso em casa. De repente, ao voltar da escola, passou a dizer que ninguém gostava dele.

Eu tentava tranquilizá-lo. Dizia-lhe que essa e aquela assistente gostavam dele, contudo ele se recusava a aceitar.

– Não, ela não gosta, não. Ela não gosta de mim! – rebatia, muito nervoso. Fazia um bom tempo que não víamos aquela raiva estampada em seu rosto, contudo ela começou a reaparecer.

Verifiquei com Cath se ele vivenciara algum confronto com outra criança, mas nada tinha acontecido. De qualquer forma, ele não interagiu com elas; assim, ficava difícil saber como alguém poderia tê-lo aborrecido tanto.

Isso parecia minar sua autoconfiança, porque, a partir daí, ele desenvolveu a ideia de que Pippa, Chris e eu também não gostávamos dele.

– O papai não gosta de mim – ele dizia, do nada.

– Não é verdade, Fraser. O papai te ama – eu respondia.

No entanto ele se recusava a ouvir. Cobria os ouvidos com as mãos e gritava até que eu o fizesse parar. Esse comportamento estranho foi se intensificando, e ele começou a se sentir incomodado e infeliz em relação a tudo. Em seguida, todas as suas ansiedades começaram a convergir em torno de um assunto: seu quarto.

Chris e eu havíamos nos empenhado muito para criar um espaço onde Fraser se sentisse confortável e seguro. Porém, de repente, tudo o que havíamos colocado lá parecia ser um problema.

A primeira coisa de que ele se queixou foi a cor da parede. Havíamos pintado o quarto de um amarelo bem claro, quase neutro. Uma noite, quando eu tentava colocá-lo na cama, ele subitamente sentou-se, cobriu os ouvidos com as mãos e declarou: “A parede está fazendo muito barulho”, e começou a gritar desesperadamente. Foi uma coisa horrenda.

Descontrolado emocionalmente, ele começou a reclamar de tudo. Um ou dois dias mais tarde, Chris e eu fomos acordados com uma gritaria de Fraser. Estava escuro como breu, e por alguns segundos pensamos que alguém invadira a casa, tamanho era o escândalo que ele fazia. Mas, quando corremos até seu quarto, ele nos disse que havia “flores caindo do teto”.

Por um momento, ficamos perplexos. Não tínhamos a menor ideia do que ele queria dizer, porém descobrimos que ele se referia às estrelas que brilhavam no escuro e que pintáramos no teto quando ele era bebê. No passado elas o acalmavam, mas agora, por uma razão inexplicável, produziam o efeito oposto. Então nós as tiramos de lá.

Logo fizemos outras mudanças. Ele tinha um edredom do qual eu gostava muito, cheio de estampas com personagens da Disney. De repente, uma noite, quando eu o colocava para dormir, ele começou a dar chutes, a se debater e jogou o edredom para fora da cama: “Não gosto dele, ele fica me amarrando”.

– Você quer outro edredom? – perguntei.

Ele apenas fez um aceno com a cabeça. Então eu o cobri com um edredom branco.

Em seguida ele reclamou da “capa” à prova d’água que havíamos colocado sobre seu colchão, caso ele se molhasse na cama ou tivesse

outro tipo de acidente. Subitamente isso estava errado e o irritava. A capa também teve de ir embora.

Além disso, Fraser anunciou que não queria mais usar a parte de baixo do pijama, porque ela o impedia de mexer as pernas e esfregar um joelho no outro.

As coisas ficaram quase intoleráveis. A hora de ir para a cama se transformara em um campo minado ou, mais precisamente, uma zona de batalha. A hora do banho, relativamente calma nos últimos meses, voltara a ser um grande ponto de atrito. Enquanto estava no banho, ele já começava a se inquietar em relação ao quarto. Reclamava que não queria olhar para as “paredes barulhentas” nem ficar “amarrado” dentro do edredom. Tudo era tão frustrante! Havíamos feito tanto progresso, e agora parecia que estávamos retrocedendo!

Duas coisas nos trouxeram salvação. A primeira foi um livro. Chamava-se *Born on the Blue Day* [Nascido em um dia triste], escrito por Daniel Tammet, um sujeito autista erudito. Lendo-o, aprendi muita coisa sobre autismo e também encontrei muitos paralelos com Fraser.

Por exemplo, a necessidade compulsiva desse sujeito pela ordem era tamanha que ele comia exatamente 45 gramas de mingau no café da manhã e não podia sair de casa sem contar o número de peças de roupa que estava usando. A compulsão de Fraser para ter seu Marmite na torrada cortada em triângulos exatos parecia “fichinha” em comparação.

Quando esse escritor ficava estressado ou sentia-se infeliz, ele fechava os olhos e contava. Também suspeitava que Fraser o fazia.

O livro foi uma verdadeira revelação sob muitos aspectos; lendo-o, senti pela primeira vez que compreendia muitas facetas da personalidade de Fraser. Em um dos capítulos, o autor descreveu como conseguia fazer incríveis cálculos de matemática e via números como formatos, cores e texturas na mente. Mas também falava sobre como certas cores poderiam

irritá-lo. Em certa ocasião, ganhou uma bicicleta vermelha e amarela no Natal, a qual jamais usou porque, para ele, ela parecia estar pegando fogo. Ele falava também sobre como autistas frequentemente confundem os diferentes órgãos dos sentidos, de forma que podem pensar que ouvem o que, por exemplo, estão vendo. Quando li esse capítulo, uma peça do quebra-cabeça se encaixou: por que Fraser se queixara de que a cor da parede era “barulhenta”.

Depois que Fraser fez aquele primeiro protesto, experimentamos outras cores, pincelando na parede algumas tintas de cores usadas para teste; nenhuma funcionou. Uma noite sugeri a Chris:

- Por que não o deixamos escolher?
- Acho que vale a pena tentar – concordou.

Então consegui na Pegue e Faça mais próxima um catálogo de cores da Dulux e o mostrei a Fraser.

– Que cores você gostaria nas paredes de seu quarto, Fraser? – perguntei.

Ele apontou o dedo apenas para alguns tons bem claros de azul e verde. Assim, foram essas as cores que usamos. Chris e eu passamos um longo final de semana redecorando o quarto. Quando terminamos, Fraser tinha um quarto azul e verde.

Encorajada pelo que encontrara no primeiro livro, acabei comprando alguns outros e descobrindo grande quantidade de conselhos úteis, muitos focados no senso de ordem e limpeza que os autistas acham relaxante.

Os brinquedos de Fraser sempre ficavam no chão, prontos para ele brincar conforme suas fantasias sugerissem. Seguindo o conselho de um dos livros, coloquei todos em uma única caixa e a deslizei para debaixo de sua cama.

Também harmonizei todo o quarto de acordo com o novo esquema

de cores azul e verde. Comprei para ele um jogo de cama branco com dinossauros pintados em verde. Encontrei algumas figuras em azul e verde, que foram pregadas em diferentes pontos do quarto. Novamente, baseando-nos em alguma coisa que li em um dos livros, Chris e eu nos empenhamos muito para elas ficarem na mesma altura e terem exatamente o mesmo vão entre uma e outra. Às vezes, um processo de tentativa e “horror”. Fraser, repentinamente, desaprovava o local onde algum objeto era colocado, então precisávamos removê-lo de lá. Mas, no fim, conseguimos resolver a questão; aos poucos, depois de cerca de seis semanas, fomos reconquistando o controle do horário de dormir.

Outra coisa com que tivemos de lidar foi Billy. Mais do que nunca, ele foi nossa salvação. Desde o início, ele parecia ter sentido que Fraser ficava agitado quando chegava a hora de ir para a cama, então deixou de lado seu estilo de vida, ficando por perto um período muito mais longo durante a noite.

Como antes, ele vinha até o banheiro quando Fraser se agitava e colocava as patinhas ao lado da banheira. Quando Fraser protestava contra diferentes elementos de sua cama dos quais não gostava, Billy estava presente, como se sugerisse que tudo estava bem.

Sempre seguíamos seu “palpite”.

– Veja, Fraser. Billy gosta de sua cama – eu dizia. Ou “Billy gosta de seu edredom”.

Uma vez isso ajudou a acalmar Fraser.

– Agradecemos a Deus por Billy – Chris e eu começamos a dizer com regularidade.

Sabíamos que não podíamos simplesmente ignorar esse revés. Não podíamos jogá-lo debaixo do tapete. Então fomos encaminhados para um psicólogo em Aberdeen, que avaliaria Fraser. Antes da consulta, eles me pediram para listar todas as coisas que estavam acontecendo e resumir a

situação geral de Fraser.

Basicamente, eles queriam saber o que eu achava positivo e negativo. Então, uma noite, depois que Chris, Billy e eu havíamos mais uma vez travado uma batalha com Fraser para colocá-lo na cama, me sentei diante da tela do computador e comecei a digitar. “Atualização sobre Fraser”, escrevi no alto da página. Em seguida, passei a listar tudo o que vinha à mente. De certo modo, uma fotografia de nossa vida na época. Ainda hoje olho para essa folha de papel e balanço a cabeça, não acreditando na vida que levávamos.

Comecei com um panorama geral; parti do que, em minha opinião, era a coisa mais positiva do momento: a escolinha. Ele estava se desenvolvendo tranquilamente lá; sua capacidade de fala melhorara muito, mesmo que ainda falasse à sua maneira; sentia-se feliz em brincar ao lado de outras crianças, embora não interagisse diretamente com elas.

Em casa, sua fisioterapia com Lindsey começava a gerar dividendos. Agora ele já conseguia subir e descer escadas com bastante liberdade. Não mencionei que geralmente era Billy que o encorajava a fazer isso.

Sobre os aspectos mentais, agora ele mostrava uma excelente memória, sobretudo no que dizia respeito a carros. Se viajássemos para algum lugar, ele memorizava a rota imediatamente. Também fizera grande progresso, como Cath havia previsto, dizendo corretamente as cores, as marcas e os modelos de todos os carros que passavam por nós na estrada, sem cometer um único erro. “Aquele lá é um Range Rover” e “aquele é um Ford”.

Quando se tratava de pontos positivos, havia muitos. Por exemplo, sua visão também era muito boa. Diversas vezes ele enxergava coisas bem antes de mim ou Chris. Nós duidávamos, mas, quando nos aproximávamos, descobríamos que ele tinha razão. Fraser conseguia ver coisas que, para mim ou Chris, não eram nada além de um pontinho na

paisagem.

Mencionei também seu progresso com relação a números e formas.

Entretanto, havia ainda incontáveis pontos negativos. Era, na verdade, muito dolorido para mim ter que registrá-los no papel, porém sabia que tinha de fazê-lo se quisesse que a psiquiatra nos ajudasse.

Muitos de seus problemas ainda eram sensoriais. O bicho-papão mais recente era escovar o cabelo; qualquer tentativa minha de desembaraçar uns poucos fios já bastava para ele dar um escândalo.

Fiz também um esboço de todos os problemas que tivemos com relação ao quarto dele, do pijama à cor da parede.

Ele ainda perdia o controle e ficava furioso com muita rapidez. Se não soubesse o que estava acontecendo, irritava-se; então tínhamos de ficar constantemente explicando a ele de antemão sobre eventos e desdobramentos que aconteceriam.

Nesse exato dia, apareceu na televisão, sem nenhum aviso na tela, um programa do qual ele não gostava, *Noddy*. Imediatamente ele cobriu os ouvidos e começou a gritar.

Sabia que os médicos também perguntariam sobre as coisas mecânicas que Fraser precisava fazer diariamente, em especial quando foi para a “escola grande”. A essa altura eu já estava ficando cansada, então apenas listei uma porção de coisas.

“Fraser não consegue: puxar o zíper, abotoar a camisa, fazer laço, vestir-se, tirar a roupa, usar faca e garfo”. A lista continuava. Quanto a deixar as fraldas, uma das maiores dores de cabeça, simplesmente escrevi “recusa categórica”.

Isso era, sob vários aspectos, bastante desencorajador. Havia muito mais itens na coluna negativa que na positiva. O otimismo das semanas anteriores subitamente desaparecera. Eu me sentia muito deprimida; porém, logo em seguida, me sentiria ainda mais.

Algumas semanas mais tarde, acomodei Fraser e Pippa no carro e fomos até Aberdeen para a consulta com a principal psicóloga clínica do Hospital Infantil.

Desde o início, foi muito perturbador. O consultório da médica era claramente projetado para avaliar crianças, porque havia brinquedos espalhados pelo chão. Fraser – surpresa, surpresa – foi direto para um carrinho que ele imediatamente virou para poder girar as rodas. Pippa achou algumas bonecas e começou a brincar com elas em um cantinho.

A médica tinha uma pasta com o que parecia um “A a Z” de anotações sobre Fraser, desde o tempo em que ele fora avaliado quando tinha dezoito meses, e também os relatórios mais recentes recebidos de vários terapeutas.

Ela conversou com Fraser, que estava de bom humor e foi muito meigo, por um tempo. Em seguida teve uma longa conversa comigo, durante a qual me fez muitas perguntas relacionadas com o comportamento dele. Como sempre, fui bem franca. Em nada ajudaria Fraser se ficasse fazendo as coisas parecerem melhores.

Contei a ela que havia três problemas principais: ele entender o mundo ao redor e como se ajustar a ele; questões concernentes à autoestima que ele apresentava ultimamente; por fim, mas não menos importante, sua total falta de interesse em cuidar de si mesmo, sobretudo quando se tratava de ir ao banheiro.

Conversamos detalhadamente sobre os problemas recentes. Ela quis saber como ele se relacionava comigo, com Chris, com Pippa, além de outras pessoas. Ficou bem documentado que ele tinha dificuldade em se misturar com outras crianças e com frequência se isolava durante os intervalos de brincadeiras e refeições. Contei-lhe sobre a maneira como vinha se comportando recentemente e a suspeita de que isso tivesse sido ativado pela saída da professora de quem ele tanto gostava. Isso

produziu uma enxurrada de anotações, como se fosse de grande importância. Quando mencionei Billy e a influência positiva que exercia, ela não demonstrou muito interesse.

Sua principal preocupação parecia direcionada à questão da “escola grande”, que ela sentia ser crucial para ele se desenvolver. Concordamos que ensiná-lo a usar o vaso sanitário precisava ser a prioridade número um. Ela fez uma longa lista de coisas que achava que eu poderia fazer.

Para começar, eu devia tirar totalmente as fraldas de Fraser durante o dia, “independentemente dos riscos de acidente”. Depois, aos poucos, devia tirá-las à noite também; sugeri ainda que eu colocasse uma toalha no assento do carro no caminho de ida à escolinha e na volta para casa, “só por precaução”. Advertiu-me que esperasse uma porção de acidentes nas duas ou três primeiras semanas.

Com isso em mente, deu a entender que eu devia ter “boa quantidade de cuequinhas e calças em casa, mantidas num lugar específico no andar inferior e também no carro”. Ficou difícil imaginar a quantidade de roupas para lavar e passar que isso poderia envolver, mas acatei as sugestões.

Havia coisas com as quais eu concordava. Sensatamente, ela sugeriu que eu não desse muita importância aos acidentes e que “não o repreendesse ou censurasse”. Ela também me deu a interessante ideia de manter um quadro na parede, onde eu poderia inserir *emoticons* com carinha feliz para cada hora em que ele ficasse “seco” ou não houvesse um acidente.

Ela sugeriu que eu ligasse isso a recompensas. Algumas faziam sentido, como, por exemplo, deixá-lo ver seu programa de televisão favorito. Outras me deixavam descrente – “talvez você possa associar os *emoticons* com carinha feliz a uma viagem a Aberdeen para ver as máquinas de lavar” foi uma delas. O oposto disso era que eu pensasse em

privá-lo de seu programa favorito se ele se recusasse a cooperar.

Outra sugestão foi que eu mantivesse todo o processo durante as férias de verão e “me recusasse a deixar Fraser minar o sistema”.

Eu tinha também de me certificar que ele se sentiria confortável no banheiro, dando-lhe privacidade e condições de relaxar com um brinquedo favorito ou um livro. A lista era grande – bem grande. Quando saí do consultório, minha cabeça era um turbilhão.



Capítulo 12

Preto no branco

Com o verão a caminho, Chris e eu decidimos tirar licença para levarmos as crianças até Essex e passarmos alguns dias com minha mãe e meu pai; o melhor que conseguimos em termos de descanso.

Outro fato triste com Fraser era que não tínhamos férias propriamente ditas desde que ele nasceria.

Tudo se tornava muito difícil quando Fraser era colocado num ambiente que não conhecia. Até mesmo passar a noite em um hotel para dar uma pausa na viagem de ida para a (e volta da) casa de meus pais podia ser um pesadelo. Havia acessos de cólera sobre sair, acessos de cólera sobre onde comer. E como não podíamos levar Billy conosco, muitas vezes tínhamos dificuldade em neutralizar a situação. Então, Chris e eu basicamente nos rendêramos. Ficamos algumas vezes no *trailer* da mãe de Chris, na costa de Lossiemouth. Chegar até lá era fácil e nos proporcionava uma mudança de cenário durante alguns dias.

Repetindo, o contraste era enorme em comparação à época anterior a Fraser, quando Chris e eu viajavamos regularmente para o exterior. A última vez que estivemos fora da Inglaterra foi em 2006. Contudo, ter filhos é assim mesmo. Não fomos os únicos a fazer sacrifício; todos os pais os fazem.

Uma das coisas boas com relação a ficar com meus pais era que eles me ajudavam muito a cuidar de Fraser. Isso significava que, vez ou

outra, eu tinha um pouco de “tempo para mim”, algo que não existia quando eu estava na Escócia.

Um dia decidi agendar uma ida ao cabeleireiro. Papai havia me pedido para passar na banca de jornais e comprar para ele o *Daily Mail*. Resolvi fazer isso a caminho do salão; caso precisasse esperar muito, teria algo para ler.

Não sei por quê, mas, enquanto eu estava na fila, esperando para pagar, folhee o jornal. Quando fiz isso, levei o maior susto. Lá, na página 3, estava a carinha de Fraser olhando para mim.

– Deus do céu! – exclamei, um pouco alto demais, e senti os olhares curiosos dos que estavam perto de mim na fila.

Eu me controlei e examinei a página com maior cuidado. A manchete era: *Como o amor de Billy, o gato perdido, finalmente tirou garoto autista de 4 anos de sua bolha*. E na linha final estava: *Billy fez uma radical diferença para a família, trazendo alegria e uma atmosfera de tranquilidade*. Havia uma série das fotos que Bruce Adams tirara de Fraser e Billy juntos, se abraçando e esfregando a carinha um no outro.

O artigo que Liz escreveu era lindo. Fui citada muitas vezes, e me retraí um pouco quando li: *Parece meio maluco, mas é como se Billy fosse o guardião de Fraser*.

Entretanto, era uma reflexão justa sobre o que eu vivia dizendo a mim mesma havia muito tempo. *Billy fez toda a diferença em nossa vida familiar; ele acabou com o estresse, acrescentou felicidade e um ambiente de paz; ele é simplesmente incrível* – estava escrito no artigo. Era como se eu ouvisse uma voz que estava dentro de minha cabeça.

Fiquei estupefata. Não sabia se ria ou chorava; acabei fazendo um pouco de cada um.

Quase voltei correndo para casa, a fim de mostrar o jornal a meus pais. Quando cheguei de volta, eles o abriram na mesa da cozinha e

leram a reportagem, boquiabertos. Mostrei-a a Fraser também. Ele não compreendeu muito bem, mas ficou entusiasmado com a foto de Billy.

– Billy apareceu no jornal, vovô! – ele repetiu o dia inteiro.

Esse foi um momento maravilhoso pelos mais variados motivos. Todos os pais sempre acham que seu rebento é especial, porém muito poucos obtêm essa confirmação em um texto impresso. Mais do que qualquer outra coisa no mundo, entretanto, isso tirou de mim aquele sentimento de culpa que eu andava sentindo. Não precisava mais me sentir culpada ou maluca por acreditar que havia algo incomum e mágico quanto à relação entre Fraser e Billy. Tratava-se agora de uma questão de registro público; estava lá, preto no branco.

A reportagem deixou a todos de bom humor. Naquela noite, Chris e eu nos sentamos na cozinha com mamãe e papai, dando risadas e rememorando coisas.

Inevitavelmente, falamos muito sobre as crianças e, em especial, sobre Fraser e Billy, cujas carinhas impressas no *Daily Mail* estavam agora presas com percevejos no quadro de cortiça que minha mãe tem na cozinha para deixar suas mensagens.

Papai comprara algumas cópias extras do jornal e lia tudo novamente. Por alguns instantes ele se perdeu em seus pensamentos.

– É verdade; ele nunca para de falar sobre Billy, não é mesmo? Billy isso, Billy aquilo. Ele me faz lembrar você e aquele gatinho que a Pam, nossa vizinha, tinha.

– Que gatinho? – perguntei, com um branco na mente, por um momento.

– Aquele gato siamês do qual você não se separava um único momento quando garotinha. Qual era mesmo o nome dele?

– Frosty – mamãe entrou na conversa, parecendo um pouco encabulada.

– Isso mesmo. Frosty – papai confirmou.

– Você era igualzinha ao Fraser; não falou de outra coisa durante muito tempo.

– Puxa! Tinha me esquecido completamente do Frosty. – E, de repente, um turbilhão de memórias invadiu minha cabeça.

Com mais ou menos onze anos, fiquei totalmente enfeitiçada por um gatinho que Pam, a criadora de gatos siameses vizinha, me mostrara.

Ela era uma criadora propriamente dita e membro do Siamese Cat Club^[1]; tinha algumas “rainhas” das quais reproduziu durante anos. Eu sempre ia até a casa dela, ao lado da minha, para ver as ninhadas – geralmente uma dezena ou perto disso – de gatinhos encantadores. Com o passar dos anos, devo ter visto uns cinquenta passando pela casa de Pam. Mas havia algo a respeito de um em especial. Foi amor à primeira vista. Ele era bem pequeno, muito lindo e de cor lilás; contudo, por alguma razão, eu o chamava de Frosty^[2].

Passava horas na casa dela brincando com Frosty; sempre encontrava uma desculpa e corria para lá depois da escola. Então me sentava, fazendo brinquedinhos de fios de lã que enrolava em volta de um pedaço de papelão e formava uma bola que jogava pela sala para ver Frosty correr atrás feito maluco. Eu era uma estudante bem feliz, sem nenhum problema em particular, porém, quando alguma coisa me aborrecia, passar poucos minutos com Frosty era suficiente para eu relaxar. Não pensara nisso durante muito tempo, mas então pude me lembrar de como tudo tinha sido; era como se estivéssemos vivendo em um pequeno mundo só nosso, uma bolha onde meus pais, minha irmã ou meus professores não poderiam nos perturbar. Uma coisa mágica.

Pam acreditava que deveríamos ficar juntos e o ofereceu a mim. Mas eu sabia que haveria um problema com relação à minha mãe, pois ela sentia aversão a gatos desde aquele que pulou em sua barriga quando

estava grávida de mim. Meus temores se justificaram. Ela disse *não*, e isso me deixou arrasada.

Muito compreensiva, Pam deu um jeito para que Frosty não fosse encaminhado para nenhuma outra casa, gesto muito generoso de sua parte. Esses gatinhos valiam uma fortuna. Porém, toda vez que eu ia lá, sabia que o tempo passava e ele acabaria indo embora também.

As coisas continuaram assim durante alguns meses; tentei de tudo para convencer minha mãe, mas nada adiantou.

Um dia o inevitável aconteceu. Pam apareceu em minha casa e deu a notícia de que havia sido contatada por uma família interessada em Frosty. Ele era o último da ninhada e estava chegando na idade em que deveria ir embora ou teria problemas de comportamento. Ela precisou dizer *sim*.

Fiquei arrasada. Acho que chorei durante uma semana. Eu era completamente obcecada por Frosty.

– Durante muito tempo você não me perdoou, depois que eu disse que você não poderia trazê-lo para nossa casa – mamãe observou, vendome perdida em pensamentos e supondo o que se passava em minha mente.

– Não, não a perdoei – confirmei, sorrindo. – Achei que meu coração estava despedaçado.

Foi estranho. Eu tinha me lembrado de Pam no dia em que Billy chegou em sua gaiola branca, mas me esquecera completamente de Frosty até então. Será que estava reprimindo a memória? Seja qual for a explicação, até mesmo mais de vinte e cinco anos depois, eu realmente me emocionei pensando em Frosty. Sem dúvida, não havia comparado minha ligação com Frosty com a amizade de Fraser e Billy.

– Eu tinha me esquecido totalmente de Frosty – eu disse.

– Bem... talvez isso seja uma coisa do subconsciente. Talvez seja por

isso que você sabia que faria bem a Fraser ter um gato – mamãe sugeriu.

– Seja lá o que for, essa foi definitivamente uma boa jogada – papai comentou.

* * *

Naquela época, nem mamãe nem papai usavam a internet, e eu não tinha um smartphone com acesso a e-mails. Somente quando cheguei em casa e abri meu computador vi uma longa fileira de e-mails sobre o artigo do *Daily Mail*. Alguns eram de Liz, a repórter, dizendo que o artigo estava prestes a ser publicado. Outros eram da outra Liz e da funcionária da Cats Protection de Londres, ambas me cumprimentando pelo artigo e agradecendo a Fraser e Billy por darem à sua instituição beneficente tão boa publicidade.

Havia também algumas cartas, uma das quais estava simplesmente endereçada assim: “Louise Booth, Balmoral, Escócia”.

A reação foi extraordinária. O artigo logo foi disponibilizado on-line e começou a atrair uma enorme quantidade de comentários, quase todos positivos. As pessoas reforçavam aquele alívio de que eu não estava sozinha em acreditar no poder das relações entre crianças e seus animaizinhos de estimação. “Que lindo gato e que lindo garotinho! Vocês são realmente uma família de sorte; foram abençoados com esse bichinho especial”, escreveu um australiano, resumindo o tom geral. “Milagres acontecem exatamente quando precisamos deles”, disse uma senhora dos Estados Unidos.

É claro que há sempre aqueles que veem conotações religiosas numa história como essa, e nós não fomos a exceção. “Em certos momentos da vida, Deus nos envia amigos excepcionais para nos ajudar”, disse uma pessoa.

Entretanto, os comentários não eram apenas sobre animais ou, especificamente, sobre gatos. Eu me senti muito feliz ao perceber que, tal como a Cats Protection desejava, o artigo, ao que tudo indicava, sensibilizara as pessoas com relação ao autismo.

O comentário mais doloroso veio de um homem que lutara a vida inteira com essa disfunção. “Nasci no final dos anos 1940, quando pouquíssimos médicos reconheciam os sintomas do autismo e ser uma criança ‘desajeitada’ só resultava em pílulas para ‘nocautear’ e internações em hospitais psiquiátricos”, ele escreveu. “Só fui diagnosticado como autista com sessenta anos, e o apoio e a compreensão que estou recebendo agora finalmente me trouxeram um pouco de tranquilidade, felicidade e muito amor para dar e receber. Que possamos trazer muita felicidade a muitas crianças com o amor desinteressado dos animaizinhos de estimação.” Meus olhos ficaram marejados, principalmente porque eu sabia quão fácil era, mesmo nos tempos atuais, uma criança “desajeitada” ser deixada de lado. Sofri isso pessoalmente com Fraser.

Nos dias que se seguiram, começamos a receber cartas de fãs e presentes de toda parte. Uma senhora encantadora enviou a Fraser uma carta, uma foto de seu gato e 20 libras. Outra enviou uma toalha de chá, na qual fora bordada uma linda imagem de um gato sentado.

Recebemos outras propostas para artigos na mídia, não apenas no Reino Unido, mas também no exterior. Porém, Chris e eu conversamos a respeito e as rejeitamos porque não queríamos expor muito Fraser. Não estávamos interessados em virar celebridades ou ficar ricos. Mais do que tudo, não queríamos que Fraser e Billy se tornassem a sensação do momento.

A reação local, como eu já esperava, não foi muito positiva. Aquela comunidade não fazia muito estardalhaço das coisas, embora algumas

pessoas realmente mencionassem ter visto o artigo e gostado dele.

Acho que o cumprimento mais agradável que recebemos diretamente veio no primeiro dia em que Fraser voltou para a escolinha depois de nosso retorno de Essex.

– Olá, Louise – disse Cath quando o deixei lá. – Que bela reportagem sobre Fraser. Todos a leram. Entre e veja o que as meninas fizeram.

As meninas haviam criado uma espécie de colagem com o artigo do jornal e o prenderam no quadro de notícias da escola, junto com fotos de Fraser e algumas mensagens simpáticas cumprimentando-o.

– Billy apareceu no jornal! – Fraser disse quando viu o quadro.

– E você também apareceu – disse uma das garotas. – Que menino inteligente!

Isso me fez lembrar por que eu estava tão feliz com a escola. Eu chegara de volta de Essex já me sentindo energizada e pronta para a próxima fase da jornada de Fraser. O afeto e o apoio que a escolinha sempre demonstrou me fizeram sentir como se minhas baterias tivessem sido recarregadas. Não levaria muito tempo para que elas descarregassem novamente.



Capítulo 13

Som de campanha

Examinando o correio da manhã, vi uma carta com o logotipo da escolinha. As férias de verão estavam chegando, então supus que fosse uma atualização do progresso de Fraser ou talvez uma mensagem sobre as atividades que a escola desenvolveria em julho e agosto, quando permaneceria aberta, como sempre.

Levei apenas um segundo para descobrir que não era nenhuma dessas duas coisas. Tive de ler a nota duas vezes para acreditar que era verdade. A escola estava encerrando as atividades, com efeito imediato. Eu teria de fazer “arranjos alternativos” quanto à educação de Fraser.

Senti uma náusea vir do fundo do estômago e tive de me sentar na cozinha por alguns minutos para tentar absorver o que acontecera.

A carta era bem sucinta e objetiva. Dizia que 27 de junho seria o último dia de atividades e desejava a todos boa sorte no futuro. Não havia nenhuma menção a outras escolas como alternativa.

Depois de alguns minutos, eu me recompus e liguei para Chris. Ele estava ocupado, refazendo a fiação de uma sala em algum lugar no castelo principal, portanto não podia conversar muito comigo, mas ficou tão chocado quanto eu.

Liguei para alguns dos outros pais para perguntar se sabiam o que havia acontecido, tomando o cuidado de evitar que Fraser ouvisse.

– Acho que eles não estavam ganhando muito dinheiro – especulou

uma mãe, parecendo tão arrasada quanto eu.

– Eles têm apenas oito crianças frequentando regularmente as aulas; então devem estar funcionando com grandes perdas financeiras – cogitou outra. – Mas, para ser honesta, ela era tão boa que eu pagaria sem problema um pouco mais para que continuassem a funcionar – acrescentou.

Eu sentia a mesma coisa. Não seria fácil ter o dinheiro, porém, de alguma forma, daríamos um jeito.

No decorrer daquela manhã, voltei à carta várias vezes, quase desejando que ela, como se por magia, se reescrevesse a si mesma para que tudo fosse apenas um sonho ruim. Contudo isso não aconteceu.

Quando pus o pé na realidade, me senti terrivelmente triste por Cath e todos os que trabalhavam lá. Uma parte de mim sentiu-se decepcionada com eles, é claro. Eu queria que eles tivessem me contado que enfrentavam problemas. Afinal de contas, eu estivera lá havia uma semana, ou um pouco mais, conversando a respeito do artigo sobre Fraser no *Mail*. No entanto, de maneira geral, eu os compreendia. Todos eram muito calorosos e dedicados. Onde conseguiriam alternativas de emprego em uma comunidade pequena e rural como a nossa?

Inevitavelmente, minhas maiores preocupações eram com Fraser. A batalha para colocá-lo na escolinha certa fora enorme, e Cath e sua equipe estavam fazendo um trabalho tão bom com ele que senti como se me faltasse o chão. Era como se tivéssemos dado um passo à frente e vinte para trás. Talvez mais. De muitas maneiras, era como se tivéssemos voltado à estaca zero. Senti vontade de chorar. Na verdade, chorei.

Não sabia como contar a Fraser. Suas preocupações, se é que elas realmente existiam, seriam agora mais intensas. Ele se sentaria, balançando o corpo, enquanto se tranquilizaria, dizendo que tudo estava bem. “Tudo ok, tudo ok”, ele diria a si mesmo sem parar.

A ideia de não voltar para a escolinha e, o que é pior, de ir para uma escola nova, seria como uma bomba atômica explodindo em sua vida. Ele teria um colapso nervoso.

Tendo dito isso, uma parte de mim se perguntava se Fraser já sabia. Ocorreu-me que ele já poderia ter sacado o que estava acontecendo semanas antes. Talvez isso tivesse sido o catalisador das longas noites de inferno que passáramos com ele no início do verão. Talvez não tivesse sido apenas a saída da professora. Talvez ele já soubesse que a escola enfrentava problemas. Provavelmente eu jamais saberia. O que eu sabia, de fato, era que tinha agora um problema – um enorme problema.

As escolas da rede pública fechariam para as férias dentro de poucos dias e voltariam depois de seis semanas, em meados de agosto. Eu, basicamente, tinha esse tempo para encontrar uma alternativa de educação para Fraser.

Se necessário, poderia mantê-lo em casa comigo durante o ano. Quando ele fizesse cinco anos, a escola elementar era compulsória. A escola infantil, não. Mas eu sabia que isso não daria certo. A única maneira de Fraser progredir e se desenvolver dependia do máximo de interação possível com o mundo, e não recuando para a bolha do próprio lar. Todos os terapeutas e especialistas que consultamos sustentavam essa opinião. E ele agora precisava acelerar o passo, pois passaria a frequentar a escola cinco dias por semana. Eu precisava manter sua educação avançando de alguma forma. Mas onde?

A escolha mais imediata era a escola pública em Ballater, mas – que a verdade seja dita – não achávamos que ela seria adequada para Fraser. Não se tratava de esnobismo ou excesso de exigência de nossa parte; muito pelo contrário. Sabíamos que era uma boa escola, que fornecia um

serviço de qualidade à comunidade local. Mas também tínhamos o pressentimento de que ela seria totalmente inadequada para Fraser, tanto a curto quanto a longo prazo. A escola infantil fazia parte da escola maior e seria um enorme desafio para um garoto que não gostava de grandes agrupamentos de outras crianças. Poderia significar um passo atrás para ele.

Infelizmente, eu tinha muito poucas opções e precisava começar a explorá-las; assim, a escola foi meu primeiro porto de escala. A diretora retornou minha ligação rapidamente e me disse que havia uma possibilidade no maternal, mas, por causa das necessidades especiais de Fraser, ela teria de discutir a questão com a professora do infantil. “Tenho certeza de que você compreende nossa situação”, ela disse.

Eu compreendia. Sem a menor dúvida.

Em um mundo ideal, eu não queria, de jeito nenhum, que Fraser fosse para lá, então esse atraso me deu a chance de colocar o Plano B em ação.

Marquei uma entrevista com a diretora da microescola em Crathie. Originalmente, ela fora construída em 1873 para atender a famílias tanto da Propriedade Balmoral quanto de Invercauld, assim como dos vilarejos de Crathie e Abergeldies. Era uma escola linda, em estilo tradicional, com três salas de aula e uma pequena cantina, onde as crianças faziam suas refeições. Havia um grande playground com um gramado e áreas cimentadas, bem como um pequeno bosque e uma quadra adjacente para brincadeiras. Eles tinham até mesmo seu próprio coelhinho de estimação. Mas a verdadeira beleza da escola era o tamanho da classe – nunca havia mais do que quinze alunos na escola como um todo. Algumas vezes os alunos se dividiam entre os dois professores principais – a diretora e outra excelente professora, além de uma assistente de classe. Conheci também vários grupos de crianças que estavam

aprendendo a andar, vi os prêmios que a escola havia recebido, os cafés da manhã e as peças de Natal que lá foram apresentadas ao longo dos anos. Gostei da atmosfera e da afabilidade do pessoal; em muitos sentidos, assemelhava-se à escola de Ballater. Era um ambiente muito agradável e acolhedor; soube também que muitas das crianças da Propriedade que estudavam lá estavam obtendo excelentes resultados.

De maneira geral, a escola me parecia perfeita para Fraser.

Como não era muito distante de casa, alguns dias mais tarde, segui até lá para conversar com a diretora. Fui diretamente ao ponto. Perguntei se Fraser poderia começar em período integral, em vez de continuar no nível infantil. Usei este simples argumento: não era por que ele havia perdido limite de data por apenas um dia que não poderia se qualificar para se juntar ao grupo de período integral. Se ele tivesse nascido algumas horas antes, em 29 de fevereiro de 2008, em vez de 1º de março, ele já estaria vestindo o uniforme deles. Que diferença essas poucas horas fariam?

A diretora, apesar de muito compreensiva, explicou a impossibilidade de quebrar as regras. Ele só poderia ser admitido lá como “abaixo da idade” se fosse de uma família de militar que tivesse sido nomeado para um posto na Escócia e estivesse na escola na Inglaterra ou no País de Gales desde os quatro anos. Foi tão frustrante! *Por que eu havia sido amaldiçoada com um trabalho de parto tão longo?*, eu perguntava a mim mesma.

A boa notícia, entretanto, foi que ela estava mais do que feliz por ele continuar no grupo dos pequeninos. “Tenho certeza de que podemos passá-lo para a escola grande em agosto”, disse ela.

Foi realmente um período estressante para mim e Chris. Planejamos a transição para uma escola de período integral, de forma a causar a Fraser – e à nova escola – o mínimo de ansiedade possível.

Agora seria a maior confusão. Estávamos apavorados com o que aconteceria nas semanas e nos meses à frente.

No fim, chegamos a um plano conciliador. Se eles se dispusessem a aceitá-lo, ele poderia ir para a escola infantil em Ballater três dias por semana e para o grupo de brincadeiras de Crathie nos outros dois. Se tudo desse certo em Crathie, planejávamos deixá-lo lá em período integral a partir de agosto.

Tudo parecia simples e objetivo. Infelizmente, sabíamos que, quando se tratava de Fraser, essas, muitas vezes, não eram palavras adequadas. Ele poderia ter problemas com as outras crianças, com as professoras, ou poderia rejeitar completamente a escola. Não seria fácil, mas era a mesma velha história: as regras haviam mudado, e tínhamos de lidar com a situação.

O último dia da escola infantil era 27 de junho, por coincidência o do primeiro aniversário da chegada de Billy. Previsivelmente, um dia de muita emoção.

Eu estava absolutamente arrasada. No espaço de vinte meses ou algo parecido, eles exerceram enorme influência sobre Fraser. Tinham sido as primeiras pessoas a ver que, atrás daquele garotinho zangado, escondia-se uma personalidade realmente meiga e adorável. E eles o haviam ajudado a se desenvolver de muitas maneiras sutis. Quando chegou lá, Fraser tinha muito pouca imaginação quando se tratava de brincar, por exemplo. Ele simplesmente sentava-se e brincava com qualquer objeto giratório que encontrava. Agora ele conseguia ser criativo e fazer coisas que outras crianças faziam, como, por exemplo, fingir que estava cozinhando em casa. Uma vez mais, isso pode não soar relevante, mas dentro do mundo de Fraser foi um passo significativo na direção correta.

Eles também tinham sido importantes porque me davam algum tempo para mim mesma. As seis horas ou algo assim que eles me

concediam eram preciosas, principalmente porque eu ganhava um tempo valioso para ficar com Pippa, que, sendo um bebê recém-nascido quando Fraser começou, realmente precisava de muita atenção.

* * *

Alguns dias mais tarde, a escola de Ballater escreveu de volta e disse que o aceitaria, e isso foi, sob vários aspectos, um grande alívio. Considerando a natureza de Fraser, não era possível que ele conseguisse chegar “assim, de repente” a uma nova escola no primeiro dia do novo semestre. Ele precisaria de um tempo para se ambientar e, se possível, conhecer as professoras. Então minha prioridade absoluta foi levá-lo até lá para ele se familiarizar com o local, mas, quando tentei telefonar, ninguém respondeu.

No dia seguinte, contudo, eu estava indo de carro a Ballater para resolver várias coisas e decidi passar lá. Eu sabia que ocasionalmente eles usavam a escola durante o período do verão. Fraser estava comigo; poderíamos ter sorte, pensei. Mas não tivemos. Conseguimos somente olhar a escola do lado de fora, o que não foi produtivo, porque Fraser começou a fazer perguntas:

– Quem vai sentar perto de mim? Quem vai ser minha professora?

Depois me arrependi de tê-lo levado lá. Apenas aumentei sua ansiedade. A última coisa de que ele – na verdade, qualquer um de nós – precisava.

A turbulência que estava para acontecer aumentou muito os riscos, e eu sabia que precisaria resolver algumas coisas imediatamente.

Então, uma manhã, depois que Fraser havia passado pela rotina

normal do café e estava tudo tranquilo em casa, comecei a juntar o que, para quem vê de fora, poderia parecer uma coletânea muito estranha de objetos. Não demorou muito, e no balcão da cozinha havia um cronômetro para cozimento de ovo, um livro com figuras e um penico de plástico.

Quando terminei de tomar minha xícara de chá, respirei fundo, coloquei os três objetos no banheiro do andar inferior e fui buscar Fraser na sala de estar. Pela enésima vez, lidaria com o maior bicho-papão de Fraser – ensiná-lo a usar o penico.

Isso devia ter acontecido muito antes. Ele já estava com quatro anos e ainda usava fralda para ir à escola, o que não era nada bom. Quando ele começou a frequentar a antiga escola maternal, isso não era tão incomum. Muitas crianças lá não tinham mais do que dois anos, como ele, e não haviam ainda sido adequadamente treinadas para usar o penico. Desde então, entretanto, todas as outras crianças haviam aprendido a ir ao banheiro sozinhas. Fraser, porém, se recusara terminantemente até mesmo a cogitar a ideia. Sempre que Chris e eu lhe pedíamos que fosse ao banheiro sem a fralda, ele quase derrubava a casa de tanto gritar. Na sua mente autista, estava tão firmemente sedimentada a ideia de que ele devia agir assim quanto às suas necessidades fisiológicas que nem sequer conseguia conceber outra maneira.

Infelizmente, agora a questão se tornara real para nós. Na escolinha anterior, Cath fora muito compreensiva. Com sua experiência com crianças autistas, ela sabia que isso aconteceria em algum momento, mas que Fraser decidiria quando. Poderia ser na semana seguinte, mas também um ano depois ou mais adiante. Infelizmente, não podíamos mais esperar todo esse tempo.

Estava fora de questão deixá-lo ir para a nova escola sem que ele

aprendesse a usar o vaso sanitário. Seria constrangedor, não apenas para mim, mas também para Fraser, que chamaria mais ainda a atenção das outras crianças. Pareceria que ele era ainda mais “especial”, só que de maneira negativa.

Como se isso não bastasse, a psiquiatra me enviara uma longa carta, repetindo a extensa lista de conselhos sobre como treiná-lo para usar o toalete.

Dessa vez a lista veio completa, com palavras sublinhadas e itens destacados. Era intimidadora e, para ser honesta, um pouco arrogante demais. Eu havia conduzido Fraser através de um longo caminho. Tinha certeza de que poderia conduzi-lo também a isso sem ser tratada como uma idiota que não sabia absolutamente nada sobre como educar o filho.

Havia coisas na lista às quais dei atenção, mas outras que ignorei. Eu queria fazer do meu jeito.

Um conselho que recebi de minha irmã: começar mostrando a Fraser um livro sobre aprender a usar o vaso sanitário.

– Isso realmente me ajudou com meus dois garotos, Louise – ela disse.

Fiquei assombrada com a variedade de livros disponíveis e quão imaginativos eles eram. Havia livros sobre piratas e bombeiros indo ao banheiro e livros especiais para crianças que tinham medo de ir ao banheiro. Escolhi alguns entre os mais divertidos, com figuras coloridas, e comecei a lê-los para Fraser quando ele ia para a cama. Um deles tinha uma técnica interessante envolvendo um cronômetro para cozimento de ovo, usado para manter as crianças sentadas no vaso pelo maior tempo possível. Esse me pareceu o tipo de coisa que poderia funcionar com Fraser.

Na noite anterior, eu o avisara que começaríamos na manhã seguinte, portanto não foi surpresa total para ele o que estava acontecendo.

Eu sabia que o segredo era mantê-lo estimulado mentalmente enquanto estivesse sentado lá, por isso levei os livros comigo.

– Se você se sentar aí durante cinco minutos, ganha um biscoitinho – eu disse.

Ele me olhou de um jeito meio desconcertado, como que certificando-se de que eu estava sendo honesta com ele. Então, por uns momentos, pensou a respeito do que eu dissera e em seguida acenou com a cabeça, concordando.

Fiquei feliz que ninguém me viu lá agachada, sentada ao lado de Fraser. Eu me senti como uma maluca, segurando um cronômetro para cozimento de ovo ao lado de uma criança de quatro anos, sentada lá com a fralda ao redor dos joelhos.

Eu podia perceber que Fraser já estava ficando inquieto.

– Não quero continuar aqui – reclamou. – Não quero.

– Por favor, faça isso por mim, só até a areia descer – pedi.

Olhei para o cronômetro e tive a impressão de que cada grão de areia se movia em câmara lenta. Mas então vi a porta ser empurrada de leve, e uma figura familiar apareceu.

Billy.

Por que ele decidiu entrar no banheiro, não faço a menor ideia. Será que ele nos ouviu conversando e foi atraído pelo barulho? Será que captou as reclamações de Fraser? Como sempre, eu não sabia de nada, somente que estava realmente feliz em vê-lo – mais ainda quando ele se instalou lá e colocou suavemente a cabeça no ombro de Fraser.

– Olha só! Billy também quer que você aprenda a usar o toalete!

Para minha felicidade, Fraser ficou sentado lá nos momentos seguintes. Nem vi os cinco minutos se esgotarem.

Esperei até repetir a operação algumas outras vezes antes de compartilhar a notícia. À parte qualquer outra coisa, não queria ser pé-

frio e contar a história antes da hora, e sim que ele já tivesse de fato aprendido.

Quando tentei pela segunda vez, deixei deliberadamente a porta aberta para que Billy nos ouvisse. Ele não precisou de um segundo convite e logo estava lá novamente, sentado ao lado de Fraser. A areia do cronômetro levou uma eternidade para escorrer de novo, mas dessa vez eu o dei a Fraser para que ele o segurasse. Ele ficou fascinado e quando, no fim, a areia desceu, ainda estava sentado no penico, afagando Billy e conversando com ele. Melhor do que isso, ele fez xixi.

– Que garoto genial! – eu disse, animada. – Você vai ganhar mais um biscoitinho.

Sabia que Fraser logo contaria tudo a Chris, então não resisti e dei a notícia a ele naquela noite, quando estávamos vendo televisão.

– Você não vai acreditar, mas Fraser se sentou no penico hoje durante cinco minutos – disse a Chris.

– Verdade? – ele perguntou, realmente surpreso.

– E não foi a primeira vez. Ele fez isso ontem também.

Chris sabia melhor do que ninguém da dificuldade de Fraser avançar até esse ponto. Mas sabia também que ainda estávamos longe de uma tarefa completa e bem-sucedida, por assim dizer.

– Acho que tem muito a ver com o fato de que Billy ficou lá com ele – eu disse.

Percebi que ele duvidou disso, como sempre.

– Escute aqui; na próxima vez, você vai se sentar lá com ele e verá como é – eu disse.

– Ok. Por que não fazemos isso antes de levá-lo para a cama esta noite?

Cerca de uma hora mais tarde, enquanto eu cuidava de Pippa, ouvi Chris se encarregando de Fraser. Quase imediatamente depois, o som

característico da gateira na varanda.

Quando pus a cabeça para fora do quarto, vi um “relâmpago” cinza e branco voando escada acima. Eu estava no andar inferior com Pippa e levei alguns minutos para colocá-la na cama. Subi a escada, e Chris acomodava Fraser sob o edredom, no quarto. Billy, como sempre, estava lá.

– Como foi? – perguntei.

– Tudo certo – respondeu.

– Billy entrou lá?

– Sim; é engraçado, mas entrou. Ele deu um jeito de cutucar a porta e se instalou lá, perto de nós.

– Você não achou isso estranho? – perguntei, evitando deliberadamente olhar para ele.

– É... achei, sim. – respondeu, também evitando olhar para mim.

Eu sabia que Chris não admitiria isso diretamente, porém o que ele estava pensando era óbvio.

As semanas que se seguiram foram longas. Algumas vezes, Fraser sentava-se lá segurando o cronômetro durante dez ou quinze minutos. Outras vezes se recusava categoricamente a sentar-se lá. Conforme a previsão da psiquiatra, houve também alguns acidentes. Fraser ficou um pouco irritado várias vezes, mas segui o conselho dela e não dei muita importância.

Devagar e sempre, ele se tornou mais confiante e chegou até a ir ao banheiro sozinho. O único problema foi que ficou trancado lá dentro várias vezes!

Quando isso aconteceu pela primeira vez, eu estava na cozinha e ouvi uma voz lamuriosa de “mamãe, mamãe!” vindo do banheiro do andar inferior.

Não sei como ele conseguiu girar a chave na porta, porém, terminada

sua missão, descobriu que não conseguia abri-la. Encorajei-o a tentar novamente, contudo ele começou a ficar ansioso.

– Fraser não gosta do banheiro – ele dizia sem parar. – Pede para ele ir embora.

No fim das contas, tive de tomar uma medida drástica e usar uma chave de fenda para desmontar a fechadura. Encontrei Fraser agachado dentro do box.

Apesar de reveses como esse, entretanto, ele continuava a evoluir. Quando, em um final de semana, fomos à casa da mãe de Chris, não houve nenhum acidente. Eu levava algumas fraldas por precaução, mas Fraser não precisou delas, para a felicidade de todos. Com as férias de verão chegando ao fim e o novo semestre escolar se aproximando, me senti tranquila e confiante de que superáramos outro desafio. Tive uma trégua para me preparar para o próximo – a nova escola.

Faltando um dia para o início do semestre, finalmente conseguimos uma oportunidade para visitar a nova escolinha infantil da Ballater.

Tivemos uma boa conversa com eles, explicando a situação de Fraser e por que era importante que ele se familiarizasse antecipadamente com o novo ambiente. Eles haviam nos convidado a visitá-los e conhecer o local quando as professoras voltassem das férias. Infelizmente, isso era apenas vinte e quatro horas antes de o sinal tocar para o primeiro dia de aula. Não era o ideal.

Durante a viagem, Fraser se mostrou bastante apreensivo e pouco falou. Tínhamos levado Pippa conosco; estacionamos do lado de fora e nos dirigimos para o prédio moderno, à sombra da Craigendarroch, a montanha que paira sobre Ballater.

A escola fora construída nos anos 1950 – planejada com um grande

salão e um longo corredor com salas de aula de um lado –, mas ainda parecia bastante moderna. Fraser não era grande fã de corredores, porém ele próprio passou a se acalmar no momento em que começamos a caminhar – e com boas razões, como se comprovou depois.

De repente, uma campainha começou a soar muito alto. Era o telefone do escritório, mas ele fora conectado a um sistema de maneira a ser ouvido em toda a escola. O barulho era realmente ensurdecedor e assustou a nós quatro – Fraser, em especial, ficou apavorado. Tive de segurá-lo e tranquilizá-lo. Depois disso, percebi que o restante da visita seria irrelevante. Eu o conhecia o bastante para saber que a sorte estava lançada.

A professora do maternal veio ao nosso encontro e nos mostrou sua ala. Embora parte de uma escola maior, que atendia crianças de até onze anos, essa ala sugeria algo bem diferente. Consegui sentir isso à medida que caminhava por ela, mas, sendo Fraser uma criança profundamente sensível, tive certeza absoluta de que essa sensação o atravessou de maneira ainda mais forte. Ele parecia nervoso e apreensivo; segurava minha mão em busca de tranquilidade.

No caminho de volta para casa, não fiz muitas perguntas a ele. Não queria dar grande importância ao fato, no entanto percebi que ele já estava preocupado; sabia que teríamos um verdadeiro desafio em mãos nos dias futuros.

Para ser justa, a escola de fato se empenhou para que Fraser se sentisse em casa durante a primeira semana. No primeiro dia, ele foi apresentado a todos de sua nova turma, mas, aparentemente, passou a maior parte do tempo brincando em um canto, distante dos outros, como costumava fazer na escolinha anterior. O dia transcorreu sem nenhum grande

incidente, contudo ele pareceu muito feliz ao me ver e, principalmente, quando encontrou Billy ao chegarmos em casa.

Eu estava entusiasmada, mas não demorou muito e os problemas começaram.

No terceiro dia, cheguei à escola e o encontrei em estado lastimável, chorando e parecendo muito tenso.

– O que houve, Fraser?

– O banheiro é malvado – ele disse, agarrando minha mão.

Eu não havia mencionado o fato de que só recentemente ele fora treinado a usar o banheiro, principalmente porque não o queria rotulado como anormal ou como um desafio maior do que já era. Mas, de repente, tive visões dele sofrendo um terrível acidente.

Os banheiros da escola tinham ventiladores de teto acionados automaticamente quando se acende a luz. Fraser fora levado até lá com alguns outros garotos, e a professora acendera as luzes. Ruídos mecânicos ou elétricos altos sempre o aborreciam, principalmente os inesperados, portanto ele sofreu uma pequena crise nervosa.

Parece que isso afetou um pouco a professora, mas pedi a ela que não se preocupasse.

– É comum Fraser ter esse tipo de reação – eu disse.

Alguns dias mais tarde, porém, ela me puxou de lado novamente.

– Fraser teve outro descontrole emocional hoje. Uma colega tentou levá-lo até o salão principal através do corredor. Ele não queria passar por lá e ficou realmente irritado quando ela insistiu – continuou.

Pela maneira como ela pronunciou a palavra “realmente”, percebi que ele devia ter feito um grande escândalo.

Expliquei o que acontecera com a campanha da escola quando a visitamos pela primeira vez.

– Ah, então isso explica por que ele continuou falando sobre a

campainha – disse ela.

Conversamos brevemente sobre o que fazer para tranquilizá-lo, mas o problema, como sempre acontece com Fraser, era que o gênio agora estava fora da garrafa. As sementes de sua ansiedade haviam sido semeadas e estavam brotando.

Nos dias seguintes, ele começou a trazer sua ansiedade para casa. Fraser tem a capacidade de repetir as coisas sem parar, até mesmo quando está feliz em relação a algo. Mas, quando se sente infeliz, ele pode chegar à exaustão. Repete e repete e repete.

Durante aqueles primeiros dias, ele dizia a mesma coisa quarenta, cinquenta ou sessenta vezes por dia.

- Não quero andar no corredor.
- Não gosto da campainha.
- O ventilador do banheiro faz muito barulho.

Depois de algumas semanas, ele chegou a tal ponto que ficava rígido de tanto pavor. Como se alguém tivesse lhe dito para se jogar do alto de um prédio de cinquenta andares. Ele não conseguia dormir mais do que algumas horas sem acordar e falar sobre tudo aquilo novamente.

Chris levantava-se para ir vê-lo e passava meia hora tranquilizando-o ou lendo para ele até fazê-lo dormir. Isso estava nos desgastando muito, e havia noites – e manhãs, em especial – em que achávamos simplesmente que nosso esforço não estava valendo a pena.

No meio da madrugada, Chris ia para a cozinha e preparava o café de Fraser, enquanto eu lidava com os protestos que vinham quando ele acordava.

- Não gosto da campainha da escola, mamãe; não gosto da campainha.

Decidimos não mandá-lo para a escola algumas vezes, para podermos ter um descanso. A escolinha infantil não era compulsória, então isso

não era problema. Mas não poderíamos fazer isso com muita frequência. Era essencial que Fraser continuasse a frequentar as aulas. Suas terapeutas sabiam isso – e nós também. Se parasse de ir, ele retrocederia à sua bolha e, dada sua natureza autista, retrocederia de tal forma que parte do progresso – senão todo – que havíamos conseguido se perderia. Todo o belo trabalho dos dois anos anteriores viraria fumaça. Portanto, sabíamos que tínhamos de superar essa fase.

Fazendo jus à escola, devo dizer que eles trabalharam bem próximos de nós e tomaram providências para lidar com dois dos grandes problemas.

Primeiro, começaram a deixar a luz desligada – e, consequentemente, o ventilador – quando levavam Fraser ao banheiro. Segundo, organizaram as coisas de forma que Fraser caminhasse do lado de fora da escola se precisasse ir de uma extremidade à outra. Ele era conduzido através de uma saída de emergência, ao redor das instalações, e de lá para o salão principal, evitando, assim, o corredor.

Também me convidaram para discutir abordagens alternativas. Houve um momento em que até questionamos se Fraser poderia levar Billy à escola.

Ele já havia começado a falar sobre Billy na sala, e a professora se perguntava se ter Billy ao lado na sala de aula não poderia ajudá-lo a vencer seu medo do corredor e especialmente da campainha.

Não demorou muito para que chegássemos à conclusão de que isso não seria viável. Havia questões de saúde e segurança envolvidos, e a medida chamaria ainda mais a atenção sobre Fraser. Tampouco era justo com Billy. Ele não costumava se distanciar de casa, e não se poderia esperar que ele ficasse dentro de uma sala de aula durante horas todos os dias.

Essa ideia realmente não tinha chance de sucesso. Além disso, Billy já

estava ocupado o suficiente com os problemas em casa.

Alguns anos antes, teríamos nos encontrado em uma espiral descendente que teria sido difícil reverter. A diferença a essa altura, claro, era que tínhamos um gato extraordinário.

Durante essas semanas tensas e difíceis, Billy foi presença constante ao nosso lado. Sempre que Fraser começava a ficar agitado em relação ao corredor ou à campainha, ele aparecia. Muitas vezes dava um passo à frente. Várias vezes durante essa fase, Chris e eu chegamos ao andar superior e encontramos Billy já posicionado, bem aconchegado ao pé da cama ou deitado ao lado de Fraser, de forma que este sentisse bem sua presença.

Esse gato é clarividente, pensei comigo certa noite.

Já tínhamos visto isso antes, sem dúvida, mas mesmo assim era fascinante observá-lo. Podíamos tentar tranquilizar Fraser quanto quiséssemos, porém Billy conseguia aliviar uma situação tensa em poucos segundos. A essa altura, a resistência de Chris começava a desmoronar.

– Você notou que Billy tem saído pouco ultimamente? – ele comentou uma noite, quando já estávamos na cama.

Pela enésima vez desde que Fraser começara sua nova escola, Billy havia nos ajudado a acalmá-lo novamente.

– A-hã... – murmurei, percebendo aonde ele queria chegar.

– Muito estranho, porque essa é provavelmente a melhor época do ano para ele sair e caçar – prosseguiu.

– A-hã... – murmurei, rindo baixinho comigo mesma.

– É como se ele soubesse quando Fraser dará o pontapé inicial.

– A-hã...

– Há mais mistérios com aquele gato do que possamos imaginar – ele finalizou, virando-se na cama e desligando o abajur ao seu lado.

– A-hã... – murmurei, fazendo a mesma coisa. Precisei de muita força para reprimir uma risadinha.



Capítulo 14

Tom e Billy

À medida que o verão chegava ao fim, Fraser se acostumava lentamente à nova escola. O corredor e o som da campainha ainda o atormentavam, contudo, graças a Deus, a quantidade de vezes que ele os mencionava passou de dezenas para algumas por dia. Ele raramente acordava à noite para falar disso.

Também dera certo o plano estabelecido para que ele fizesse a longa caminhada ao redor da escola a fim de evitar o corredor, pelo menos até então. Só Deus sabe como foi para ele, durante o inverno, fazer penosamente aquele percurso na neve e na chuva, mas, como sempre, superamos essa dificuldade.

Os dois dias da semana que Fraser passava no grupo de atividades lúdico-educativas na escola de Crathie o haviam ajudado a se acalmar. Lá ele se sentia muito tranquilo; a classe menor e o ambiente mais aconchegante lhe fizeram muito bem. O grau de compreensão deles ficou marcado pelo fato de a diretora desligar a campainha quando de antemão contei a ela sobre o problema que tivéramos em Ballater. Isso me deu ainda maior certeza do desejo de que ele frequentasse aquela escola em período integral a partir do mês de agosto seguinte. Eu me sentia confiante de que ele teria a melhor chance de ser bem-sucedido em sua vida escolar.

Vários meses haviam se passado desde que ele dera aquele enorme

passo para trás, e eu começava a sentir que agora as coisas voltavam a caminhar na direção certa.

Um dos sinais de que ele voltara a progredir estava na maneira como seu gosto por televisão havia mudado. Repetição e rotina deixavam Fraser feliz; então, durante muito tempo, ele só assistia aos mesmos programas infantis dirigidos a crianças da pré-escola e bebês. Gostava principalmente do programa da BBC *In the Night Garden*, um seriado popular para crianças entre um e quatro anos, sobre um punhado de personagens bem animados com nomes como Igglepiggle e Upsy Daisy que viviam em uma floresta encantada, cheia de margaridas gigantes e outras flores lindas por toda parte. Ele assistia ao programa repetidamente; nunca se cansava. Chegou a um ponto em que eu não aguentava mais ver esses personagens, principalmente ouvir o ruído que alguns faziam. Fraser gostava porque as frases eram curtas, fáceis de entender e o programa consistia mais de formas, sons e cores, o que ele talvez também entendesse com maior facilidade. Finalmente, porém, começou a assistir a coisas um pouquinho mais avançadas, sobretudo desenhos animados. Mais do que qualquer outra coisa, ele se apaixonou por *Tom e Jerry*. Ficou encantado. E quem não adora *Tom e Jerry*?

Um dia eu estava na sala de estar, lendo uma revista, enquanto ele assistia a um episódio. Tom estava, como sempre, sendo enganado por Jerry, e Fraser dava boas risadas.

Sem nenhuma razão aparente, ele se virou para mim e disse: “Mamãe, Billy é igualzinho ao Tom”.

No início, achei que ele simplesmente queria dizer que Billy se parecia com Tom, o que tinha um pouquinho de verdade. Mas depois, quando me sentei lá para ver o desenho com ele, comecei a notar outras semelhanças, algumas delas cômicas. A mais óbvia, claro, era que Billy nos fazia cair na gargalhada.

Por exemplo, sua relação com Toby se tornara, na verdade, engraçada. Em geral, os dois tinham pouca coisa em comum. Eles se mantinham a uma boa distância um do outro, principalmente porque Toby estava ficando – se isso era possível – ainda mais inanimado à medida que envelhecia, passando grande parte do dia tirando sonecas pela casa. Mas de vez em quando eles brigavam no tapete. Parecia coisa retirada de um desenho animado. Eles passavam por um estranho ritual, como aqueles lutadores de sumô, entrando como um furacão e se preparando para se amontoar um sobre o outro. Toby andava em volta de Billy arrastando o rabo enquanto Billy o olhava fixamente. Então, de repente, Toby pulava e aterrissava na barriga de Billy, pressionando-o contra o chão com todo o seu peso. Daí eles rolavam como uma grande bola de pelo cinza, até que Toby era “espirrado fora”, o que não demorava muito.

Billy era muito mais novo, ágil e forte, e tenho certeza de que, se quisesse, poderia derrubar Toby facilmente e lhe dar uma boa surra. Mas, na verdade, era só brincadeira; não havia nenhuma agressão, nenhum miado ou guincho. Estava claro que Billy se divertia e deixava Toby fazer isso sempre. A única desvantagem era a bagunça que eles deixavam. Depois, o tapete se transformava em uma massa de pelos cinza, mas, para ser sincera, não me importava, porque era muito divertido.

Billy transformara-se em um verdadeiro animador e humorista também no jardim. Havia uma pequena árvore no canto que ele adorava escalar quando brincava com Fraser. Em um minuto ele estava correndo ao redor de Fraser e, no minuto seguinte, subindo nos galhos como um esquilo. Quando chegava ao topo, fazia uma coisa divertida: enrolava as patas dianteiras e traseiras ao redor do tronco, em um grande abraço, deixando-se balançar com a brisa. Tanto Fraser quanto Pippa achavam

isso hilário. Billy fazia isso durante alguns minutos, olhando para eles lá embaixo; Fraser e Pippa apontavam para ele e davam risadas.

– Olha o Billy! Olha o Billy! – Fraser gritava.

Houve vezes em que eu poderia ter jurado que Billy fazia isso deliberadamente só para ver nossa reação.

Como Toby, Billy estava sempre à espreita, esperando uma chance de ganhar uma refeição extra, então não era surpresa nenhuma que alguma comida aparecesse em muitas de suas divertidas peripécias.

Em um dia de verão, estávamos todos no jardim, sentados na manta acolchoada que tínhamos desde a casa anterior, quando Billy, caminhando devagar e com ar de indiferença, entrou em cena. Como sempre, ele havia saído para um passeio depois do café da manhã e estava de volta, talvez pronto para brincar com Fraser.

Foi Pippa quem primeiro viu o estado em que ele se encontrava; em seguida, Fraser gritou “Olha o Billy!”. Chris e eu olhamos ao redor, esperando que ele tivesse caçado alguma coisa ou estivesse coberto com alguma excrescência novamente. Ficamos chocados quando vimos que sua fronte tinha uma tonalidade amarela, muito vívida.

Ela descia até seu peito e o topo das pernas. As crianças acharam hilário. Obviamente, para eles parecia que Billy fora mergulhado em gema de ovo, porque Fraser começou a chamá-lo de Billy Gema. Pippa adora seu irmão mais velho e, naquela idade, ela gostava de imitá-lo o tempo todo.

– Billy Gema! – repetia ela.

Levei Billy para dentro de casa e lhe dei um banho. A princípio, não fazia a menor ideia do que teria acontecido, mas, depois de alguns minutos, senti um odor bem característico. Era de cúrcuma, condimento usado para fazer *curry*. Provavelmente ele andou remexendo alguma lata de lixo onde havia algum *curry*. De uma coisa eu sei, não consegui retirá-

la, levou uma semana para tudo desaparecer.

Algumas vezes parecia que ele comeria qualquer coisa que lhe fosse mostrada. Pouco depois do incidente com o *curry*, Fraser entrou correndo na despensa, onde eu estava esvaziando a máquina de lavar. Eu sabia que devia ser algo importante, porque ele resistiu à tentação de girar a secadora, como normalmente fazia.

– Mamãe, vem ver o Billy – ele disse, puxando-me pela calça.

– O que aconteceu, Fraser? Não vê que estou ocupada?

– Mamãe, vem comigo!

Entrei na cozinha e vi Pippa sentada no chão ao lado de Billy, agarrada a alguns grissinis italianos.

– Aqui, Billy – ela dizia, dando-lhe um grissini para ele mordiscar.

Em seguida, ela o tirava dele e comia a outra extremidade.

– Dá mais pra ele, Pippa – Fraser dizia, bem maroto.

– Não, Pippa. – Precipitei-me para fazê-la parar quando ela estava prestes a colocar a outra extremidade do grissini na boca de Billy, já aberta.

Uma parte de mim ficou horrorizada. *Graças a Deus eles estavam comendo de extremidades diferentes*, pensei, agarrando os grissinis e os examinando para me certificar disso. Mas não resisti e caí na risada. Chris quase engasgou com o chá quando lhe contei naquela noite.

Como Tom, Billy também tinha o hábito de entrar nas mais terríveis enrascadas, algumas engraçadas e outras nem tanto. Uma das mais divertidas aconteceu um dia quando Fraser estava na escola, Chris, trabalhando, e ele, sozinho em casa com Pippa. Tudo estava muito quieto, então fui até o pé da escada e chamei.

– Tudo bem aí, Pippa?

– Tudo bem, mamãe. Eu tocando a falda do Billy.

– Como é que é?

– Eu tocando a falda do Billy. O bumbum dele tá dodói.

Mal pus os pés no primeiro degrau da escada e Billy veio voando para baixo, coberto de uma coisa viscosa que, logo presumi, era creme contra assadura. Estava espalhado por toda a sua cabeça, costas e rabo.

– Billy, veja só seu estado! – disse, pegando logo um papel-toalha. Mas, antes que eu o alcançasse, ele já tinha desaparecido pela gateira.

Ele ficou fora durante algumas horas; quando voltou, estava acabado. O creme para assadura se transformara em uma massa sólida e rígida. Parecia marshmallow. Levei uma eternidade para limpar tudo.

Billy era, obviamente, capaz de se meter em situações bem mais sérias – e continuava a fazê-lo. Sua peripécia mais recente e apavorante acontecera em um fim de semana durante o verão, quando não estávamos por perto, graças a Deus. Tenho medo só de pensar como teríamos reagido se a tivéssemos presenciado.

A primeira pista sobre o ocorrido veio quando voltamos de uma viagem a Aberdeen, aonde fomos às compras na tarde de um fim de semana. Estávamos estacionando o carro quando notei uma enorme sujeira no gramado. Chamou minha atenção porque Chris o cortara logo no início daquela manhã, e a grama estava imaculada quando saímos para Aberdeen.

Tive um mau pressentimento imediatamente.

– Há... Oh! O que está acontecendo aqui? – perguntei a Chris.

Quando observei mais de perto, vi uma grande pilha de cocô no meio da grama. Perto dela, havia outra grande pilha de pelo de animal. Chegando mais perto, não havia como errar de que tipo de pelo se tratava. Era de gato.

Oh, não!, pensei comigo mesma.

Não havia necessidade de nenhum Sherlock Holmes para descobrir o que acontecera. Pouco distante da via que leva à nossa casa ficava a

destilaria Royal Lochnagar. Nas semanas anteriores, aparecera por lá um labrador. Como morávamos em uma área agrícola com muito gado ao redor, a maioria das pessoas sabia da importância de manter seus cães sob controle. Mas, por alguma razão, esse labrador fora deixado à solta. Ele estava desgovernado e causando todo tipo de problema.

Em mais de uma ocasião, ele saltara sobre a cerca de nosso jardim, que é baixa, e transformara nosso gramado em seu banheiro. Uma manhã, eu o vi da janela da cozinha e saí correndo para enxotá-lo. Ele saltou sobre a cerca e correu de volta para a colina na direção da destilaria.

– Aquele maldito cachorro voltou ao nosso jardim – comentei com Chris. – Parece que ele atacou um dos gatos, provavelmente o coitado do Toby.

Era uma questão de lógica supor que se tratava de Toby. Estávamos desfrutando de um período de tempo relativamente quente, e Toby começara a se aventurar até o jardim; deitava-se num canto e lá ficava tomando sol. Era mais velho e mais lento do que Billy; assim, não teria conseguido evitar o labrador se este aparecesse de repente. Billy era astuto e agressivo demais para se deixar apanhar, tenho certeza.

Nenhum dos gatos estava na despensa dos fundos nem na varanda; então, assim que trouxe as compras e as crianças para dentro de casa, subi a escada para me certificar de que eles estavam bem. Para minha surpresa, encontrei Toby no quarto, tirando uma soneca em seu cantinho usual, perto do aquecedor.

Eu me abaixei para ver como ele estava. Parecia em ótimas condições.

– Acho que foi Billy que entrou na briga – disse para Chris, que já limpava a sujeira do gramado, antes que as crianças saíssem para brincar.

– Vou dar uma olhada na vizinhança quando terminar isso aqui – respondeu.

– Por que não tomamos um chá e, depois de comermos alguma coisa, eu o ajudo? – sugeri. – Nunca se sabe, até lá ele pode aparecer.

Uma hora ou quase isso depois, entretanto, ainda não havia sinal de Billy. O entardecer estava lindo, ensolarado, e os passarinhos cantavam nas árvores. Chris e eu decidimos ir por caminhos diferentes; fui na direção da estrada que leva à destilaria, enquanto ele pegou a bicicleta e seguiu rumo à Propriedade.

Outra tarefa do tipo procurar uma agulha no palheiro. Billy poderia estar em qualquer lugar; e eu estava, de fato, preocupada com ele, portanto decidi ao menos tentar encontrá-lo.

No entanto, eu sabia que não poderia deixar as crianças sozinhas por muito tempo; então voltei várias vezes para ver se estava tudo bem com elas. Depois de cerca de quarenta e cinco minutos saindo e voltando, não tive nenhuma alegria. Chris voltou logo depois, também sem notícias de Billy.

– Talvez ele esteja se escondendo e esperando até o anoitecer – Chris considerou, sem muita convicção.

Nenhum de nós conseguia relaxar. Felizmente Fraser se acostumara às escapadas de Billy, principalmente à noite, e já tinha ido para a cama.

Estávamos subindo a escada para ir dormir quando ouvimos o som característico da gateira.

Abri a porta da frente e vi Billy mancando; parecia em péssimo estado. Era evidente que ele participara de uma luta terrível. Faltava um pedaço de pele de uma parte de seu corpo. O cachorro devia tê-lo agarrado. Felizmente, embora esfolado, ele não estava perfurado, então peguei uma bacia e limpei todas as suas esfoladuras.

Pensamentos de todo tipo passaram pela minha cabeça à medida que

eu limpava suavemente seus ferimentos.

Só Deus sabe o que aconteceu enquanto estávamos fora naquele dia. Pode ter sido uma versão muito mais sangrenta e realista de Tom lutando com Spike, o cão dos desenhos de *Tom e Jerry*. Ainda bem que Fraser não viu; isso o teria traumatizado. Mais do que qualquer outra coisa, foi gratificante ver Billy inteiro.

Na manhã seguinte, tudo parecia estar bem com ele. Depois do café, ainda mancando, ele foi para a sala de estar e se deitou lá com Fraser como se nada tivesse acontecido. Fraser foi gentil ao extremo com ele. Billy devia estar sentindo muita dor e teria preferido dormir na despensa a brincar. Mas lá estava ele pelo seu amigo – outra maneira de mostrar que Billy era como Tom, é claro.

* * *

Nem sempre as tramas de *Tom e Jerry* eram sobre tentativas inúteis de Tom para capturar Jerry. Havia também uma porção de episódios em que os dois mostravam uma amizade verdadeira e preocupação pelo bem-estar um do outro. Billy provava o mesmo tipo de dedicação a Fraser, às vezes acima e além do esperado.

Como a briga com o cão ilustrara mais uma vez, Billy tinha um temperamento selvagem e sabia como cuidar de si mesmo. Ainda assim, algumas vezes deixava Fraser cuidar dele como se fosse um brinquedo. O mais engraçado é que, nas semanas anteriores, ele até mesmo consentira que Fraser o carregasse como uma boneca de pano.

A primeira vez que vi isso quase engasguei no meu café matinal.

– Fraser, o que você está fazendo? Vai machucar Billy – eu disse, vendo-o segurar Billy com a barriga para cima.

– Não, não vou, não. Ele gosta de ficar no meu colo, olha só – ele

disse.

Em seguida, colocou Billy no chão e me mostrou. Abaixou-se, pôs as mãos debaixo da barriga de Billy e depois se levantou, de forma que Billy ficou lá pendurado, bem mole.

– E ele gosta quando eu carrego ele, olha só – Fraser disse, antes de sair arrastando os pés, balançando nos braços um Billy mole e absolutamente tranquilo.

Fiquei assombrada por várias razões. Primeiro, porque estávamos há anos tentando ensinar Fraser a carregar coisas usando ambas as mãos, mas ele achava isso muito difícil por causa da hipotonia. Ele mal conseguia carregar uma xícara e um prato, da cozinha para a sala de estar. Muitas vezes ele os derrubava ao tentar. Também havíamos dado a ele uma mochila para ir à escola, mas o peso dela quase o fazia cair.

Portanto, vê-lo carregando Billy pela casa daquele jeito era estupendo. Ele fez isso uma vez quando mamãe nos visitava, e ela ficou pasma.

O mais extraordinário era o fato de Billy lhe permitir fazer isso. Sei muito bem que, se Pippa, Chris ou eu tentássemos carregá-lo daquele jeito, ele lutaria para se desvencilhar de nós.

Isso dava uma ideia da profundidade dos laços que os uniam e de quanto confiavam um no outro. Eles haviam se transformado em uma versão própria de *Tom e Jerry* – Fraser e Billy.



Capítulo 15

“Monster Mash”

A noite caíra sobre Balmoral, mas a agitação ainda era intensa na Propriedade. Famílias usando toucas com pompom e jaquetas brilhantes andavam pela área, indo na direção do castelo, iluminando o caminho com lanternas. De vez em quando, o silêncio era quebrado pelo som de uma bombinha que estourava ou pelo zumbido e pelo estalido de um rojão decolando e explodindo em algum lugar mais distante.

Era Halloween, e parecia que todos na Propriedade estavam se preparando para festejar a data – inclusive nós.

Aparentemente, a tradição remonta aos tempos da rainha Vitória que, todo mês de outubro, participava de uma grandiosa procissão à luz de lanternas. Juntamente com centenas de criados de clãs, guardas-florestais, serviçais, arrendatários e suas famílias, ela caminhava até o castelo, onde uma enorme fogueira era acesa a cada Halloween. Eu lera a respeito do evento num livro de história da Propriedade, e me pareceu muito interessante. Os foliões brindavam à rainha, dançavam uma espécie de quadrilha típica da Escócia e até mesmo queimavam efígies de bruxas e feiticeiros. Aparentemente, a rainha Vitória adorava ver todos fantasiados em trajes macabros, e essa data era considerada um dos pontos altos do calendário de Balmoral.

O ritual sobrevivera a mais de um século, mesmo quando a família real deixou de participar. Seus membros mais jovens sempre apareciam

na Propriedade para comemorar o Halloween, mas eles preferiam participar de festas privadas nos alojamentos de caça espalhados pela vasta região do Balmoral. A festa no castelo era agora para os funcionários da Propriedade e suas famílias.

No passado, Fraser tinha sentimentos contraditórios em relação ao Halloween. Em nosso primeiro ano vivendo na Escócia, quando acabáramos de mudar para a casa-portaria, eu o agasalhei com um casaco bem quentinho e o levei para ver a contadora de histórias vestida de bruxa, divertindo as crianças em uma cabana perto do castelo. Ele adorou. E adorou também o espetáculo com os fogos de artifício. Infelizmente, não sentiu o mesmo entusiasmo quanto à festa anual dos funcionários, organizada por eles para as crianças da Propriedade a cada Halloween, por isso nunca participávamos dela. O Fraser de antigamente não gostava de grandes festas com crianças que não conhecia, principalmente crianças vestidas de jovem Drácula ou Frankenstein.

Portanto, sua atitude nesse ano deu uma boa ideia dos avanços que estava fazendo. Talvez tivesse algo a ver com seu grupo de atividades lúdico-educativas, em que as crianças ficavam muito entusiasmadas, esculpindo abóboras e fazendo chapéus de bruxas pontiagudos. Por alguma razão, no entanto, em meados de outubro ele começou a fazer perguntas sobre isso.

– O que é que acontece na festa de Halloween? – ele me perguntou certa manhã.

Fraser não gostava de *Scooby Doo*, nem de outros desenhos assustadores, e se aterrorizava diante da perspectiva do “travessura ou gostosura”. Estranhos batendo à porta sempre significavam um problema, e estava absolutamente fora de questão ele bater à porta de alguém, mesmo que soubesse quem provavelmente a abriria. Então, em vez disso, ressalttei os aspectos de Halloween que eu sabia que iriam

agradá-lo.

– Ah, é apenas uma noite especial em que as pessoas se fantasiam, vão ver uma fogueira e fogos de artifício e as crianças ganham uma porção de balas e doces – respondi. – Você já esteve em uma antes; lembra-se da bruxa que leu uma história para você?

– Lembro. Fraser pode vestir uma fantasia este ano? – ele continuou.

– Se você quiser, claro que pode.

– Fraser pode vestir uma fantasia e pôr uma máscara?

É claro que, Fraser sendo Fraser, mudara de ideia dezenas de vezes desde essa primeira conversa, não apenas em relação à fantasia, mas também se ainda queria ir. Meia hora antes do horário de sairmos, ele se convencera de que ficaria em casa. Ouvira uma agitação lá fora, quando um de nossos vizinhos se aprontava para ir ao castelo, e ficara muito nervoso, cobrindo os ouvidos. Felizmente tínhamos o respaldo de Billy, que andava por perto, como sempre, àquela hora da noite. Fraser se enroscou na sala de estar com Billy por alguns minutos, e seu pânico arrefeceu.

Então, agora, faltando uma hora para as festividades começarem, ele se sentia feliz.

Eu arranjava uma fantasia: ele usava um lenço vermelho com uma caveira e ossos cruzados, um colete com o mesmo desenho e uma camiseta branca com um crânio pintado nela. Não parecia nem um pouco amedrontado; na verdade, ficou adorável. Não resisti e tirei uma foto dele.

Chris voltara do trabalho e estava se trocando. Nós dois estávamos ansiosos para sair. Eram poucas as noites em que todos na Propriedade se reuniam sem muita formalidade, e alguns de nossos amigos já haviam tocado a campainha, perguntando se iríamos. Eles sabiam que, com Fraser, nossa situação era sempre inconstante.

– Por enquanto, tudo indica que iremos – eu havia dito a uma de minhas amigas.

A festa das crianças estava programada para começar um pouco antes das sete horas; então, às quinze para as sete, pegamos as lanternas e boa quantidade de bastões fluorescentes; prendemos mais alguns no carrinho de Pippa e partimos noite adentro.

No caminho, encontramos outras famílias, com crianças muito animadas, indo na direção da Propriedade. Fraser conversou a maior parte do caminho até o castelo; seu entusiasmo crescia a cada passo.

As festividades começaram com jogos iluminados a tochas na frente do castelo. Cada uma das crianças recebeu bastões fluorescentes, que Fraser adorou, e depois pediu para entrar em um jogo bem maluco chamado “Runaround”. Ele participou e fez o melhor que pôde para acompanhar o ritmo das crianças mais velhas e ágeis. Foi recompensado com um punhado de balas que tentou, sem sucesso, enfiar nos bolsos, já totalmente cheios.

– Fraser gosta de bala – afirmou repetidas vezes nos minutos seguintes.

Depois seguimos para um velho pavilhão perto dos jardins, onde a feiticeira contadora de histórias estava sentada, esperando. Pippa e Fraser sentaram-se no chão da tenda com um grupo de outras crianças, ouvindo atentamente a história. Depois, todas ganharam mais algumas balinhas da feiticeira; Pippa soltava gritinhos de tanta felicidade.

De lá fomos para o campo de críquete, onde os funcionários haviam preparado uma apresentação de fogos de artifício. Não chegou a ser a cerimônia de encerramento das Olimpíadas – apenas algumas dezenas de rojões –, mas foi divertido, e, o mais importante, Fraser adorou. Quando os primeiros rojões indicaram o início do show, Pippa estava no carrinho e Fraser espremido entre mim e Chris, segurando nossas mãos.

Novamente, não consegui deixar de pensar nos dois anos anteriores, quando Fraser não tinha condições de caminhar pela área e ficara tenso e sensível demais para ver as explosões. Agora, quando ele, juntamente com as outras crianças, começou a fazer os *ohs* e *ahs* depois de cada explosão cintilante, Chris e eu trocamos um daqueles olhares que não precisam de nenhuma explicação. Eram momentos como esse que sonhávamos compartilhar com nossos filhos. Havíamos tido poucos deles até então, mas a espera valera a pena.

A noite mal havia começado, tanto para Fraser como para Pippa; eles claramente se divertiam muito. Então fomos para o prédio que abriga a lojinha de suvenires durante a temporada turística e nos juntamos a todas as outras famílias para a discoteca infantil e a festa.

Os funcionários haviam preparado sanduíches, batatinha frita e muita diversão; serviram às crianças bebidas ao estilo Halloween, como Sangue de Morcego, que Fraser bebeu com avidez. Pippa estava sentada em seu carrinho, mas ficou fascinada pelo que acontecia à sua volta. Dei a ela um lanchinho, alguma coisa para beber e a deixei com as outras crianças.

Para os adultos, havia um pouco de quentão e salgadinhos para mordiscar; Chris e eu aproveitamos a oportunidade para conversar com um casal que conhecemos na Propriedade. Estávamos alegremente batendo um papo e tomando quentão quando vislumbrei Fraser.

– Chris, veja só! – eu disse, puxando sua camiseta.

Um dos funcionários da limpeza do castelo começara a tocar uma canção meio assustadora, mas adequada para as crianças dançarem. Fraser estava no meio do salão, dançando ao ritmo daquele velho sucesso “Monster Mash”, de Bobby “Boris” Pickett e os Crypt-Kickers.

Onde ele aprendera a dançar, não faço ideia, mas ele estava se saindo muito bem, equilibrando-se lindamente em suas botas Piedro, num mix

de gingado e reggae. Ele até poderia ser membro de uma banda de ska/pop ou uma miniversão de Suggs, da banda Madness, dobrando os braços e arqueando as costas ao ritmo da canção. Divertia-se mais do que nunca.

Nenhum de nós tinha um smartphone; portanto, o momento não pôde ser registrado para a posteridade. Tudo bem. Não era uma imagem que eu pudesse esquecer rapidamente. Ela ficará guardada em minha memória por muitos anos. Foi maravilhosa.

As brincadeiras e os jogos terminaram por volta das 20h30. Quando voltamos para casa no escuro, nossos bastões fluorescentes e lanternas eram pontinhos minúsculos na vasta escuridão das Highlands; estávamos todos em alto-astrol. Sem dúvida, fora a melhor noite em família que já tivéramos juntos em Balmoral.

No caminho, Fraser ainda falava da discoteca e do Sangue de Morcego.

– O Fraser dançou o Mash – ele disse.

– É verdade, Fraser – eu concordei. – Você dança mesmo muito bem.

Já havia passado muito do horário normal de ele ir para a cama; percebi que estava cansado, mas isso não o impediu de conversar com Billy. Chegou ao ponto de Chris e eu termos de separá-los.

– Vamos para a cama; você tem a oficina de atividades amanhã cedo – eu disse a Fraser enquanto Chris agarrou Billy e o despachou para a despensa.

– Halloween é bonito, mamãe – Fraser disse enquanto eu o ajeitava na cama.

– É bonito, sim. Muito bonito.

Chris e eu nos sentamos por alguns minutos, conversando sobre os eventos da noite. Estávamos radiantes. Fraser se comportara de uma maneira que não teríamos imaginado que seria possível um ou dois anos

antes. Ele havia lidado com multidões, estrondos e explosões, mas o que mais nos impressionou foi ter participado de uma ocasião social e até mesmo dançado – algo realmente surpreendente.

– Onde ele aprendeu a dançar? – Chris perguntou, rindo, quando o lembrei de Fraser dançando “Monster Mash”.

Pouco tempo antes, a ideia de vê-lo dançar com tanta segurança e de forma tão descontraída teria sido impensável. Era muito mais provável que ele rolasse pelo chão, gritando como um *banshee*, o espírito da morte da mitologia irlandesa. De alguma maneira, estávamos rompendo barreiras. Ele se abria cada vez mais para o mundo e se transformava em um garoto normal, que gostava de se divertir.

– Tudo de que precisamos é continuar a fazer o que estamos fazendo.

Chris apenas concordou com um aceno de cabeça e sorriu.

– É difícil, mas estamos chegando a algum lugar; tenho certeza disso.

Naquela noite, deitada na cama, minha cabeça trabalhava sem parar. Dessa vez, entretanto, o coração estava feliz. Eu me sentia muito confiante.

Quando o primeiro semestre na nova escola de Crathie chegou ao fim, Fraser mostrava grande progresso. Não havia dúvida de que se expor a outras crianças cinco dias por semana estava tendo um impacto positivo. As professoras de Crathie em especial realmente o encorajavam a sair de sua bolha. E, além disso, havia Billy. Ele era parte da equação, tenho absoluta certeza. Qual parte? Bem... adivinhe quem quiser.

Houve ocasiões em que eu me sentava na cozinha e simplesmente olhava para Billy, tentando decifrar seu segredo. Ele não era um desses gatos famosos que faziam “toca-aqui” ou tocavam piano na internet. Nem especialmente bonitinho; na verdade, era até bem rugoso nas

extremidades. Mas tinha qualidades que, ao menos para nós, eram incomuns. Quanto mais o conhecíamos, mais extraordinário o achávamos.

Era sua capacidade de compreender Fraser que, às vezes, nos deixava realmente estupefatos. Na minha cabeça não havia dúvida de que Billy sentia coisas muito além de nossa compreensão, em especial quando se tratava de questões de saúde. Notáramos isso quando Fraser reagira mal à vacina tríplice viral, que tomara pouco tempo antes, e novamente poucas semanas depois do Halloween, quando o tempo esfriou de fato.

Eu estava na cozinha, preparando um jantar gostoso para mim e Chris, e havia ligado a babá eletrônica para ouvir as crianças. Fraser parecia ter apanhado um leve resfriado, e eu lhe dera um remédio e tirara sua temperatura. Tudo parecia bem, mas marquei uma consulta médica para o dia seguinte, apenas por precaução, pois ele sofria de asma.

Como ele estava cochilando, eu o acomodei na cama. Estava visivelmente cansado e precisava de uma boa noite de sono. Eu estava ocupada com as arrumações da casa quando notei, pela babá eletrônica, que não conseguia ouvir Fraser roncar ou respirar. Tudo o que ouvia era o som persistente de um gato fazendo “miau, miau”.

– O que será que ele está fazendo? – interroguei, levemente irritada com Billy por estar perturbando Fraser.

Entrei no quarto de Fraser e vi que Billy caminhava para lá e para cá ao lado da cama, de modo muito agitado. Parecia patrulhar o local, como um neurótico guarda-noturno.

Vi que Fraser estava dormindo um sono profundo e não quis acordá-lo.

– Venha, Billy, já basta – cochichei e o coloquei em sua posição rotineira, deitado ao pé da cama de Fraser.

Em seguida, desci para continuar a fazer o jantar.

Mal haviam se passado três minutos, e ele recomeçou a miar.

Nesse momento Chris entrou, depois de fazer alguns ajustes no carro. Estava coberto de lubrificante e óleo.

Imediatamente ele percebeu o ruído.

– Que barulho é esse? Billy?

– É. Ele está agitado por causa de alguma coisa. Não tenho ideia do que possa ser.

– Não posso subir neste estado – ele disse, mostrando as mãos sujas. – Você tem que tirá-lo de lá, senão ele vai acabar acordando Fraser.

Bastante irritada, subi novamente, peguei Billy e o trouxe para baixo, deixando-o na varanda, porque sabia que, se o deixasse em qualquer outro lugar, ele voltaria imediatamente para o quarto de Fraser. Mesmo assim, ele passou a meia hora seguinte andando de um lado para o outro freneticamente. Deixei-o lá e fui para a cama cedo naquela noite, ainda sem saber por que ele agia assim.

Na manhã seguinte levei Fraser ao médico, conforme já havia agendado. Supunha que ele tivesse apenas um resfriado por causa do frio; quase caí da cadeira quando, depois de alguns testes e um exame da garganta, o médico diagnosticou amidalite.

– Ele terá de tomar antibiótico e permanecer em casa durante pelo menos uma semana – disse o médico. – A senhora fez muito bem em trazê-lo aqui, achando que era algo sério, senhora Booth – acrescentou ele.

Não ousei contar a ele que o diagnóstico especializado fora feito pelo nosso gato.



Capítulo 16

Alegria de Natal

Um sol fraco de inverno ainda lutava para romper as nuvens, e uma pesada neblina pairava sobre as margens do rio Dee.

Chris e eu prendemos Pippa e Fraser em seus assentos, fechamos a última e abarrotada mala, pusemos toda a bagagem e os presentes no porta-malas do carro e partimos na madrugada. Tínhamos uma longa jornada pela frente. Viajaríamos aproximadamente 600 quilômetros para Essex a fim de passar o Natal com meus pais.

Sempre fui uma pessoa ligada à família; adorava passar todos os Natais com meus pais, minha irmã e seus familiares. Entretanto, como sempre, o entusiasmo que sentia era um pouco misturado com a consciência de que em média, nas próximas onze horas, Chris e eu teríamos de enfrentar não apenas as condições do tempo escocês e o tráfego imprevisível, mas também o ainda menos previsível Fraser.

Viajar continuava a ser uma das poucas áreas em que Fraser progredira pouco ou nada com o passar dos anos. Nem mesmo Billy conseguia exercer nenhuma influência sobre ele.

Era realmente uma ironia, porque Fraser, na verdade, adorava carros e passava boa parte do tempo identificando-os e dizendo de que marca eram. Mas ele também tinha um grande número de idiossincrasias que podiam resultar em total descontrole emocional e muito berreiro.

Ele não se sentia bem, por exemplo, quando a luz do sol batia direto

em seu rosto; ficava muito irritado quando tínhamos de dirigir contra a luz do sol durante o verão. Em mais de uma ocasião, quando voltávamos para casa, ao longo do vale do rio Dee, no auge do verão, Chris fora forçado a estacionar na estrada para esperar até que o sol se pusesse.

Óculos de sol não eram uma opção, porque ele não gostava de senti-los na cabeça e se recusava terminantemente a usá-los. Então tivemos de comprar um conjunto muito caro de persianas especiais com tela para bloquear a luz do sol em sua janela. Para ser sincera, essa era uma de suas menores queixas.

Chegou a um ponto em que Chris precisava de um carro para trabalhar, então tínhamos dois carros: um Mazda preto e um Renault cinza. Fraser preferia o Mazda preto e insistia em viajar nele.

No ano anterior rejeitara cada vez mais o Renault, o que era interessante, porque, sem que ele o soubesse, foi com o Renault cinza que Pippa e eu nos envolvemos em um acidente. Graças a Deus, Fraser não estava junto.

Foi no inverno; eu estava voltando de Ballater e atingi uma camada de gelo vítreo num trecho muito sinuoso da estrada, ladeada de árvores. Perdi completamente o controle do carro; ele girou trezentos e sessenta graus e, graças a Deus, foi parar em um barranco, entre duas árvores grandes. Se eu estivesse a alguns centímetros a mais para qualquer um dos lados, bateria diretamente em uma delas e poderia ter morrido junto a Pippa. Saímos ilesas, mas o carro nem tanto. Quando deslizou para fora da estrada, ele subiu no topo de alguns tocos de árvore, deixando a parte de baixo muito danificada.

Durante seis semanas, o carro ficou na oficina mecânica para conserto, então Fraser o esconjurou de vez. Era como se tivesse captado o ocorrido, mesmo sem que contássemos a ele.

Quando mudamos para a casa na Propriedade Balmoral, só

precisávamos de um carro; então vendi o Mazda, para grande irritação de Fraser. Muitas vezes, no caminho entre Balmoral e Ballater, ele dizia sem parar: “Não gosto desse carro cinza”. Contudo, como ocorria com outros problemas, as coisas acabaram se acalmando – enfim.

Em um mundo ideal, claro, não precisaríamos fazer o longo percurso até Essex de carro. O aeroporto de Aberdeen fica a uma hora de nossa casa e tem voos regulares, mas voar, infelizmente, não era uma opção. Não depois do que aconteceu, quando Fraser se aproximava do segundo aniversário.

Se eu tivesse de compilar os cinco piores momentos do começo de minha vida com Fraser, então meu voo de volta para casa, de Luton a Aberdeen, estaria definitivamente entre eles. Naquela época, sem a menor dúvida, teria sido o número um.

Fraser tinha quase dois anos; pegamos o voo em um sábado de manhã. Tudo corria bem, e meus pais tinham ido ao aeroporto nos apanhar.

Foi quando eles nos levaram de volta ao aeroporto, uma semana depois, que os problemas começaram.

Mamãe entrou no terminal comigo para me ajudar a fazer o *check-in*. Ela segurava Fraser enquanto eu entregava os tíquetes e despachava a bagagem; até aquele momento, tudo estava bem.

Porém, quando tivemos de subir a escada rolante para o saguão de embarque, os humores mudaram. Na verdade, foi o inferno. Revisitando aquele dia na memória, acho que foi o som das rodinhas da mala que eu levava como bagagem de mão. O ruído era forte e rangente, exatamente o som que deixava Fraser irritado.

Ele estava no carrinho e não demorou nada para sofrer uma crise histérica tão intensa que sua testa parecia pegar fogo. Quando ele passou pela área de segurança, percebi que as pessoas nos evitavam. Percebi

também muitas delas olhando-nos com desprezo.

“Será que ela não consegue controlá-lo?”, era o que a expressão no rosto delas dizia.

Em seguida, tivemos de entrar numa fila enorme e serpenteante. Quando chegamos à esteira rolante que levava aos *scanners* de segurança, os agentes queriam que eu tirasse Fraser do carrinho.

Eu estava sozinha, então pedi para alguém me ajudar, mas ninguém se dispôs a fazê-lo. Dei um jeito e consegui dobrar o carrinho, colocando-o na esteira junto com a bagagem de mão.

Foi então que Fraser deu um novo show; um show completo. Tão desagradável que um dos seguranças me perguntou se eu precisava de um médico!

Felizmente, alguém se compadeceu de mim e abriu novamente o carrinho para que eu colocasse Fraser lá de novo.

Mas, logo em seguida, tivemos de entrar mais uma vez na fila; agora era a escada que levava à pista, onde o avião esperava nosso embarque.

Outro momento horrível. Quando você se vê numa situação como essa, ninguém quer se envolver; sendo sincera, ninguém nem mesmo quer olhar para você, que acaba se sentindo um perfeito leproso.

Quando nos acomodamos no avião, Fraser estava ensopado; sua fúria fora tão intensa que ele transpirava a ponto de suas roupas literalmente pingarem de suor.

Uma comissária de bordo muito gentil me ofereceu um pano umedecido para refrescá-lo. Quando encontrei Chris em Aberdeen, jurei que jamais passaria por tudo aquilo novamente.

Por isso estávamos na estrada ao romper da aurora, poucos dias antes do Natal naquele ano. Aprendêramos a fazer a viagem com o mínimo de aflição possível e tínhamos engatado uma rotina que parecia funcionar para nós.

Cobrimos um extenso percurso, depois fizemos três paradas demoradas ao longo do caminho: em Stirling, ainda na Escócia; em algum lugar perto de Carlisle; e, por fim, nos arredores de Lancaster, na M6.

Para fugir de problemas, evitávamos levar Fraser ao banheiro nos postos de serviço, porque eles tinham aqueles secadores de mão barulhentos que o irritavam. Em tempos passados, eu costumava trocar as fraldas dele a cada parada. Mas agora ele já aprendera a usar o vaso sanitário, e eu tinha trazido um penico, que usávamos no carro. Escolhíamos paradas onde havia banheiros especiais para famílias, onde podíamos esvaziá-lo.

Nesse ano, a viagem transcorreu razoavelmente bem, em parte porque, pela primeira vez, Fraser estava um pouquinho mais envolvido com o Natal. Junto com o restante do grupo dos pequeninos na escola de Crathie, ele participara da festa do Presépio na Crathie Kirk, a igreja adjacente, da família real. Ele fez o papel de um carneirinho e até mesmo cantou com os outros no coro – o que, em se tratando de Fraser, foi uma verdadeira façanha.

A escola cumprira um excelente trabalho, levando Fraser e as outras crianças até a imponente igreja antes do culto oficial para que se familiarizassem com o local. Devo admitir que senti as lágrimas brotar em meus olhos quando o vi no palco com as outras criancinhas. Eu já descartara totalmente a ideia de vê-lo em uma peça sobre o nascimento de Jesus. Mas esse era mais um daqueles sonhos que eu estava silenciosamente reacendendo.

Ele havia também se divertido muito mais na festa infantil oficial de Balmoral naquele ano. Adorou o presente que recebeu da rainha, um brinquedo chamado “Go Mini Crew”, um carrinho tipo Mini-Cooper numa rampa, com um volante e um botão que, quando pressionado,

fazia o carro saltar da rampa.

Para aumentar seu entusiasmo enquanto viajávamos, ele estava ansioso por encontrar meus sobrinhos, filhos de minha irmã, que também viriam para o Natal.

Chris e eu nos revezamos ao volante e viajamos bem; chegamos à casa de meus pais para o jantar no início da noite.

Sempre que íamos para lá, Fraser se sentia muito bem, seguro e protegido. Mamãe preparara uma refeição para nos esperar, e ele comeu com vontade, conversando espontaneamente enquanto comia com uma colher, o que aprendera com a ajuda de Lindsey nos últimos meses.

A conversa dele girava ao redor de dois temas: os carros que vira durante a viagem desde a Escócia e Billy.

Ele repetia incessantemente as mesmas frases: “Fraser adora o Billy, vovô”, “Billy é meu gato cinza”, “Billy pegou um rato”, “Billy sobe na árvore”, “Billy é arteiro”.

Fraser sempre dormia bem na casa de meus pais. Acredito que, em parte, porque seu cérebro ficava muito cansado da viagem e porque havia muito mais ocupações e intensidade do que em nossa casinha nas Highlands. Essa era uma das razões pelas quais me sentia feliz de morar lá; Fraser não teria condições de lidar com a agitação da vida no sudeste da Inglaterra.

Assim, mal terminara o jantar que mamãe lhe deu, ele já estava indo para a cama, junto com Pippa, com quem sempre dividia o quarto na casa de meus pais. Ele foi ao banheiro e escovou os dentes antes de dizer boa-noite. Deixei Chris ler uma história para ele como de costume, enquanto eu tomava uma xícara de chá na cozinha e conversava com mamãe e papai.

Ninguém tinha mais condições de avaliar o progresso de Fraser do que eles. Tal como a mãe de Chris, eles agora o viam regularmente, a

cada dois meses mais ou menos, o que significava que podiam dizer quanto Fraser se desenvolvera. Eles tinham visto em primeira mão os altos e baixos, os triunfos e os reveses pelos quais havíamos passado. Mamãe e papai, em especial, eram pessoas bem francas. Eles não douravam a pílula e tinham sido muito sinceros e diretos comigo no passado, principalmente quando lutava comigo mesma e me recusava a admitir que precisava de ajuda.

Nessa noite, entretanto, eles só tinham palavras positivas.

– Incrível como ele progrediu desde a última vez que o vimos – disse mamãe.

– Bem, ele realmente sofreu muito nessa época – recordei. – Foi durante o verão que tudo desmoronou.

– Sim, sei disso, mas, mesmo levando tudo em conta, ele parece um garoto diferente. Está muito mais feliz.

Fazia tempo que eles haviam aprendido a fazer arranjos especiais para Fraser e a se preparar para as complexidades usuais, mas ficaram assombrados diante do fato de que Fraser agora conseguia caminhar, conversar e se relacionar tão bem! O fato de que ele agora já ia ao banheiro sozinho e comia sem babador, usando faca e garfo, era uma verdadeira revelação.

– Sabe a melhor coisa que você fez, Louise? – mamãe perguntou. – Foi arranjar aquele gato para ele. Acho que isso fez toda a diferença na vida de Fraser.

Chris logo reapareceu, e a conversa continuou. Mas as palavras deles ficaram gravadas em minha cabeça durante os feriados de Natal.

Para ser bem sincera, eu ainda me sentia um pouco tola, dando tanta importância à relação de Fraser e Billy. Mesmo depois de toda a publicidade do início do ano, havia ocasiões em que me perguntava se ele tinha, de fato, me ajudado de tantas maneiras como imaginava.

Estaria eu sendo simplesmente uma mãe superanalítica e levemente neurótica, buscando explicações onde elas não existiam? É claro que jamais saberei; entretanto, o que eu sabia era que – coincidência ou não – os avanços de Fraser desde a chegada de Billy eram reais, e não imaginários. Aqueles que conheciam e amavam Fraser notavam a diferença. E isso era tudo o que importava. Para mim, era como se eu já tivesse recebido meu primeiro presente de Natal; então decidi dar a papai e mamãe os deles.

Olhei para Chris, e ele concordou.

– Na verdade, temos uma notícia para dar – Chris disse, um pouco nervoso.

Mamãe e papai olharam para mim, depois se entreolharam e voltaram a olhar para Chris.

– O que é? – papai perguntou.

– Estou grávida – eu disse.

Não tínhamos muita certeza se devíamos compartilhar a notícia com eles, mas todos estavam tão alegres e felizes que Chris e eu decidimos lhes contar. Eu sabia que era provavelmente um pouco prematuro, pois eu estava com aproximadamente oito semanas de gestação. Tive um pequeno susto no período anterior ao Natal. Desmaiei na cozinha e fui levada de ambulância para um hospital em Aberdeen; aconteceu que minha pressão estava realmente baixa. Agora eu me sentia bem.

Meus pais sabiam que Chris e eu queríamos muito outro filho, mesmo depois de eu ter sofrido tanto durante o nascimento de Fraser e Pippa. Ficáramos extasiados quando o médico me dera a notícia no início de dezembro.

A novidade significava que aquele Natal precisava ser mais especial do que nunca. Todos estavam muito alegres e felizes. Minha irmã chegou na manhã do Natal com o marido e os dois filhos, de sete e dez anos –

dois e cinco anos mais velhos do que Fraser. Eles se davam muito bem, e os meninos pareciam transmitir um pouco do entusiasmo de Natal a Fraser.

Ele ganhou vários presentes aos quais, como sempre, não deu muita atenção. Estava mais interessado em falar de Billy e contar aos primos como Sandy, Cilla e seu neto Murray iam à nossa casa para dar-lhe comida.

– Murray gosta do Billy – ele disse algumas vezes.

Havia certas coisas do Natal que, para Fraser, era pegar ou largar: por exemplo, os “Christmas crackers” – canudos de papel que explodiam ao ser abertos, revelando uma surpresa divertida lá dentro –, principalmente porque ele não tinha força para rasgá-los. Mas ele sempre gostava das brincadeiras terríveis que continham e sempre usava um chapéu de papel.

Entretanto, do que ele mais gostava era a comida de Natal. Nesse ano ele comeu de tudo, incluindo o peru e todas as guarnições que o acompanhavam, além de uma musse com gotas de chocolate como sobremesa.

Naquela noite, ele assistiu à televisão por pouco tempo. Depois brincou de charada; participou do jogo, embora passasse a maior parte do tempo correndo pela sala, rindo, sem nenhuma pista do que a charada significava. Bem... exceto uma única vez.

Em determinado momento, resolvi fazer alguma coisa um pouco menos convencional para animar. Afinal de contas, era Natal.

– Estou cansada de decifrar charadas baseadas em filmes e livros – eu disse. – Então, desta vez, vou imitar um animal.

No início, mamãe, papai, Chris e minha irmã olharam para mim de modo um pouco estranho. Começaram a balançar ainda mais a cabeça quando surgi da cozinha com um grissini.

– Ok. Vamos lá – eu disse.

Comecei da maneira usual, colocando um dedo no braço para sinalizar que era “uma palavra”, mas depois improvisei, colocando dois conjuntos de dois dedos atrás da cabeça, ao estilo coelho.

– Animal – palpitou meu pai, ainda sem saber aonde eu pretendia chegar.

Comecei, então, a dividir o grissini com Pippa.

– Aí, Pippa. Pega um pedacinho. Muito bem. Agora um pedacinho para mim. Muito bem. O que é? – perguntei, deixando a todos com um olhar confuso, exceto Fraser, que, de repente, parou de correr pela sala e ficou com a boca e os olhos completamente abertos.

– É o Billy – ele disse, e todos o aplaudiram.

Ele falou sobre isso durante quase toda a viagem de volta para a Escócia.



Capítulo 17

O décimo sexto sentido

O Ano-Novo passara havia apenas três semanas, quando uma súbita rajada de vento do Ártico transformou Balmoral em um país encantado do inverno. A região virou um manto branco, e o castelo parecia ter sido retirado de um desenho da Disney; seus torreões de granito davam a impressão de que tinham recebido uma cobertura de açúcar de confeitiro.

Nosso jardim era uma espessa camada de neve em flocos; então Chris, Fraser, Pippa e eu saímos para fazer o que as famílias fazem nesse tipo de tempo – construir um boneco de neve.

Chris encarregou-se de juntar a neve e construir o boneco, enquanto eu o observava junto das crianças. Fraser nunca se interessou muito por neve, mas acabou saindo também e ficou caminhando por lá em seu novo par de botas Pedro.

Os únicos membros da família que não se juntaram a nós na brincadeira foram Toby e Billy. A ausência de Toby era previsível; estava frio e desconfortável demais para ele. Billy, por outro lado, havia saído, mas se comportava de maneira realmente errática. De vez em quando corria pelo jardim, parava e ficava imóvel a mais ou menos uns dois metros distante de mim; em seguida, pulava a meus pés e saía em disparada novamente. Ele estava, de fato, muito estranho. Não fazia isso com Pippa nem Fraser, só comigo.

Na verdade, Chris e as crianças também acharam isso muito esquisito.

– Billy ficou maluco! Billy ficou maluco! – Chris gritava, jogando uma bola de neve em sua direção.

Achamos apenas que ele era um gato maluco que se entusiasmara ao ver neve, embora, tendo sido criado nas Highlands, não fosse possível que essa fosse sua primeira experiência com um inverno rigoroso. Calculávamos que ele nasceria em 2010, um ano de neve particularmente horrenda aqui. Não pensei mais no assunto.

Com as celebrações Hogmanay tendo chegado ao fim, a vida tornou-se bem lenta, o que, sem dúvida, não era nada mau para mim. Eu estava chegando à décima segunda semana de gestação e me sentia muito, muito cansada. Minha pressão arterial mantinha-se normal desde aquela queda em dezembro, o que, na época, atribuí aos fatores óbvios: *Estou um pouco mais velha, tenho dois filhos, não um, preciso ir com calma desta vez*, pensava comigo mesma.

Alguns dias depois do estranho comportamento na neve, Billy continuou a agir de forma cada vez mais estranha. Na segunda-feira fez algo até então inédito e que nunca repetiu: usou a casa como seu banheiro.

Nunca tivemos uma caixa de areia porque nunca precisamos de uma; tanto Billy quanto Toby sempre saíam de casa para fazer suas necessidades. Nesse dia, por alguma razão, Billy resolveu ir até o canto da cozinha e simplesmente fez xixi no piso. Eu o peguei em flagrante, por assim dizer. Quando o vi lá, de pé ao lado da poça de líquido alaranjado no piso claro, fiquei chocada e muito irritada com ele.

– Billy, que sujeira você fez! – eu disse, repreendendo-o.

Foi a coisa mais bizarra; não tinha nada a ver com sua personalidade. Ele era um gato típico e em geral muito limpo. Porém, seu estranho

comportamento não parou aí. Naquela mesma noite ele pulou no balcão da cozinha; novamente, algo que jamais fizera.

– Desça já daí, Billy! – eu mandei, dando-lhe uma bronca.

Ele desceu lentamente e começou a subir e descer a escada de maneira insana. Quando cheguei ao saguão e o observei por um segundo, ele me dirigiu um olhar esquisito, depois correu para a despensa e mais uma vez, inesperadamente, pulou no balcão que havia lá.

Não tive tempo de puni-lo dessa vez, porque o telefone tocou. Era mamãe.

– Billy está se comportando de maneira muito estranha – comentei com ela depois que pusemos a conversa em dia, com as principais notícias.

– Será que ele está com pulgas? – ela perguntou.

Tivemos um gato que teve pulgas uma vez, e eu ainda me lembrava de como tudo fora tão desagradável.

– Vou verificar, mas acho que não. Ele vive andando lá fora. Talvez tenha raspado a pele em alguma coisa.

Quando desliguei o telefone, examinei-o bem, mas não descobri nada.

No dia seguinte, ele continuou agindo de modo estranho. Voltou, por exemplo, a pular no meu pé, surgindo dos mais variados cantos da casa e simplesmente pulando. Era uma coisa meio sinistra, como se estivesse me espreitando e perseguindo. Comportava-se como Pippa, que passara a me aborrecer quando eu falava ao telefone: “Mamãe! Mamãe!”. Ele estava claramente tentando chamar minha atenção de alguma forma. Mas por quê? Eu não fazia a menor ideia.

Aquela noite, terça-feira, ele foi um pouco além. Foi inacreditável. Chris tinha subido para tomar um banho, e as crianças estavam na cama. Eu resolvia um quebra-cabeça, sentada na cozinha, quando ouvi um

barulho bem forte. Fui até a porta da frente e olhei para o andar de cima, mas não consegui ver nada. Logo em seguida, ouvi o barulho novamente.

No fim, descobri que Billy estava na porta dos fundos, batendo na maçaneta com as patas.

– Venha já pra dentro! – eu ordenei, abrindo a porta.

Mas ele desapareceu, correndo na escuridão.

Fiquei preocupada. Estava começando a imaginar coisas: Billy ficara louco devido a alguma doença do cérebro ou fora infectado com algum tipo de raiva.

– Não deve ser nada sério, mas talvez seja bom levá-lo ao veterinário – disse Chris ao entrar na cozinha, tranquilizando-me. – Talvez ele tenha apanhado alguma coisinha desagradável em suas andanças pelos bosques.

Não tive a chance de responder. De repente, ouvimos um baque surdo, como se algo colidisse novamente com a porta.

Desci até a varanda dos fundos e abri a porta mais uma vez. E dessa vez Billy entrou.

– Que diabos há com você? Está com fome? – perguntei.

Pus um pouco de carne em um prato, mas Billy não quis comer. Ainda pulava de um jeito estranho, colidindo com as coisas e tentando, de alguma forma, atrair minha atenção. Por que diabos ele cismara comigo? Não conseguia compreender.

No dia seguinte, quarta-feira, comecei a me sentir mal. Liguei para o hospital de Aberdeen, e eles me aconselharam a ir até lá por precaução. Eles sabiam dos problemas que eu tivera com Fraser e Pippa e também do desmaio anterior ao Natal; portanto, não queriam correr nenhum risco.

Felizmente as crianças estavam na cama, então uma vizinha se

ofereceu para vir e ficar com elas.

Sem me deter em detalhes desagradáveis, logo percebi que estava tendo um aborto. Saímos para o hospital às 20 horas; às 21h30, dez minutos depois de nossa chegada, um médico me disse que eu perdera o bebê. O pessoal foi muito profissional, mas nada havia que pudessem fazer.

Fiquei arrasada – em estado de choque. Levei algum tempo para absorver a notícia.

O pior foi que a ala especial para mulheres que haviam sofrido aborto estava fechada por falta de funcionários. Assim, tive de ir para a ala onde as outras pacientes da maternidade haviam dado à luz e estavam felizes com seus bebês. Puseram-me em um quarto onde fiquei sozinha, o que não ajudou a aliviar a dor. Eu me sentia oprimida pela sensação de que não pertencia àquele lugar. Não queria ficar perto de mulheres que estavam com seus bebês. O meu se fora e eu queria voltar para casa, para Fraser e Pippa, meus dois filhos.

Fui mantida sob observação até por volta de três horas da madrugada; eles queriam se certificar de que a hemorragia estancara; queriam que eu ficasse lá para uma tomografia na manhã seguinte, mas eu não aguentava mais. Tudo o que desejava era ir para casa. Eu realmente precisava ficar junto das crianças.

Chris, preocupado, me pediu para continuar lá, mas se deu conta de que isso me faria mais mal do que bem. Para ele não foi difícil perceber minha expressão de aborrecimento.

Então explicamos a situação para o médico de plantão. Ele entendeu que morávamos numa comunidade remota e que eu tinha filhos que precisavam de mim. Se caísse mais neve pesada, conforme previsto, eu poderia ficar presa nela durante quatro ou cinco horas. Diante disso, eles concordaram em me dar alta.

Chris dirigiu de volta para casa na madrugada. Foi uma viagem estranha; nenhum de nós conseguia falar muito à medida que avançávamos através da sombria paisagem. Sob vários aspectos, não havia o que dizer. Nós dois estávamos sofrendo muito.

Cheguei em casa e fui direto para a cama. O sono veio fácil, porque eu estava exausta. Na manhã seguinte, Chris ficou em casa após aquela infeliz ligação para comunicar seu chefe sobre o que havia acontecido. Enquanto eu o ouvia explicar o ocorrido na noite anterior, me sentia entorpecida; não conseguia chorar.

No primeiro dia, tive uma sensação de culpa inacreditavelmente intensa: devia ter sido falha minha. Atravessaram a minha cabeça pensamentos dos tipos mais variados; talvez eu não devesse ter levantado Pippa para colocá-la no carro, como fizera com tanta frequência; talvez eu devesse ter praticado mais ou menos exercícios; talvez estivesse muito gorda. Eu me puni durante todo o dia.

No dia seguinte, recebi flores. Devia ter dado valor a elas, mas, em vez disso, o que elas fizeram foi abrir as comportas.

Fiquei furiosa. Como flores podiam melhorar a situação? Eu tinha perdido um bebê, sofrido um aborto. Como eu odiava essa palavra! Parecia desprovida de emoção.

Olhando para trás agora, consigo compreender que estava sofrendo uma dor que jamais sentira. E, no meio dela, havia muitas outras emoções: raiva, ódio de mim mesma, e todos os outros tipos de sentimentos negativos dos anos anteriores. Subitamente, enquanto estava deitada lá, todos vieram bater à porta.

Fiquei na cama um ou dois dias – não lembro ao certo. Aos poucos, cheguei à conclusão de que não podia continuar daquele jeito. Eu sabia

que tinha de lidar com a situação, pois tinha dois filhos que precisavam de mim.

Não chorei na frente deles; fui adiante, porque é isso que a gente faz. Nesse momento, vêm à tona todos aqueles clichês horrorosos: “o tempo é o remédio para todos os males”; “vamos em frente”; “tudo tem sua razão de ser”. A questão é que nenhum serviu de nada; nenhum foi útil nem relevante diante do que eu estava sentindo.

Foram dias difíceis, mas conseguimos sobreviver. Algumas vezes eu me sentia bem, outras, não.

Ainda estava passando pela fase da raiva, portanto operei com o pavio curto durante algumas semanas. Fiquei irritada e carrancuda com todos – Chris, Fraser, Pippa –, todos. Fisicamente também fui afetada. Parecia pálida, estava cansada – na verdade, exaurida. Sentia-me como se tivesse lutado dez rounds com um boxeador peso-pesado. Eu parecia triste, até mesmo quando sorria.

Finalmente, depois de algum tempo, consegui colocar o que acontecera em perspectiva. Mas aquele pedacinho de dor ficará sempre comigo.

Chris e eu demoramos um pouco para recuperar nosso equilíbrio.

Resistíamos à tentação de pensar no futuro mais distante, mas naturalmente conversávamos, em tese, sobre coisas como escola e talvez mudar para uma propriedade maior. Portanto, foi difícil voltar à vida do dia a dia, sabendo que esses planos tinham de ser abandonados, talvez para sempre. Eu ainda tinha trinta e poucos anos, mas, sendo realista, minhas chances de ter outro filho estavam se esvaindo. Era difícil de aceitar, mas era um fato.

Foi estranho, mas, algumas semanas depois do aborto, me dei conta do

que ocorrera com relação a Billy.

Novamente, mais ou menos como em um desenho animado, uma lâmpada se acendeu em minha mente. *Calma! Toda essa coisa bizarra que ele estava fazendo parou completamente*, disse a mim mesma um dia, sentada na sala de estar vendo-o rolar no chão com Fraser.

De repente a ficha caiu: Billy devia saber de alguma coisa. Não havia outra explicação. Por que ele estava pulando ao meu redor de maneira tão insana durante aqueles três dias antes de eu sofrer o aborto? Ele estava conosco havia um ano e meio e nunca mostrara tanto interesse por mim. Por que tudo isso mudou tão de repente?

Dessa vez, percebi que estava realmente levando as coisas ao limite das possibilidades. Havia evidência de que os gatos são sensitivos em relação a doenças, mas esse era, de fato, um superpoder. Eu tinha ouvido a respeito de pessoas com sexto sentido, mas esse ia muito além. Ser sensitivo em relação a um aborto – isso era um sétimo sentido. Ainda estava emocionalmente muito frágil e não queria que as pessoas pensassem que eu enlouquecera, então não comentei com ninguém – nem mesmo com Chris.

A boa notícia era que Pippa e Fraser me mantinham mais do que ocupada. A primavera chegou e se foi, e havia muita coisa para fazer – e decisões para tomar. A principal delas era a futura escola de Fraser. Ele completara cinco anos em março de 2013, então tivemos de formalizar um requerimento para ele começar a escola fundamental naquele mês de agosto, o tipo de decisão que deixa muitos pais aflitos em grandes cidades: será que meu filho entrará na melhor escola? Será que meu filho entrará em uma escola qualquer?

Felizmente, não tivemos de enfrentar preocupações desse tipo. Não havia a menor chance de uma escola ter inscrições excedentes ao número de vagas; ao contrário, havia chances de escolas rurais nas

Highlands fecharem por causa de salas de aula vazias. E, considerando os avanços de Fraser, a perspectiva de que ele precisasse ir para uma “escola especial” ficara para trás de tal forma que uma escola local já era obrigada a aceitá-lo perante as leis da Escócia. Então, para nós, a decisão se resumia a uma simples escolha: a escola de Crathie ou a de Ballater.

Chris e eu já havíamos tomado a decisão. Na verdade, se fosse para fazer de nosso jeito, ele já teria começado em Crathie em período integral. Entretanto, nem todos concordavam.

No período anterior à inscrição, levei Fraser para uma avaliação com o novo psicólogo educacional na escola de Ballater. Ele se declarou satisfeito com os avanços de Fraser e, entre outras coisas, mencionou quanto suas habilidades sociais haviam melhorado.

À medida que a sessão avançava, ficou claro que ambos não tinham dúvida de que Fraser deveria permanecer onde estava e ir para a escola de Ballater em agosto. O argumento era que isso seria mais adequado para ele, porque as turmas maiores ofereceriam mais estímulo e o ajudariam em suas habilidades sociais. Conforme cada um deles argumentou, senti que me pressionavam para fazer isso.

Não sou uma pessoa que aceita facilmente pressão para tomar decisões, sobretudo aquelas com as quais não concordo; assim, mantive minha posição. Para dizer a verdade, fiquei furiosa e muito aborrecida com eles. Não consigo me lembrar exatamente do que eu disse, mas foi mais ou menos isto: “A mãe de Fraser sou eu, e sei o que é melhor para ele. Meu filho vai para Crathie em agosto. E ponto-final”.

A reunião me deixou irritadíssima. Chris não me pareceu muito à vontade quando lhe contei o que acontecera; ele me conhecia e conhecia meu temperamento.

Naquela noite, fiquei repassando a sessão em minha cabeça, perguntando a mim mesma se eu tinha sido muito dura e inflexível. A

neurótica sempre preocupada que existia dentro de mim começou a questionar se, de alguma forma, eu havia borrado o meu caderno – e, portanto, o de Fraser. Será que fui muito radical? Será que eles me acharam uma mãe intratável? Será que ainda estava muito vulnerável depois do aborto? A culpa começava a se instalar, mas não deixei que se enraizasse. Não podia me permitir isso.

Desde agosto de 2009, aquele era o ponto aonde eu chegara com Fraser. Naquela época, disseram-me que suas necessidades eram muito especiais para que ele frequentasse uma escola normal. Agora, porém, graças a todos os meus esforços e de Chris e à ajuda de algumas pessoas extraordinárias, ele conseguiu muito mais do que seria possível naquela época. Eu tinha de fazer a escolha correta, e essa foi Crathie.

Era hora de olhar para o futuro. Eu precisava tentar esquecer a tristeza da primeira parte do ano. Começar a planejar o início da educação propriamente dita de Fraser, que se iniciaria em meados de agosto. Colocamos no correio o requerimento para a escola de Crathie.



Capítulo 18

Sai daqui!

Era uma tarde ensolarada e resplandecente de julho; eu estava no quintal, estendendo roupas no varal, quando ouvi Fraser conversando animadamente.

Não consegui entender muito bem o que ele dizia, mas captei algumas palavras de uma de suas histórias favoritas, *My Chunky Friend*, sobre um orangotango.

Espichei a cabeça no canto do quintal e vi Fraser e Billy sentados na trilha que partia da casa.

Fraser arrastara o tapete do alpendre para se sentar e estava com o livro aberto no colo. Billy, deitado ao lado dele, curti o sol e balançava o rabo.

Observei-os por alguns minutos, vendo Fraser tagarelar; de vez em quando ele olhava para Billy ou o repreendia com delicadeza.

– Para com isso! Para de balançar o rabo! – ele dizia, antes de continuar a história.

Depois de alguns minutos Fraser fechou o livro, pegou o tapete e voltou para dentro de casa.

– E aí, gostou da história, Billy? – perguntou.

Não consegui conter o riso.

Fraser ainda não aprendera a ler corretamente, mas adorava livros. Acho – para dizer mais uma vez – que isso tinha muito a ver com seu

temperamento; ele gostava de coisas organizadas. Livros eram coisas organizadas – com começo, meio e fim.

O fato de ele adorar histórias se devia muito a Chris, que lia para ele todas as noites, à hora de dormir, desde seus dois ou três anos. Fraser simplesmente adorava ouvir as histórias que seu pai contava e não se importava de ouvir a mesma noite após noite. Na verdade, ele até preferia que fosse assim. Muitas vezes, Chris lia a mesma história durante duas semanas. Fraser nunca se entediava.

Ele era muito exigente quanto aos livros dos quais gostava, claro. Não apreciava histórias muito palavrosas e sentia um prazer especial com as que continham rimas. Gostava de escritores como Nick Sharatt e livros como *Don't Put Your Finger in the Jelly Nelly* [Não ponha seu dedo na geleia Nelly], *Shark in the Park* [Tubarão no parque], *Ketchup on Your Cornflakes?* [Ketchup nos seus cereais?] e *Chocolate Mousse for Greedy Goose* [Musse de chocolate para o ganso guloso]. Esta era sua favorita e toda vez o fazia cair na gargalhada. Ele adorava a linguagem rimada, versos como “macarrão, diz o pônei campeão” ou “cadê minha rabada?, disse a foca esfomeada”. Aprendera a memorizar feito um papagaio os versos de seus livros preferidos e, então, os recitava a qualquer um disposto a ouvir.

A única coisa que mudara nos últimos anos era que Billy geralmente se deitava com eles, como se também ouvisse a narração. Algo realmente extraordinário. Quando Chris estava lendo, Billy nunca se levantava nem saía do quarto.

Fraser lendo para Billy, entretanto, era uma novidade. Não poderia ter havido melhor hora para Fraser fazer isso, já que ele começaria a aprender a ler formalmente dentro de poucas semanas no início da escola em tempo integral.

Claro que era o tipo de coisa que eu devia ter compartilhado com um

psicólogo educacional. Já é um fato reconhecido que as crianças podem aprender muito quando simplesmente memorizam as imagens das palavras que veem. Elas podem deduzir muita coisa a partir do formato e da extensão das palavras e do número de palavras em uma página. Isso era realmente algo positivo. Entretanto, mais uma vez, decidi ir contra. Eles me achariam doida, imaginando que meu filho estava aprendendo a ler contando histórias memorizadas ao gato. Mas isso não me incomodava. Eu sabia que isso tinha impacto sobre ele, e era tudo o que importava.

Para mim, esse era mais um sinal relativamente positivo de que Fraser estava pronto para o grande passo, de que poderia se desenvolver muito quando começasse a “escola grande”.

Faltavam apenas poucas semanas para aquele dia.

Estávamos tentando agir discretamente, sem fazer muito alarde. No final de junho, eu encomendara o uniforme oficial da escola de Crathie. Apenas uma camiseta estilo Fred Perry, um suéter de moletom e uma jaqueta de lã, tudo com o logotipo da escola; foi lindo quando as roupas chegaram e eu as experimentei em Fraser. Ele ficou muito elegante; parecia um adultinho.

É claro que, Fraser, sendo Fraser, criou problemas. O principal teve a ver com as calças que usaria com o uniforme. Ele provou uma e me disse que ela lhe dava comichão e o fazia sentir como se as pernas “estivessem pegando fogo”; então tentei uma alternativa.

Não queria que ele vestisse algo radicalmente diferente do uniforme escolar, mesmo considerando que, na escola de Crathie, eles não eram muito rigorosos quanto ao código de vestuário. Ele já se destacava o suficiente do grupo.

Meu plano a longo prazo era, ao poucos, deixá-lo confortável com calças escolares apropriadas, mas, nesse ínterim, enquanto visitava

minha mãe em Essex, eu havia feito uma expedição especial de compras. Passamos um dia inteiro andando pelo Lakeside Shopping Centre. Parecia que tínhamos visitado todas as lojas antes de, finalmente, acharmos as calças certas – no estilo cargo, de tecido suave, com um revestimento macio, do tipo moletom.

Como parte da estratégia para manter as coisas bem discretas, Chris e eu não conversáramos muito a respeito da escola durante as férias de verão. Entretanto, considerando sua proximidade de nossa casa e o fato de ser visível da rodovia principal que levava a Ballater e além, inevitavelmente ela estava sempre na mente de Fraser.

Como era de prever, ele se alternava entre guinadas de animação e ansiedade. Muitas vezes, começava o dia perguntando “vou para a escola hoje?” ou “o que vou fazer na escola?”, e agitava os braços ou os levava para trás, balançando-se nos calcanhares. Outras vezes desencadeava uma lista de perguntas com uma expressão muito preocupada no rosto.

- Que horas vou começar a escola?
- Às quinze para as nove da manhã, Fraser.
- Que horas vou terminar?
- Mais ou menos às cinco para a três da tarde.
- Quanto tempo vou ter para brincar? A campainha vai tocar?

Isso podia continuar por um bom tempo.

Tendo em vista os problemas que enfrentáramos quando Fraser começara na escola de Ballater, nosso maior medo era outra mudança séria em seu comportamento. Havíamos acabado de nos recuperar dos problemas que ele tivera antes de mudar de escolinha no último ano. Nem Chris nem eu estávamos preparados para enfrentar tudo de novo.

Como agosto se aproximava, a linha de chegada também. Comecei a fazer planos para seu primeiro dia de escola, em meados de agosto. Eu realmente já devia ter aprendido aquela lição, claro; foi então que algo

definitivamente pior e inimaginável aconteceu: Fraser brigou com Billy.

* * *

Uma das grandes vantagens da antiga escola particular era que ela permanecia aberta durante todo o período das férias de verão. A escola pública, por outro lado, fechava as portas durante seis semanas, o que significava que eu tinha Fraser em casa durante um mês e meio. Depois de quase todo o mês de julho com Fraser em casa, vinte e quatro horas por dia, a semana inteira, eu ficava completamente estressada; então a mãe de Chris interveio e se ofereceu a levá-lo para ficar com ela uma semana ou mais, se eu quisesse. Ela o paparicava e estava bem treinada para lidar com pessoas com necessidades especiais, pois trabalhava na área; assim, fiquei mais do que feliz em deixá-lo viajar para o litoral.

Fraser já fora para lá algumas vezes, é claro, mas apenas por curtos períodos de tempo. Não tinha muita certeza de como ele se comportaria ficando uma semana inteira longe de casa; como eu suspeitava, foi um misto de sucesso e fracasso.

Ele gostava de ficar com sua avó e adorava a atenção que ela lhe dedicava. Nos primeiros dias, tudo funcionou bem. Porém, depois, ela e seu companheiro tentaram levá-lo para um passeio de um dia inteiro. Foi quando as coisas se complicaram.

Há muito tempo, Chris e eu já desistíamos de viagens de um dia; sempre surgiam muitos problemas. Fraser não conseguia ir a banheiros públicos por causa dos ventiladores barulhentos; os restaurantes e os cafés também eram zonas proibidas por causa do ruído das várias máquinas de cappuccino, micro-ondas e trituradores de gelo. Havia sempre uma miríade de outras questões, e tudo era simplesmente desgastante demais.

Entretanto, a mãe de Chris estava decidida a tentar e programara uma viagem até Aviemore, no alto das montanhas Granpians.

Que Deus a abençoe; ela planejou todo o itinerário. Fraser tomaria o trem a vapor, depois o funicular – que levava até o lado da montanha –, e eles terminariam o passeio com uma visita ao parque de renas. Nada disso se concretizou. Quando chegaram a Aviemore, Fraser teve uma crise nervosa e eles tiveram de dar meia-volta. Quando chegaram ao litoral novamente, eles tinham dirigido durante quatro horas e meia. Não haviam saído do carro nem um minuto sequer, e cada um comeu apenas um sanduíche.

A mãe de Chris ficou muito frustrada e aborrecida com isso, mas não havia nada que eu pudesse dizer. Apesar do enorme progresso com Fraser, certos aspectos de sua vida não haviam mudado e talvez jamais mudariam. Já fôramos alertados para algumas facetas de seu comportamento que continuariam até a puberdade, período em que qualquer coisa poderia acontecer. Para ser honesta, essa era uma perspectiva que me apavorava. Pensar em um Fraser de 1,80 m de altura, berrando comigo, era algo horrível demais. Quando esse pensamento se apoderava de mim, me livrava logo dele, procurando pensar em outra coisa.

De qualquer forma, Fraser voltou da casa da avó muito emburrado, mal-humorado e, de maneira geral, recusando-se a cooperar.

– Não quero fazer isso – começou a me dizer, quando não estava disposto a fazer alguma coisa.

Protestava contra coisas do passado, é claro, mas de repente passou a fazê-lo com muita grosseria. Como se tivesse descoberto uma nova maneira, mais madura, de descarregar sua raiva. Estava também sendo desagradável com Pippa.

Tentamos ver isso como uma questão menor, uma daquelas fases

estranhas, muitas vezes inexplicáveis – mas felizmente breves –, em que Fraser mergulhava de tempos em tempos. Entretanto, as coisas se intensificaram. E de uma maneira realmente séria. De repente Billy tornou-se o foco de sua ira.

Notei isso pela primeira vez numa tarde, quando não o vi deitado no tapete ao lado de Fraser, que assistia à televisão.

– Onde está Billy, Fraser? – perguntei.

– Fraser não gosta mais de Billy – ele disse, sem demonstrar nenhuma emoção.

Aquilo me assustou.

– Por que você não gosta mais de Billy, Fraser? – perguntei.

– Não gosto mais dele – ele disse, irritado.

Minha reação inicial foi me perguntar se teria sido porque eles ficaram separados durante uma semana. Mas isso não fazia muito sentido. Eles já haviam se separado antes e, geralmente, ficavam muitos mais próximos um do outro quando se reencontravam. Longe dos olhos, perto do coração – e por aí vai.

Uma explicação mais plausível era a de que Fraser estava zangado com Billy. Durante o verão, Billy começara a pular a cerca e brincar com as crianças da casa vizinha, duas garotas, uma de dezoito meses e outra de cinco anos.

Notei que depois disso, às vezes, Fraser ficava indiferente e distante em relação a Billy, mas não levei isso muito a sério.

Um dia ou dois depois de sua primeira explosão, entretanto, vi que aquilo, na verdade, transformara-se em um grande problema. Fraser estava na casinha de brinquedos que havíamos construído, quando uma bola veio rolando da casa vizinha e atravessou a cerca.

– Você pode devolver nossa bola, por favor? – a garotinha mais velha pediu, aparecendo na cerca baixa.

Fraser não quis conversa com ela de jeito nenhum, o que achei, mais uma vez, muito grosseiro.

– É claro – eu disse. – Aqui está ela.

Quando joguei a bola por cima da cerca, Billy pulou com ela.

– Olá, Billy. Veio brincar com a gente? – a garotinha perguntou.

O olhar faiscante que captei no rosto de Fraser era revelador. Como se alguém tivesse contado a ele que a Fada do Dente não existia ou que o mundo não tinha mais máquinas de lavar.

Ele sabia que eu assistia ao que estava acontecendo, então virou-se e olhou para mim.

– Nem ligo, ele pode ir morar lá na casa da vizinha – disse, petulante, antes de se enfiar na casinha de brinquedo, fechando a porta de plástico atrás de si com toda a força possível.

Esse padrão continuou por quatro ou cinco dias, durante os quais seu humor continuou bem desagradável.

Entrei em pânico total. Isso não poderia ter acontecido em hora pior – menos de uma semana antes de Fraser começar a escola em período integral. Nossa prioridade absoluta era manter a rotina da casa e as coisas tão calmas e felizes quanto possível; Billy era, sem a menor dúvida, central em tudo isso. Na verdade, seria a peça-chave para lidarmos com as inevitáveis dificuldades que surgiriam nos dias e nas semanas seguintes.

Fraser e Billy não serem mais amigos certamente acarretaria problemas para nós, pois já estava desestabilizando e desestabilizaria Fraser ainda mais quando ele fosse para a escola; cada transtorno, por menor que fosse, seria ampliado centenas de vezes.

Era tudo muito desanimador. Uma vez mais, senti como se estivesse maluca, preocupando-me tanto com a relação de meu filho e seu gato. Porém, instintivamente, sabia que essa notícia não era nada boa e entrei

em pânico total, sobretudo por não ter a menor ideia do que fazer. Como dizer a um gato e a um garoto autista para se abraçarem e fazerem as pazes? Eu lera muitos livros até então, contudo tinha certeza absoluta de que nenhum deles tinha um capítulo sobre essa questão tão difícil.

Uma noite, as coisas chegaram ao ponto de ruptura. Fraser estava sentado, assistindo à televisão, quando Billy chegou de mansinho e tomou seu lugar no tapete. Essa era a rotina de ambos quase todos os dias, desde que Billy chegara: hora de televisão era hora de Fraser e Billy. Mas não nessa noite.

Por acaso eu estava lá, lendo um jornal e tomando uma xícara de chá, enquanto esperava o jantar, que eu colocara no forno, ficar pronto.

– Sai daqui! – Fraser disse, virando-se e fazendo um movimento com as mãos, enxotando Billy.

Billy não se moveu; Fraser levantou a voz.

– Billy, sai daqui! – disse, agora muito mais alto.

Novamente, Billy não reagiu. Então Fraser foi para trás, colocou o rosto a poucos centímetros de distância de Billy e urrou no volume máximo.

– SAI DAQUI!

Billy deu um pulo, como qualquer um teria feito. Levantou-se e simplesmente seguiu direto para a gateira.

– Fraser – interferi, chocada com sua brutalidade. – O que foi que Billy fez pra você?

Ele apenas me olhou, absolutamente enfurecido; depois cobriu os ouvidos com as mãos e se deitou no chão.

Chris ficou tão aborrecido quanto eu, quando, mais tarde naquela noite, relatei a ele o que havia acontecido.

– Vou ter uma conversa com ele – disse.

– Acho ótimo – respondi. – Ele ouve você.

Chris é um desses pais calmos, confiáveis e com autoridade; não levanta a voz e, quando fala, diz o que é necessário – e Fraser sabia disso.

Então naquela noite, depois do banho, antes de ler uma história para Fraser, Chris o colocou sentado no quarto e explicou a situação. Percebi quando a conversa terminou, porque Fraser apareceu com os olhos vermelhos.

– Papai está sendo malvado comigo – ele disse.

– Não, Fraser, não está; papai só quer ajudar você – eu disse, com a solidariedade crucial que os pais precisam mostrar em tais momentos.

Chris desceu logo em seguida.

– O que foi que você disse a ele? – perguntei.

– Disse a ele que Billy era um gato especial que o amava muito. Mas, se ele resolver ignorá-lo e não ser gentil com ele, então Billy ficará triste e não será mais amigo dele – disse Chris.

– Ok. E como ele reagiu?

– Não falou muito. Então perguntei se ele gostaria que Billy fizesse a mesma coisa com ele. Foi aí que ele começou a chorar.

– Ah, que bom! Acho que ele captou a mensagem. Agora depende dele. Não podemos forçá-lo a ser amigo de Billy.

– Não poderia haver hora pior para isso ter acontecido, não é mesmo? – Chris comentou. – Ele terá problemas quando começar a escola. Voltaremos às sessões de duas horas de berros, imagino.

Nós dois nos sentamos lá, olhando para o jantar, pensando aonde iríamos chegar. Não foi preciso esperar muito tempo para descobrirmos.

Na manhã seguinte, Fraser parecia ansioso para ver Billy.

– Cadê o Billy? – ele perguntou repetidas vezes durante o café.

Chris olhou para mim, surpreso, o que dispensava qualquer interpretação. Eu estava pensando a mesma coisa. Ele queria abraçar,

beijar Billy e fazer as pazes. Infelizmente, pressenti que ele perdera a oportunidade.

Eu tinha ouvido o barulho da gateira logo de manhãzinha, antes de nos levantarmos, e não havia nenhum sinal de Billy nem dentro de casa nem no jardim, o que não era comum. Já fazia um bom tempo que ele não perdia o café da manhã com Fraser.

– Não sei, Fraser – respondi, tranquilizando-o. – Quem sabe ele já saiu para brincar.

– Hummm... – ele disse, parecendo tristonho.

Chris piscou para mim e fez um aceno com a cabeça. Sua mensagem, sem dúvida, fora captada.

– Na hora do lanche da tarde eles voltarão a ser grandes amigos, pode acreditar – ele afirmou baixinho, dando-me um beijo na bochecha e saindo para o trabalho.

Naquela manhã, Fraser tinha o grupo de atividades lúdicas em Crathie e só voltaria na hora do almoço. Não havia ainda nenhum sinal de Billy, e isso o deixou bem irritado.

Chris apareceu em casa para almoçar.

– Algum sinal de Billy? – perguntou.

– Nada.

– Oh, Deus! Você não está pensando que ele foi embora, não é, Louise? Acho que eu disse a Fraser que Billy iria embora se ele continuasse a ignorá-lo, mas não acreditava que isso realmente pudesse acontecer.

Era uma estranha inversão de papéis. Normalmente, era eu a primeira a acionar o botão “pânico”, não Chris. Acho que ele se sentiu culpado porque havia ralhado com Fraser na noite anterior.

– Não, nem pensar! Ele já desapareceu por muito mais tempo do que isso antes. Talvez esteja descontando tudo em alguma pobre criatura lá

nos pinheirais.

– Espero que sim – disse Chris.

Já era final da tarde; eu estava na cozinha, começando a preparar o lanche das crianças, quando ouvi Fraser levantar a voz em algum lugar perto da despensa.

– Mamãe, mamãe! O Billy está doente!

Por um lado, senti um enorme alívio por ele estar de volta; por outro, senti alguma coisa errada na voz de Fraser.

– Como você sabe que ele está doente, Fraser? – perguntei da cozinha.

– Ele está muito sujo – Fraser disse.

– O que você quer dizer com “muito sujo”? – perguntei, parando o que estava fazendo e indo lá investigar.

Ao chegar à despensa, fiquei chocada com o que vi.

Parecia que Billy tinha ido a uma mina de carvão ou coisa parecida. Ele estava coberto de fuligem, ou terra, não sei ao certo. Além disso, parecia aflito, estava trêmulo e tinha dificuldade para ficar de pé.

Percebi que ele não estava bem, então liguei imediatamente para o veterinário. Como a rainha chegaria dentro de poucas semanas, Chris estava muito ocupado na Propriedade e não queria ser perturbado; ou seja, se necessário, eu teria de levar Billy ao veterinário com as crianças a tiracolo.

Mais uma vez, milhões de pensamentos irracionais invadiram minha cabeça: *E se Billy estiver realmente mal?; E se – que Deus nos livre – ele morrer?; Como Fraser reagiria?*. Graças a Deus, quando liguei para o veterinário, ele foi muito mais equilibrado do que eu. Rapidamente me trouxe de volta à realidade e me disse que eu precisaria fazer alguns testes com Billy.

– Eles vão me ajudar a decidir se ele precisa de tratamento de

emergência ou não – disse o veterinário.

Primeiro, me pediu para ver se havia algum corte ou sangramento nos membros de Billy ou qualquer sinal de sofrimento. Toquei de leve cada uma de suas patas e não houve reação, o que foi encorajador. Mas, quando toquei sua cabeça, a coisa foi diferente. Ele deu um guincho enorme. Vi que havia um corte lá.

– É preciso limpar o corte, mas não parece questão de emergência – disse o veterinário quando descrevi o ferimento. – Ok. Muito bem. Agora preciso que você examine os olhos, as orelhas e a garganta – continuou.

Fiz o que ele pediu, mas não encontrei nada de errado.

– E como está a respiração dele? Ele está engasgando, salivando ou chiando? – perguntou.

– Não – respondi.

– Ele deve ter caído em algum depósito de carvão ou talvez tenha ficado preso em um depósito de madeira e algumas toras caíram sobre ele, prendendo-o – disse o veterinário.

– Então ele vai sobreviver.

– Ah, sim. Ele vai sobreviver, senhora Booth. Mas aconselho que o traga aqui para um exame assim que possível, a menos que as coisas piores, claro; nesse caso, traga-o imediatamente.

Desliguei o telefone e dei um poderoso suspiro de alívio. Em seguida, peguei um pouco de antisséptico e enchi a pia da despensa com água para poder lavar Billy.

Fraser ficou ao meu lado durante a conversa telefônica. Não sei se foi isso ou simplesmente o fato de ele ter achado Billy tão vulnerável, mas, por alguma razão, ele se desmanchou em lágrimas. Seu choro era quase histérico. Ele já vira Billy doente antes mas, dessa vez, ficou realmente triste.

– Não chore, Fraser. Diga “olá” para o Billy – eu disse, fazendo-lhe

um afago.

Billy mancou até um canto da despensa, perto da lavadora. Com muito cuidado, Fraser foi até ele.

– Está tudo bem, Billy. Você vai ficar bom – ele disse, agachando-se e ficando ao seu lado no chão.

Percebi que ele estava realmente preocupado.

Fraser ficou lá, sentado durante algum tempo, acariciando seu amigo e encostando a cabeça na carinha dele, quase como se fizesse contato com os olhos.

– O Fraser adora o Billy – ele disse baixinho, esfregando a cabeça na de Billy. – O Fraser adora o Billy.

Dei um banho completo em Billy, limpei cuidadosamente o ferimento e depois o levei para a cozinha, onde podíamos prestar maior atenção nele naquela noite.

Fraser continuou lá o tempo todo e até perdeu seu episódio de *Tom e Jerry*. Ele só deixou Billy na hora de dormir e, mesmo assim, insistiu que ele dormisse em seu quarto. Com cuidado, Chris o carregou para cima e, dessa vez, o deitou no chão, para evitar que Fraser, acidentalmente, o chutasse durante a noite.

Nos dias que se seguiram, à medida que Billy se recuperava, os dois pareciam lapas, aqueles moluscos que aderem firmemente às rochas; eram inseparáveis do amanhecer ao anoitecer. De certa forma, o incidente facilitou a contagem regressiva para a “escola grande”. Fraser ficou sem tempo para se preocupar com a campainha, o uniforme ou quem iria sentar-se ao seu lado; sua única preocupação era Billy.

Durante algum tempo, Chris e eu tentamos decifrar a causa do rompimento. Talvez fosse apenas ciúme pelo fato de Billy estar brincando com as garotas vizinhas. Talvez ele estivesse ansioso em relação às mudanças e isso o tenha levado a atacar seu melhor amigo.

Qualquer que fosse a resposta, não havia dúvida de que ele aprendera uma valiosa lição. Desde então, nunca mais brigou com Billy.



Capítulo 19

“Escola Grande”

Na noite anterior ao início das aulas de Fraser em período integral, a casa era um verdadeiro acúmulo de atividades. Eu estava na despensa, passando e pendurando seu uniforme e preparando seu kit de esporte para a manhã seguinte. Chris estava fazendo um conserto no carro, que andava com um ruído estranho. Não podíamos nos arriscar e ter algum problema com ele quando fôssemos para a escola logo de manhã.

Enquanto isso, Fraser e Pippa estavam se divertindo com mamãe e papai, que haviam chegado alguns dias antes.

Eles sabiam que o primeiro dia de Fraser na “escola grande” era muito importante para nós e queriam compartilhar isso conosco.

Até então, nossas tentativas de minimizar a questão estavam funcionando com sucesso razoável.

Mas, durante o jantar, Fraser estava muito agitado, principalmente porque seus avós da Inglaterra estavam lá.

- Fraser vai para a escola grande, vovô – ele disse.
- Estou sabendo. O que será que você vai fazer lá?
- Eu vou ler – ele disse.
- E vai aprender os números.

Ficamos felizes por sentir que ele estaria confortável lidando com as duas coisas. Sua paixão por livros e números já estava muito arraigada, e todos os que o haviam visto nos últimos meses falavam sobre quão

inteligente ele era. Nossa preocupação era com o lado social da escola.

Ele conhecia uma ou duas das crianças que haviam frequentado a escola de Crathie, mas não havia se dado muito bem com elas nas raras ocasiões em que as encontrou. A boa notícia, entretanto, era que ele conhecia duas outras crianças que estavam “subindo” do grupo dos pequeninos para o grupo de período integral do ensino fundamental.

Ele não dissera nada de negativo sobre elas, o que, no mundo de Fraser, era um grande ponto positivo, se é que isso faz sentido.

Por tudo isso, ele foi para a cama feliz, mesmo que, com mamãe e papai dormindo no quarto dele, tivesse de dividir o quarto com Pippa. Billy, como sempre, estava lá para facilitar a hora de Fraser ir para a cama.

Na manhã seguinte, Chris e eu nos levantamos de madrugada. O sol glorioso e brilhante do verão nas Highlands já marcava sua presença, e todos estavam animados; bem... exceto Pippa, que dormia profundamente quando entrei em seu quarto para acordar Fraser.

Mamãe e papai ainda estavam se aprontando no quarto de Fraser, então o levei a meu quarto para vesti-lo. Ele estava um pouco apreensivo, mas tudo parecia bem, principalmente quando Billy apareceu.

Nesse dia, entre todos os outros, sabíamos que o ritual do café da manhã tinha de ser absolutamente perfeito. Por isso, Chris já havia cortado a torrada com pasta Marmite em quatro exatas partes triangulares e colocado o iogurte e o suco sobre a mesa. Ele e eu tomamos uma xícara de chá enquanto Fraser comia. Logo em seguida, mamãe e papai se juntaram a nós na cozinha.

Havíamos comprado uma mochila bem leve, que Fraser poderia

carregar com segurança, e por volta das 8h30 começamos a nos encaminhar para o carro. Antes de atravessarmos a ponte de Balmoral para chegarmos à escola de Crathie, o que leva dois minutos, tiramos uma foto dele do lado de fora da casa. As duas outras crianças que também começavam naquele dia estavam com seus pais, que pareciam à beira das lágrimas; mas eu não estava.

Quando Fraser subiu os degraus comigo, eu estava decidida a “saborear” cada segundo de um momento que, certa ocasião, nos haviam dito que jamais aconteceria. De vez em quando, nessa manhã, me peguei voltando no tempo até aquele dia fatídico em Aberdeen, quando a especialista fora muito clara: “Fraser *jamais* frequentará uma escola normal”. Ela fora tão categórica, tão segura; no entanto, ali estávamos.

Portanto, quando dissemos adeus a Fraser e voltamos ao carro, onde nos esperavam mamãe, papai e Pippa, não senti nenhuma vontade de chorar. Nem ressentimento, nem amargura. Tampouco me senti triunfante. Apenas feliz e orgulhosa. Muitíssimo orgulhosa.

Naquele dia, eles ficariam na escola apenas metade do período, portanto tínhamos aproximadamente três horas livres enquanto esperávamos para voltar lá e buscar Fraser. Em vez de entrarmos em Ballater, fomos na outra direção, para Braemar, onde havia um lindo playground para Pippa.

Mamãe e papai gostaram muito de lá. Enquanto eu empurrava Pippa no balanço, mamãe e papai se divertiram numa tirolesa, gritando e berrando como se tivessem sete anos e não setenta e nove e setenta e um. Era um sinal, acredito, de como todos estavam eufóricos em relação ao que acontecera naquela manhã.

Depois, entramos em um café. Sentados lá, foi impossível não falar

do passado.

– Houve uma época em que seu pai e eu achávamos que você nunca chegaria a este dia, Louise – mamãe revelou.

– Eu sei – eu disse.

– Pela maneira como Fraser era quando bebê, achávamos que ele acabaria em alguma instituição especial ou algo do gênero – prosseguiu papai.

– Sei disso. Houve uma época em que Chris e eu também pensávamos assim.

Por um momento, todos nós nos perdemos em pensamentos. Mas, então, mamãe colocou as mãos sobre as minhas e sorriu.

– Seu pai e eu apenas queremos que saiba que você e Chris têm sido maravilhosos – ela disse. – Fraser não poderia ter tido melhor mãe e melhor pai.

Foi nesse momento que caí na choradeira; toda a emoção represada dos últimos dias, semanas, meses, provavelmente anos, jorrou. Para ser sincera, foi constrangedor.

Mamãe me passou um lenço, e logo tive que enxugar as lágrimas como uma tola.

– Ah, me desculpem; acho que uma hora isso tinha que acontecer.

Voltamos para a Propriedade, para eu preparar o almoço de Pippa. Quando terminei e coloquei uma carga de roupas na lavadora, já era tempo de voltar e apanhar Fraser. Papai se prontificou a ficar com Pippa, que estava tirando uma soneca, então mamãe foi comigo de carro até a escola de Crathie. A tarde estava linda, e enquanto esperávamos do lado de fora nós duas vimos uma grande ave de rapina dando um voo rasante ao longo do rio; depois ela desapareceu no bosque cerrado e escuro do outro lado. Era difícil acreditar que eu já chegara a considerar esse local uma pequena fatia do inferno, em vez do paraíso. Aquele período,

quando vivíamos naquele chalé remoto, escondido no bosque, parecia uma vida completamente diferente da que vivíamos agora.

Fraser surgiu sorrindo, alegre, mas alheio à nossa animação ao vê-lo. Na verdade, ele dava a impressão de não ter se conscientizado de que estávamos lá.

– Como foi? – perguntei.

– Ok.

– Perto de quem você se sentou na sala?

– Esqueci.

– Que aula você teve?

– Esqueci.

Mamãe e eu trocamos olhares. Talvez eu tenha sido tão monossilábica quanto ele, quando ela me apanhou na escola pela primeira vez.

A viagem de volta para casa durou apenas uns poucos minutos, por isso não houve tempo suficiente para fazer mais perguntas a Fraser no carro. Quando chegamos em casa e estacionei, vi toda a esperança de conversar com ele desaparecer. Billy estava de pé na varanda.

– Billy! Billy!

No momento seguinte eles estavam rolando no assoalho da sala de estar, perdidos no mundo que ambos compartilhavam.

– A chaleira está ligada. Querem uma xícara de chá? – papai perguntou, surgindo da cozinha.

– Por favor, quero, sim, obrigada – eu disse.

Quando nos sentamos, ouvimos uma voz misturando-se com o ruí do crescente da chaleira.

Era Fraser, conversando animadamente com Billy. Consegui captar alguns fragmentos.

– Fraser sentou perto de Zara... – ele disse antes de sua voz

desaparecer. – Depois a moça contou uma história...

Foi uma coisa doce de ouvir, mas ainda assim levemente irritante. Eu queria desesperadamente saber o que ele andou fazendo.

– Papai, por favor, desligue a chaleira um segundinho – pedi.

Ele acenou com a cabeça.

Quando o ruído da chaleira parou e a voz de Fraser sobressaiu, nós três fomos pé ante pé até a porta da sala de estar e, tentando não ser vistos, esticamos a cabeça para olhar.

Nossas tentativas amadoras de bisbilhotar falharam. Localizando os três intrusos indesejáveis, Fraser chegou mais perto de Billy e nos dirigiu um olhar de reprovação.

– Shhh! Fraser está conversando com Billy.

Caímos na risada e voltamos correndo para a cozinha.

Fraser ajustou-se à escola admiravelmente bem. Mesmo quando terminou a fase de “adaptação” e começou a frequentar o período integral, das 8h45 às 14h55, ele deu conta de tudo muito bem.

Nossa preocupação era quanto à possibilidade de ele ter problemas ao receber tarefas específicas, mas seus professores não fizeram nenhuma queixa. Na verdade, disseram até que ele estava progredindo.

Seu primeiro relatório de avaliação, depois de mais ou menos um mês, foi brilhante.

– Ele é muito esperto; está avançando na leitura com muita rapidez – disse uma das professoras. – Para ser sincera, é uma alegria tê-lo como aluno.

Foi seu desenvolvimento social que realmente nos deixou espantados. Quase de imediato ele começou a fazer amigos e brincar com outras crianças, algumas das quais já conhecia do grupo dos pequeninos. Talvez

fosse porque ele já tinha uma irmãzinha em casa; no início, ele preferia a companhia das meninas e adorava ficar com Phoebe e Isabel, as filhas de uma amiga. Ele começou até mesmo a ir à casa delas, embora eu suspeitasse que parte desse fascínio vinha do fato de que minha amiga tinha uma lavadora imponente pela qual ele nutria uma paixão especial. Esse era um hábito que não desapareceria facilmente.

Socialmente falando, entretanto, o momento mais significativo aconteceu dez semanas depois que ele começou a escola – no início de novembro.

Pouco a pouco, ele fizera amizade com os meninos da escola. Havia apenas cinco, portanto não foi difícil conhecê-los. Formavam um grupo de idades variadas; Fraser era o mais novo, e o mais velho tinha dez anos.

Um dia, quando um deles o convidou para sua festa de aniversário, depois da aula, Fraser disse que gostaria de ir, o que deixou Chris e a mim muito felizes. Ele nunca fora à casa de ninguém para uma festa de aniversário; isso sempre o preocupava muito. E tem mais: ele disse que queria ir fantasiado.

Quando chegou o dia da festa, ele voltou da escola animado como nunca; entusiasmado ao ponto de nem mesmo conversar com Billy.

– Não tenho tempo para conversar agora; preciso trocar de roupa porque tenho uma festa para ir – disse, correndo escada abaixo. Quando me ofereci para ajudá-lo a se vestir, ele me informou, muito determinado, que não precisava de mim.

– Sei fazer isso sozinho – ele disse.

Levei-o até a casa do garoto, esperando passar uma hora e meia lá, prestando atenção discreta em Fraser. Mas, quando chegamos ao portão, ele novamente anunciou que “não precisava de mim” e podia entrar sozinho. Fui para casa, rindo comigo mesma.

– Parece que você e eu estamos sobrando – disse a Billy, que aproveitava a oportunidade para tirar uma soneca no banheiro.

Quando a festa acabou e fui apanhar Fraser, ele estava radiante. Percebi claramente que ele se divertira muito. Fiquei sem palavras – e felicíssima.

Chris não acreditou quando lhe contei o que havia acontecido.

Começamos imediatamente a fazer planos para o sexto aniversário de Fraser, em março. A ideia de organizar uma festa para a turma de seus “coleguinhas” teria sido impensável um ano ou dois antes.

Algumas semanas mais tarde, ele fez uma coisa igualmente notável. Certa manhã, em meados de novembro, eu o aprontava para ir à escola quando ouvi alguém bater à porta. Abri e vi que era o motorista do ônibus escolar, que havia estacionado lá.

– Bom dia. Vim apanhar Fraser Booth – ele disse, sorrindo.

Fiquei completamente confusa. Eu combinara na escola para que Fraser começasse a usar o transporte escolar depois do Ano-Novo, mas, não sei como, ocorrera algum mal-entendido.

– Ah, não sei se ele irá com vocês hoje. Me dê um segundo – eu disse.

Começáramos a preparar Fraser para isso, mas era muito mais cedo do que havíamos planejado.

– Fraser, você quer ir para a escola de ônibus hoje? – perguntei, esperando encontrar, no mínimo, alguma relutância.

Ele deu um passo para fora de casa. Viu um de seus amigos a bordo, o que o deixou feliz, mas, significativamente, Billy também estava lá esperando por ele. No momento em que vira o ônibus chegando, correu escada abaixo e saiu de casa; agora esperava na entrada, como se encorajasse Fraser.

Fraser já estava vestido com o uniforme, e a mochila estava pronta.

– Ok – Fraser disse, caminhando na direção do ônibus.

Enquanto ele subia os degraus, Billy pulou sobre a cerca.

– É meu gato Billy – Fraser disse para o motorista.

Foi uma coisa surpreendente. Um ano antes, uma situação como essa teria inevitavelmente causado um sério transtorno. Agora ele aceitava mudanças desse tipo com a maior tranquilidade.

Notamos toda a sorte de avanços também, por exemplo, na linguagem e na autoconfiança de Fraser. O mais interessante é que ele começou a usar a palavra “eu”, em vez de falar de si mesmo na terceira pessoa. Esse foi um passo importante, porque mostrava que ele estava se tornando mais consciente de si mesmo. Depois de ouvir um coleguinha da escola comentar sobre uma viagem a um vilarejo da rede Center Parcs, ele começou até mesmo a falar de irmos lá em algum feriado.

– A gente pode ir, mamãe? – me perguntou um dia.

– Bem... podemos, sim. Por que não, Fraser? – respondi.

Eu sabia que provavelmente várias mudanças aconteceriam até o verão seguinte. Sempre as enfrentávamos; era um fato da vida de Fraser como uma criança autista. Porém, por um ou dois segundos, pelo menos, eu me permiti sentir entusiasmo diante da perspectiva de nossas primeiras férias em família propriamente ditas.

* * *

A cada dia que se passava, ir para a escola em Crathie era uma verdadeira alegria, não apenas por ela se revelar um ambiente tão importante e encorajador para Fraser, mas também porque me colocava em contato com pessoas que nos conheciam bem. Quando cheguei pela primeira vez na Escócia, me senti uma verdadeira intrusa, no entanto, passados cinco anos, me sinto realmente em casa.

Quando fui apanhar Fraser uma tarde, vi outra mãe cuja filha tinha

mais ou menos a idade dele. Eles haviam estado juntos nos anos do maternal, portanto ela sabia bastante a respeito de Fraser e seus problemas. Geralmente ela trabalhava durante o dia, então era rara nos encontrar na escola.

– Olá, há quanto tempo não a vejo! Como ele está indo? – ela me perguntou.

– Muito bem, pra dizer a verdade. Ele está realmente se divertindo muito.

– Puxa! Como ele se desenvolveu, não? – disse ela, vendo-o descer os degraus na minha frente e indo na direção do carro. Era uma tarde ensolarada, então paramos e batemos um papo. Fraser entrou no carro e ficou lá esperando, contente.

Ela trabalhava no serviço de saúde e sabia de boa parte do que eu havia passado, bem como conhecia algumas das personalidades envolvidas. Exagerei nos elogios feitos a quase todos eles.

– Que jornada a sua, Louise! – ela disse sorrindo.

– E que caminho ainda tenho que seguir! Se alguma coisa aprendemos com tudo isso, é a não olhar muito além no futuro. Um dia de cada vez – eu disse.

Ela sorriu.

– Ah, e como vai o gatinho? Vi aquela coisinha linda no jornal algum tempo atrás.

– Ah, sim, Billy. Ele tem sido um bom amigo para Fraser – respondi, sem dar muita ênfase.

– Pelo que li no jornal, ele é muito mais do que isso.

É claro que ela estava certa.

Quando encontramos essa senhora pela primeira vez, três ou quatro anos antes, eu estava em uma de minhas fases de desespero. Fraser ia algumas vezes ao grupo de atividades lúdico-educativas, mas ficava lá

deitado no chão, agitando as pernas e os braços, ou – o que era mais provável – girando incessantemente a roda de qualquer carrinho ou brinquedo que estivesse ao alcance. Algumas vezes ele permanecia em um canto, sem fazer absolutamente nada, sem interagir com absolutamente ninguém. Exceto comigo, com quem seu principal meio de comunicação era através do grito; ele gritava até ficar vermelho. E, no entanto, ali estava ele agora, um garotinho feliz, cordial, encantador, indo saltitante para casa depois de um dia normal de escola.

Sim, muitas pessoas tiveram seu papel durante esses últimos cinco anos tumultuosos. Sim, algumas mentes muito sábias nos guiaram ao longo de nosso percurso, cheio de espinhos. Mas o papel de Billy foi crucial, e sua influência, decididamente incomensurável. Ele tem sido não apenas um grande amigo – conforme Fraser havia previsto desde o início –, como o melhor amigo.

Desde aquela primeira manhã tem havido algo de mágico, quase sobrenatural, na amizade entre eles. Billy teve a habilidade de entrar no universo particular de Fraser, um lugar onde nenhum de nós conseguiu penetrar. Ele deixou esse universo um pouco menos solitário para Fraser, mas não apenas isso; ele o encorajou a se aventurar além, e de tal forma que agora ele fazia cada vez mais parte de nosso mundo.

As coisas que Billy conseguiu não foram milagres – ajudar Fraser a se acalmar quando ansioso, encorajá-lo a andar, usar o vaso sanitário e ler. Entretanto, esses pequenos passos quando somados, ao menos para mim, parecem milagres. Para mim, ele foi o gato resgatado que acabou resgatando meu filho. Sem ele, simplesmente não chegaríamos aonde chegamos.

O que tornou tudo verdadeiramente especial foi o fato de que eu sabia que Fraser também sentia a mesma coisa. Ele dizia isso com muita frequência, sempre à sua própria e única maneira, é claro.

Apenas um dia ou dois depois daquela conversa do lado de fora da escola, eu ajeitava o quarto de Fraser para seu retorno assim que mamãe e papai tivessem voltado para Essex.

Eu aproveitara a atmosfera tranquila para separar todo o acúmulo da papelada sobre Fraser com o passar dos anos.

Havia uma quantidade enorme. Arquivos grossos, já com os cantos dobrados e rasgados, cheios de cartas dos vários médicos, terapeutas, escolas e autoridades em educação. É provável que uma pequena floresta tenha sido derrubada para fornecer a papelada que Fraser gerou.

Entre as cartas formais, topei com um velho diário compilado em seu primeiro jardim de infância. Não resisti; acabei me sentando na beirada da cama de Fraser e folheando as páginas, muitas das quais trouxeram de volta memórias doces e amargas. Havia comentários lá que me fizeram sorrir, outros que deixaram meus olhos marejados. Uma anotação em especial, de março de 2013, me levou às lágrimas.

No final de cada mês, o jardim de infância costumava colocar as crianças sentadas no chão, formando um círculo, de modo que eles pudessem ler, ouvir histórias ou bater papo. No início Fraser se recusara a participar, preferindo brincar sozinho, mas aos poucos isso mudou. Seu diário estava pontilhado de anotações a respeito de suas contribuições à “hora do círculo”, como a chamavam.

Especificamente nesse dia, eles estavam fazendo um presente para o Dia das Mães, que ocorreria no fim de semana seguinte. Com a ajuda das professoras, Fraser elaborara um pequeno cartão, muito meigo, com minha foto. Na hora do círculo, as crianças, sentadas no chão com as pernas cruzadas, falavam sobre o que tornava suas mães tão especiais.

Imaginei-as contando com muita doçura quanto elas adoravam o carinho de suas mães ou a comida que elas faziam, a maneira como elas as levavam para a cama na hora de dormir ou cuidavam delas

quando estavam doentinhas. Quando chegou a vez de Fraser, entretanto, sua mensagem foi tipicamente curta e doce.

– Minha mamãe me deu o Billy – ele disse ao grupo.

A frase já dizia tudo, realmente. Eu dei Billy a ele. E me sinto muito feliz por ter feito isso.



Agradecimentos

Preciso agradecer a muitas pessoas, não apenas por causa deste livro, mas por terem me ajudado nos últimos anos, que foram bem difíceis. Primeiro, e principalmente, a Chris. Algumas vezes, quando olho para trás, parece inacreditável o que passamos juntos. Mas eu não mudaria uma única coisa. Você é meu mundo. Você foi e continua sendo maravilhoso.

Mamãe e papai, depois de cinquenta anos de casamento, vocês me deram o melhor exemplo de como uma parceria de amor consegue superar todos os conflitos. Mamãe, você me educou para acreditar que tudo é possível, se tentarmos com vontade... e você tinha razão!

Mirabel e John, mesmo nos tempos difíceis, vocês estavam lá para Fraser; ele adora estar com vocês.

Tenho a sorte de ter compartilhado da companhia de pessoas verdadeiramente inspiradoras, que contribuíram conosco na criação do garotinho mais especial do mundo.

Na Ballater Health Clinic: Jayne Mackenzie, dra. Moira Collins e dr. Douglas Glass.

No Raeden Centre, em Aberdeen: funcionários e dr. A. Stephen.

Da equipe do Stonehaven Child Development: dra. Ai Lin Lee, dras. Jane McCance, Linda Collyer, Marie O’Gorman, Kaye Cumming, Lindsey Kelly e Helen Singleton.

Ortópica: Lynne McEwan.

Psicologia Educacional: Elayne Steele e Stuart Bull.

Na Escola Infantil Rose Lodge, em Ballater: meus sinceros agradecimentos às senhoras muito especiais que tiveram um papel importantíssimo, cuidando de Fraser e ajudando-o a se integrar ao ambiente de sala de aula. Vocês foram todas muito importantes para nós, e não há palavras suficientes para expressar nossos agradecimentos, Cath, Emma, Laura, Joanna e Charlotte.

Na Crathie School: Lillian Field, Alison McCrory, Les Roberts, Susan Boyd, Duncan Woods e Maggie Skene – obrigada pelo maravilhoso trabalho que vocês têm feito com Fraser; suas infindáveis ideias envolvendo aparelhos domésticos nunca param de me surpreender, assim como a percepção total e profunda que vocês têm das necessidades educacionais de Fraser.

Em Balmoral: gostaria de agradecer ao *Resident Factor* da Propriedade Balmoral, Richard Gledson, pelo constante apoio e compreensão das necessidades de Fraser, que estão sempre mudando, e por toda a assistência que nos tem sido oferecida como uma família.

Escrever este livro foi uma aventura – uma aventura que nunca imaginei ser possível. Preciso agradecer a várias pessoas que me ajudaram.

Na Aitken Alexander: agradecimentos especiais à minha agente, Mary Pachnos, a Sally Riley e à equipe de direitos no exterior por me contratar, por patrocinar minha história e nos ajudar – esperamos – a um dia fazer de “A Mary” uma realidade. (Elas saberão do que estou falando.)

Na Hodder & Stoughton: foi um prazer realmente conhecer e trabalhar com Rowena Webb, Emma Knight, Bea Long e Emily Robertson. Agradeço também a Ciara Foley, por seu excelente trabalho de edição do manuscrito.

Acredito ter encontrado em Garry Jenkins um verdadeiro amigo. Agradeço a ele por ter dado sentido ao drama, ter lidado com nossa história com dignidade, por sua empatia e sua capacidade de compreender Fraser (e a mim também) e – o que é muito importante – por me ajudar a sossegar meus fantasmas. Você é demais!

E finalmente...

Na Cats Protection: gostaria de agradecer a Liz Robinson e a todos da Cats Protection. Liz entendeu desde o início que tipo de companhia precisávamos para Fraser; ela percebeu que Billy era o companheiro certo, e todos nós fomos testemunhas dessa mágica amizade desde o início. Liz, espero que agora você saiba quão importante foi no desenvolvimento de Fraser e na paz em nossa família. Agradeço a você do fundo do coração por resgatar Billy e deixar que o trouxéssemos para nossa casa.

E por último, mas não menos importante, ao sr. Billy Booth. Onde estaríamos sem o senhor? O senhor é um espírito livre, um herói, um salvador e, mais do que tudo, o melhor amigo de Fraser.

Saiba mais em www.facebook.com/FraserandBilly

- ¹ Proteção aos Gatos, em português. (N. E.)
- ² Liga de Proteção aos Gatos, em português. (N. E.)

- ¹ A pré-eclâmpsia acontece quando a mulher grávida desenvolve pressão arterial elevada a partir da vigésima semana de gravidez. Outras complicações, como excesso de proteína na urina e edema, também são comuns no diagnóstico. Essa condição pode favorecer um tipo de convulsão específica do período de gestação e pode ser fatal para a mãe e o bebê. (N. E.)

- ¹ Clube dos Gatos Siameses, em português. (N. T.)
- ² A palavra “frosty”, do inglês, significa “gelado”. (N. E.)